



Coleção
Documentos

21

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



O ARQUIVO MONTENEGRO: RETRATOS E BIOGRAFIAS

FRANCISCO DAS NEVES ALVES
LUIZ HENRIQUE TORRES
MARCELO FRANÇA DE OLIVEIRA

O ARQUIVO MONTENEGRO: RETRATOS E BIOGRAFIAS





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

DIRETORIA

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES

VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL

DIRETOR DE ACERVO – MAURO PÓVOAS

1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES

2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO

1º TESOUREIRO – VALDIR BARROCO

2º TESOUREIRO – ROLAND PIRES NICOLA

Francisco das Neves Alves
Luiz Henrique Torres
Marcelo França de Oliveira

O ARQUIVO MONTENEGRO: RETRATOS E BIOGRAFIAS



- 21 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2020

Ficha Técnica

Título: O Arquivo Montenegro: retratos e biografias

Autores: Francisco das Neves Alves; Luiz Henrique Torres e Marcelo França de Oliveira

Coleção Documentos, 21

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: Retratos de Caxias, Paranaguá, Floriano Peixoto, Tamandaré, Taunay, Mariz e Barros, Mme. Linch e Solano Lopez – Arquivo José Arthur Montenegro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Abril de 2020

ISBN – 978-65-87216-04-1

Os autores:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e trinta livros.

Luiz Henrique Torres é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras – História da Literatura (FURG). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou 86 livros.

Marcelo França de Oliveira é Doutor em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Foi professor substituto no Instituto de Ciências Humanas e da Informação na FURG e professor na Universidade Aberta do Brasil. Atualmente é doutorando do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Pelotas e editor na Editora Casaletas, de Porto Alegre, tendo editado mais de 200 obras. Possui 16 livros publicados entre autoria, coautoria e organização, além de assinar o posfácio da edição eletrônica brasileira de "As Cidades e as Serras", de Eça de Queiroz.



Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)
António Ventura (Universidade de Lisboa)
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)
Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Francisco Topa (Universidade do Porto)
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)
Maria Eunice Moreira (PUCRS)
Tania Regina de Luca (UNESP)
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Bem sabeis quão árido é o trabalho biográfico. (...)

É meu mais ardente desejo poder descrever os feitos dos argentinos e orientais com a mesma minuciosidade e serenidade de espírito com que o faço para os brasileiros e (...) espero que a posteridade e os mais contemporâneos dos quatro países me façam a justiça de chamar-me *imparcial* como historiador.

José Arthur Montenegro

(...) monumento mais duradouro que o mármore e o bronze – o livro – que impávido atravessa os séculos, zombando das garras destruidoras do tempo.

José Arthur Montenegro

O Sr. Arthur Montenegro [busca] arrancar do olvido a memória dos nossos heróis, apresentá-los à posteridade tais quais foram e, sobretudo, fazendo justiça aos que souberam morrer pela causa da pátria.

Raimundo de Farias Brito

ÍNDICE

O BIÓGRAFO JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO, 11

RETRATOS, 105

O BIÓGRAFO JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO

José Arthur Montenegro¹ dedicou um esforço hercúleo às lides intelectuais, as quais destinou significativa parte de sua curta existência de trinta e sete anos. Embora não constituísse sua ocupação profissional, a pesquisa aparecia como uma missão/vocação para a qual reservava todo o tempo possível. Teceu trabalhos de cunho geográfico e literário, mas foi na abordagem histórica que mais se destacou. Em meio a seus estudos de natureza histórica, um daqueles que mais explorou foi o biográfico. Em verdade, história e biografia eram conhecimentos complementares e simultâneos para Montenegro, de modo que, para ele, historiar não deixava de trazer uma sinonímia com biografar.

O trabalho intelectual do escritor esteve vinculado às condicionantes histórico-historiográficas do contexto temporal/espacial em que viveu. Nesse sentido, o seu “fazer história” e/ou “fazer biografia” prenderam-se a uma perspectiva de edificação da nacionalidade, de modo que o olhar para o passado deveria ter por sentido o estabelecimento de paradigmas para o presente. Dessa maneira, a biografia era entabulada a partir do pressuposto da heroicização e visando à edificação de valores morais que deveriam servir de exemplo às gerações vindouras². De acordo com tal perspectiva, as biografias tiveram importante papel na construção da ideia de nação, imortalizando heróis e

¹ Mais detalhes sobre o escritor podem ser obtidos nos números 17 e 18 desta Coleção.

² DOSSE, François. *Le pari biographique: écrire une vie*. Paris: Éditions La Découverte, 2005. p. 133-211.

monarcas, ajudando a consolidar um patrimônio de símbolos feito de ancestrais fundadores, monumentos e lugares de memória³.

Nesse quadro, a biografia se destinava a satisfazer um desejo universal de manter vivas as memórias daqueles que teriam se distinguido da massa da humanidade⁴. Essas construções intelectuais eram voltadas a uma antiga concentração plutarquizada, às tumbas, aos panteões e aos personagens principais⁵. A biografia trazia em si a intenção de querer fazer do personagem uma revelação da essência da humanidade⁶, a partir de uma superfície factual do passado, com a preeminência dos acontecimentos políticos, militares e da corte⁷. Em tais estudos, o homem ocupava uma posição ético-moral, a serviço da realização de uma ideia, da qual é o portador, vinculando-se à definição do patrimônio e da memória nacionais⁸.

Levando em conta tal concepção do conteúdo biográfico, a história se tornou o campo de afrontamento de personalidades heroicas, cada uma com sua

³ PRIORE, Mary del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. In: *Topoi – Revista de História do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 8.

⁴ LEE, Sidney. *Principles of biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1911. p. 7.

⁵ MADELENAT, Daniel. La biographie aujourd’hui : frontières et resistances. In: *Cahiers de l’Association internationale des études francaises*. Paris, v. 52, n. 1, 2000, p. 158.

⁶ BORGES, Vavy Pacheco. Fontes biográficas: grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 226.

⁷ LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 220.

⁸ MUSIEDLAK, Didier. Biografia e história. Reflexões metodológicas. In: *Esboços – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. Florianópolis: UFSC, v. 13, n. 15, 2006, p. 104.

função profética, de modo que o herói demiurgo seria capaz de dar sentido à história e forçar o destino⁹. Com base nessa perspectiva, aparecia uma história preocupada com as peripécias e as vicissitudes dos grandes homens, de forma que o drama histórico humano é recuperado e ressaltado a partir do peso das grandes decisões dos heróis e das vidas dos grandes personagens na definição dos destinos daquele drama¹⁰. Nessa conjuntura se estabelecia a visão do “grande homem”, ou seja, aquele que aparecia como um revelador do carácter específico do seu povo e de seu tempo¹¹.

A obra histórica/biográfica de Arthur Montenegro atendia a tais concepções, notadamente nos trabalhos que revelavam seu tema de predileção – a Guerra do Paraguai. As temáticas militares foram narradas à extenuação pelo autor, descendo às minúcias e por vezes utilizando-se de uma linguagem bastante específica no que tange a técnicas e estratégias típicas da vida castrense. Para tanto lançou mão de seus conhecimentos teóricos/empíricos, adquiridos à época em que serviu ao exército e de uma densa carga de leitura, promovida na consulta de obras especializadas na arte militar da antiguidade à contemporaneidade. Nessa linha, em relação à Guerra da Tríplice Aliança, narrou detalhadamente as cenas dos diversos teatros de operações, centrando sua

⁹ MALATIAN, Teresa Maria. A biografia e a história. In: *Cadernos CEDEM*. São Paulo: UNESP, v. 1. n. 1, 2008, p. 17.

¹⁰ ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La biografía como género historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito (org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 11.

¹¹ CATROGA, Fernando. Ainda será a História mestra da vida? In: *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: PUCRS, 2006, n. 2, p. 25.

descrição a partir de determinados personagens, notadamente as lideranças militares.

O método histórico desenvolvido por Montenegro para seus estudos de natureza histórico-biográfica era essencialmente voltado à coleta de fontes documentais e bibliográficas, pretendendo a partir delas tirar suas conclusões e descrever o passado. A busca de tais documentações se dava por meio da aquisição de livros, uma vez que formou uma das mais completas bibliotecas de sua época acerca da Guerra do Paraguai, e da formação de uma verdadeira rede de comunicações, ligando o escritor a alguns dos personagens da guerra e a outros estudiosos do tema. Com todas as limitações da época, mormente as vinculadas à grande demanda de tempo nas questões postais, Arthur Montenegro trocou correspondências com destinatários de várias partes do Brasil e do mundo, esperando pacientemente as respostas que poderiam trazer-lhe novas informações, documentos ou referenciais bibliográficos.

Tais contatos fizeram com que Montenegro fosse conquistando respeito como autoridade no assunto Guerra do Paraguai. Progressivamente ele adquiriu reconhecimento como representante da intelectualidade, tanto que pertenceu a várias instituições culturais e acadêmico-científicas, não só no âmbito cearense, seu lugar de nascimento, como sul-rio-grandense, tendo em vista ter fixado residência no Brasil meridional, mas também na conjuntura carioca, pernambucana, baiana, buenairense, caraquenha, conimbricense e lisbonense. A maior parte desses vínculos originou-se exatamente dos contatos realizados à distância e do intercâmbio dos trabalhos publicados, fundamentalmente pelo

motivo de que o autor sequer chegou a estar em diversos dos lugares onde eram sediadas as entidades culturais.

Um diferencial em relação a esses contatos estabelecidos por missivas foi a viagem que J. Arthur Montenegro realizou ao Rio de Janeiro, em agosto de 1894. O financiamento de tal empreitada foi realizado pelo governo federal, revelando a notoriedade que o escritor já havia conquistado como estudioso da Guerra do Paraguai, assim como a intenção governamental em promover pesquisas que corroborassem com a perspectiva do uso do conhecimento histórico/biográfico para a edificação da nacionalidade. A permanência na capital federal permitiu-lhe não só um amplo acesso às fontes, como o fortalecimento das inter-relações com outros estudiosos. Não é para menos que, no ano seguinte, ele ingressaria no Instituto Histórico e Geográfico, a mais importante instituição de seu gênero no contexto nacional¹².

Nesse sentido, aquele jovem que nascera no nordeste e residia no extremo-sul do Brasil passava a conquistar alguns espaços no centro e em outras regiões do país, na Argentina e em Portugal. A maior parte de sua pesquisa foi executada no Rio Grande Sul, lugar onde fixou residência, empreendeu suas ações profissionais e estabeleceu família, com o casamento em 1888, do qual resultaria um filho. Em sua casa na cidade do Rio Grande, montou um gabinete no qual escreveu as correspondências, que dariam origem à rede de intercâmbio intelectual que promoveu; formou riquíssima e variada biblioteca; reuniu a

¹² BARRETO, Abeillard. *José Arthur Montenegro*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1957 (datilografado).

documentação amealhada; e afixou quadros contendo os diplomas das diversas associações culturais a que era filiado¹³.

Quando, por questões profissionais e de saúde, Montenegro voltou à sua terra natal, manteve aceso todo o intercâmbio e aprofundou-o participando mais ativamente na Academia Cearense, da qual era sócio desde 1895. Sua relação com a entidade dava-se até então à distância, com a troca de correspondências, envio de livros e comunicação de projetos¹⁴. A partir de 1897, a estada em Fortaleza permitiu a participação presencial nas reuniões da instituição, chegando em uma delas a ser saudado “pelos seus serviços à história e geografia pátrias”, ao que agradeceu, expressando “seu justo prazer” por se achar pela primeira vez entre os seus colegas, que “tão cavalheirosamente” o tinham acolhido¹⁵.

Nessa casa cultural cearense, leu textos de sua autoria, publicou na Revista e chegou a propor indicações para sócios correspondentes, assim como apresentou aos consócios uma parte de sua “preciosa coleção” de retratos dos “vultos salientes” da Guerra do Paraguai¹⁶; foi também ressaltada uma publicação periódica argentina na qual fora estampado o seu retrato. Ao fim de sua permanência no Ceará, o escritor comunicou aos seus pares a respeito de “sua

¹³ BARBOSA, Antônio da Cunha. Esboços biobibliográficos dos acadêmicos visconde de Taunay e José Arthur Montenegro. In: REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1901, t. 6, p. 9-10 e 32-39.

¹⁴ REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896, a. 1, fascículo 1, p. xxxiii, xxxi e 313.

¹⁵ REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1897, t. 2, p. 228, 229 e 230.

¹⁶ REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1898, t. 3, p. 260, 262, 265

retirada pra o sul da República”, fazendo suas despedidas¹⁷. Mesmo à distância, continuou sendo lembrado pelos confrades, como ao ser listado entre os autores que, “em história pátria têm escrito livros de incontestável valor”, bem como teve lidos textos de sua autoria, inclusive, uma biografia de sua lavra¹⁸. Na Academia Cearense também viria a ser pranteado o seu falecimento¹⁹.

Ao voltar para o Rio Grande, onde viveria seus derradeiros anos, mesmo com a saúde cada vez mais abalada, persistiu na labuta intelectual, colaborando com periódicos locais e de diversos lugares, mantendo sua rede de contatos, coletando documentos e publicando livros. A ênfase continuava a ser em torno das ações de historiar a Guerra do Paraguai e biografar seus principais personagens, sem chegar a descurar os estudos acerca de outros temas. Montenegro era infatigável quanto à pesquisa e à criação, não abandonando a coleta de fontes e a escritura, com a elaboração dos manuscritos que viriam a constituir suas tão sonhadas obras – *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai* e *Efemérides da campanha do Uruguai e Paraguai*, nas quais as biografias eram recorrentes e tinham papel relevante.

Permaneciam os tantos contatos com as entidades nacionais e estrangeiras das quais fazia parte. Essa participação efetiva, mas à distância se dava pelo motivo de que, no Rio Grande do Sul, seu lar adotivo, tais associações

¹⁷ REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1899, t. 4, p. 255, 256, 257 e 258.

¹⁸ REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1900, t. 5, p. 201 e 224.

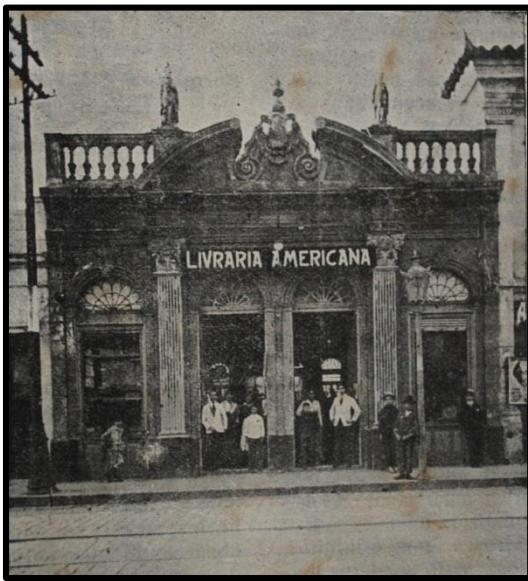
¹⁹ Ver o número 19 desta Coleção.

culturais ainda não eram tão efetivas. Foi o caso da Academia Rio-Grandense de Letras, criada em 1901, e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, instituído em 1920, das quais ele provavelmente participaria, não tivesse a vida ceifada de maneira tão precoce. Ele mesmo teve a iniciativa, sem maior perenidade, de criar um Instituto Histórico e Geográfico Rio-Grandense, elaborando um projeto de estatuto para tal entidade, em 1894²⁰. Ainda assim, participou da vida cultural rio-grandina, convivendo com a Biblioteca Rio-Grandense, mais antiga no seu gênero no Rio Grande do Sul e um dos epicentros culturais citadinos, e com a Livraria Americana, editora de vários de seus livros e ponto de concentração da vida intelectual rio-grandina. Em ambos locais ele interagiu com Alfredo Ferreira Rodrigues, também um abnegado historiador e biógrafo, que dedicou a existência à coleta de documentos e à escrita de trabalhos, no caso a respeito da Revolução Farroupilha e seus personagens.

²⁰ CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006. p. 167 e 384.



– prédio da Biblioteca Rio-Grandense –



– sede da Livraria Americana –

Assim, ao historiar e/ou biografar, José Arthur Montenegro vinha ao encontro de uma reconstrução histórica idealizada, calcada em tons patrióticos e na heroicização dos considerados “grandes homens”. Era a concepção da História como a “mestra da vida”, ou seja, o olhar para o passado deveria ter por base o ensinamento de valores cívicos e morais, oriundos das ações dos personagens históricos encarados como heróis. O próprio escritor revelou tal inspiração, ao afirmar a respeito de um de seus projetos de escritura sobre a Guerra do Paraguai que:

(...) estou disposto a dedicar toda a minha vida, contanto que ao entregá-la ao público possa dizer: *eis a última palavra sobre a tremenda epopeia que dignificou minha pátria em cinco anos de luta contra a tirania*. A publicação das *Efemérides* muito virá auxiliar-me no desempenho do compromisso que tomei perante o país.²¹

Montenegro percebia que o devir histórico era movido por heróis, daí tantos cuidados para com os escritos de cunho biográfico. Ele apresentou biografias em seus livros e nas suas colaborações junto à imprensa periódica, mas também as preparou em profusão para as suas projetadas obras que não chegaram ao prelo e permanecem nos manuscritos, os quais compõem o acervo do Arquivo Montenegro na Biblioteca Rio-Grandense. Tais estudos biográficos destinaram-se em grande escala aos militares, políticos e diplomatas que tiveram algum vínculo com a Guerra do Paraguai. Para tanto, reunia todas as informações que

²¹ Citado por: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. v. 4, p. 319-322.

podia obter sobre eles – daí aquela extensa rede de comunicações –, as quais variavam dos testemunhos pessoais ao envio de documentos escritos e material iconográfico. Tudo isso, reunido à vasta biblioteca que conseguiu ajuntar, transformaram Arthur Montenegro no maior especialista na Guerra da Tríplice Aliança, no Brasil de sua época.

Algumas das apreciações acerca do trabalho de Arthur Montenegro revalidavam esse intento de uma criação histórica vista como um serviço à pátria. Nesse sentido, Guilherme Studart – estudioso e colega daquele na Academia Cearense – no verbete dedicado a Montenegro de seu *Dicionário biobibliográfico cearense* declarava que, entre os trabalhos desse “distinto brasileiro”, figurava a *História da guerra do Paraguai*, apontada como o trabalho “mais notável e completo” sobre esse assunto, de modo que a sua publicação seria “o maior serviço prestado à história pátria²². Já no trâmite que marcou a entrada de J. Arthur Montenegro no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ficava exaltado o fato de ele ter conseguido “prestar um bom serviço à história e às letras pátrias”, justificando-se seu ingresso, pois dali em diante ele continuaria “a prestar importantes serviços à história pátria”²³. O elogio fúnebre tecido pelo escritor Antônio da Cunha Barbosa na *Revista da Academia Cearense* também enaltecia tal fundamento, ao afirmar que Montenegro fora “laborioso escritor das coisas pátrias”, e que sua obra servira como “exemplo para bem servir à pátria”, e

²² STUDART, Guilherme. *Dicionário biobibliográfico cearense*. Fortaleza: Tipografia e Litografia a Vapor, 1913, v. 2, p. 66-73.

²³ REVISTA TRIMESTRAL DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: Companhia Tipográfica do Brasil, 1895, t. 58, parte 2, p. 297-300, 309 e 313.

ensinar “a engrandecer a terra” pela qual os brasileiros “estremeciam”, permanecendo sua ação sintetizada na asserção: “Amor ao trabalho, amor à pátria”²⁴.

Os valores nacionais e patrióticos e o intento de heroicizar os personagens retratados marcaram esses estudos biográficos os quais estiveram concentrados em maior número no livro *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*. Na apresentação do livro, Raimundo de Farias Brito, filósofo e escritor, conterrâneo de Montenegro e seu colega na Academia Cearense, da qual era um dos sócios fundadores²⁵, categorizava o modo de Arthur Montenegro fazer história, ressaltando sua intenção de resgatar do esquecimento a memória dos “heróis nacionais” que haviam lutado pela “causa pátria”:

Nota-se de fato entre os historiadores, o seguinte: – que uns procuram interpretar, por assim dizer, a consciência humana, para fazer com rigor dedução das leis que obedece a sucessão dos acontecimentos – são os *historiadores filósofos*; que outros pretendem como que representar em quadro os homens e as coisas, esforçando-se por arrancar do passado a lembrança dos fatos, legando-os à humanidade como um tesouro e restituindo-lhe por este modo, se não a vida, pelo menos a imortalidade da memória – são os *historiadores artistas*.

O Sr. Arthur Montenegro é desta última classe.

²⁴ BARBOSA, Antônio da Cunha. Esboços biobibliográficos dos acadêmicos visconde de Taunay e José Arthur Montenegro. In: REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1901, t. 6, p. 9-10 e 32-39.

²⁵ REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896, a. 1, fascículo 1, p. v.

Abrangendo em suas investigações apenas um período da nossa história, pois todos os seus quadros giram em torno da Guerra do Paraguai, principal objeto de suas lucubrações, vê-se que o seu objetivo é não interrogar o passado da vida nacional, para fazer a dedução dos destinos da civilização brasileira, mas apenas arrancar do olvido a memória dos nossos heróis, apresentá-los à posteridade tais quais foram e, sobretudo, fazendo justiça aos que souberam morrer pela causa da pátria.²⁶

Essa glorificação do passado e a biografia como sinônimo do estudo da vida e da obra dos “heróis” também ficaram demarcadas nas publicações periódicas nas quais Arthur Montenegro colaborou. Foi o caso do *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul* cuja redação, referindo-se a um caso específico, tomava o compromisso de apresentar biografias de “rio-grandenses distintos”, levada pela “veneração” que merecia a memória, de modo a “render um preito ao talento e ao patriotismo”, concedendo lugar na “galeria de homens ilustres”²⁷. Tal galeria viria a ser incorporada às edições subsequentes do periódico, nas quase três décadas em que foi editado. Outro anuário em que o escritor apresentou trabalhos, o *Almanaque popular brasileiro*, promoveu caminho parecido, ao anunciar a inclusão em suas páginas de retratos de “brasileiros ilustres”, acompanhados de traços biográficos²⁸, vindo depois a confirmar a intenção de

²⁶ BRITO, Raimundo de Farias. (Prefácio). In: MONTENEGRO, José Arthur. *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900. p. v e vi.

²⁷ ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1889. Rio Grande: Livraria Americana, 1888. p. 3-4.

²⁸ ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1897. Pelotas: Livraria Universal, 1896. p. 1.

publicar retratos e biografias de “brasileiros ilustres”²⁹. No mesmo sentido, a respeito do próprio Montenegro, como já destacado, na *Revista da Academia Cearense*, outro periódico que contou com suas colaborações, ficou registrado que ele foi, pelos pares da entidade, saudado “pelos seus serviços à história e geografia pátrias”³⁰, bem como chegou a ser arrolado entre os escritores que “em história pátria têm escrito livros de incontestável valor”³¹.

Ainda no rol dos periódicos em que Arthur Montenegro publicou seus trabalhos, inclusive os de cunho biográfico, o *Album de la Guerra del Paraguay* também deixava bastante demarcado esse conteúdo de cunho patriótico. Seu objetivo era destacar os personagens que participaram do conflito, enfatizando os “sacrifícios impostos” às nações da Tríplice Aliança, em sua “ação libertadora”, visando “benefícios” à “civilização e à liberdade nesta parte da América”. Propunha-se a sustentar “decididamente a honra e os interesses da pátria”, destacando o “exemplo” daqueles que, “em outra época, concorreram com todo o seu esforço” na defesa da pátria³². O próprio frontispício da publicação trazia esse espírito, ao mostrar alegoria onde apareciam ao centro, irmanadas, três damas, representando Brasil, Argentina e Uruguai e, do lado esquerdo, uma tropa em

²⁹ ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1898. Pelotas: Livraria Universal, 1897. p. 1.

³⁰ REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1897, t. 2, p. 229.

³¹ REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1900, t. 5, p. 201 e 224.

³² ALBUM DE LA GUERRA DEL PARAGUAY. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1º fev. 1893, a. 1, entrega 1^a, p. 2.

posição de ataque, e, do direito, um leão próximo a objetos de aprisionamento, simbolizando a derrota da “ditadura paraguaia”.



O próprio Montenegro viria a ter o seu retrato na “página de honra” – como as redações chamavam a primeira página – do *Album*, sendo apresentado como “distinto escritor brasileiro”, autor de vários trabalhos sobre a campanha e da obra em preparação *História da Guerra do Paraguai*³³.

³³ ALBUM DE LA GUERRA DEL PARAGUAY. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1896, tomo 2, entrega 42, p. 273.



O periódico buenairense tradicionalmente publicava efígies de militares e cenas de guerra, daí o significado da distinção dispensada para com Montenegro. Ele não lutara no Paraguai, mas a incansável dedicação ao estudo do evento lhe rendera figurar ao lado de tantos dos indivíduos que protagonizaram naquele teatro bélico. O anúncio das colaborações do escritor para as páginas do *Album de la Guerra del Paraguay* também trazia esse sentido:

◆◆◆◆◆

COLABORAÇÃO BRASILEIRA³⁴

Desde o presente número começaremos a publicar uma série de biografias de guerreiros do Paraguai, que têm ilustrado seu nome no exército brasileiro, personagens que em sua maior parte viriam a figurar mais tarde na política de seu país, enquanto que alguns outros renderam o tributo de sua vida àquela guerra gigantesca, que sustentaram as nações da Aliança contra a sombria tirania do marechal Lopez.

Estes trabalhos são devidos à ilustrada colaboração do distinto escritor brasileiro Sr. J. Arthur Montenegro, residente no Rio Grande, autor de uma História da Guerra do Paraguai, em publicação, circunstância que lhe faz uma autoridade nesta matéria.

³⁴ ALBUM DE LA GUERRA DEL PARAGUAY. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1895, tomo 2, entrega 40, p. 246.

É o Sr. Montenegro um escritor de estilo fácil e galante, e um narrador simples e conciso, cuja prosa se lê com interesse até o fim.

Faz tempo que a direção do *Album* havia travado relações com o escritor rio-grandense, pedindo-lhe sua importante colaboração e oferecendo-lhe seu concurso para as informações que lhe fosse necessário obter do Rio da Prata, e ao fim, pacificada já aquela formosa região do Brasil, recebemos satisfeitos seus primeiros trabalhos, e uma numerosa e importante galeria de retratos dos militares que figuraram naquela épica cruzada.

Nossos leitores julgarão da importância da aquisição dos trabalhos, que devido à sua pena, publicamos no presente número.

Eis aqui alguns parágrafos da carta que os acompanha:

"Antecipo-me a dirigir-vos esta, para enviar-vos conforme vossas ordens minha débil e pobre colaboração para vosso tão importante *Album*. Bem sabeis quão árido é o trabalho biográfico, razão pela qual vos peço desculpeis a incorreção do estilo já por si tão sem mérito. Temendo ser demasiado extenso, para não ocupar muito espaço, quase me limitarei à enumeração cronológica dos fatos.

Mais adiante, quando me familiarizar com a forma adotada pelo *Album*, aumentarei ou diminuirei as biografias que encaminhe.

Com esta recebereis as biografias do marechal Floriano Peixoto, marechal Victorio Monteiro e coronel Dr. José Carlos de Carvalho, assim como um artigo

sobre o projétil que fez vítima ao general Andrade Neves, que julgo que mereça ser conhecido dos guerreiros argentinos.

Assim mesmo, as seguintes fotografias que agregareis às já recebidas: marechal Floriano Peixoto, marechal Victorino Monteiro, almirante Barroso, marechal Polidoro Jordau, José A. Hermes da Fonseca e Antônio de Sampaio. Brevemente remeterei outras.

Podeis contar comigo e com minha modesta colaboração, pois como vós desejo ver brasileiros e argentinos ligados por vínculos de fraternidade, esquecendo passadas dissensões dos antigos tempos da monarquia e do caudilhismo, felizmente desaparecidos para sempre.

É meu mais ardente desejo poder descrever os feitos dos argentinos e orientais com a mesma minuciosidade e serenidade de espírito com que o faço para os brasileiros e, graças ao vosso patriótico auxílio, espero que a posteridade e os mais contemporâneos dos quatro países me façam a justiça de chamar-me *imparcial* como historiador.

Defendendo minha pátria das graves acusações que fez o Sr. Juan Silvano Godoi, publiquei em folheto as duas monografias que têm relação com a Tríplice Aliança. Remeto esse livro e chamo atenção sobre as páginas 39, 67 e 78, entre outras, nas quais me refiro ao general Mitre, que me tem prestado seu poderoso auxílio na empresa que assumi sobre meus ombros."

Como veem nossos leitores, o Sr. Montenegro nos vai familiarizar com personagens de seu país, que são já conhecidos pela interessante relação do Sr. general Garmendia que viemos publicando.

Agradecidos ao concurso que tão generosamente vem prestar às letras e à história da guerra o Sr. Montenegro, o apresentamos aos nossos leitores e lhe damos as boas-vindas.

00000

Os estudos biográficos da lavra de J. Arthur Montenegro não se prendiam necessariamente a descrição de todas as fases da vida do biografado, tendo, normalmente por preferência a abordagem das ações dos personagens em suas interfaces com a Guerra do Paraguai. Os textos que se seguem apresentam alguns trechos de determinadas biografias traçadas por Montenegro, constituindo uma amostragem das concepções histórico-historiográficas, expressas no estilo de biografar do autor. Os personagens brasileiros são apresentados como portadores de uma bravura interminável ao enfrentar todas as intempéries da guerra, quer seja, seriam os “heróis” que moviam a história e deveriam servir de “exemplo” para seus coetâneos e para as gerações futuras. Como contraponto, aparecem as figuras de Elisa Linch e Solano Lopez, que corporificavam a imagem do inimigo, o qual deveria ser depreciado, desmerecido e desvirtuado. Estabeleceu-se assim

a construção de um pressuposto de legitimação/idealização do aliado e deslegitimação/descrédito do adversário.

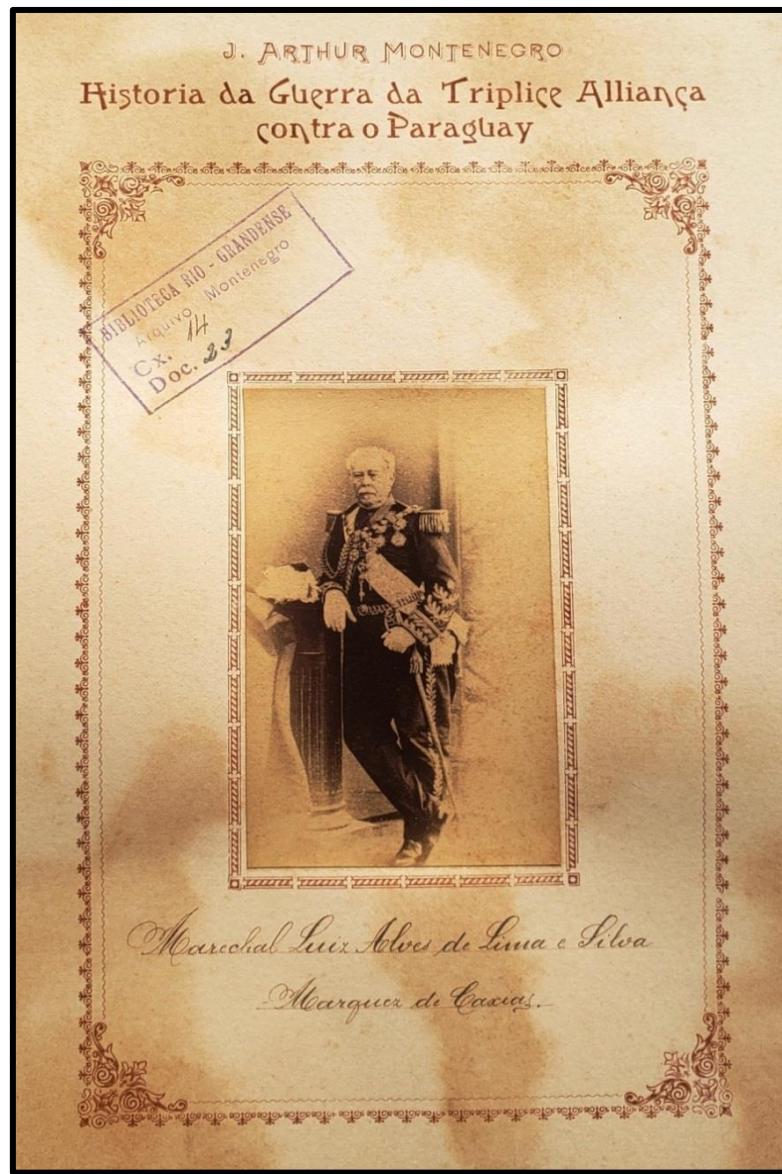
Um dos estudos elaborados por Arthur Montenegro sobre personagens da Guerra do Paraguai intitulou-se “Caxias e Paranaguá”³⁵, visando a enaltecer o papel de ambos, um como agente militar, o outro como político em prol da causa nacional, em um difícil momento da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

◊◊◊◊◊

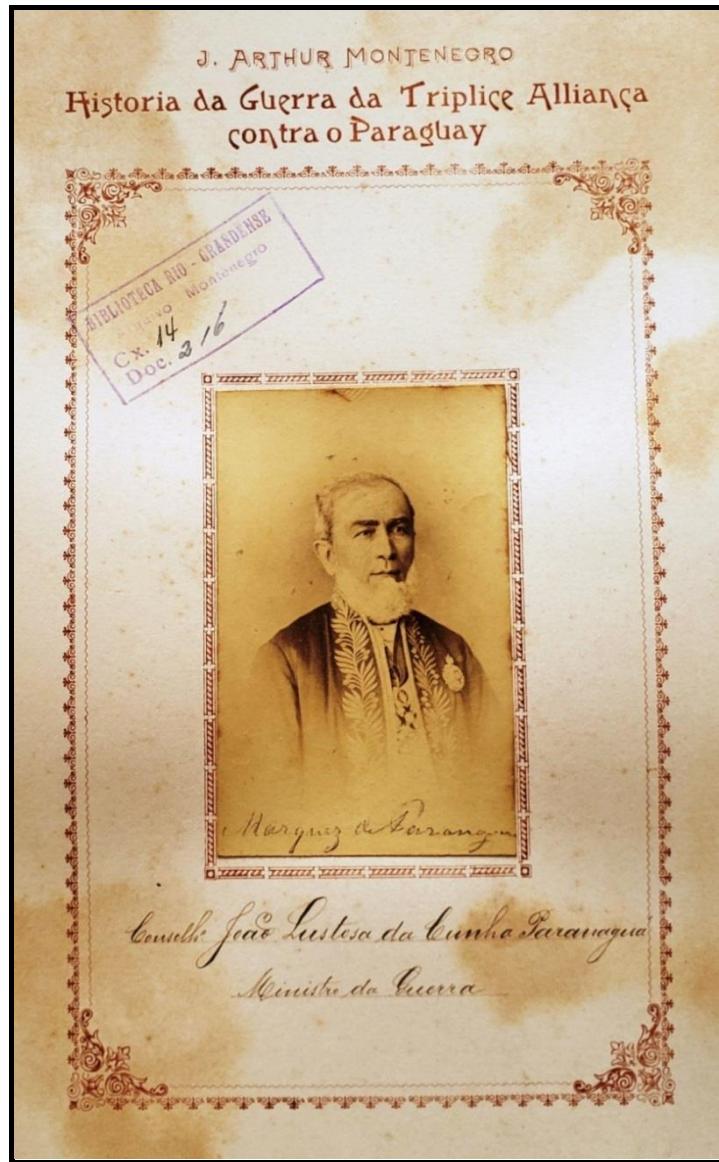
CAXIAS E PARANAGUÁ

O revés de Curupaiti, a retirada do general Flores do teatro da guerra, a revolução federalista na República Argentina, a desarmonia de Polidoro, Porto Alegre, Tamandaré e os generais aliados, a intriga – até então sopitada por um tal ou qual *pudor nacional* – explodindo sem rebuço nos acampamentos onde iam se refletir com paixão as vicissitudes da política interna – todo esse conjunto de desgraças, ameaçando os destinos da pátria e comprometendo a *situação militar* da campanha, repercutiu de chofre no seio do gabinete, cujos membros, empenhados na defesa nacional, em meio de complicações ingentes, mal podia de momento avaliar o *estado da guerra* que se feria a 300 léguas de distância.

³⁵ MONTENEGRO, José Arthur. *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900. p. 34-50. – na transcrição foram suprimidas as notas de pé-de-página.



- retrato de Caxias colecionado no Arquivo Montenegro -



- retrato de Paranaguá colecionado no Arquivo Montenegro -

A situação, entretanto, se definia clara e positiva: a Aliança precisava mais de uma cabeça que dirigesse a guerra com acerto e vigor, que refreasse as paixões, restabelecesse a disciplina, tornando homogêneo aquele fracionado exército, que de elementos materiais ou de reforço de tropas.

E só existia um general na altura dessa missão – o marquês de Caxias – apontado desde muito pela opinião pública como único capaz de levar a guerra a bom termo; mas, sendo ele *conservador*, dois ministérios *liberais* se tinham sucedido no poder, deixando-o no *esquecimento*, porque não tiveram civismo bastante para romper com os prejuízos dominantes entre os partidos que em sua férrea intransigência não admitiam colaboração do adversário em circunstância alguma da vida nacional.

Caxias, vencedor de quatro campanhas, organizador, prudente, circunspecto, já tinha um nome com tanto prestígio que por si valia um exército. Nenhum general dos três países reunia as qualidades político-militares do eminentíssimo cabo de guerra, mas tal era a força das paixões políticas da época que nem o gabinete de 31 de agosto, nem o de 1º de maio se lembraram do velho e experimentado guerreiro para comandar o exército que se batia esterilmente no Paraguai.

*
* * *

Zacarias de Góes e Vasconcelos, presidente do conselho de ministros, João Lustosa da Cunha Paranaguá, ministro da guerra, mostraram em tão grave momento um rasgo de patriotismo e desprendimento de tal magnitude que só por

si bastaria para imortalizá-los, se outros serviços ao país já lhes não tivessem sagrado beneméritos da pátria!

Paranaguá, em nome do gabinete, convidou o marquês de Caxias para dirigir a guerra: – o governo conferia plenos e amplíssimos poderes para o general proceder como melhor entendesse convir às operações e aos interesses da nação.

Zacarias, secundando os esforços do colega para inspirar confiança na lealdade do gabinete, dizia com nobre franqueza:

“Se V. Ex. manifesta o pensamento de não poder servir com o gabinete atual, o ministério, colocando os interesses da nação acima das conveniências políticas, está disposto a deixar o poder...”

Caxias compreendendo o altruísmo de semelhante proceder e bem pesando a situação aflitiva do país, não vacilou em aceitar a comissão e seguiu para o teatro da guerra.

É que Zacarias e Paranaguá, como estadistas, tinham a mesma envergadura moral do velho guerreiro: a pátria acima de tudo.

[O texto prosseguia abordando as discórdias político-partidárias que se seguiram no seio das forças governativas.]

*
* *

Eis o que foi essa memorável sessão do conselho de Estado pleno, sem dúvida a de mais interesse histórico e de mais gravidade de quantas houve durante o segundo Império.

Quanto ao desfecho da questão, eis como termina o precioso manuscrito a que me tenho referido:

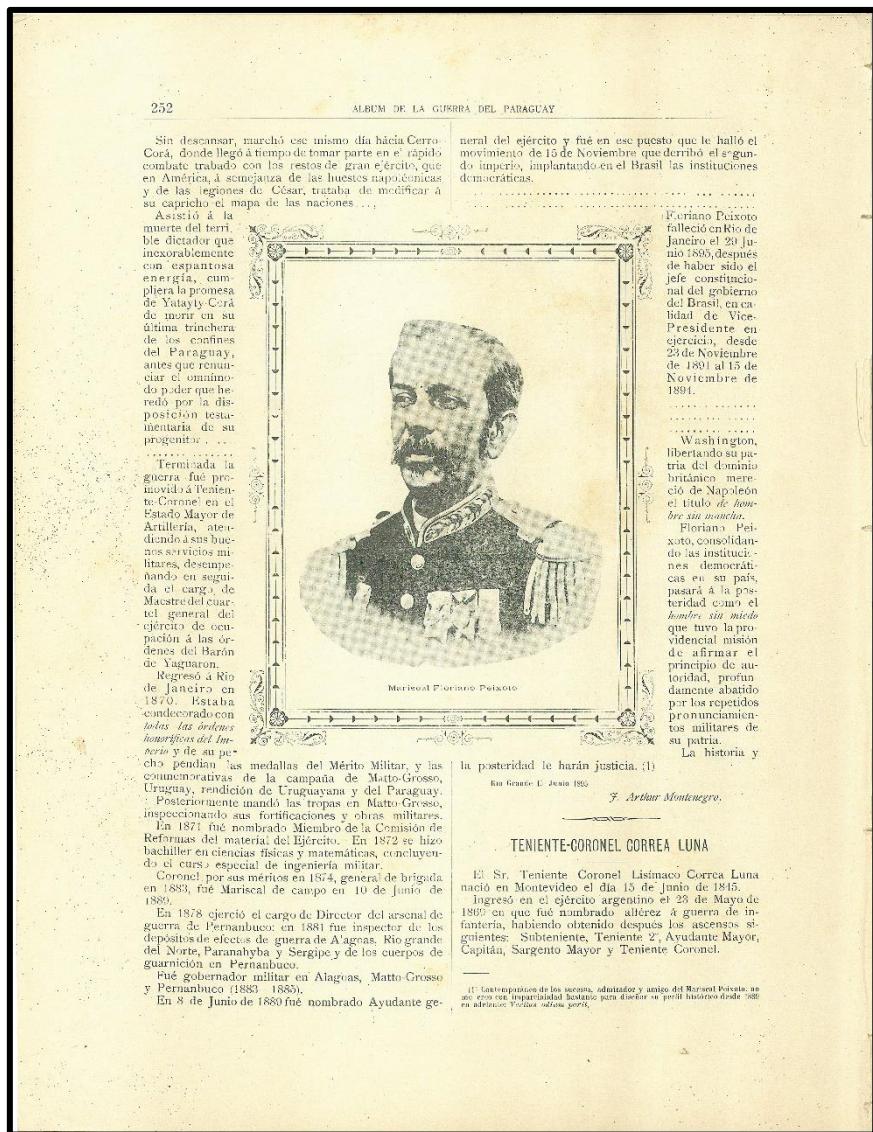
“... O ministro da guerra, que, aliás, manteve sempre as melhores relações com o marquês de Caxias, comandante em chefe, devolveu-lhe aquele documento, embora trouxesse a nota de *particular* por intermédio do conde de Tocantins, irmão do marquês. Este, melhor aconselhado e certo da confiança plena e do apoio que nunca lhe faltou, da parte do ministério, continuou à testa do valente exército que nos deu tantos dias de glória no completo desagravo da honra nacional.”

00000

Outro militar brasileiro biografo por Arthur Montenegro foi Floriano Peixoto que, quase cinco lustros depois da Guerra do Paraguai, viria a tornar-se presidente da República. O artigo original foi publicado no periódico argentino *Album de la Guerra del Paraguay*³⁶, vindo a ser reformulado, revisado e ampliado no *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*³⁷.

³⁶ MONTENEGRO, José Artur. El mariscal Floriano V. Peixoto. In: *Album de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1895, tomo 2, entrega 40, p. 248-252.

³⁷ MONTENEGRO, José Arthur. Floriano Vieira Peixoto. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1898*. Rio Grande: Livraria Americana, 1897. p. 203-210.



- página do *Album de la Guerra do Paraguai* -



FLORIANO VIEIRA PEIXOTO

Dia a dia vae desapparecendo no crepusculo vespertino da eternidade essa phalange de heroes que nas margens do Prata, nos confins dos deser-

tos paraguayos, escreveu pagina por pagina a epopeá gigante que passará á posteridade como marco miliario da redempção de um povo escravizado

– página do *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul* –

que a guarnecia e obrigando os restos dispersos daquella a refugiar-se nas mattas do rio Taquaras.

Sem descansar, marchou no mesmo dia para Aquidaban, onde chegou a tempo de assistir à morte do terrível dictador, que cumprira a lugubre promessa de Yataity-Corá, de morrer em sua ultima trincheira, nos confins do Paraguai, antes de resignar o omnimodo poder que herdara pela disposição testamentaria de seu progenitor.

* * *

Finda a guerra, foi promovido a tenente-coronel para o estado-maior de artilharia em atenção aos seus bons serviços militares, desempenhando em seguida o cargo de quartel-mestre-general do exercito de ocupação no Paraguai.

Regressou para o Rio de Janeiro a 1º de Setembro de 1870.

Era condecorado em todas as ordens honorificas do imperio e de seu peito pendiam as medalhas de bravura, merito-militar e commemorativa das campanhas de Matto Grosso, Uruguai, Argentina, Paraguai e da rendição de Uruguayan.

Posteriormente commandou as armas em Matto Grosso, inspecionando as suas fortificações e obras militares. Em 1871 foi escolhido para membro da commissão de melhoramentos do material de guerra. Em 1872 bacharelou-se em sciencias physicas e matematicas.

Sua carreira na hierarchia militar foi rapida naquelles tempos em que as promoções eram dificeis, morosas e em que quasi todos os officiaes

contavam decennios em cada posto. Coronel por merecimento em 1874, em 1883 via sobre seus hombros as dragões de general de brigada (18), sendo a 10 de Julho de 1889 promovido a marechal de campo.

Em 1878, exerceu o cargo de director do arsenal de guerra de Pernambuco; em 1881 inspecionou os depositos de artigos belicos das Alagoas, Rio Grande do Norte, Sergipe e Parahyba e os corpos da guarnição de Pernambuco.

Commandou as armas de Matto Grosso, Alagoas e Pernambuco (1883—1885).

Em 8 de Junho de 1889 foi nomeado ajudante general do exercito e nesse alto cargo o encontrou o movimento democratico de 15 Novembro de 1889, que transformou as instituições politicas do paiz.

* * *

Washington, libertando sua patria do domínio britannico, mereceu de Napoleão o titulo de *homem sem macula*.

Floriano Peixoto, agindo em outro meio, em epocha da desorganização social, de anarchia interna, de conturbações políticas, passará á posteridade como o *homem sem medo*, que teve a providencial missão de firmar o princípio da autoridade, profundamente abalado pelos repetidos pronunciamentos militares.

A historia e a posteridade lhe farão justiça.

(18) Foi um dos generaes mais moços que teve o imperio, pois contava apenas 44 annos de idade, quando foi escolhido para esse cargo.

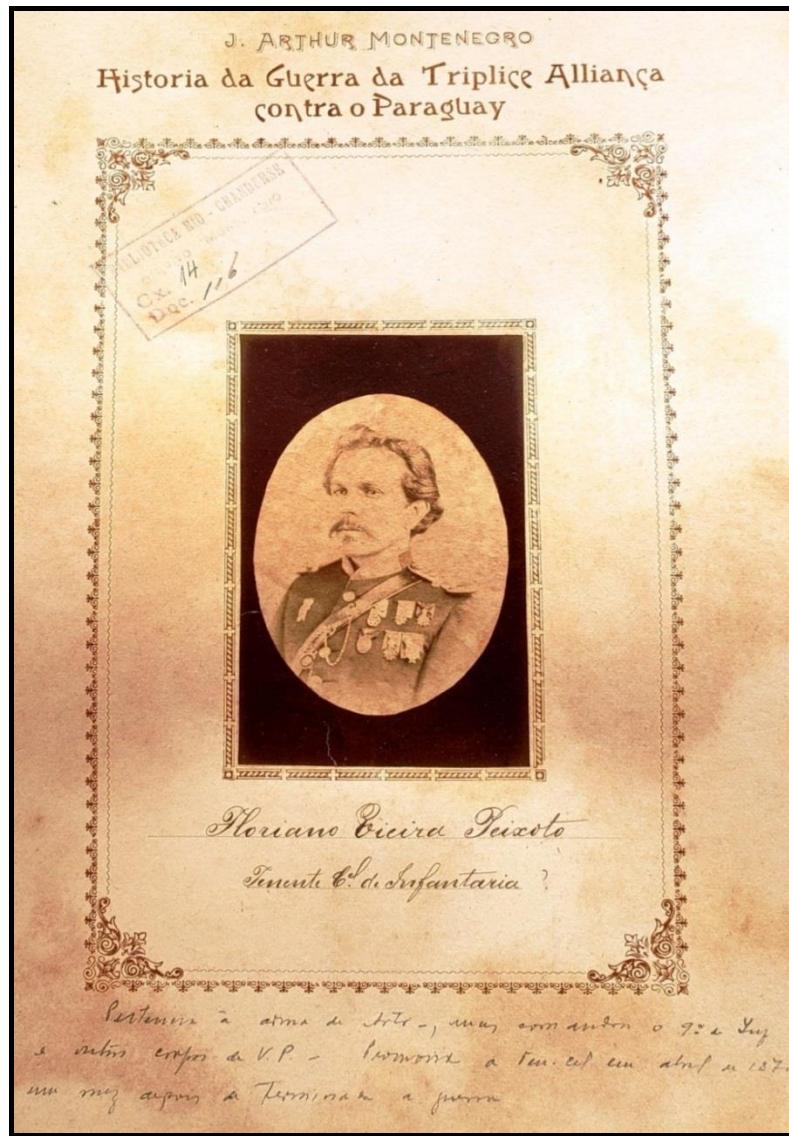
José Arthur Montenegro (Rio Grande)

Enigma

Não consintas o ingresso em tua casa a pessoa que tenha o vicio da embriaguez; deves desprezal-a, evitando o seu contacto.
Onde está a bebida?

J. B. G. F. (Rio Grande)

— página do *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul* —



- retrato de Floriano Peixoto colecionado no Arquivo Montenegro -

FLORIANO VIEIRA PEIXOTO³⁸

Dia a dia vai desaparecendo no crepúsculo vespertino da eternidade essa falange de heróis que nas margens do Prata, nos confins dos desertos paraguaios, escreveu página por página a epopeia gigante que passará à posteridade como marco miliário da redenção de um povo escravizado pelas admiráveis instituições dos filhos de Loyola. E esse povo, sacrificado por uma vontade de ferro, dominado pela tirania autocrática hereditária dos Francias e Lopez, resistiu com indomável energia, com inquebrantável heroísmo, com valor sobre-humano, ao embate das baionetas da Tríplice Aliança.

Entre obreiros da civilização americana, entre os esforçados paladinos da epopeia paraguaia desaparecidos no ocaso da vida, destaca-se o perfil histórico de Floriano Peixoto, hoje aureolado pela fulgente coroa de vencedor da anarquia, ligando seu nome a quase todos os sucessos da grande guerra.

*
* *

Na pitoresca vila de Pioca, estado das Alagoas, nasceu a 30 de abril de 1839 o eminente cidadão que se chamou Floriano Vieira Peixoto.

Revelando desde a juventude rara inteligência e decidida vocação pelas ciências exatas, seu pai, o agricultor Manoel Vieira de Araújo Peixoto, cheio de

³⁸ MONTENEGRO, José Arthur. Floriano Vieira Peixoto. In: *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul para 1898*. Rio Grande: Livraria Americana, 1897. p. 203-210. – na transcrição foram suprimidas as notas de pé-de-página.

esperança, enviou-o ao Rio de Janeiro para o colégio S. Pedro de Alcântara, dirigido então pelo célebre cientista padre José Mendes de Paiva.

Sua permanência nesse estabelecimento, que preparou a mentalidade de tantos homens eminentes, foi uma série de triunfos, um florão de glória acadêmica, para o futuro consolidador das instituições democráticas de nossa pátria. Terminado o curso preparatório, saiu dos bancos da escola para consagrarse ao serviço do país, alistando-se voluntariamente nas fileiras do 1º batalhão de artilharia a pé, no dia 1º de maio de 1857.

Iniciou sua gloriosa carreira pelos postos mais baixos, escudado apenas no mérito pessoal toda a escala da hierarquia militar.

(...)

*

* * *

O grito de guerra soou lugub्रemente do Prata ao Amazonas. A tempestade, há muito anunciada pelos pesados vapores que ensombrouam o horizonte, desencadeou-se em medonho fragor.

O Brasil não tinha exército.

Ao povo, à massa de paisanos, cumpria abandonar o arado, a bigorna e opor-se à avalanche paraguaia, que súbito, a falsa fé, invadia pelos extremos o solo pátrio.

Para enfrentar o leão paraguaio, que ameaçava avassalar toda a América do Sul, cumpria ao pequeno número de soldados que o Brasil mantinha em armas

resistir, enquanto se armavam essas legiões de espartanos que se chamaram *Voluntários da Pátria*, arrancados de todos os ângulos do país pela inspiração e pelo exemplo do imperador.

O Rio Grande do Sul, como Mato Grosso, assistia indefeso à invasão de seu território; seus filhos lá estavam diante dos muros de Montevidéu, combatendo outros inimigos, *sem poder voar da margem do Uruguai para opor o peito às baionetas guaranis*.

Desesperada a situação, tremendo o momento histórico em que a nacionalidade inteira estremecia ante o ultraje sem nome do sanhudo e apercebido adversário.

O 1º batalhão de voluntários da pátria desembarca na cidade do Rio Grande às ordens do coronel João Manoel Menna Barreto e a marchas forçadas avança para S. Borja, onde chega a tempo de salvar a população no memorável 10 de junho de 1865, em que 800 brasileiros, paisanos armados de véspera, bateram-se 12 horas, detendo a marcha devastadora dos 10.000 paraguaios de Estigarribia.

Floriano Peixoto, comissionado no posto de capitão, formava nas fileiras desses bravos que lavraram o primeiro protesto à invasão, que trocaram os primeiros tiros com esses vândalos, cuja marcha assoladora até Uruguaiana foi assinalada por um rastro de sangue, pela devastação e pelo incêndio.

Coube a Floriano Peixoto guiar a primeira grande divisão do 1º de voluntários (...).

Nessa *Campanha dos cem dias*, Floriano Peixoto mostrou-se na altura de envergar as dragonas de oficial superior, revelando qualidades militares dignas da ilimitada confiança que mereceu de todos os chefes do exército com quem serviu: e o seu rápido ascenso ao generalato deveu ele mais tarde ao tino com que o imperador D. Pedro sabia escolher os homens e às recordações que guardava da campanha do Rio Grande.

(...)

[Montenegro prosseguia a narrativa, detalhando vários momentos da participação de Floriano Peixoto na Guerra do Paraguai, em franca ascensão nos postos.]

*
* * *

Finda a guerra, foi promovido a tenente-coronel para o estado-maior de artilharia, em atenção aos seus bons serviços militares, desempenhando em seguida o cargo de quartel-mestre general do exército de ocupação no Paraguai.

Regressou para o Rio de Janeiro a 1º de setembro de 1870.

Era condecorado em todas as ordens honoríficas do império e de seu peito pendiam as medalhas de bravura, mérito militar e comemorativa das campanhas de Mato Grosso, Uruguai, Argentina, Paraguai e da rendição de Uruguaiana.

Posteriormente comandou as armas em Mato Grosso, inspecionando as suas fortificações e obras militares. Em 1871 foi escolhido para membro da

comissão de melhoramentos do material de guerra. Em 1872 bacharelou-se em ciências físicas e matemáticas.

Sua carreira na hierarquia militar foi rápida naqueles tempos em que as promoções eram difíceis, morosas e em que quase todos os oficiais contavam decênios em cada posto. Coronel por merecimento em 1874, em 1883 via sobre seus ombros as dragonas de general de brigada, sendo a 10 de julho de 1889 promovido a marechal de campo.

Em 1878, exerceu o cargo de diretor do arsenal de guerra de Pernambuco; em 1881 inspecionou os depósitos de artigos bélicos das Alagoas, Rio Grande do Norte, Sergipe e Paraíba e os corpos de guarnição de Pernambuco.

Comandou as armas de Mato Grosso, Alagoas e Pernambuco (1883-1885).

Em 8 de junho de 1889 foi nomeado ajudante general do exército e nesse alto cargo o encontrou o movimento democrático de 15 de novembro de 1889, que transformou as instituições políticas do país.

*
* * *

Washington, libertando sua pátria do domínio britânico, mereceu de Napoleão o título de *homem sem mácula*.

Floriano Peixoto, agindo em outro meio, em época de desorganização social, de anarquia interna, de conturbações políticas, passará à posteridade como o *homem sem medo*, que teve a providencial missão de firmar o princípio da autoridade, profundamente abalados pelos repetidos pronunciamentos militares.

A história e a posteridade lhe farão justiça.

José Arthur Montenegro (Rio Grande)



Também foi objeto dos estudos biográficos de Montenegro o almirante Tamandaré, militar que serviu na marinha e participou de vários enfrentamentos bélicos da armada, desde a guerra da independência, passando pelas rebeliões provinciais e chegando às questões platinas. A origem do texto era uma carta enviada à redação do jornal rio-grandino *Diário do Rio Grande* que a publicou, como uma homenagem póstuma ao almirante, logo após a sua morte. Posteriormente foi publicado pela *Revista da Academia Cearense*³⁹, pelo *Almanaque Literário e estatístico do Rio Grande do Sul*⁴⁰ e, finalmente, no livro *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*⁴¹. Todas as versões apresentavam poucas alterações entre si.

³⁹ MONTENEGRO, José Arthur. O marquês de Tamandaré. In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1897, t. 2, p. 181-188.

⁴⁰ MONTENEGRO, José Arthur. O marquês de Tamandaré. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1899*. Rio Grande: Livraria Americana, 1898. p. 83-90.

⁴¹ MONTENEGRO, José Arthur. *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900. p. 85-92.

O Marquez de Tamandaré (*)

Curiosa e bem interessante é a origem do titulo nobiliárquico do legendario marinheiro, hontem fallecido na Capital Federal.

Facto pouco conhecido e, ao que parece, ignorado pela maioria dos que tem escripto sobre o glorioso almirante, cuja biographia cheia de lances heroicos, de actos de noble valor e accendrado patriotismo, abrange a historia da marinha militar do Brazil desde a independencia até hontem, merece ser relembrado para que os seus conterraneos conheçam como o illustre rio-grandense conquistou esse titulo, que o collocava nas culminancias da hierarchia nobiliárquica do passado regimen e, ainda mais, a razão porque o imperial nobilitante escolheu em Pernambuco e não no Rio Grande do Sul o local erigido em baronato para agraciar o eminente cidadão, que aos 13 annos de idade, creança ainda, mereceu do Lord Cockrane as memoráveis phrases pronunciadas em presença de D. Pedro I:

— Magestade, aquelle Senhor seri o Nelson Braxileiro. Aconteimentos bem distinctos, apparentemente sem conexão, deram causa e origem á concessão desse titulo—o mais elevado que no segundo Imperio usou um official da nossa marinha de guerra.

(*) Carta dirigida ao «Díario do Rio Grande» vinte e quatro horas depois do falecimento do Almirante no Rio de Janeiro, publicada a 23 de Março de 1897 no citado «Díario», no Rio Grande do Sul.

- página da *Revista da Academia Cearense* -

188

REVISTA

etros da *Ocean Monarch* e *Vasco da Gama*, pelos quaes mereceria o Brazil significativas demonstrações de apreço dos governos da Grã-Bretanha e Portugal.

Francisco Xavier Paes Barreto, ministro da marinha, aventou então a ideia de agracial-o com um baronato no Rio Grande do Sul, d'onde era filho, mas o Imperador « ainda impressionado pelo episodio do major Pitanga » mandon lavrar o decreto concedendo-lhe o titulo de Barão de Tamandaré, em homenagem, dizia, á memoria do irmão morto nas ameias do velho forte pernambucano.

Eis porque serie de circumstancias Joaquim Marques Lisboa—o Nelson Brazileiro—teve um titulo nobiliarchico de origem verdadeiramente democratica.

Rio Grande, 21 de Março de 1897.

J. ARTHUR MONTENEGRO.



- página da *Revista da Academia Cearense* -

PARTE LITTERARIA

O MARQUEZ DE TAMANDARÉ

Curiosa e bem interessante a origem do titulo nobiliarchico do legendario marinheiro marquez de Tamandaré.

Facto pouco conhecido e, ao que parece, ignorado pela maioria dos que têm escripto sobre o glorioso almirante, cuja biographia, cheia de lances heroicos, de actos de nobre valor e acendrado patriotismo, abrange a historia da marinha militar do Brazil desde a independencia até hoje, merece ser relembrado para que os seus conterraneos conheçam como o illustre rio-grandense conquistou esse titulo que o collocava nas culminancias da hierarchia nobiliarchica do passado regimen, e, ainda mais, a razão por que o imperial nobilitante escolheu em Pernambuco e não no Rio Grande do Sul o local erigido em baronato para agraciar o eminente cidadão, que, aos 13 annos de idade, aspirante ainda, mereceu de Lord Cochrane as memoraveis phrases pronunciadas em presença de D. Pedro I:



titulo de barão de Tamandaré, em homenagem, dizia, á memoria do irmão morto nas ameias do velho forte pernambucano.

Eis por que serie de circumstancias Joaquim Marques Lisboa, o Nelson brasileiro, teve um titulo nobiliarchico de origem verdadeiramente democratica.

Rio Grande, 21 de Março de 1897.

José Arthur Montenegro

Enigma

Qual é a palavra de duas syllabas que é ave, peixe, tumor, vela, sacerdote e imperador?

Club Sete de Setembro (Therezina—Piauhy)

Os moveis do marechal Solano Lopes

Em fine de 1896, o Ministerio da Fazenda da Republica Argentina resolvou definitivamente um caso curioso que se refere á época da guerra do Paraguai, em um litigio de mais de 20 annos.

Em 1869, a alfandega de Buenos Aires denunciou a existencia, em seus armazens fiscaes, de 29 caixões contendo moveis vindos da Europa á consignação de um senhor Felix Eguzquiza, que declarou pertencerem elles ao governo do Paraguai.

O governo argentino procedeu a confisco desses moveis, propriedade de um governo com quem estava em guerra.

Ordenada a venda dos moveis em hasta pública, produziu a somma de 201.561 pesos, moeda argentina, que foi reclamada pelo representante de uma casa de Pariz.

Depois de outras reclamações, se apresentou em 1875 a Sra. Elisa A. Lynch, declarando que os moveis eram de sua propriedade e não do governo do Paraguai e que lhe haviam custado 50.673 francos, dos quais ainda devia 22.000 e pediu que se lhe entregasse o importe delle.

Desfeita esta reclamação com pareceres do Procurador do tesouro e

da Contadoria, apresentaram-se outras, com intermitências de 8 e 9 annos pela sucessão da Sra. Elisa Lynch, obtendo o mesmo resultado negativo, até que em Junho de 1896 se apresentou outra que motivou uma resolução definitiva.

Funda-se esta resolução em que é facto notorio que os interesses publicos e privados confundiam-se durante a administração do dictador do Paraguai; que as mercadorias foram confiscadas em estado de guerra e previo conhecimento do poder executivo de que pertenciam ao governo daquelle paiz, e que, não se tratando de actos communs regidos pelas leis e sim de bens appreendidos e confiscados por direito de guerra, o facto ficou irrevogavelmente consummado, e, finalmente, que não convém submeter á revisão actos de governos anteriores praticados em casos de guerra e que não foram matérias de clausula alguma nos tratados de paz.

Consequentemente, o Ministerio da Fazenda resolreu não attender á reclamação e mando prevenir ao reclamante que de então em diante não se aceitariam mais requerimentos a tal respeito.

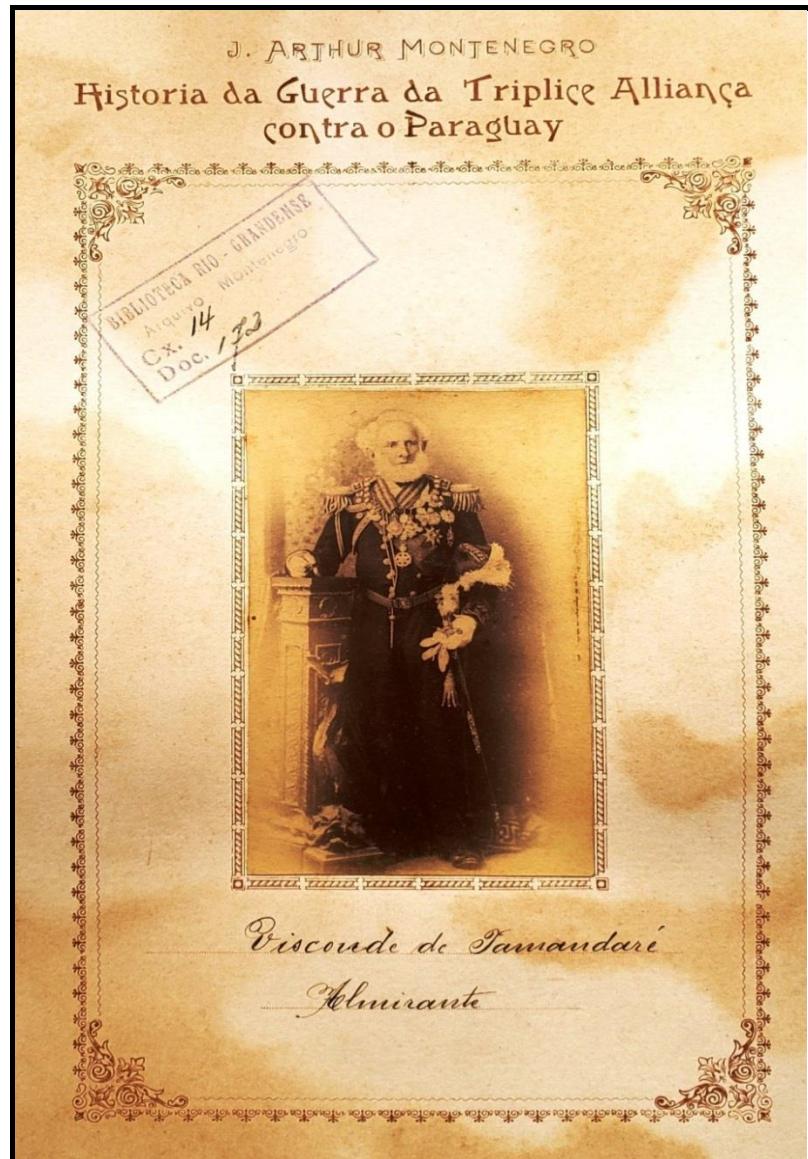
Charada

Ao Bias

1—1—2—Homem solteiro não tem a vida exnerimentada.

Bargossi (Rio Grande)

- página do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* -



— retrato de Tamandaré colecionado no Arquivo Montenegro —

Apesar da participação de Tamandaré nas tantas guerras nas quais o Brasil envolveu-se, inclusive a do Paraguai, Montenegro não seguiu a sua predileção com a narrativa predominante dos eventos bélico-militares. Ao realizar o elogio fúnebre, o escritor optou por abordar um microcosmo da ação do almirante, no caso sua atuação em salvamentos marítimos, ao passo que o fio condutor da descrição era o motivo da escolha do nome que lhe foi atribuído ao ingressar na nobreza imperial.



O MARQUÊS DE TAMANDARÉ⁴²

Curiosa e bem interessante a *origem* do título nobiliárquico do legendário marinho ontem falecido no Rio de Janeiro.

Fato pouco conhecido e, ao que parece, ignorado pela maioria dos que têm escrito sobre o glorioso almirante cuja biografia, cheia de lances heroicos, de atos de nobre valor e acendrado patriotismo, abrange a história da marinha militar do Brasil, desde a independência até hoje, merece ser lembrado para que os seus conterrâneos conheçam como o ilustre rio-grandense conquistou esse título que o colocava nas culminâncias da hierarquia nobiliárquica do passado regime, e, ainda mais, a *razão* porque o imperial nobilitante escolheu em Pernambuco e não no Rio Grande do Sul o local erigido em baronato para agraciar o eminent

⁴² MONTENEGRO, José Arthur. *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900. p. 85-92. – na transcrição foram suprimidas as notas de pé-de-página.

cidadão que, aos 13 anos de idade, aspirante ainda, mereceu de lorde Cochrane as memoráveis frases pronunciadas em presença de D. Pedro I – o fundador do Império:

– *Majestade, aquele senhor será o Nelson brasileiro.*

Acontecimentos bem distintos, aparentemente sem conexão, deram *causa e origem* à concessão desse título, o mais elevado que no segundo Império usou um oficial da nossa marinha de guerra.

*
* * *

A 24 de agosto de 1848 saía do porto de Liverpool, em viagem de experiência, o vapor *D. Afonso*, sob o comando do capitão de mar e guerra Joaquim Marques Lisboa.

Levava a bordo, além de outras pessoas, a princesa D. Francisca, seu esposo, o príncipe de Joinville, os duques de Aumale, o embaixador brasileiro junto à corte de Londres e o chefe de esquadra Greenfell.

Uma hora depois de penetrar no oceano, horroroso espetáculo se apesentou aos olhos atônitos dos passageiros do *D. Afonso*:

Alterosa galera, mareando a todo pano, ardia em chamas...

No convés da *Ocean Monarc* se distinguia grande número de pessoas correndo espavoridas de um para outro lado; a maior parte se refugiava no castelo de proa, no gurupés e até no pica-peixe.

A galera, com todo pano largo, demorava a sete milhas a barlavento (oeste) do navio brasileiro; pouco a pouco, porém, fora virando, até alcançar a bolina: pondo a proa ao vento, fundeou.

Já ardia o velame do mastro grande e da gata e as chamas que subiam ao céu envoltas em espesso e negro fumo, alastravam a coberta, envolvendo o aparelho e massame que, desprendendo-se das alturas com horrível fragor, levantavam nuvens de fagulhas do braseiro, ou grandes colunas de água nos flancos do navio.

Medonho espetáculo!

A situação daquela desgraçada gente era desesperadora: alguns momentos mais e o fogo destruiria os últimos pontos de refúgio onde tantos infelizes esperavam a mais tremenda das catástrofes.

.....

Salve-os, por Deus, comandante. Salve-os!.. exclamava sem cessar a princesa de Joinville.

E o comandante brasileiro, sem se arrecear do perigo que corria o seu navio, cujos paióis estavam atestados de pólvora e explosivos de todo o gênero, navegou a todo vapor para o lugar do horrível sinistro.

Quatro escaleres caíram ao mar. Do primeiro partiu um marinheiro levando preso à cintura o merlim de forte espiã; nadou corajosamente, com força hercúlea, por entre imensa quantidade de mastaréus, cabos, velas e milhares de destroços que flutuavam enredados em volta do barco incendiado e, dando volta à espiã nas amarras do *Ocean Monarc*, estabeleceu o salvador cabo de *vaivém*.

Cento e sessenta pessoas foram salvas pelos escaleres brasileiros, cujas guarnições, lutando com o vagalhão que lhes batia os flancos, dificilmente puderam conter a sofreguidão de tantos desgraçados que, à uma, queriam abandonar aquele imenso braseiro perdido na solidão do oceano.

.....
.....

Dois dias depois, formada a guarnição do *D. Afonso*, o comandante Marques Lisboa ordenava a leitura de um ofício do embaixador brasileiro, comunicando que o duque de Aumale enviava 100 libras esterlinas para “os bravos marinheiros que tão relevante serviço haviam prestado à humanidade...”.

É quando o chefe daquele punhado de valentes recordava a situação dos infelizes naufragos, que se viam abandonados, sem recursos, órfãos, a maior parte mendigando a caridade pública, um marinheiro adiantou-se e disse:

Senhor comandante, nós cedemos o dinheiro aos naufragos da galera...

Sim, cedemos, cedemos, respondeu em coro a marujada.

E assim, os marinheiros do Brasil *cederam* às vítimas do *Monarca do Oceano* o ouro com que a liberalidade do príncipe quis gratificar tão nobre dedicação e coragem demonstrada na horrível catástrofe da galera inglesa.

Ao comandante do *D. Afonso* ofereceu S. M. Britânica riquíssimo cronômetro de ouro, cravejado de custosos brilhantes, com esta inscrição:

Presented
By the
British Governement
to
Captain Joaquim Marques Lisboa
of the steam frigate
AFONSO
of the Brazilian Imperial Navy
in Testimony of Their Admiration
Of The Gallantry And Humanity
Displayed By Him
In Rescuing Many British Subjects
From The Burning Wreck
Of The Ship
Ocean Monarch
August,
1848.

*
* * *

No dia 6 de março de 1850, o posto semafórico do Morro do Castelo assinalava um navio em grande perigo fora da barra do Rio de Janeiro.

Era a nau portuguesa *Vasco da Gama* que, colhida na véspera por medonha tempestade, fundeara a poucas milhas do farol da Raza, totalmente desarvorada, batida ainda por alterosos vagalhões do sudoeste.

O vapor *D. Afonso*, ainda sob o comando do capitão de mar e guerra Joaquim Marques Lisboa, suspendeu do *poço* em socorro da galera portuguesa, às 11 horas da manhã.

Ao meio dia fazia a primeira tentativa para passar o virador, mas o escaler que se arreou mal, se desprendeu das talhas e foi emborcado por um vagalhão, salvando-se a custo os tripulantes.

Amainando um pouco o vento, Marques Lisboa tentou audaz manobra para passar o cabo de reboque ao vaso português – única, aliás, naquela situação que podia dar bom resultado, mas revestida de imenso perigo de abaloamento e consequente perda dos dois navios em vista da imensa agitação do mar.

Fazendo ala e larga para se colocar pelo través da *Vasco da Gama*, que proava ao vento, o *D. Afonso* avançou resolutamente a toda força, e pouco depois, moderando a marcha, se prolongava borda a borda, tão de perto quanto permitiam as guinadas do navio: – possante marinheiro, do castelo, atirou o chicote de merlim com tanta felicidade que momentos depois o virador era colhido, ao som da *lupa*, pelos tripulantes da nau portuguesa.

A perigosa manobra fora coroada do mais feliz êxito.

Eram 4 horas da tarde; às 6, imensa multidão de curiosos apinhada no cais, ao longo do litoral, assistia entusiasmada, como viva, à entrada da alterosa nau rebocada pelo *chipper* D. Afonso.

(...)

[Montenegro apresentava breve descrição do porto de Tamandaré].

*
* * *

A 21 de novembro de 1859 dava fundo no porto de Tamandaré a divisão naval do chefe de esquadra Joaquim Marques Lisboa, composta da fragata *Amazonas*, corveta *Paraense* e canhoneira *Belmonte*, que comboiava o paquete *Apa*, a cujo bordo iam SS. MM. Imperiais em viagem de recreio pelas províncias do norte do Império.

Desembarcando o Sr. D. Pedro II, examinou detidamente a grande fortificação em cujas arruinadas muralhas ainda se viam vestígios da época gloriosa e memorável do domínio holandês no Brasil.

Relembrando alguns feitos da épica luta de sessenta anos, ocorridos nesse histórico local, referiu Marques Lisboa ao imperador que na defesa dessas ameias perdera um irmão, o major Marques Lisboa, cujos restos mortais ainda jaziam no pequeno cemitério da vila e que, aproveitando tão propício momento, pedia licença para transportar em seu navio para o jazigo da família, no Rio de Janeiro, aquelas cinzas tão caras ao seu coração.

D. Pedro, sempre grande, sempre propenso às nobres e generosas ações, sensibilizado por aquela manifestação de fraternal amizade, não só acedeu ao desejo do almirante, como assistiu à exumação dos ossos e o acompanhou até a bordo do *Apa*, onde arvorava a sua imperial insignia.

(...)

[Montenegro trazia alguns dados biográficos acerca do major Manoel Marques Lisboa, de alcunha *Pitanga*, irmão do almirante Tamandaré, o qual participara do movimento rebelde conhecido como Confederação do Equador].

*

* * *

De regresso ao Rio de Janeiro, na primeira reunião do ministério, D. Pedro II lembrou ao conselheiro Ângelo Muniz da Silva Ferraz a concessão de um título ao chefe de esquadra Marques Lisboa, justificando-o não só com os serviços prestados, desde a sua primeira praça, como os desta viagem, lembrando os casos do *Ocean Monarch* e *Vasco da Gama*, pelos quais merecera significativas manifestações de apreço dos governos da Grã-Bretanha e Portugal.

Francisco Xavier Barreto, ministro da marinha, aventou então a ideia de agraciá-lo com um baronato no Rio Grande do Sul, de onde era filho, mas D. Pedro, ainda impressionado pelo episódio do major *Pitanga*, mandou lavrar o decreto concedendo-lhe o título de *barão de Tamandaré*, em homenagem, dizia, à memória do irmão, veterano da independência, morto nas ameias do velho forte pernambucano.

Eis por que série de circunstâncias Joaquim Marques Lisboa, o *Nelson brasileiro*, teve um título monárquico de *origem* verdadeiramente republicana.

◆◆◆◆◆

O marechal Vitorino José Carneiro Monteiro, barão de São Borja, foi outro personagem biografo por Arthur Montenegro. Tal militar teve significativa participação no controle de focos revolucionários em sua província natal, Pernambuco, bem como destaque nas forças legalistas que combateram os rebeldes farroupilhas no Rio Grande do Sul. Ainda no Brasil meridional, Monteiro atuou na guarnição das fronteiras e nas guerras que o Império enfrentou na região platina. O texto biográfico sobre esse personagem intitulou-se “El mariscal Victorino José Monteiro, Baron de San Borja” e foi publicado no periódico argentino *Album de la Guerra del Paraguay*⁴³.

◆◆◆◆◆

O MARECHAL VITORINO JOSÉ MONTEIRO, BARÃO DE SÃO BORJA

Dia a dia vai desaparecendo essa falange de heróis que, nas margens do Prata e nos confins dos desertos paraguaios, escreveu página por página a

⁴³ MONTENEGRO, José Artur. El mariscal Victorino Jose Monteiro – baron de San Borja. In: *Album de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1895, tomo 2, entrega 41, p. 266-268. – Montenegro biografou o personagem desde o início de sua carreira militar, mas a transcrição se restringe à época que ele atuou na Guerra do Paraguai.

epopeia gigante que passará à história, como marco miliário da redenção de um povo subjugado pelas admiráveis instituições dos filhos de Loyola.

Esse povo sacrificado por uma vontade de ferro, dominado pela tirania autocrática de um governo pessoal, resistiu com indomável energia, com inquebrantável heroísmo ao embate da civilização levada pelas baionetas da Aliança, a qual, cumprindo altos desígnios da providência, serviu de instrumento à evolução social que mudou a face do mundo auxiliada pelas próprias paixões e vícios da humanidade.



- retrato do marechal Vitorino Monteiro -

**EL MARISCAL VICTORINO JOSÉ MONTEIRO
BARON DE SAN BORJA.**

Día á dia va desapareciendo esa falange de héroes que en las márgenes del Plata y en los confines de los desiertos paraguayos, escribió página por página la epopeya gigante que pasará á la historia, como marco militar de la redención de un pueblo subyugado por las admirables instituciones de los hijos de Loyola.

Ese pueblo, sacrificado por una voluntad de fierro, dominado por la tiranía autorática de un gobierno personal, resistió con indomable energía, con inquebrantable heroísmo al embate de la civilización llevada por las bayonetas de la alianza, la cual cumpliendo altos designios de la providencia, sirvió de instrumento á la evolución social, convirtiendo la faz del mundo auxiliada por las propias pasiones y vicios de la humanidad.

Entre esos obreros de la civilización americana desaparecidos en el ocaso de la vida se encuentra el perfil histórico de Victorino Monteiro, ligado a los principales sucesos de la guerra.

El Mariscal de Ejército, Victorino J. Monteiro hijo del Mayor Juan Francisco Monteiro nació en Pernambuco el 23 de Septiembre de 1816. Muy temprano ciñó su cuerpo la casaca militar. Convulsinado su provincia natal, abandonó los bancos de la academia en 1832 para alistarse en las filas de la legalidad que se organizaban para batir á los rebeldes atrincherados en la Villa Panelas de Miranda en los límites de la Provincia de Alagoas siendo gravemente herido en su encuentro que sostuvo en las inmediaciones de Jacupiranga.

Pacificada la provincia en 1833, se retiró á la villa privada y en el Recife fué proclamado, en elección popular, alférez de la Guardia Nacional (1) en cuya misión fué promovido á Teniente y á Capitán en 1837.

Subelevada la provincia de Río Grande del Sud, amenazada la integridad del imperio ya en peligro por las connivencias que establecieron en diversas provincias, Victorino Monteiro acudió al llamado del gobierno legal y en 17 de Noviembre de 1837 como capitán apellidante se incorporó al 5º batallón de cazadores que el Mayor José de Souza organizó en el *Paseo de los Condes* en el Campo de São Bento situado próximo a la ciudad de Pelotas. Siendo elegido por ayudante viémpico de la Comandancia de la 2º Brigada éste fue el 2

Diciembre incluido en el respectivo escalafón con el cargo de Teniente de Caballería.

Tomó parte activa en el combate de Tacuary, el 23 de Junio de 1841 en el paso de San Borja (23 de Junio de 1841) y en el de Ibarra, sitiando la Villa del Rosario en que fue herido, (22 de Junio de 1841) siendo por estos servicios promovido á capitán en el mismo 3º de cazadores el 18 de Julio de 1841. En 27 de Octubre fué nombrado Ayudante Mayor de la 2º Brigada en cuyo empleo prestó relevantes servicios con motivo del sitio que los rebeldes pusieron en Vacacá al 9º de Cazadores en Abril de 1843.

En el mismo empleo sufrió el sitio de 10 días que en ese mes pusieron los rebeldes á la 2º Brigada de Caballería en el Rincon de Trillo.

Pacificada la Provincia en 1º de Mayo de 1845, pasó al 2º Regimiento de Caballería, asumiendo el mando del 3º Escuadrón. Por los servicios entóncos prestados fué agraciado con la medalla á la Victoria de la Rosa y promovido al Mayor Graduado, en 27 de Agosto de 1849. Hizo la campaña del Estado Oriental contra Oribe desde el 4 de Septiembre hasta el 3 de Diciembre de 1851, en que se retiró gravemente enfermo, siendo el 17 de Junio de ese año, promovido á efectividad de Mayor y destinado al 23º de Mayo de 1854, marchó á Montevideo, mandando el 3º Regimiento de Caballería de Línea, formando parte de la División del General Francisco Pinto (4,000 hombres), que á pedido del Gobierno Uruguayo fueron para garantir el orden público y de donde regresó el 19 de Diciembre de 1855 promovido á Teniente Coronel del mismo Regimiento.

Por esos servicios obtuvo el empleo de Coronel y la encomienda de la Orden de Rosa.

La Comandancia en Jefe del ejército de observación en el centro la designó para comandar la 1º Brigada de la 2º División de Caballería, dejando ese cargo en 6 de Junio de 1859, cuando fué disuelto el ejército, época en la que se retiró con su Regimiento á la guarnición de Alegrete.

La dedicación y el celo demostrado en el penoso servicio de frontera durante veinte años sin una falta, le valió ser nombrado *Caballero de la Orden de San Bento de Avis*.

Para la organización del ejército destinado á apoyar las reclamaciones diplomáticas del consejero José Antônio da Cunha cerca del Gobierno de Brasil, (Barroso) Barro e Aguirre, llegó con su Regimiento al Piray Grande en Junio de 1861, siendo este el primer cuerpo que ocupó el campamento. Organizado el ejército bajo el mando del General Barón de San Gabriel (3)

(1) En aquel tiempo los oficiales de milicias eran puestos en los Comandos Populares reservándose el poderoso la expedición de los respectivos designios hasta el cargo de capitán. Los oficiales superiores los nombraba directamente

(2) Juan P. Mina kurruce fallecido en la ciudad de San Gabriel en 9 de Febrero de 1857.



Sargento Mayor Benedicto Rivero

2º Batallón de la 2º División Buenos Aires

enaltecido por otros hechos que lo colocan en primera línea entre los combatientes de la gran guerra.

El 18 del mismo mes, el 2º Cuerpo de Ejército se cubría de gloria en los desfaldos de Caraguatay y el movimiento ejecutado por el Mariscal Victorino sobre el Río Manduvirá-Y dió por resultado el incendio de los últimos vapores de la Escuadra Paraguaya y la derrota el alboraje de Corrientes y los masacres de Matogrosso.⁽¹⁾

Destruidos los ejércitos del Mariscal López y urgido á los Aliados concluir la campaña con el aniquilamiento de los restos dispersos de ese poder militar que pretendió avasallar la América del Sud, hubo que modificar la organización de las fuerzas de acuerdo con la nueva faz de la lucha. Victorino Monteiro tuvo el mando de las fuerzas que operaban al Norte del Río Manduvirá.⁽²⁾

El Gobierno Brasileño premiando tantos y tan señalados servicios le confirió la encomienda de la *Orden de São Bento*.⁽³⁾

Terminada la larga y penosa lucha en las margenes del Aquidabán con la muerte del Mariscal López el 1º de Marzo de 1870, mereció Victoriano Monteiro los siguientes párrafos de la órden del día con que el Príncipe Conde d'Eu se despidió del Ejército... .

..... Sin embargo, si fuese ésta la oportunidad de glorificar el nombre que pertenece á los vencidos de Cerro-Corá, la mayor parte después de ellos debía corresponder, al Mariscal Victorino Monteiro Comandante de las fuerzas al Norte de Manduvirá á cuya celo por el servicio es incansable previsión han podido aquellas fuerzas desempeñar la ardúa tarea sin que ni un momento les faltase el alimento ni los medios indispensables de movilidad.

Retirado el Príncipe, tomó el mando de Gefe del Ejército por orden del Ministro de la Guerra, volviendo en seguida a Brasil á fin de reparar su salud nuevamente quebrantada en la última campaña.

Al llegar á Brasil, fué favorecido con el título de Baron de São Bento, en seguida nombrado Comandante de las armas en Pernambuco.

En Septiembre de 1870, fué nombrado *Gran dignatario de la Orden del Crucero* y agraciado con el fucro de Caballero Hidalgo de la Casa Imperial, distinción ésta del más elevado alcance social en el régimen que monárquico que entonces regia el país...

Murió en la Ciudad de Porto Alegre, en 27 de Octubre de 1877, este ilustre ciudadano que legó á la posteridad un nombre que sus contemporáneos recordarán siempre como símbolo de honor, de lealtad y de civismo.

J. Arthur Monteagro
Miembro d'4 Instituto.

Noviembre d' 1882

El nombre de Cerro-Corá fue vendido cuarenta días después de hecho, por el General Paiva, que hoy es el jefe del Estado Mayor del Ejército, y director del Ejército Argentino la serie de victorias de los Ejércitos Aliados. (N. de la Breveza.)

EL DOCTOR BARTOLOMÉ NOVARO

Teniente del Batallón 3 de linea

Al presentar á nuestros lectores el retrato del Dr. Bartolomé Novaro, las personas que sólo lo conocen de nombre, ó apenas lo conocen de vista, las que forman su clientela numerosa, sus discípulos, sus colegas y muchos de sus amigos se sorprenderán grandemente si les decimos que representa, treinta años después, el retrato de un valiente y pionero oficial del batallón 3 de linea. Era entonces un soldado correcto y sobrio, tan jovial y contento en el campamento como en las avanzadas más peligrosas considerada y querido por sus jefes, por los demás oficiales y sus soldados.

Los soldaderos de armas que le oían durante las marchas interminables reírse de su cansancio, del hambre, de la sed y de los peligros de todas clases que amenazaban la vida de nuestros soldados en la memorable campaña del Paraguay; los que sentados al rededor del fogón se pasaban las horas conversando con él, prendados sin duda de su inteligencia y de su educación universitaria; y los que en las batallas le veían tranquilo y sonriente, sin que al parecer ni siquiera le molestara el ruido de la artillería, la fusilería y el cañoneo, desprendiendo imprudentemente el repara del árbol cercano, del montón de tierra, ó de la carreta tumbada, tal vez pensaron que el subteniente del 3º podía ir muy lejos al frente de la mitad de su compañía entonces, y más tarde, con más galones en su kepi, al frente de la compañía e tera, del batallón, del regimiento, ó del ejército, pues sin duda llegaría á general el que de tal modo se distinguía en la vida del campamento, en las horas de instrucción de la tropa, y en esas otras horastan crueles del combate y la batalla.

Eso pronósticos no debían realizarse el joven oficial apenado llegó á temer, pues no siguió la carrera de las armas. Después de haber hecho flamear en el asalto de Coronel, la bandera de su batallón, que fue arrancada á balazos, volvió á Buenos Aires, pues la Universidad lo reclamaba.

Con que profundo sentimiento se separó de aquella enseña gloriosa del batallón 3º de linea, tan diezmado siempre después de las batallas.

Con que sentimiento colgó su espada, y se despojó de su uniforme, que tantas veces había sido salvado con el humo de la pólvora, quemada en tantos días históricos y tan gloriosos para la patria!

Estos sacrificios eran necesarios. Temía que continuar la carrera empezada con éxito antes de la guerra, y desplegar su actividad en las lides de la inteligencia. Creyó que con eso terminada su corta vida de triunfos, pocos no contaba con los que le esperaban en la Universidad.

Desde que el Dr. Novaro volvió á ella, é ingresó á la Facultad de Medicina, su vida es más conciencia; el notable estudiante llegó á ser un notable médico argentino. Las esperanzas que entonces se cifraron en él, nunca fueron defraudadas.



Capitán Ciríaco E. Fumínez
1º Batallón Ejército Buenos Aires

Entre esses obreiros da civilização americana desaparecidos no ocaso da vida se encontra o perfil histórico de Vitorino Monteiro, ligado aos principais sucessos da *grande guerra*.

O marechal de campo, Vitorino J. Monteiro, filho do major João Francisco Monteiro, nasceu em Pernambuco a 23 de setembro de 1816. Muito cedo cingiu seu corpo a casaca militar. Convulsionada sua província natal, abandonou os bancos da academia em 1832 para alistar-se nas fileiras da legalidade que se organizavam para bater os rebeldes entrincheirados na vila Panelas de Miranda, nos limites da província de Alagoas, sendo gravemente ferido em um encontro que manteve nas imediações de Jacuípe.

(...)

Para a organização do exército destinado a apoiar as reclamações diplomáticas do conselheiro José Antônio Saraiva, quanto ao governo oriental (Prudencio Berro y Aguirre), chegou com seu regimento ao Piraí Grande, em julho de 1864, sendo este o primeiro corpo que ocupou o acampamento. Organizado o exército sob o comando do general barão de São Gabriel, assumiu o da 1^a brigada de cavalaria e a vanguarda que invadiu a fronteira Uruguai, a 1º de dezembro, marchando sobre Paissandu, a cujo assalto e ocupação assistiu mandando a força da cavalaria brasileira que atacou por N. E. da praça, em combinação com as tropas orientais do general Venancio Flores.

Marchou com o exército brasileiro-oriental sobre a praça de Montevidéu, assistindo ao sítio dessa cidade até 20 de fevereiro de 1865, no qual se firmou a paz com os membros do partido blanco.

No comando da 2^a brigada, marchou ao campo de manobras de Concordia (Entre Rios) de onde se organizou aquele exército de cidadãos cujas glórias recordará sempre com orgulho a América do Sul.

Quando o exército marchando em direção ao Paraguai, chegou à Mercedes: o general Osório designou ao coronel Vitorino Monteiro para ir à Restauración, com o objetivo de assumir o comando das forças de infantaria e cavalaria que, depois da capitulação de Uruguaiana tinham que se reunir ao 1º corpo do exército, o que se realizou em 8 de dezembro, merecendo por esta operação que o legendário Osório dirigira as seguintes frases: “satisfeito do modo ativo, zeloso e inteligente pelo qual o coronel Vitorino Monteiro tem desempenhado a comissão que lhe foi confiada de reunir e conduzir a este exército os diferentes contingentes de forças que, por ordem do ministério da guerra, deviam vir de Uruguaiana: reconheço e aplaudo tão importante serviço”.

Em 6 de junho de 1866 assumiu o comando da 6^a divisão de infantaria, à frente da qual tantos lauréis conquistou para a pátria e para a Aliança, inaugurando esta comissão com a “Passagem do Paraná” e o combate de 2 de maio, no “Estero Belaco”, de onde poucos momentos depois da súbita aparição do inimigo em meio da espantosa carnificina que se seguiu, coube-lhe a honra de entrar em linha e restabelecer o combate, apoiando energicamente as forças de vanguarda. Em 22 de janeiro de 1866 foi promovido a general de brigada.

Em 20, encontrando-se com sua divisão no exército de vanguarda, sob as ordens do general Flores tomou parte no combate de Passo Cidra, chegando até Tuiuti frente das memoráveis linhas de Rojas.

Na grande batalha de 24 de maio lhe coube defender o centro apoiando ao 1º regimento de artilharia brasileira, que neste dia conquistou entre seus aliados o nome de *artilharia a revolver* e o general Flores que ali tinha o comando o abraçou ao final da batalha, prevendo os grandes destinos que lhe estavam reservados no decurso da luta.

Com sua aguerrida divisão tomou parte importante no sangrento combate do "Boqueron" ou "Sauce", a 18 de julho, sendo gravemente ferido por um fragmento de bomba no assalto à trincheira inimiga, o que lhe valeu ser nomeado "*Oficial da Ordem do Cruzeiro*", pelos serviços prestados naqueles momentos da guerra.

Se retirou para o Rio Grande do Sul a 30 de julho, com objetivo de curar, no seio de sua família, a gloriosa ferida recebida no Boqueron de Piris.

O general Osório, quando organizava na fronteira do Rio Grande o 3º corpo do exército, convidou-lhe a ajudar nessa organização, entregando-lhe o comando da 1ª divisão de cavalaria, à frente da qual passou o Paraná e se reuniu aos aliados em Tuiuti.

À frente da 5ª divisão de cavalaria combateu, em 21 de outubro, em Yataytá o flanco direito do grande quadrilátero paraguaio, onde a cavalaria paraguaia

recebeu o último golpe, sendo por esse fato nomeado “*Grão dignitário da Ordem da Rosa*”.

Em 11 de novembro de 1868, foi promovido a marechal de campo e a 17 assumiu o comando do 1º corpo do exército, acampado em Tayi.

O clima insalubre do Paraguai minava o privilegiado organismo do herói pernambucano e, a 16 de agosto, abandonou Nembucó, retirando-se para o Brasil a fim de recuperar a saúde perdida.

Em 20 de fevereiro de 1869 foi-lhe conferida a medalha do mérito militar, em recompensa dos atos de valor realizados nessa campanha.

Restabelecido da febre palúdica que o atacara, regressou ao teatro da guerra, apresentando-se ao príncipe conde D'Eu, comandante em chefe dos exércitos aliados, em Pirayú, em julho de 1869, sendo designado para o cargo de chefe do estado maior do 1º corpo que iniciava a gloriosa *campanha da Cordilheira*.

Gravemente enfermo, o marechal Polidoro Jordan, coube ao marechal Vitorino o comando interino do 2º corpo, a 7 de agosto e a 19 de setembro, o príncipe lhe dava o comando efetivo com a seguinte ordem do dia.

“A nomeação do Exmo. Sr. marechal Vitorino Monteiro para comandante efetivo do 2º corpo do exército ocorreu atendendo à distinção e energia com que S. Ex. tem guiado esse corpo do exército desde 7 de agosto, entre fadigas e privações, com notável proveito para a causa que defendemos”.

Coube-lhe a honra de atacar o centro dos entrincheiramentos que circundavam a praça de Peribebuy, tomada de assalto pelos aliados em 12 de agosto, cortando em seguida a retirada dos defensores da praça, que tratavam de escapar pelo caminho de Ñu-Guazú.

A batalha de Campo Grande, iniciada por sua vanguarda (divisão Corrêa da Câmara) confirmou neste soldado o foro de experiente capitão e, a 16 de agosto, caiu vinculado ao seu nome já enaltecido por outros feitos que o colocam na primeira linha entre os combatentes da grande guerra.

Em 18 do mesmo mês, o 2º corpo do exército se cobria de glória nos desfiladeiros de Caraguatay e o movimento executado pelo marechal Vitorino sobre o Rio Manduvirá-Yú, deu por resultado o incêndio dos últimos vapores da esquadra paraguaia, vingando assim ao ultraje de Corrientes e os massacres de Mato Grosso⁴⁴.

Destruídos os exércitos do marechal Lopez e urgindo aos aliados concluir a campanha com o aniquilamento dos restos dispersos desse poder militar que pretendeu avassalar a América do Sul, teve de modificar a organização das forças, de acordo com a nova fase da luta. Vitorino Monteiro teve o comando das forças que operavam ao norte do Rio Manduvirá.

⁴⁴ O ultraje de Corrientes foi vingado quarenta dias após o fato, pelo general Paunero com a tomada de Corrientes, iniciando com uma divisão de exército argentino a série de vitórias dos exércitos aliados (N. da Direção).

O governo brasileiro, premiando tantos e tão assinados serviços lhe conferiu a comenda da *Ordem de São Benito de Avis*.

Terminada a longa e penosa luta nas margens do Aquidabã, com a morte do marechal Lopez, em 1º de março de 1870, mereceu Vitorino Monteiro os seguintes parágrafos da ordem do dia com que o príncipe conde D'Eu, se despediu do exército.

“... Sem embargo, se fosse lícito repartir com outros a glória que pertence aos vencedores de Cerro Corá, a maior parte após eles deveria corresponder ao marechal Vitorino Monteiro, comandante das forças ao norte do Manduvirá, cujo zelo pelo serviço e incansável previsão, puderam aquelas forças desempenhar a árdua tarefa, sem que nem um momento lhes faltasse o alimento nem os meios indispensáveis de mobilidade.”

Afastado o príncipe, tomou o comando em chefe do exército por ordem do ministro da guerra, voltando em seguida ao Brasil, a fim de reparar sua saúde novamente alquebrada na última campanha.

Ao chegar ao Brasil, foi favorecido com o título de barão de São Borja e, em seguida, nomeado comandante das armas em Pernambuco.

Em setembro de 1870 foi nomeado *Grão dignitário da Ordem do Cruzeiro* e agraciado com o foro de *Cavaleiro fidalgo da casa imperial*, distinção esta do mais elevado alcance social no regime monárquico, que então regia o país.

Morreu na cidade de Porto Alegre, a 27 de outubro de 1877, este ilustre cidadão que legou à posteridade um nome que seus contemporâneos recordarão sempre como símbolo de honra, de lealdade e de civismo.

J. Arthur Montenegro
Membro do Instituto

Novembro de 1895.



Embora o artigo “O major Bento Luiz Gama” não chegasse a constituir um texto de cunho biográfico tradicional na feitura de Arthur Montenegro, arrolando alguns “feitos” do biografado, normalmente ao longo de sua vida, não deixava de possuir tal inspiração, no caso abordando um episódio específico da ação do militar. A essência narrativa era a de abrir brevíssima lacuna nas descrições das cruezas da guerra, mostrando que, mesmo no ambiente bélico, poderia surgir espaço para o inusitado, de modo que o texto contava uma historieta, beirando o anedótico, sem deixar de confirmar que, mesmo que consistisse um ato pouquíssimo usual, não deixava de ser uma prova de “coragem” e até uma verdadeira “façanha”. Originalmente publicado no *Almanaque popular brasileiro*⁴⁵, como uma parcela inédita do projetado *Fragmentos históricos*, logo

⁴⁵ MONTENEGRO, José Arthur. O major Bento Luiz da Gama. In: *Almanaque popular brasileiro para o ano de 1900*. Pelotas: Livraria Universal, 1899. p. 187-189.

no ano seguinte, viria a confirmação, com a sua inclusão no corpo do livro *Fragments históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*⁴⁶.

◊◊◊◊◊

O MAJOR BENTO LUIZ GAMA⁴⁷

[Na abertura do texto, Montenegro fazia referência aos trabalhos para a montagem de um canhão e a uma pausa na guerra por ocasião da semana santa, em “tácito e mútuo consenso”, tendo em vista a religiosidade dos “quatro povos beligerantes”. Em seguida passava a descrever um combate em meio ao qual...]

Repentinamente, o major fiscal, Bento Luiz da Gama, destacando-se do grupo, disse aos companheiros:

– *Cada um fala de sua amada! Eu também tenho saudade de minha Eulina, e é ao som das granadas que vou dar expansão ao meu estro...*

E a despeito da oposição dos companheiros e até da ameaça do comandante, tenente-coronel Joaquim Cavalcante de Albuquerque, sentou-se na crista da trincheira, de costas para as baterias paraguaias – *que nos mandavam uma bomba de dois em dois minutos*, e nessa arriscadíssima posição, onde qualquer outro não tinha coragem para se *equilibrar*, escreveu as seguintes

⁴⁶ MONTENEGRO, José Arthur. *Fragments históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900. p. 20-23.

⁴⁷ MONTENEGRO, José Arthur. *Fragments históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900. p. 20-23.

quadrinhas, verdadeiro improviso, inspirado pelo eco de trezentas bocas de fogo ao som do hino da pátria:

Vagando, Eulina, por um solo inimigo,
Sem que contigo possa amor fruir;
Os diasvê-lo, às noites eu deliro,
E nesse giro só me apraz carpir.

Quando da noite se desdobra o manto,
Eu sofro tanto, como ninguém sofreu;
Volvo à barraca, e no chão deitado
Eis-me prostrado, sem chegar Morfeu...

Assim sofrendo, vão passando as horas
Té que a desoras me torno febril...
Visões fantásticas, tudo se me afigura
Ser criatura desgraçada e vil...

Brada a corneta, o alarma é dado,
Já levantando no meu posto estou.
Grito ao sargento: – *Forma essa gente!*
E assim dormente revesti-los vou.

Suspender armas! mando em delírio
– É um martírio, mas o que fazer?
Marcha em dobrado! grito *Alto frente!*
E ouço estridente o tambor bater...

Maldirei a hora em que, esquecendo amor,

Anjo de dor, me tornei soldado,
Deixando beijos e carícias mil
Por soldo vil, tão amargurado!

Ao critério do leitor deixo julgar o sangue frio do major Gama, que conseguiu fazer no meio da metralha, *sentindo* o esvoaçar sinistro da morte – o que eu não seria capaz de produzir no remanso de meu gabinete⁴⁸.

Têm graves erros de metrificação essas quadrinhas, não há dúvida, mas o pensamento é claro e demonstra perfeitamente a *normalidade da circulação* no momento em que o seu autor traçava aquelas estrofes à sua amada.

Em minha opinião, o major Gama provou ser mau poeta *debaixo de fogo*, mas ser de uma temeridade pouco comum.

Por muito menos Argereau ganhou em Arcole o bastão de marechal de França e o *sargento* Junot, no cerco de Toulon, deu o primeiro passo para cingir-se com a coroa do Ducado de Abrantes.

Um, mercê de sua força hercúlea, teve a honra de agarrar Bonaparte pela gola e arrancá-lo do pântano em que se ia afogando; o outro *agradeceu* a uma bala a areia que atirou sobre o papel em que acabara de escrever: fatos trivialíssimos entre nós, mas que a França decanta em todos os tons...

⁴⁸ Disse-me um amigo “entendido” que essa poesia era uma paródia de não sei que produção de um dos nossos grandes poetas.

Paródia ou não, o major Gama a escreveu na crista da trincheira, como me afirmaram diversas testemunhas.

Se o nosso major pertencesse a qualquer outro exército europeu, a sua façanha estaria até hoje ignorada?...



Alfredo d'Escragnolle Taunay, que participou da Guerra do Paraguai e teve uma ativa vida literária, fazia parte da rede de relações de Montenegro, trocando com ele vasta correspondência. Por ocasião de sua morte, um esboço de sua biografia foi traçado por Arthur Montenegro, vindo a publicá-lo na *Revista da Academia Cearense*⁴⁹. O elogio fúnebre chamado “Visconde de Taunay” foi apresentado pelo autor como um “escorço biográfico” que não se resumiria aquele texto, tanto que, ao final, anunciava que haveria uma continuidade, a qual não chegou a se confirmar.



VISCONDE DE TAUNAY

Mais um que cai ferido pelo dardo implacável da morte!

E essa geração que escreveu a epopeia gloriosa do Paraguai – este feito inimitável de constância e valor, abnegação e bravura, de lealdade e de heroísmo – vai desaparecendo do cenário da vida com incrível celeridade, deixando vácuo bem profundo, bem difícil de preencher.

⁴⁹ MONTENEGRO, José Arthur. Visconde de Taunay. In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1899, t. 4, p. 123-134. – nos trechos transcritos foram suprimidas as notas de rodapé –.

Foi uma geração de espartanos, foi uma plêiade de homens esforçados, que o mundo dificilmente contempla no lento perpassar dos séculos.

As armas brasileiras não despem há muito o crepe que envolve as suas bandeiras. Quando o tempo parece amortecer a emoção causada pela queda de um herói, outro herói sucumbe, em meio da consternação do povo – que assiste, angustiado, compungido, o lento e fúnebre desfilar para a eternidade dessas invencíveis legiões que burilam a mais brilhante página de sua história.

Cento e vinte veteranos restam apenas nas fileiras do exército permanente!

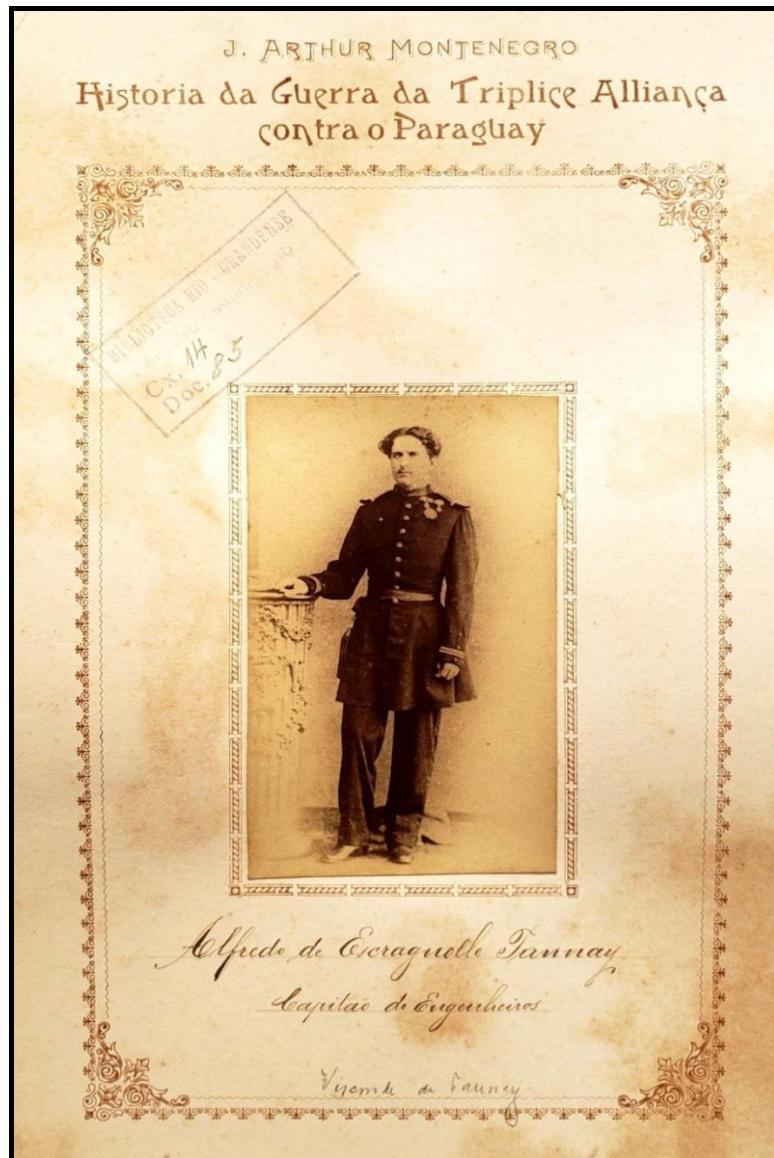
Bem poucos restam ainda dessa incomparável milícia que se chamou *Voluntários da Pátria* – quando a pátria estava em perigo!...

Triste, bem triste esse fúnebre desfilar para a eternidade!

– I –

Alfredo d'Escragnolle Taunay – filho do barão Felix Emílio Taunay e de D. Gabriela d'Escragnolle Taunay – nasceu no Rio de Janeiro a 22 de fevereiro de 1843 e faleceu em Petrópolis a 25 de janeiro de 1899.

Terá razão Píndaro quando afirma que: “*felizes são os que morrem moços, porque sempre serão lembrados?*”.



– retrato de Taunay colecionado no Arquivo Montenegro –

VISCONDE DE TAUNAY^(*)

(ESCORÇO BIOGRAPHICO)

Mais um que cæ ferido pelo dardo implacavel da morte !

E essa geração que escreveu a epopéa gloriosa do Paraguay—esse feito inimitável de constância e valor, abnegação e bravura, de lealdade e heroísmo—vae desapparecendo do scenario da vida com incrivel celeridade, deixando vacuo bem profundo, bem difícil de preencher.

Foi uma geração de spartanos, foi uma pleiade de homens esforçados, que o mundo difficilmente contempla no lento prepassar dos séculos.

As armas brasileiras não despem ha muito o crepe que envolve as suas bandeiras. Quando o tempo parece amortecer a emoção causada pela queda de um heróe, outro herói succumbe, em meio da consternação do povo —que assiste, angustiado, compungido, o lento e funebre desfilar para a eternidade dessas invenciveis legiões que burilaram a mais brilhante pagina de sua historia.

Cento e vinte veteranos restam apenas nas fileiras do exercito permanente !

Bem poucos restam ainda dessa incomparavel milicia

(*) O Visconde de Taunay fazia parte da Academia Cearense, tendo sido reconhecido seu socio correspondente em sessão de 7 de Junho de 1898.

— página da *Revista da Academia Cearense* —

Acceito o alvitre, nossos oito nomes—tantos eram os ajudantes da comissão-escriptos em quadrinhos de papel, igual e cuidadosamente dobrados, cahiram no fundo de um chapéo.

Quem do bojo da improvisada urna tirou com solemnidade dois dos papeisinhos foi Chichorro da Gama—um infeliz camarada cujo corpo deviamos, poucos meses depois, entregar á terra.

Com explicavel anciadade abri-o e.... li um nome.

Era o meu.

Occasiões solemnas já tem tido minha vida. Uma delas foi essa.

Num instante, rapido como o pensamento, vi que o meu destino ia depender do companheiro que me reservava o outro mysterioso canto do papel.

Si energico e pratico, estavamos salvos: si menos bem dotado, ambos não dariamos conta da mão, succumbindo, talvez, antes de concluido o temeroso comprometimento.

O nome que annunciei, mais animado logo, foi alem da minha expectação—Pereira do Lago.

Lago—isto é, a prudencia, a força, a reflexão, o sentimento apurado do dever.—Lago—a personificação do bom senso, mas ao mesmo tempo a tenacidade levada ao extremo da teima.

Alto, gordo, então simples capitão, mas com proporções para ser general, tem elle physionomia franca e sympathica. Possue intelligencia, illustração e sobretudo consciencia. Recto e leal, é amigo ás deveras, mas também inimigo decidido.

—Então somos nós, disse Lago com aspecto risonho, pois bem, amanhã me occuparei dos mantimentos e você irá entender-se com o coronel commandante.

J. ARTHUR MONTENEGRO.

(Continúa)

- página da *Revista da Academia Cearense* -

Tem razão o grande poeta, mas os gênios deviam viver muito, para guiar as gerações através dos estádios do progresso e da perfectibilidade humana, arrastando-as com essa centelha divina que é o apanágio do talento e o crisol do saber.

Taunay foi feliz, muito feliz, *jamais será esquecido*: – foi um meteoro que brilhou intenso em curta órbita e desapareceu para sempre na misteriosa escuridão da eternidade, deixando de sua esteira luminosa, através da vida, essa impressão profunda, indizível, que ofusca a retina quando passa célere o raio das tempestades.

(...)

*

* * *

[Montenegro passava a descrever minuciosamente dados genealógicos de Taunay.]

Era, pois, um grupo notável de artistas célebres e de guerreiros afamados, o dos Escragnolles e dos Taunay.

E mais uma vez confirmam-se nessa família as teorias biológicas de Lamarck e Darwin, porque à semelhança dos Saussure, dos Bach e dos Bernoinville, Alfredo Taunay, por atavismo e hereditariedade, foi um guerreiro e um artista, digno de seus antepassados, cujas obras o atiram para cima das multidões, gravado como está o seu nome nesse monumento mais duradouro que

o mármore e o bronze – o livro – que impávido atravessa os séculos, zombando das garras destruidoras do tempo.

Criança ainda, mostrou extraordinária vocação para o estudo e pouco comum capacidade intelectual, que seus pais aproveitaram com solícito cuidado para guiá-lo em seus primeiros voos.

(...)

[Prosseguiam informações diversas sobre a formação educacional do visconde de Taunay.]

*
* * *

Cursava as aulas da escola militar quando rebentou a Guerra com o Paraguai.

O governo teve de encerrar os estabelecimentos militares do curso superior, porque necessitava do concurso de todos os brasileiros para enfrentar a temerosa invasão do território nacional.

Mato Grosso e Rio Grande do Sul, invadidos por exércitos poderosos, viam talados os seus campos, saqueadas as suas cidades, incendiadas as suas vilas, massacrada a sua população em incrível selvageria; reviviam no solo americano as cenas canibais da Europa medieval!

Solano Lopez pronunciava contra o Brasil a célebre sentença de Brenus – *Vae victis*, atirando suas adestradas legiões contra inermes povoações que arrasavam a ferro e fogo.

O Brasil estava desarmado: não tinha exército, não tinha esquadra, não tinha armamento nos depósitos ,não tinha dinheiro nas arcas do tesouro, mas havia patriotismo, havia crédito, havia fé e energia nos que manobravam o leme... era quanto bastava para meter o navio em capa e afrontar a tempestade...

No sul, os rio-grandenses mais uma vez confirmavam as suas gloriosas tradições de povo eminentemente guerreiro e vanguardeiros do Brasil: passada a primeira surpresa, reagiram e o povo em massa levantou-se para vingar a afronta paraguaia.

Cem dias depois de atacada a província, estava esmagado, vencido o poderoso exército que a invadira: – *nem um só paraguaio* escapou à vindita do povo, que viu desfilar prisioneira essa famosa divisão que, ao encerrar-se nos muros de Uruguaiana, dizia pela boca de seu chefe:

“... como soldado devo responder a V. Exas. quando enumerem as forças que comandam e as peças de artilharia de que dispõem: – *tanto melhor, o fumo da artilharia nos fará sombra.*”

(...)

[Recobrado o Rio Grande do Sul, Montenegro passava a discorrer sobre a recuperação do Mato Grosso, igualmente invadido pelos paraguaios, destacando as operações realizadas, das quais participou Alfredo d'Escragnolle Taunay.]

Os serviços extraordinários do visconde de Taunay começam no momento em que o comando em chefe inicia as providências para levar a coluna de Coxim a Miranda, através da região pantanosa que circunda a cordilheira de Maracaju.

Deixemos o próprio herói contar esses serviços com o singelo colorido de seu estilo inimitável. [passando a citar manifestação de Taunay acerca das dificuldades enfrentadas na execução da missão.]

J. ARTHUR MONTENEGRO

(Continua)

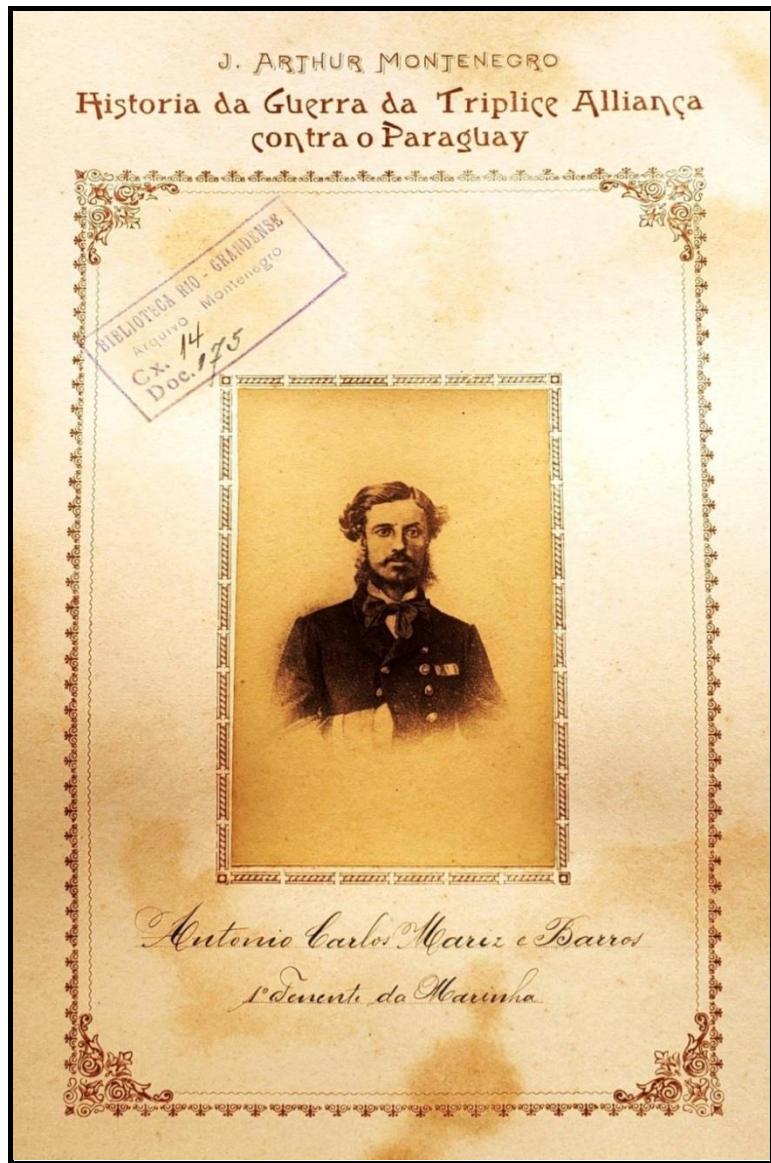
00000

O militar da armada brasileira que pereceu no teatro de operações da Guerra do Paraguai, Antônio Carlos de Mariz e Barros foi também biografado por Arthur Montenegro, nas páginas do livro *Fragments históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*⁵⁰. A primeira parte do texto reproduzia com ligeiros retoques o artigo “Audácia e valor”, publicado no *Almanaque administrativo, estatístico, mercantil, industrial e literário do Estado do Ceará para o ano de 1898*⁵¹, abordando uma expedição da marinha brasileira na busca de navios negreiros, comandada por Mariz e Barros. Em seguida, o autor passava a narrar a participação do militar na Guerra da Tríplice Aliança.

00000

⁵⁰ MONTENEGRO, José Arthur. *Fragments históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900. p. 24-28.

⁵¹ MONTENEGRO, José Arthur. Audácia e valor. In: *Almanaque administrativo, estatístico, mercantil, industrial e literário do Estado do Ceará para o ano de 1898*. Fortaleza: Tipografia Universal, 1898. p. 137-139. Ver o número 20 desta Coleção.



– retrato de Mariz e Barros colecionado no Arquivo Montenegro –

O TENENTE MARIZ E BARROS

(...) Sete anos depois, Antônio Carlos Mariz e Barros, honrando o nome glorioso que usava, recebia a sagrada de herói na luta travada entre o Brasil e o Paraguai.

Comandando o couraçado *Tamandaré*, o primeiro barco desse gênero construído na América Latina, assinalou-se entre os mais ousados, desde que a esquadra brasileira enfrentou as fortificações paraguaias, que seu pai, o benemérito almirante visconde de Inhaúma, teve a glória de arrasar em três anos de combates diários.

Nos vapores argentinos *Cachabuco* e *Buenos Aires*, comboiados pela canhoneira *Henrique Martins*, seguiram em exploração. Paraná acima, os generais Osório, Mitre e Flores, para escolher o local onde devia desembarcar o exército aliado na costa paraguaia.

O forte Itapirú, auxiliado por uma chata, rompeu vivo fogo contra o couraçado *Tamandaré*, que, avançando das Três Bocas, tomara posição a uma milha da fortaleza para proteger a passagem da esquadilha exploradora.

Às 3 horas da tarde o navio almirante fez sinal de retirada, e no momento em que o *Tamandaré* tocava atrás para ganhar o canal, por não poder dar volta no lugar onde estava, uma bala de 68, acertando na *cortina de correntes* que protegia uma portinhola, penetrou na casamata, fazendo horrível destroço...

Trinta e quatro pessoas, entre oficiais e praças, foram vitimadas pelo projétil e pelos elos da corrente que voaram em todas as direções.

Mortos, horrivelmente mutilados, ficaram logo o imediato do navio, 1º tenente Vassimon, o comissário Accioly, o escrivão Alpoim e dez imperiais marinheiros.

Mortalmente feridos caíram: o comandante Mariz e Barros, o 1º tenente Silveira e quatro navais.

Feridos, entre outros, o 2º tenente Victor Delamare e Dionísio Manhães Barreto. Este último, assumindo o comando, apesar de ferido, levou o couraçado até o ancoradouro da esquadra nas Três Bocas.

“... Se algum Miguel Ângelo do nosso século quiser pintar o quadro mais sangrento e heroico de uma cena de guerra, converta à sua tela na casamata de proa do *Tamandaré*, e atire aqui e ali, em diversos planos – braços, pernas, cabeças esmigalhadas, corpos fraturados e vermelho de sangue que lhes jorra das feridas e alaga o soalho e salpique as paredes de destroços sangrentos de carne e miolos. No segundo plano estenda o corpo do bravo Vassimon, o do comissário Accioly, o do escrivão Alpoim, completamente desfigurados. E, com as tintas mais vivas de Rafael ou Rubens, coloque no primeiro plano, de um lado o 1º tenente José Ignácio da Silveira, sem um braço e sem uma perna arrancada pelo quadril, com a fisionomia calma e serena, parecendo nada sofrer, apertando a mão do visconde de Tamandaré e narrando-lhe todo o trágico acontecimento, e, logo após, morrendo, abraçado com a imagem do Senhor Crucificado, expirando-lhe nos lábios um – *adeus!* De outro lado, o 1º tenente Mariz e Barros, com uma perna partida e apenas pendurada pelos tendões, e que ele arranca como se descalçasse uma bota rindo, com esse rir do atleta que tem em menosprezo a vida,

e a olhar para o conselheiro Otaviano e para o almirante que, compungidos pela vista deste quadro tão aflitivo, estão ao mesmo tempo assombrados do estoico heroísmo desses bravos que não se deixam suplantar nem pela ideia da morte."

.....

No dia seguinte, 28 de março de 1866, expirava no hospital de sangue de Corrientes o jovem e heroico marinheiro.

Tiveram de amputar a perna dilacerada; ofereceram-lhe clorofórmio; recusou:

Prefiro um charuto; deem-me-no aceso e cortem...

E fumou tranquilamente durante a dolorosa operação!

À meia noite sentiu aproximar-se o momento supremo: beijou o retrato da esposa, recordou os filhinhos e, por último, disse ao Dr. Carlos Frederico:

Mande dizer a meu pai que eu soube sempre honrar o seu nome.

E finou-se o herói!

◆◆◆◆

Em oposição ao intento de heroicizar os personagens brasileiros que participaram na Guerra do Paraguai, José Arthur Montenegro colaborou com o projeto nacional da época do conflito voltado a buscar demonstrar que a luta não era contra o povo paraguaio e sim contra seu líder. De acordo com tal concepção, Solano Lopez tornava-se a encarnação do inimigo, estendendo-se a mesma

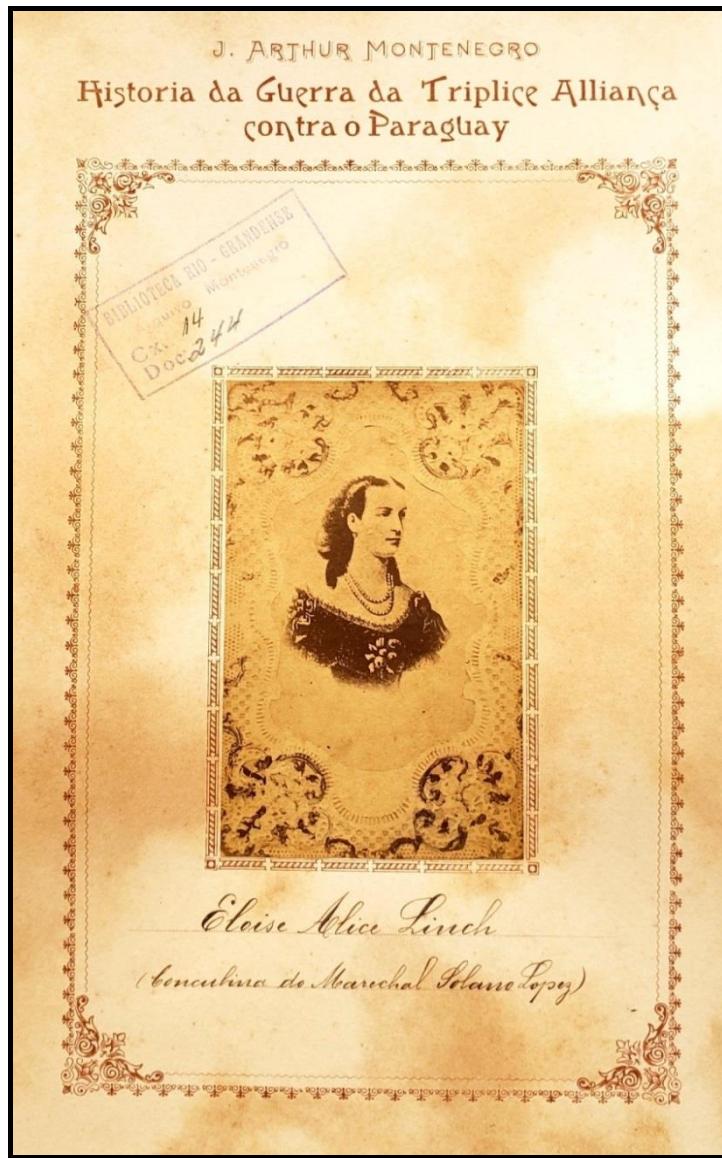
apreciação a alguns daqueles que o cercavam. Nesse sentido, a esposa do líder guarani, Elisa Linch esteve na linha de frente como alvo de ataques e, Montenegro seguiu à risca tal premissa, não poupando adjetivações negativas e pejorativas para a britânica. O texto “Elisa Linch”, publicado no livro *Fragments históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*⁵², foi primoroso em desqualificativos atribuídos direta ou indiretamente à personagem, imputando-lhe práticas como a infidelidade, a devassidão, a desvirtuação, a deslealdade e a ambição desmedida.

ELISA LINCH

Nefasta a influência exercida no ânimo do marechal Solano Lopez pela célebre aventureira Eloise Alice Linch. Aos planos tenebrosos dessa mulher extraordinária, dessa hiena engastada num corpo de anjo, se atribui, com razão, a maior soma de crueldades praticadas contra o povo, que vivia escravizado sob o férreo guante do mais atroz despotismo que se conhece na história americana, tão fértil, aliás, em tiranias políticas.

Francia, Lopez I, Rosas e Oribe foram, comparativamente, mais humanos, praticaram menos crimes, fizeram correr menos sangue em tantos anos de absoluto domínio, que Solano Lopez, durante o curto período da guerra que sustentou contra a Tríplice Aliança.

⁵² MONTENEGRO, José Arthur. *Fragments históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900. p. 72-77.



– retrato de Elisa Linch, apontada como “concubina”, colecionado no Arquivo Montenegro –

Essa mulher, reverenciada durante o seu fastígio, acatada e cortejada como a mais poderosa rainha, era, naturalmente, odiada por todas as classes sociais, e um grito uníssono de vingança irrompeu de todo povo no dia em que baqueou o tirano nas margens memoráveis de Aquidabã.

*
* * *

Elisa Linch, parte integrante do singular governo que afinal extinguiu-se envolto com a maldição de quatro povos, foi aprisionada em Cerro Corá como *indivíduo perigoso* às novas instituições plantadas na República, que cumpria expelir do país a todo custo, a despeito mesmo das interpretações desfavoráveis que se fizesse no estrangeiro sobre esse ato violento, aparentemente contrário ao sagrado direito de locomoção.

Chegando à Assunção nos primeiros dias de abril de 1870, as autoridades brasileiras recolheram-na a bordo do transporte de guerra *Princesa de Joinville*, para evitar provável desacato por parte desse povo em que cada indivíduo tinha uma vingança a tirar.

A princípio era tratada friamente e com certo desprezo pela oficialidade do navio, que compartilhava da prevenção e animosidade que existia contra a terrível aventureira, cuja vida cheia de crimes e infâmias despertava o mesmo sentimento de asco e horror que inspira a presença de venenosa serpente...

A astuciosa inglesa, porém, revestindo-se do papel sempre simpático de perseguida vítima do destino, fingindo admiravelmente a resignação que na desgraça é o apanágio das almas nobres, pondo em ação todos os requintes da arte eminentemente feminina da dissimulação, com maneiras afáveis e insinuantes, soube em breve dispor os ânimos nas reuniões da câmara dos oficiais, na praça de armas.

O conselheiro Paranhos, astuto como todo político, que previa o partido que podia tirar de tal mulher para aprofundar a política tenebrosa de Lopez, naquele tempo quase ignorada, lisonjeava-a, vindo diariamente visitá-la a bordo, tratando-a com particular consideração e carinho. À custa de muito trabalho e *diplomacia*, deixando entrever a possibilidade de vir ela residir no Rio de Janeiro, gozando os *favores* de altos personagens, conseguiu arrancar da manhosa prisioneira revelações de alta importância para esclarecimento de *certos atos* das potências neutras em relação à guerra que acabava de findar⁵³.

⁵³ O *The Standart*, periódico inglês que se publicava em Buenos Aires, disse o seguinte:
"... Dizem que Miss Lopez entretêm amiudada correspondência com Lord Palmerston, 'o lorde cupido de outros tempos'... que é um dos mais furibundos amantes do 'sexo' que tem aparecido neste mundo. Não há muito, apesar dos seus 80 anos, introduziu ele a desordem num casal!... Mas Lopez nesse caso fazia 'vista grossa', certo de que à tão grande distância só pode haver uma união mística..."

Sabe-se ao certo que Miss Lopez e Lord Palmerston não se falam senão em política e isto é ainda uma prova de amor que a interessante inglesa dá ao seu presidencial amante.

Daqui vem que com todo fundamento se atribui a 'Lord Cupido' uma parte ativa na declaração de guerra ao Brasil...

A Inglaterra jamais esquece o que considera a 'injúria'; a vitória moral alcançada pelo Brasil na Questão Christie, foi uma 'injúria' infligida ao orgulho inglês. Era preciso tirar desforra. Qual e

Excessivamente vaidosa, a inglesa se julgou então personagem de alto valor moral ante as considerações de que era alvo por parte do mais poderoso dos representantes da Tríplice Aliança, pouco a pouco foi se animando a tirar a máscara e, afinal, insolente e orgulhosa, mostrou-se tal qual era e o profundo despeito que a dominava...

Soberana, gozara a embriagadora sensação da culminações sociais; depois, sorte adversa confundiu-lhe o orgulho no pó da igualdade; ontem o capitólio, hoje a rocha tarpeia⁵⁴...

*
* * *

como será?... disse o poderoso ministro: – Uma luta com o Paraguai; posso auxiliá-lo às ocultas e vingo-me... Muito bem, depressa uma carta à Miss Lopez.
Eis aí como a nova Helena acende o facho da guerra entre os Estados!...
Em que mãos estão os destinos dos impérios!..."

⁵⁴ *La Situacion* – jornal diário de Assunção, em seu número de 23 de setembro de 1870, traz o seguinte epígrama:

No hace um año todavía
que era impossible pedir
uma mirada siquiera
á la hermosísima Linch...

Por treinta pesos hoi em dia
– graças aol fecundo Orion –
si puede gozar com ella
a toda satisfacion...

Certo dia, reunida no tombadilho a oficialidade do *Princesa de Joinville*, conversavam sobre a marcha que levara a guerra a imensas desgraças que pesavam sobre o povo paraguaio, comentando-se a série de circunstâncias desaproveitadas pelo marechal Lopez, que vieram pesar na balança político-militar para a vitória completa alcançada pela Tríplice Aliança.

A Linch emitiu sua opinião:

“S. Ex. O Sr. Presidente (*sempre assim tratava o ex-amante*) teria mudado a face da guerra a seu favor após a passagem de Humaitá, se, como devia, tomasse o meu conselho”.

Como? perguntaram em coro os oficiais.

“Muito simplesmente: comprando o Delfim, cuja probidade nos era conhecida... Três a quatro mil onças de ouro e a fuga garantida chegaria... e assim S. Ex. o Sr. Presidente teria os encouraçados precisos para destruir a esquadra brasileira...”

O capitão-tenente Eduardo Wandenkolk, indignado, repeliu em termos ásperos semelhante arrojo e tão amargas verdades lançou ao rosto da audaciosa inglesa que a obrigou a retirar-se chorando... talvez as primeiras lágrimas que rolassem pelas faces impudicas da ex-soberana do Paraguai.

*
* * *

Formosa, inteligente, perfeitamente educada, a Elisa Linch.

Casara com um jovem oficial de um regimento francês e com ele seguira para a Argélia⁵⁵.

Meses depois entretinha relações amorosas com o coronel do mesmo regimento; mas tendo este contraído matrimônio com uma filha do governador da colônia, a Linch entregou-se a um russo que desfrutava imensa fortuna viajando pelo mundo e ao acaso devia achar-se no cálido clima argelino.

Destacado o marido para fora do lugar onde tinha quartel o regimento, passou ela a viver publicamente com o amante, até que, voltando o esposo e encontrando-a em escandaloso adultério, propôs ação de divórcio, separando-se dela para sempre.

O russo em breve deixou-a também...

Passando à Inglaterra, entregou-se a um opulento lorde, com quem viajou por toda Europa, até que foi pelo mesmo abandonada em Paris, em castigo de algumas falcatruas que praticara durante a viagem de *recreio*...

⁵⁵ É essa a versão mais corrente entre nós sobre o passado de Elisa Linch (Vid. Leite Castro – *Dic. Hist. – Geogr. das Campanhas do Uruguai e Paraguai*).

Entretanto em um curiosíssimo folheto que, entre outras obras de grande valor histórico, acaba de me oferecer o ilustre Dr. Itiberê da Cunha, nosso ministro em Assunção, lê-se à p. 19:

“... Y que Madama Linch era casada no cabe dudarlo desde que ella misma lo confiesa em 16 de Noviembre de 1875, al declarar, bajo su firma, que em 3 de Junio de 1850 se casó en Inglaterra, a la edad de 15 años, com Mr. Quatrefages...”

O folheto em que se lê tão interessante revelação tem o seguinte título, que bem mostra os assaltos que sofreu a Fazenda Pública do Paraguai por parte dos “herdeiros” de seu tirano:

“Reclamacion temeraria / Las pretendidas 3.105 léguas / de sus subrogantes / consideradas ante la Razon u el derecho/ etc. – Assuncion. Typ. De La Nacion. 1888 – in 4º de 35 p. en 2 cols.

Em 1862 vivia em Paris.

Solano Lopez viu-a pela primeira vez no Campo de Marte (funesto presságio) quando assistia a uma revista passada pelo imperador Napoleão III.

Oito dias depois era sua amante, passando em seguida para o Paraguai.

Habitando luxuoso palácio em Assunção, era visitada por tudo que havia de mais seletos na sociedade paraguaia que lhe tributava homenagens próprias de uma soberana.

*
* * *

Um antecedente curioso, que talvez explique a consideração que mereceu do ministro brasileiro, quando prisioneira...

Em março de 1869, o conselheiro Paranhos foi residir no palácio do marechal Lopez, na capital paraguaia, então ocupada pelas tropas brasileiras.

Por acaso encontrou ele sobre uma secretária riquíssimo tímpano que o criado informou ser o que usara a Linch em sua alcova.

Paranhos colocou-o em seu gabinete de trabalho para com ele chamar os fâmulos a seu serviço.

Naturalmente alguns desses criados, que dias depois fugaram para o acampamento do ditador, informaram do ocorrido, e a inglesa, coquete como sempre, achou naquele acaso uma grande honra e quis pagar fineza com fineza.

Entre os despojos roubados em Mato Grosso pelo general Vicente Barrios, veio um retrato do conselheiro Paranhos – litografado no Imperial Instituto Artístico do Rio de Janeiro para a *Galeria de Homens Ilustres*, uma das obras bem importantes que se tem publicado no Brasil.

Linch tratou de obtê-lo a todo custo e o colocou em seu quarto de dormir na magnífica quinta de Patino-Cué, onde foi mais tarde encontrado pelos nossos oficiais.

Excentricidade inglesa em matéria de companhias⁵⁶...

⁵⁶ O conselheiro Paranhos foi vítima da mordacidade de muitos, em consequência de suas relações com Linch, tanto que em pleno Senado do Império, na sessão do dia 5 de setembro de 1870, ele julgou dever-se justificar assim.

Sr. Paranhos (ministro dos negócios estrangeiros): Sr. Presidente, o nobre senador perguntou-me se eu, achando-me no cargo de ministro dos negócios estrangeiros, também seria de opinião que se proibisse o desembarque de Mad. Linch no Rio de Janeiro. Eis aqui uma das perguntas, Sr. Presidente, que tomei a liberdade de chamar maliciosas...

O Sr. Zacarias – Não usei de malícia; declaro...

O Sr. Paranhos – ... porque realmente não é um ponto muito importante para que seja liquidado no Senado. O nobre senador, não sabendo como explicar o fato que lhe pareceu repugnante ou injustificável, disse-nos que talvez o desembarque fosse vedado em consequência da larga conferência que eu já havia tido com essa senhora, e pareceu-me que o nobre senador notara que eu em uma comunicação oficial a denominasse “prisioneira”.

Sr. Presidente, o fato dessa longa conversação que o nobre senador descreveu com sorriso muito significativo... não é exato. Eu estive a bordo do navio chefe brasileiro, onde se achava essa senhora com outros prisioneiros, falei com ela, tive mesmo intenção de proceder a um interrogatório. Estavam presentes muitas outras pessoas levadas pela curiosidade, do que resultou que não houvesse tempo para pedir declarações à Mad. Linch. Depois persuadi-me de que tais declarações não podiam trazer luz alguma para a história nem para averiguação de fatos que fossem de interesse imediato. Renunciei, portanto, ao intento de pedir declarações à Mad.

◊◊◊◊◊

A outra personificação do inimigo manifesta nos textos de natureza biográfica da lavra de Arthur Montenegro foi o líder paraguaio Solano Lopez. Seguindo a versão brasileira construída acerca das causas do conflito, o escritor enxergava nas ações de Lopez a prática de uma cruel ditadura e a execução de uma ambição desmedida, lançada em direção a abiscoitar, pela força, fatias dos territórios dos vizinhos sul-americanos. As “maldades” do presidente guarani foram expressas mais amiúde por Montenegro no “Proêmio” que escreveu para o

Linch. A conferência, pois, a que aludiu o nobre senador, que, segundo disseram, foi conferência larga...

O Sr. Jobim – De duas horas...

Outro Sr. senador – Para ver os arquivos...

O Sr. Paranhos – ... expansiva não teve lugar. Não é certo que eu visse o arquivo (riso) que consigo por ventura conduzisse Mad. Linch; nem sei que ela o tivesse. O mais importante a respeito dos arquivos de Lopez tinha caído em nosso poder desde a tomada de Perebebuí; não precisávamos mesmo de revelações da Linch, altamente suspeita em tudo quanto for relativo à Guerra do Paraguai e à memória ou reputação do ex-ditador Lopez. O desembarque não foi permitido: as opiniões podem divergir a este respeito, mas é provável que a permissão também levantasse censuras.

Mad. Linch estava em condições especiais. É crença geral, que não averiguei se bem ou mal fundadas, que ela muito concorreu para a prolongação da guerra e para os atos de crueldade que praticou o ex-ditador: há muitos depoimentos contra ela nesse sentido.

Ora, nós tínhamos declarado Lopez incompatível: se nunca quisermos tratar com ele, nem ouvir-lhe proposições de paz, que interesse haveria para que permitíssemos a satisfação desse desejo de Mad. Linch que esteve sempre ligada ao ex-ditador que, segundo a crença geral, foi motora de muitas crueldades, que se tornou notável também pelas demonstrações de ódio ao Brasil?

Me parece que o governo imperial, proibindo o desembarque dessa senhora quando ela regressava do teatro de tais façanhas, praticou um ato de dignidade, levou-se de um sentimento que podia ser exagerado, mas certamente era muito nobre.

livro *Guerra do Paraguai – memórias de Mme. Dorothéa Duprat de Lassere*⁵⁷, ao passo que no texto “O marechal Solano Lopez”, publicado na obra *Fragments históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*⁵⁸, em tom até certo ponto jocoso, o personagem era ridicularizado, sendo-lhe negados dotes de inteligência e, por consequência, imputando-lhe a incapacidade governativa.

◊◊◊◊◊

O MARECHAL SOLANO LOPEZ

Passa como fato provado ter tido o marechal Solano Lopez grandes conhecimentos científicos e vastíssima erudição.

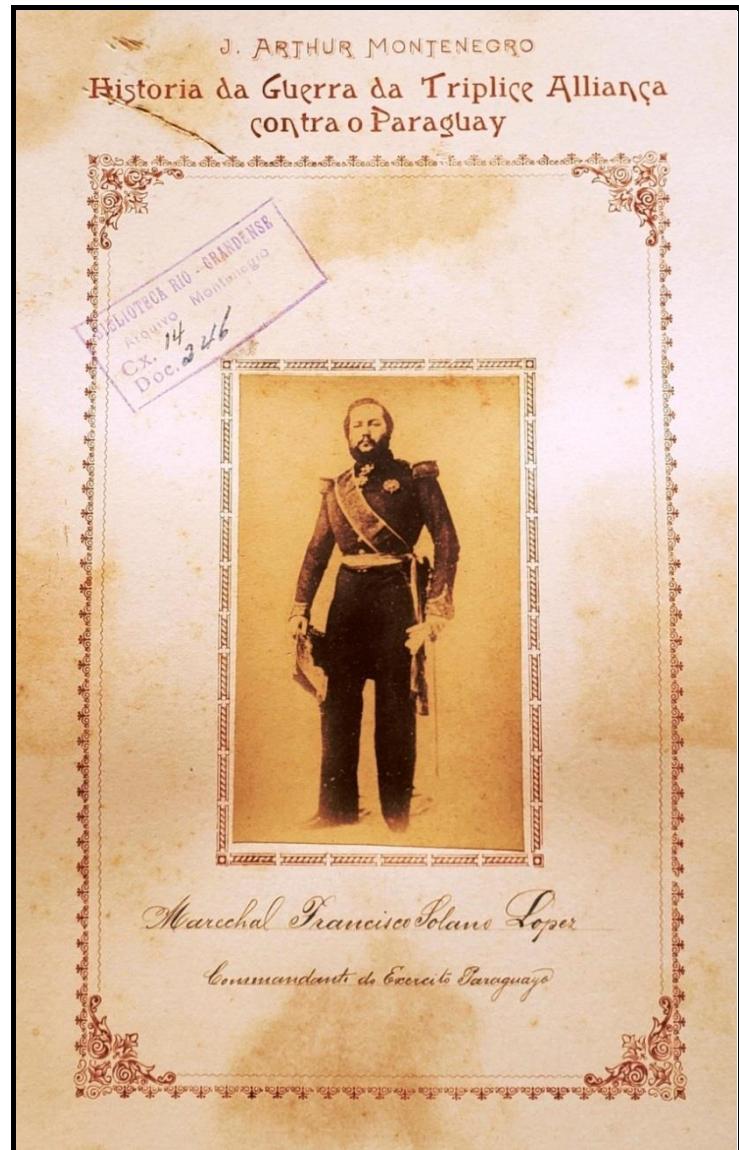
Entre outros, Silvano de Godoi em suas *Monografias históricas*, Chrisostomo Centurion em suas *Memórias* e Elisée Reclus em artigos na *Revue des deux mondes*, não se cansaram de bater nesse tema, citando fatos, apontando ocasiões em que Lopez provou a saciedade ser o espírito mais culto dos homens de seu tempo na América do Sul.

Centurion, entre muitas puerilidades, afirma até que Lopez *inventou* o vocábulo – *Cônscio* – acrescentando (tom. II, p. 15 das *Reminiscencias históricas*):

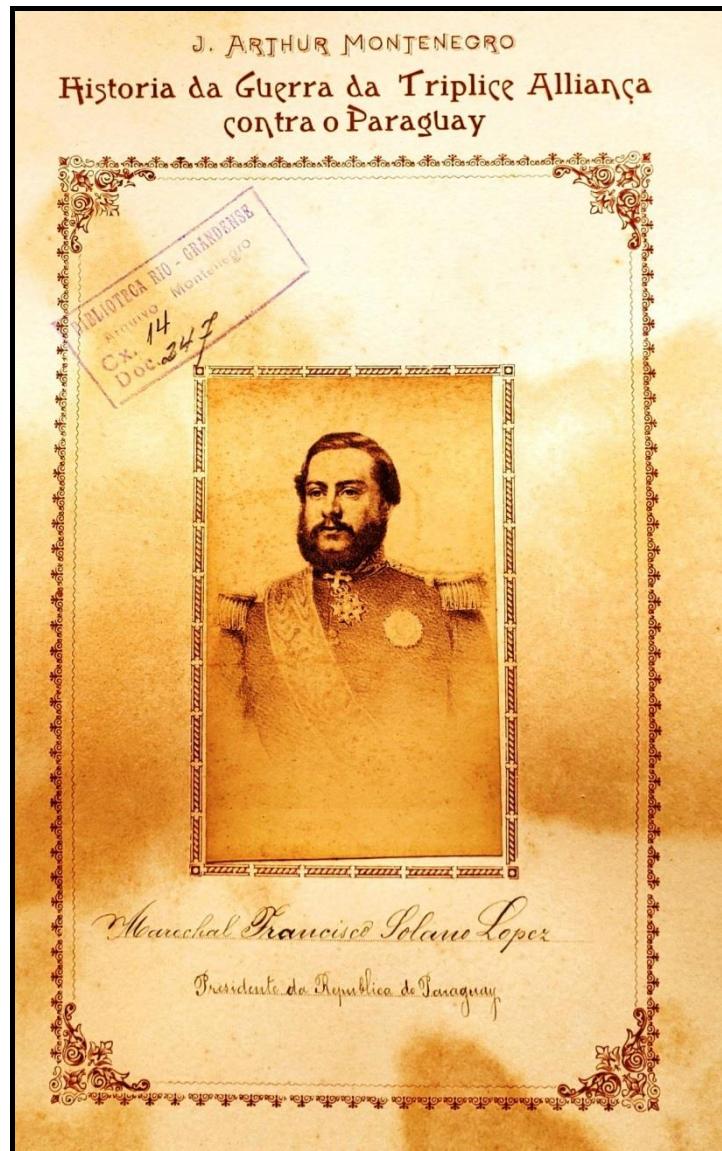
“Esta palavra no trae el dionario y és uma invencion de Lopez, y significa – *consciente*”

⁵⁷ Ver o número 18 desta Coleção.

⁵⁸ MONTENEGRO, José Arthur. *Fragments históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900. p. 99-101.



- retrato de Solano Lopez colecionado no Arquivo Montenegro -



- retrato de Solano Lopez colecionado no Arquivo Montenegro -

Entretanto, pelos detalhes que tenho colhido da vida íntima do ditador, pela análise fria e imparcial de todos os seus atos relativos à política internacional e, sobretudo, pelo modo brutal por que governou o país, julgo-o muito *superficial*, dispondo apenas de algumas *tinturas* de civilidade, adquirida em suas viagens ao exterior e com o contato dos raros diplomatas que em seu tempo foram ao Paraguai: no mais era grosseiro, brutal, orgulhoso e de uma vaidade sem limites⁵⁹.

O seguinte episódio contado pelo cirurgião George Frederic Masterman em suas memórias⁶⁰, convence de que o meu juízo sobre o grande déspota americano é de todo fundado.

*
* * *

Durante o cerco de Humaitá, o marechal lembrou-se de arranjar um passatempo para si e para os seus oficiais, com o fim de vencer o tédio e monotonia dos longos dias que se sucediam sem outro acontecimento mais que algum combate no qual as suas tropas eram invariavelmente batidas.

Eis o que diz Masterman:

“... Pensei demorar-me somente uma semana na fortaleza, porém fui detido durante três por uma razão tão absurda que não a posso recordar sem rir-me.

⁵⁹ O meu distinto amigo, coronel José Clementino Soto, diretor-geral das penitenciárias da República Argentina, tem em preparo um estudo muito completo sobre a individualidade de Solano Lopez – que, ao meu pedido, vai dedicar ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

⁶⁰ *Seven eventful in Paraguay*. – London 1870, p. 123.

O presidente Lopez mandou vir de Paris uma caixa com *vistas* semelhantes às que se veem nas feiras da Inglaterra, porém, em escala maior, acompanhadas de uma *lanterna mágica*.

Chegaram sem avaria pouco antes do bloqueio dos rios, porém, desgraçadamente para mim, extraviaram-se as *instruções* sobre o modo de usá-las.

Assim é que S. Ex. ordenou ao capitão (agora tenente-coronel) Thompson e a mim que as montássemos, *pondo-as em exibição*.

Não gostamos de semelhante tarefa, mas tivemos de nos resignar, senão...

Quando tudo estava pronto, Lopez, acompanhado do bispo e de três ou quatro generais, percorreu o recinto da *Exposicion* (como chamava) ao som das músicas marciais e seguido por nós que éramos os *cicerones*.

Tivemos muita dificuldade em conter o riso: a tal ponto chegavam as *falsas ideias* e pueril encanto do nosso roliço patrão, que se punha nas pontas dos pés para contemplar nos vidros de aumento a Baía de Nápoles à luz da lua (*The Bay of Naples by moonlight*), ou a um Caçador da África combatendo com dez árabes (*Chasseurs d'Afrique enganging tem Arabs at once*).

A geringonça era mais risível ainda: cerrava-se com uma cortina de ganga a extremidade de um saguão que unia dois alpendres e a outra com um biombo: a *máquina* estava colocada neste último, em cuja frente estendia-se uma ordem de cadeiras em semicírculo para *El Famoso* e seu séquito, enquanto que os

soldados para quem se armara a *Exposicion*, deviam contentar-se em ficar do lado de fora.

Muitos dos quadros representavam as batalhas feridas na última guerra franco-italiana, mas eu e Thompson tomamos a liberdade de batizá-las a nosso gosto, como por exemplo:

- Batalha de Copenhagen entre os persas e os holandeses.

Ah! que horroroso combate foi aquele, dizia Lopez ao bispo, fazendo-se de entendido.

- O Campo de Trafalgar depois da batalha: os mamelucos levando os feridos.

Que humanidade cristã, Excelentíssimo Senhor, murmurou o bispo...

Seguimos com a farsa:

- Tomada de Moscou na última carga de Magenta. Disse Thompson com voz pouco segura, dando-me ao mesmo tempo um beliscão na perna, por baixo da mesa.

- A morte do general Ordenes no momento da vitória -, foi o título do quadro seguinte que soava pomposamente em espanhol e com o qual se concluía a primeira série.

Sucederam-se a estes quadros cômicos com o *título* dos quais o bispo quase nos perdeu. O biombo refletia luz suficiente para poder se ver através da ganga as

sacudidelas que éramos obrigados a fazer para conter o riso, metendo o lenço na boca.

Não nos atrevíamos a soltar a gargalhada, mas era dificílimo conter-nos. Thompson, muito sanguíneo, quase morre de convulsões, sobretudo ao ver em uma das vistas o nariz de um anão tomar gradualmente dimensões colossais.

A diversão teria sido magnificamente famosa para uma ou duas noites, porém trabalhamos tão *acertadamente* que recebemos ordem de continuar com a diversão até novo aviso – *y la cosa era broma...*

Fiquei doente poucos dias depois, obtendo então licença para voltar à capital.

Por esse tempo Lopez não permitia que *pessoa alguma* dissesse graças em sua presença e muito menos rir-se, pois ambas *as coisas* constituíam um desacato à sua pessoa.”

Masterman, um dos mais graduados cirurgiões do exército paraguaio, tinha a seu cargo os hospitais de Assunção, nessa ocasião repletos de convalescentes e feridos dos combates de maio a dezembro de 1866; como auxiliares em tão afanoso serviço, tinha apenas *oito praticantes*, que, quando muito, seriam bons enfermeiros: pois bem, no Paraguai, durante a sábia administração de Lopez, arredava-se um médico de cabeceira de milhares de enfermos para encarregá-lo da manobra de um cosmorama próprio de ciganos ambulantes.

RETRATOS

Este percurso de imagens da Guerra do Paraguai, especialmente de fotografias, estendeu-se por estes cinco volumes dedicados a publicizar uma parte do Arquivo Montenegro. Nestes retratos finais, em que serão reproduzidos cartões de personagens participantes/contextualizados no conflito, pode-se fazer uma reflexão sobre os usos da fotografia na Guerra do Paraguai.

Um autor que trabalhou este tema em nível de doutoramento e que fez reflexões pertinentes e fundadas em rigorosa pesquisa histórica é André Toral⁶¹. Segundo ele, as capitais dos países envolvidos nesta guerra e grande parte de suas províncias receberam a visita de fotógrafos itinerantes vindos da Europa e dos Estados Unidos. Estes fotógrafos produziram considerável “quantidade de retratos de autoridades, tipos pitorescos, como índios e negros, soldados e especialmente de homens e mulheres de classes médias urbanas”. A maioria dos estúdios localizados na Argentina, no Uruguai e no Brasil era de propriedade de estrangeiros, sobretudo norte-americanos, alemães, portugueses e franceses. O crescimento exponencial de profissionais nestes países gerou uma forte migração de fotógrafos buscando novos mercados e consumidores.

Conforme Toral, o tipo de cobertura profissional ocorrida na Guerra do Paraguai está ligado à importância da comercialização dos retratos. Os *carte de visite* de militares constituem a maior parte da documentação fotográfica da guerra realizados entre 1864 e 1870. A maioria compõe-se de retratos de oficiais

⁶¹ TORAL, André. *Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai*. – São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.

enquanto os soldados são minoria. Os fotógrafos “aproveitavam esse clima de patriotismo inicial que imperava nas capitais dos países que formariam a Tríplice Aliança”, para oferecerem os seus produtos. Na maioria das cidades a procura era grande por parte de militares que partiam para a Guerra e desejavam fazer um retrato. “Diversos estúdios ofereciam retratos dos governantes formadores da Aliança, ou *carte-de-visite* de personagens políticos ou comandantes militares, vendidos separadamente”. Inclusive, ocorre a troca de retratos para formar coleções: uma das maiores foi a do argentino Bartolomé Mitre, constituída por milhares de retratos de combatentes e personagens políticos.

A concorrência entre os fotógrafos foi intensa, buscando conquistar parte dos milhares de militares que partiam para o *front*. “A quantidade de *carte-de-visite* retratando militares no mundo inteiro, a partir de 1860, foi tão grande que chegou a marcar, segundo alguns autores, o surgimento da fotografia militar”. Como resultado, assim como ocorreu na Guerra da Secessão norte-americana, a Guerra do Paraguai foi a mais retratada na América do Sul. Além dos retratos, as paisagens dos cenários onde ocorreram os enfrentamentos, despertaram um interesse transcendente por parte de publicações que desejavam divulgar informações sobre a guerra. Com o aumento do interesse público, proliferou a presença de fotógrafos.

“Os fotógrafos seguiram os exércitos aliados entre 1864 e 1870 no Brasil, Argentina e interior do Paraguai. A campanha, iniciada em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, terminou em Cerro Corá, no Paraguai. Durante todo esse tempo, fotógrafos que estiveram no “teatro de operações” militares atuaram em Uruguaiana, Corrientes e Rosário, na fase inicial da guerra; depois, no extremo

sul do território paraguaio, Tuiuti, Paso da Pátria e Tuiu-Cuê, acampando junto aos exércitos aliados; estiveram em Humaitá sitiada e ocupada e, finalmente, em Assunção, na última fase".⁶²

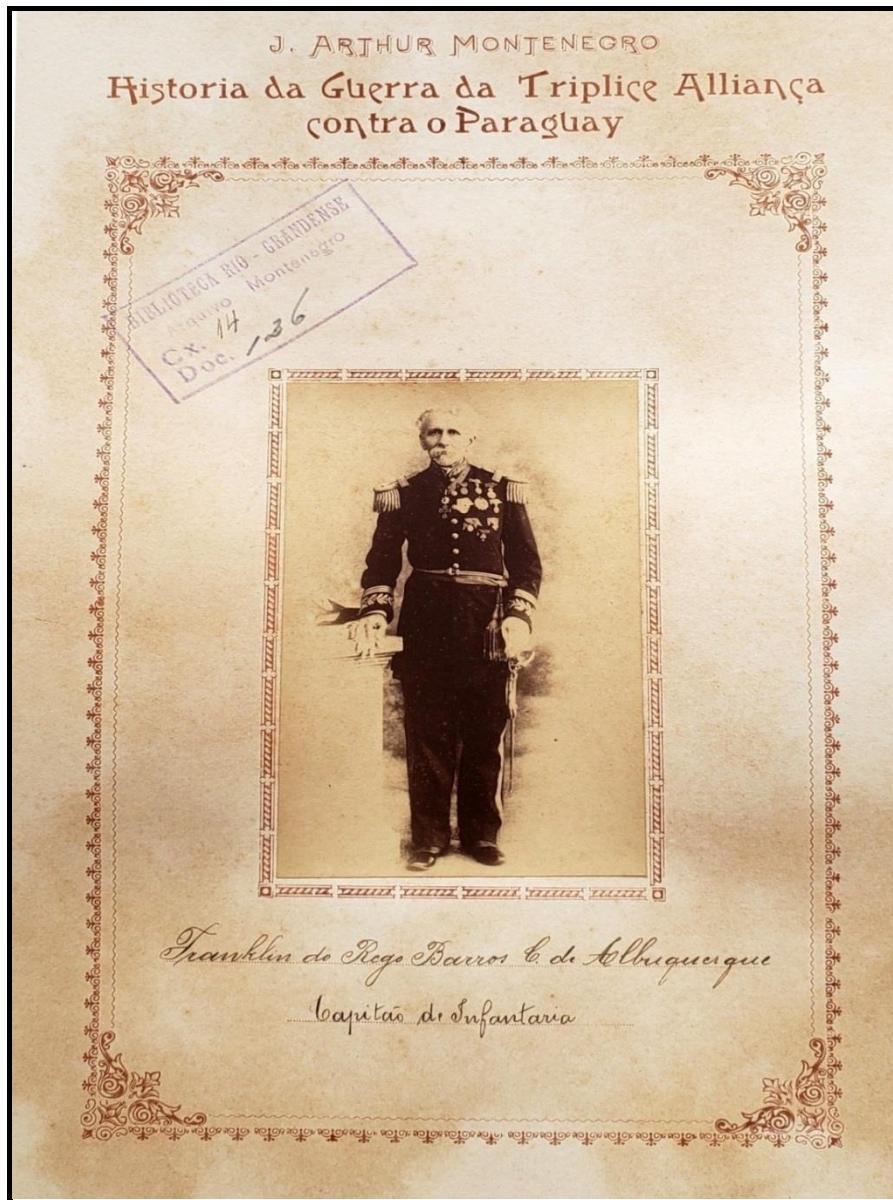
As fotografias realizadas no teatro de operações ganhavam maior dramaticidade. Entre os retratados, a maioria era de oficiais em condições pecuniárias de poder pagar para “ter sua imagem imortalizada”, se morressem “pouco tempo depois em combate ou por doenças. Os heróis da pátria agora tinham um rosto; os mortos deixavam de ser anônimos”. Os mortos tinham memória imagética e faziam parte das vítimas da guerra, cuja fotografia se convertia na última imagem dos muitos soldados que não voltaram. Os *carte de visite*, obtidos em momentos dramáticos, “transformaram-se em testemunhos de que aquelas pessoas tão comuns conviveram com algo extraordinário. Seu valor como objeto de afeto e documento histórico muda, se comparado aos realizados em tempo de paz”.⁶³

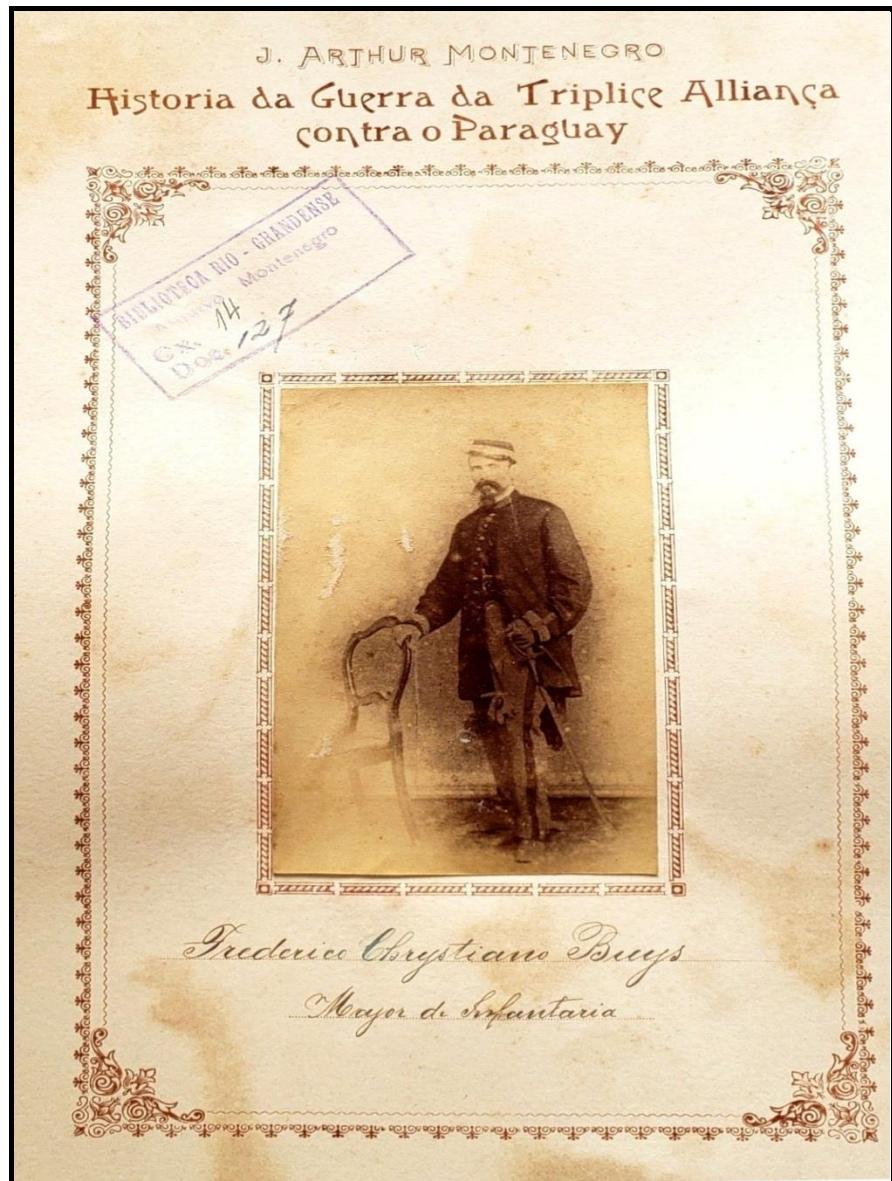
Na Guerra do Paraguai, pela primeira vez no Brasil se revelou a importância da utilização jornalística da fotografia de guerra, difundida nos periódicos com readaptações artísticas. A fotografia, enquanto assunto tratado em jornais, “deixou de ser uma coisa familiar e privada e transformou-se em coisa de interesse público. Sem dúvida, a guerra fez com que a fotografia se transformasse em fonte de informação histórica”, afirma André Toral.

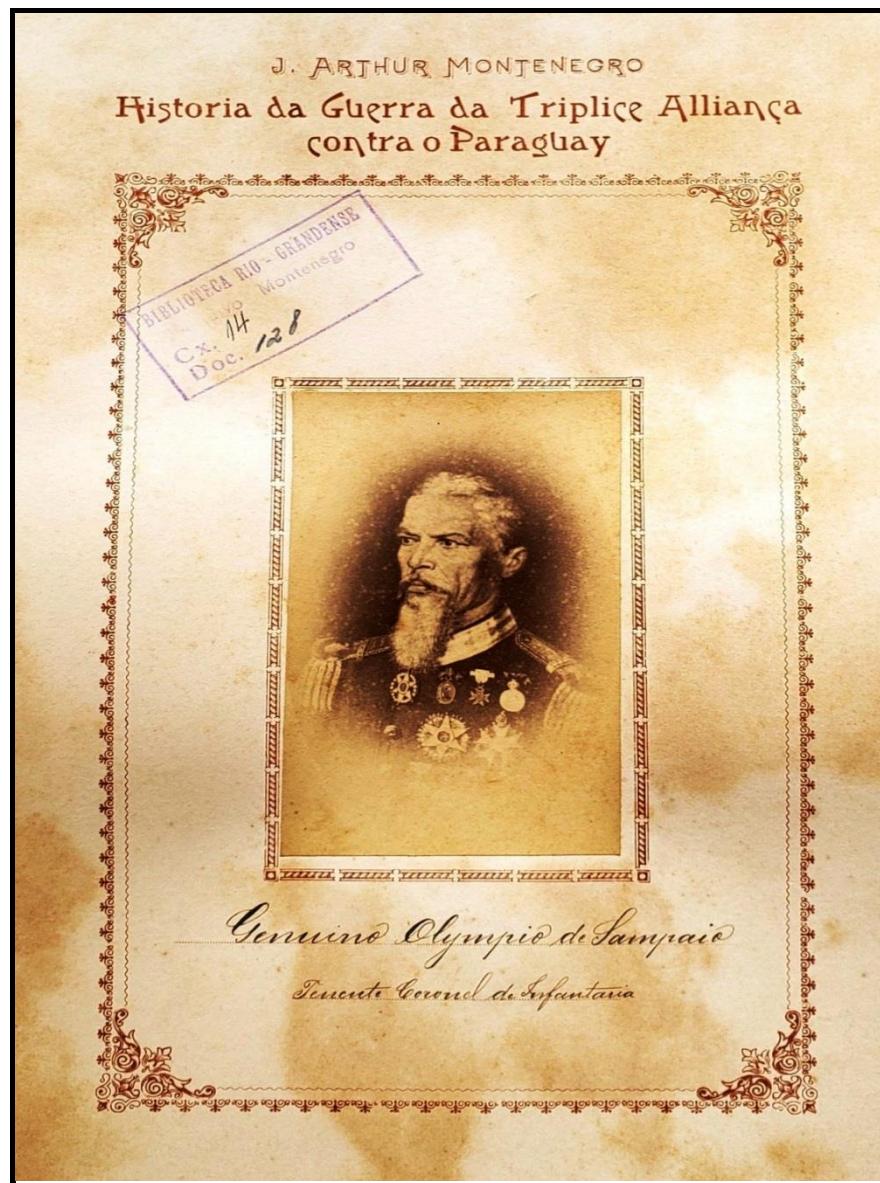
⁶² TORAL, André. *Imagens em desordem...* p. 85.

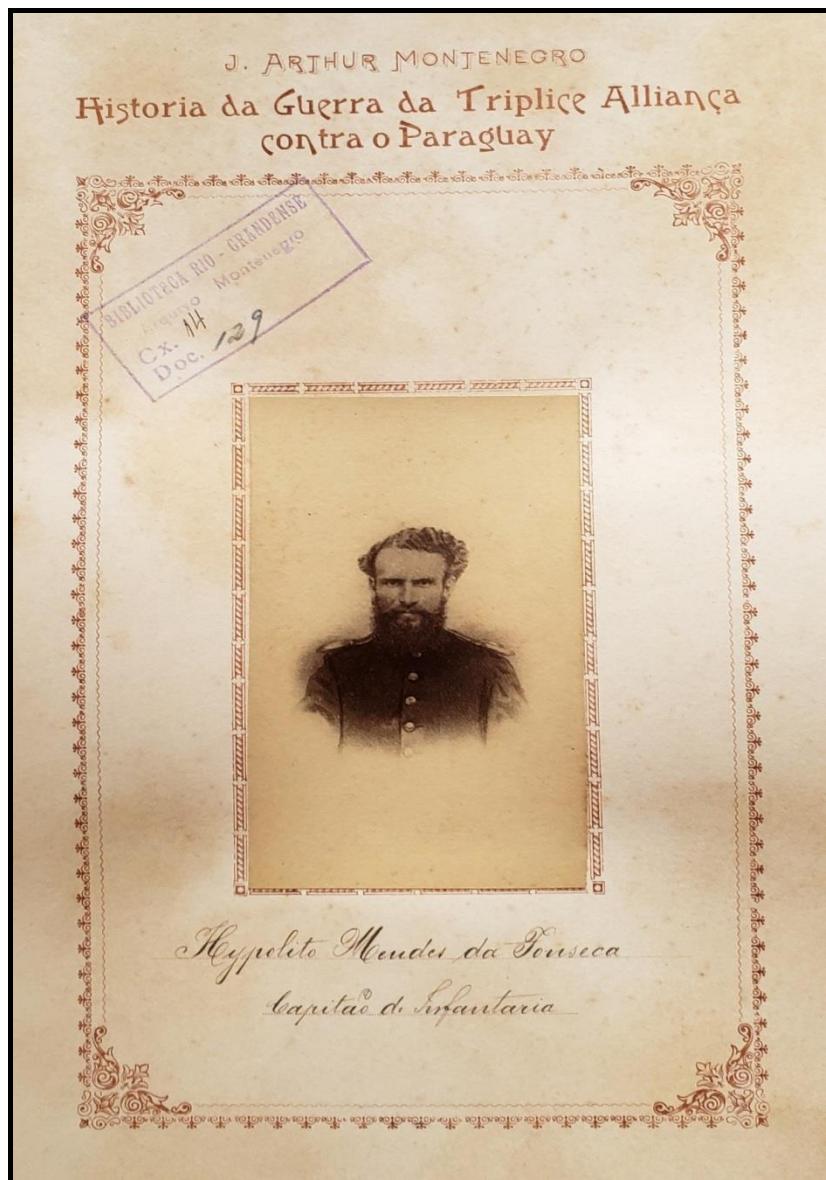
⁶³ TORAL, André. *Imagens em desordem...* p. 96.

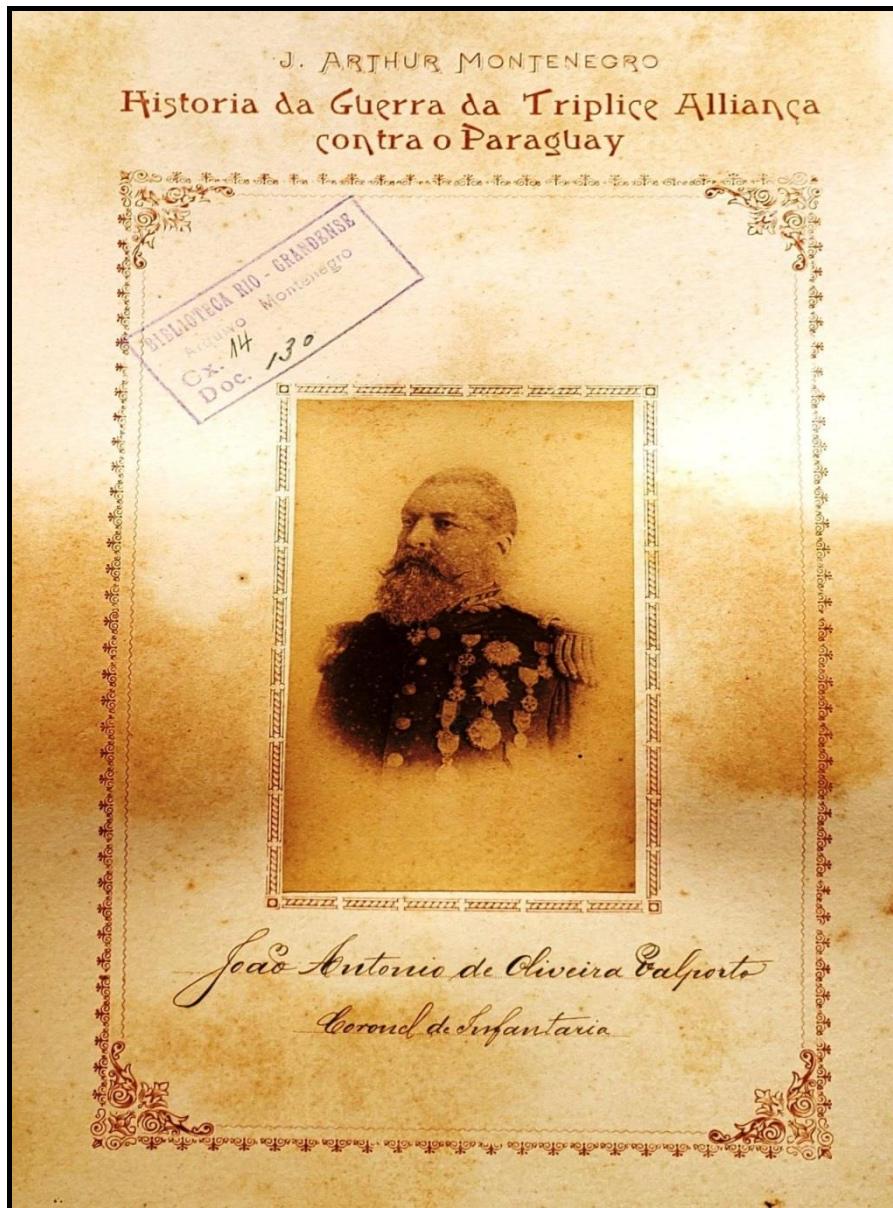
As fotografias reproduzidas a seguir foram coladas em um cartão que foi impresso em tipografia no formato de 20cm x 16cm. O cartão foi elaborado com a seguinte composição: impresso na parte superior (J. Arthur Montenegro – História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai), uma borda, a parte central reservada para ser colada a fotografia do personagem e abaixo a identificação do retratado em caneta nanquim. Estas imagens que foram selecionadas por Montenegro, foram impressas a partir de fotografias originais cedidas por centenas de fontes diferentes e fruto dos contatos mantidos ao longo de 14 anos. Estes originais foram fotografados e converteram em negativos de vidro que também fazem parte do Arquivo Montenegro da Biblioteca Rio-Grandense. A divulgação de parte deste acervo busca propiciar aos pesquisadores o acesso a um material fotográfico/iconográfico relevante para à compreensão do maior conflito militar da América do Sul.











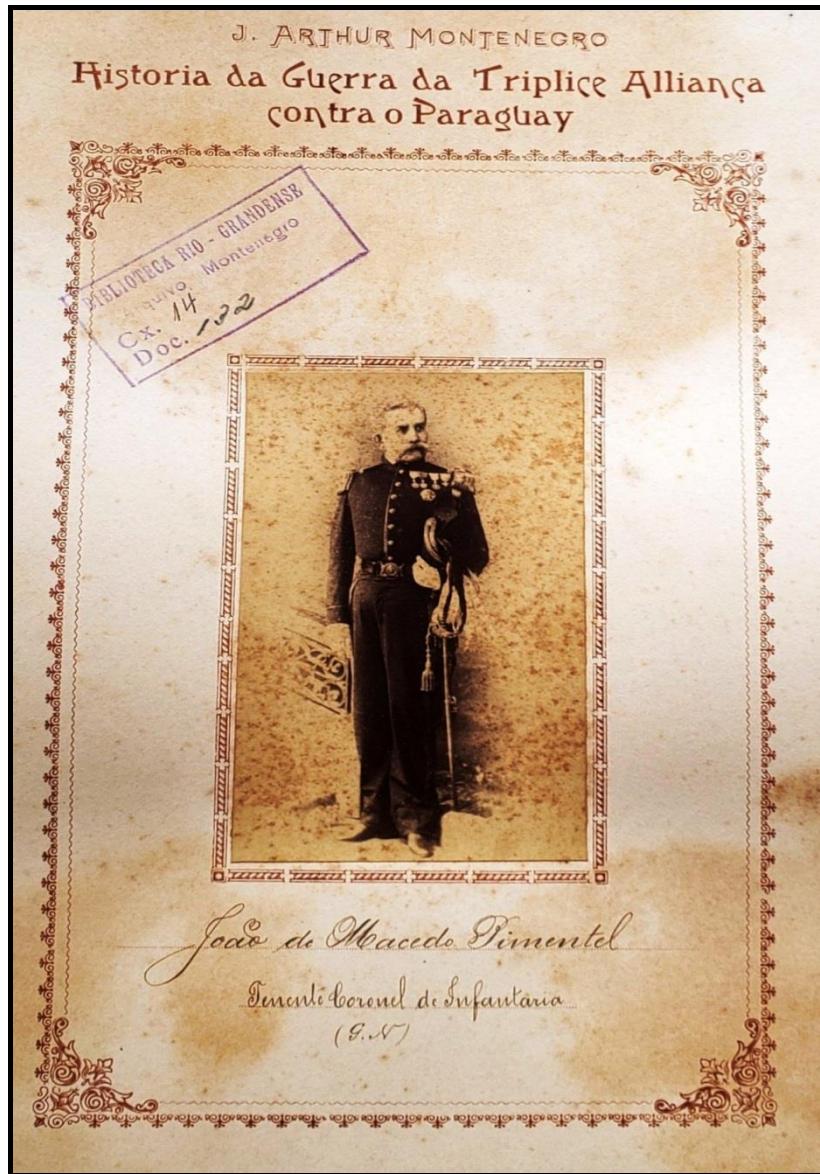
J. ARTHUR MONTENEGRO
Historia da Guerra da Tríplice Aliança
contra o Paraguay

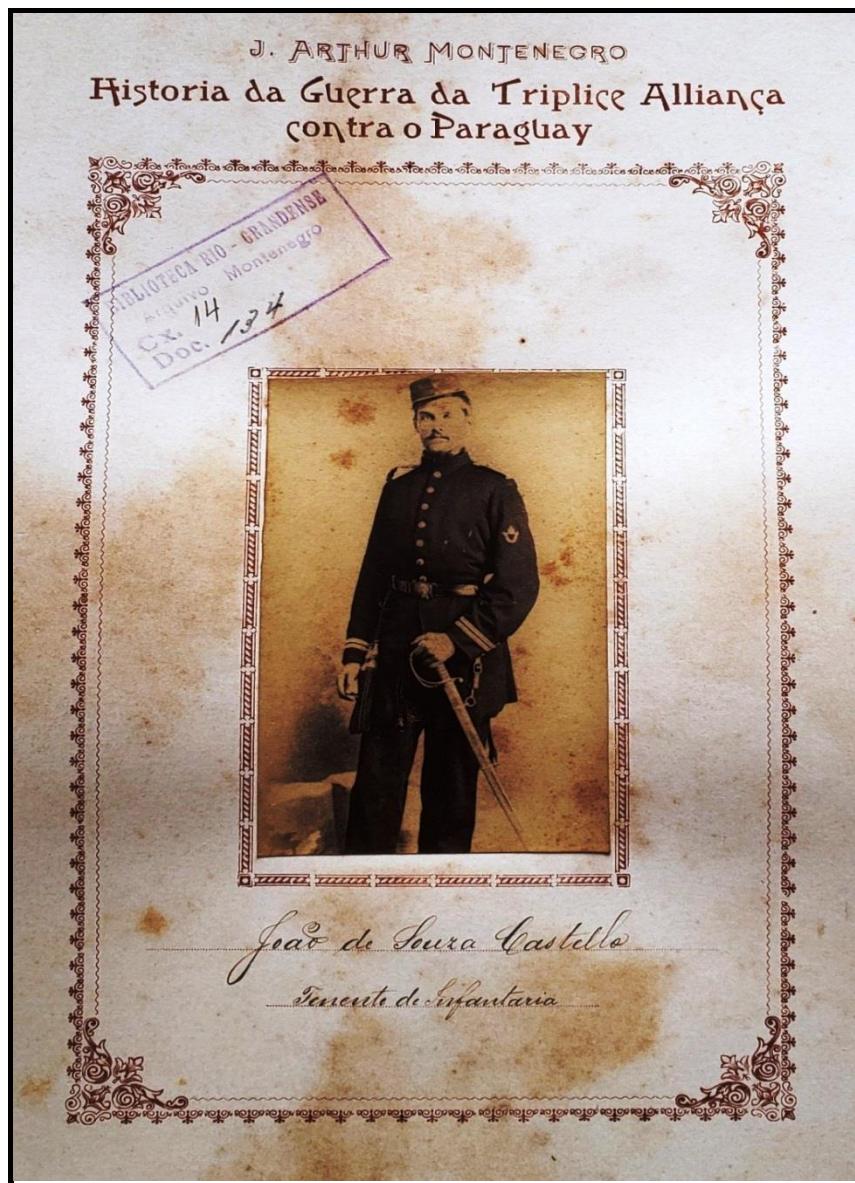
BIBLIOTECA RIO - GRANDENSE
Montenegro
Rio 14
Cx. 131
Doc. 131

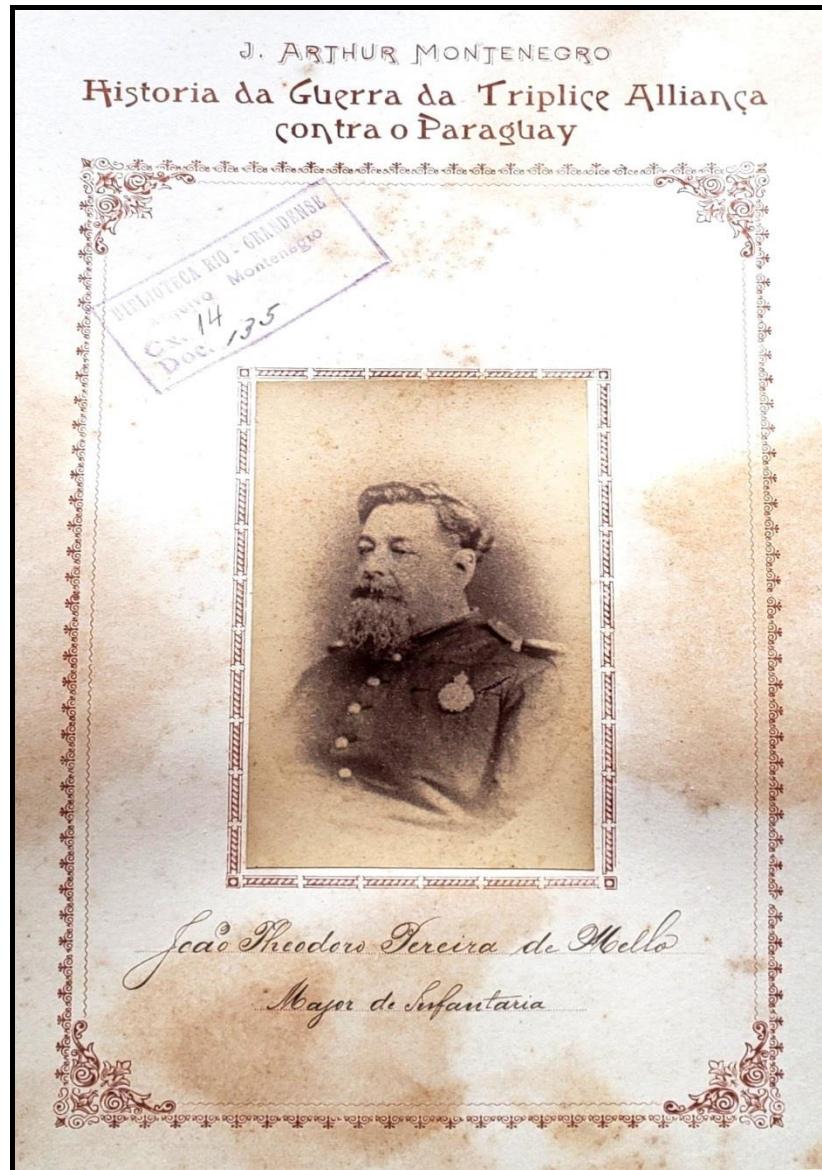


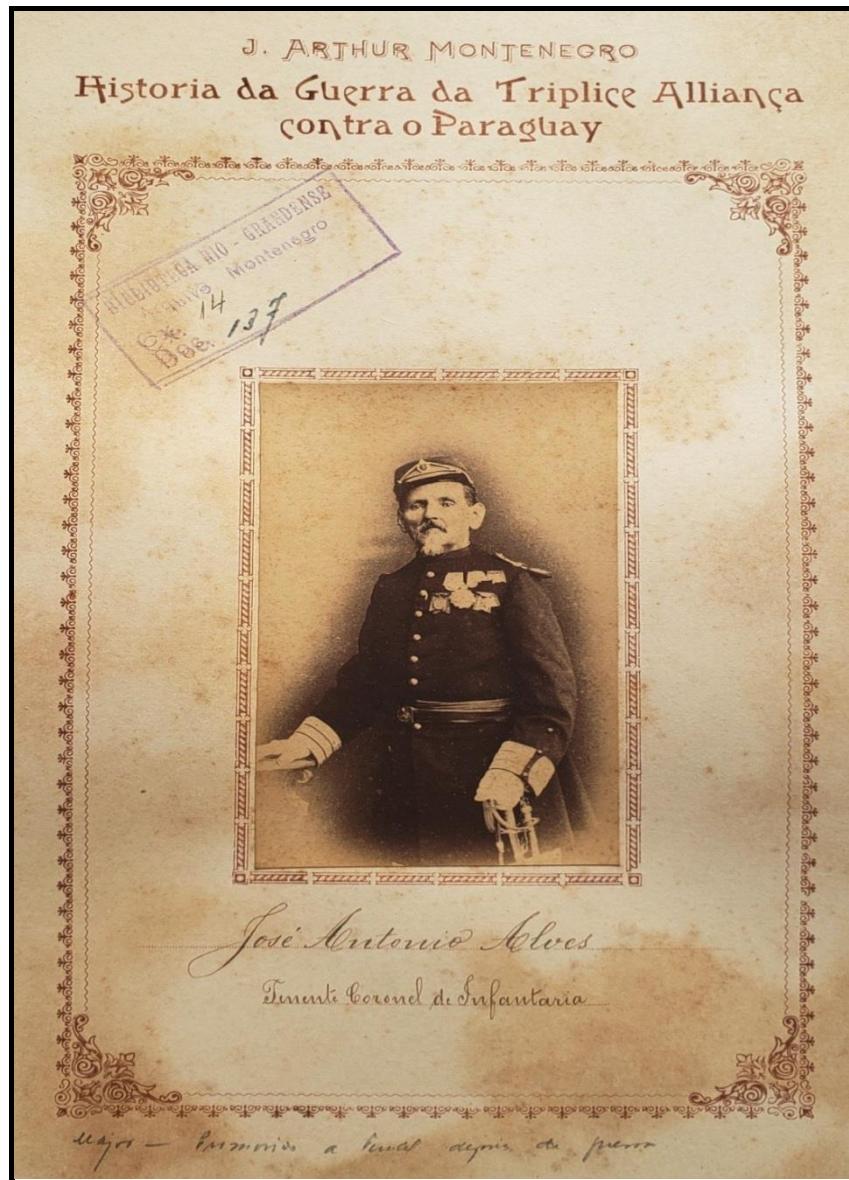
João Guilherme Bruce
Coronel de Infantaria

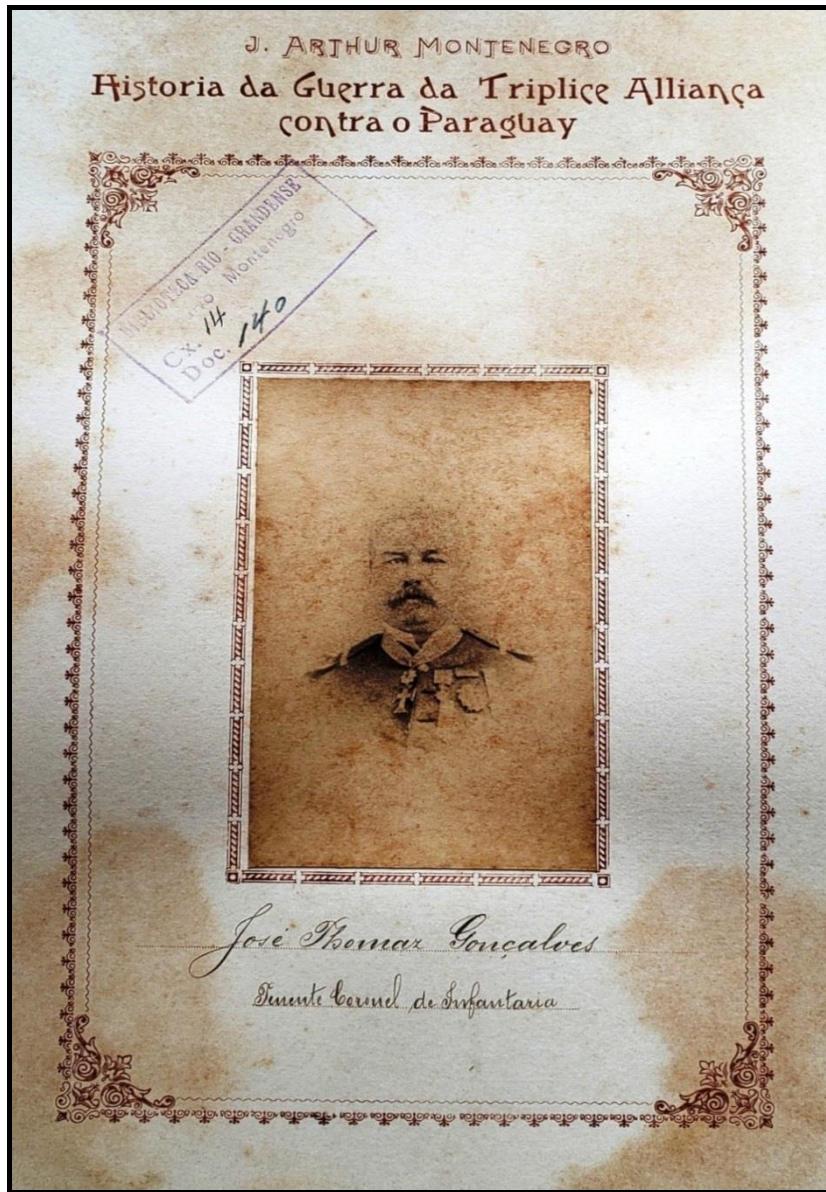
Braga em 1884



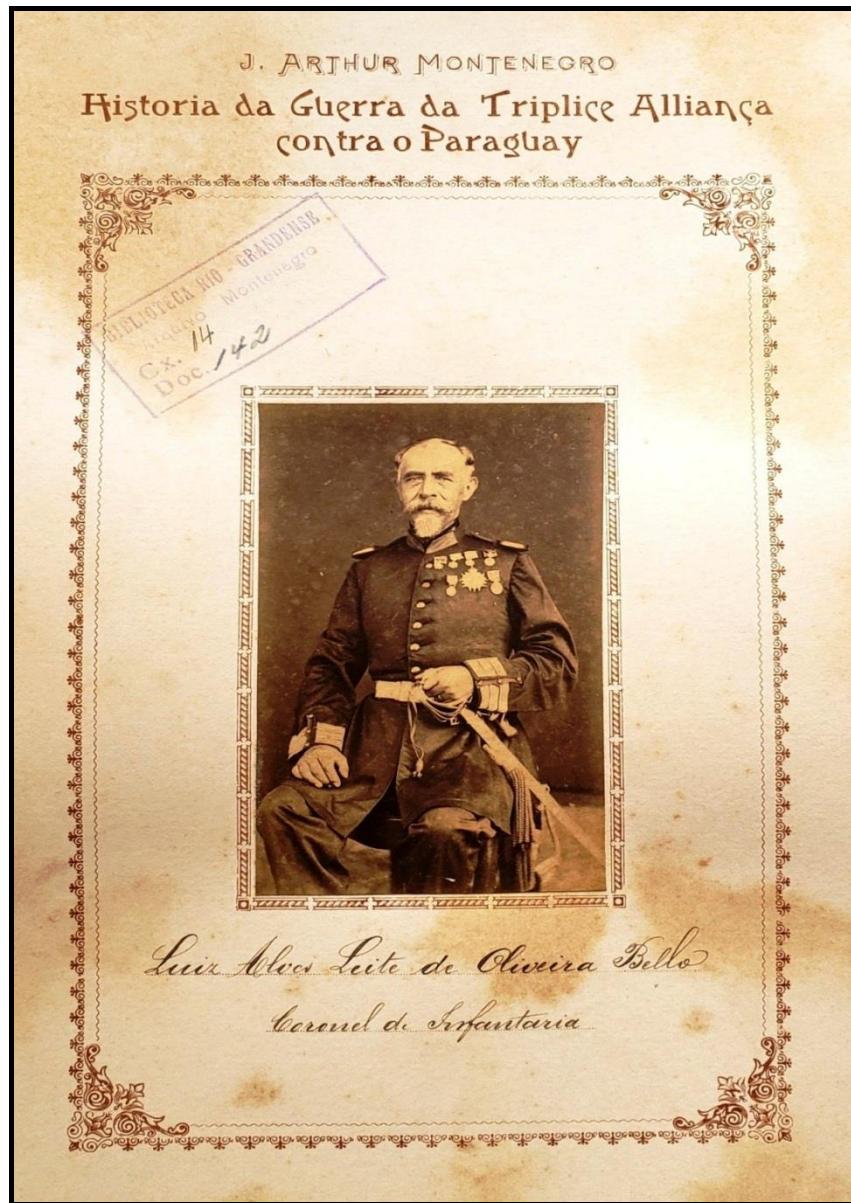


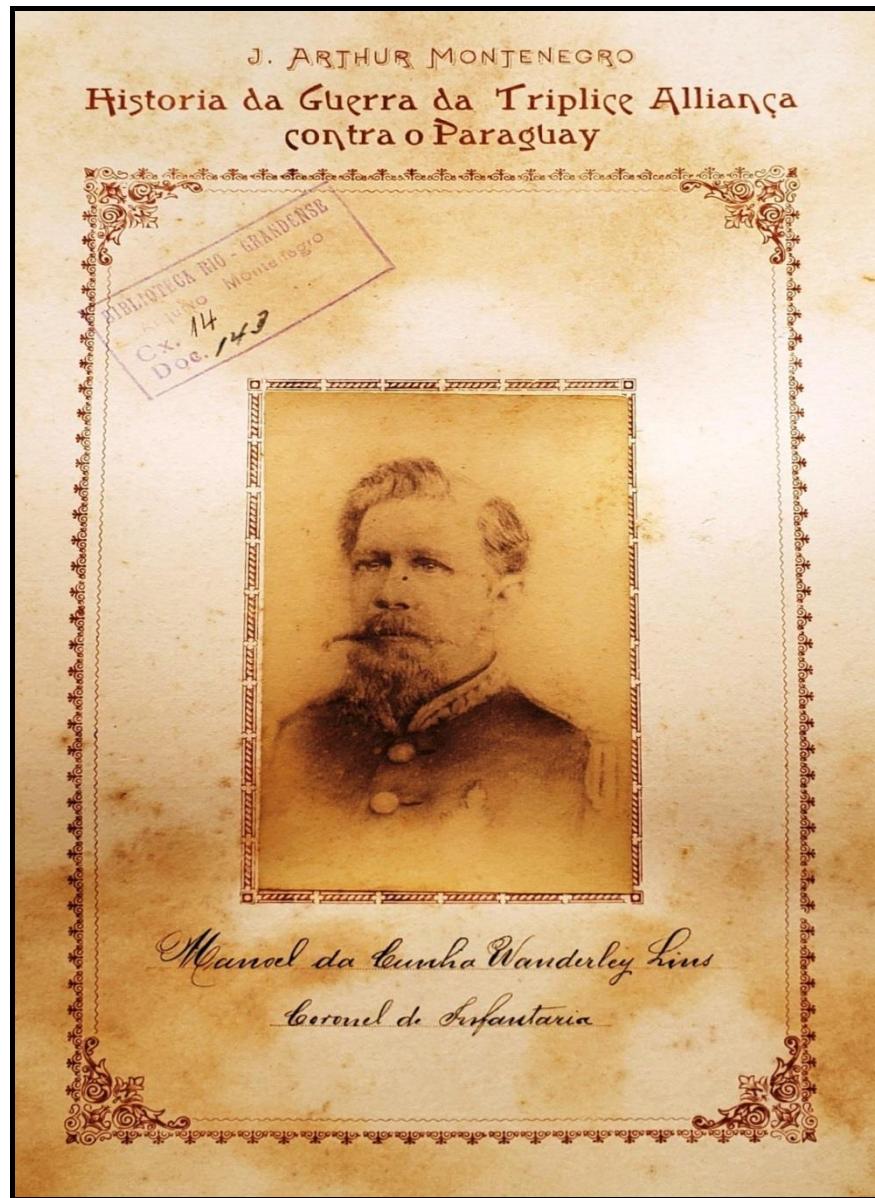




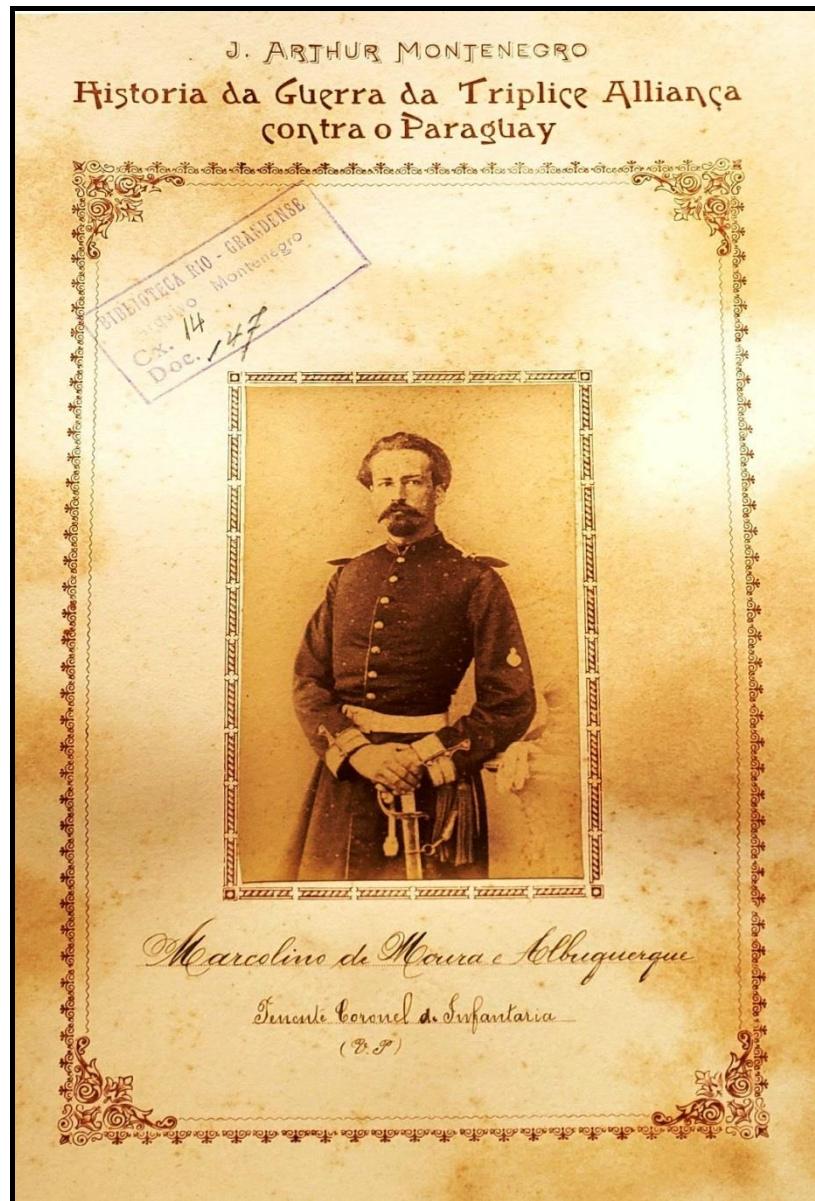




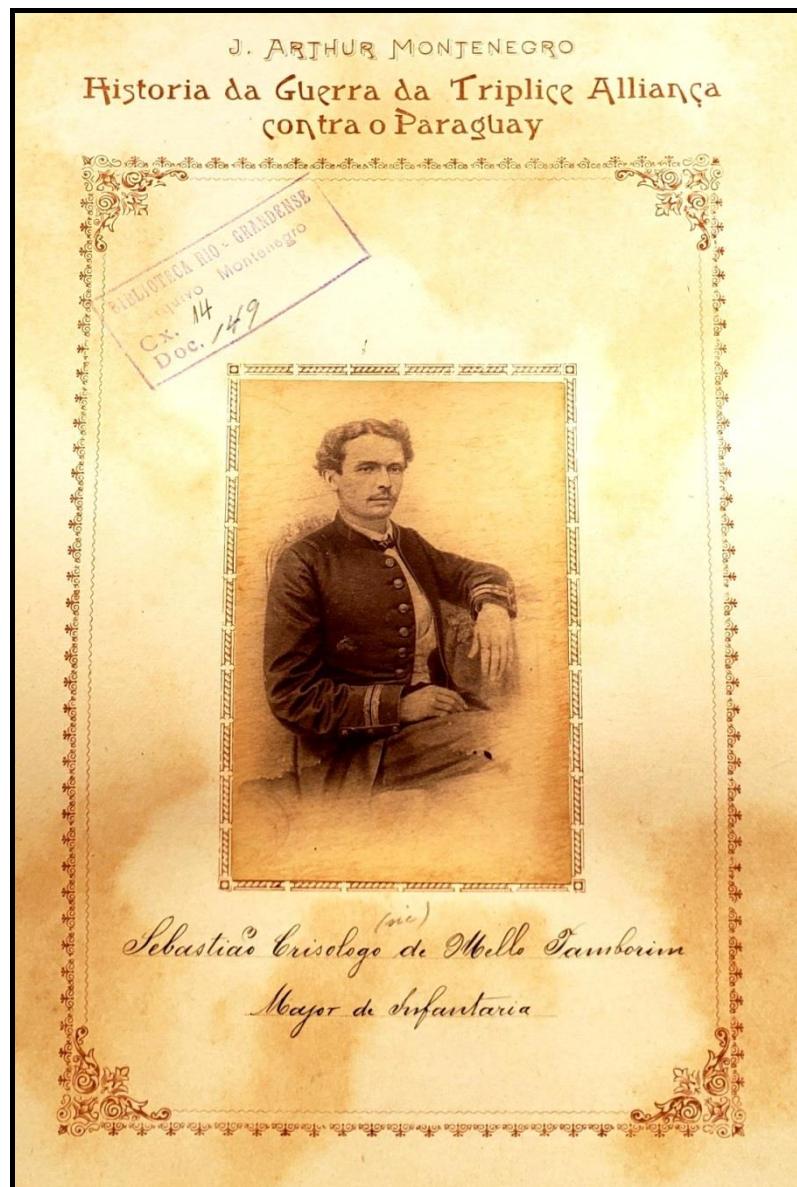


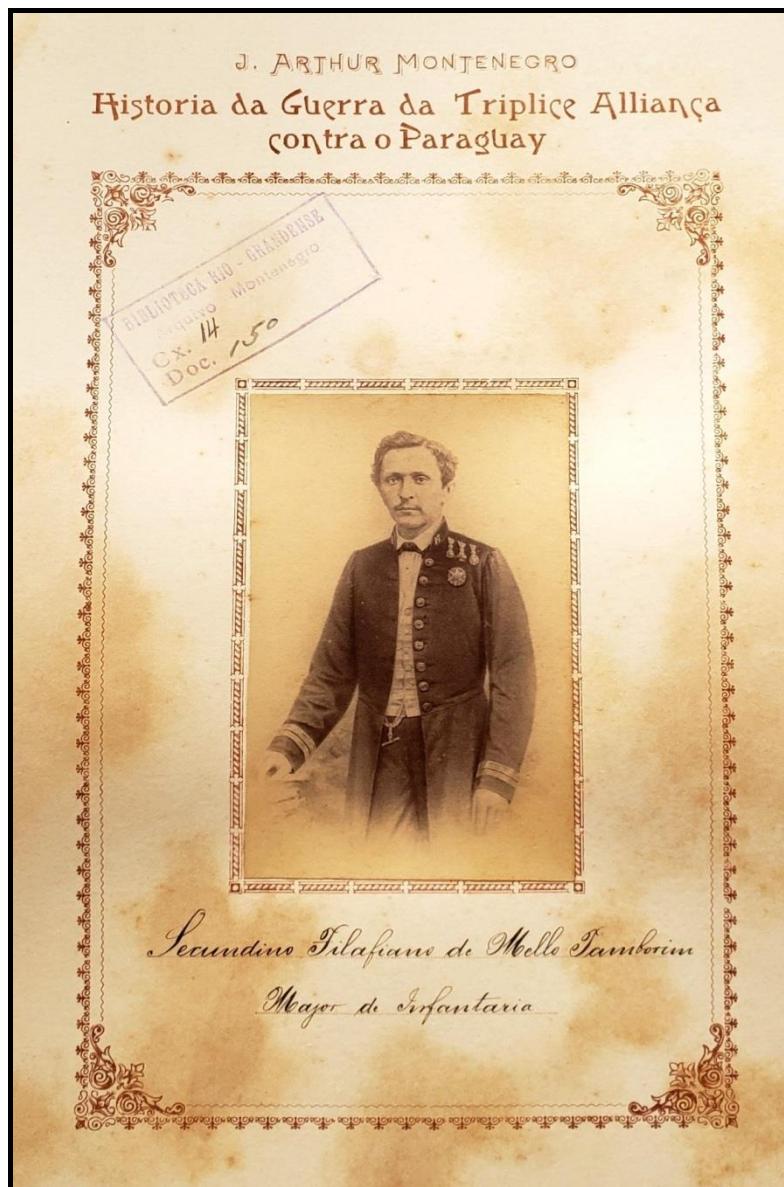


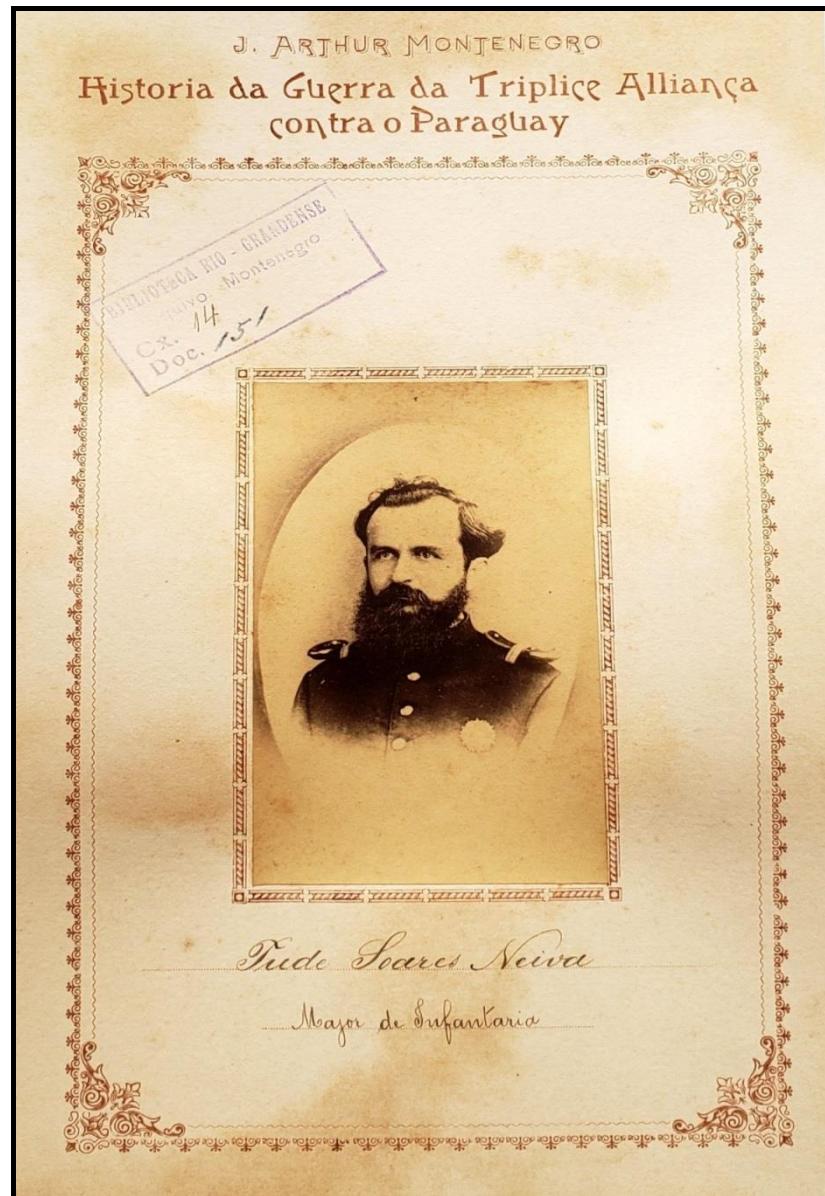


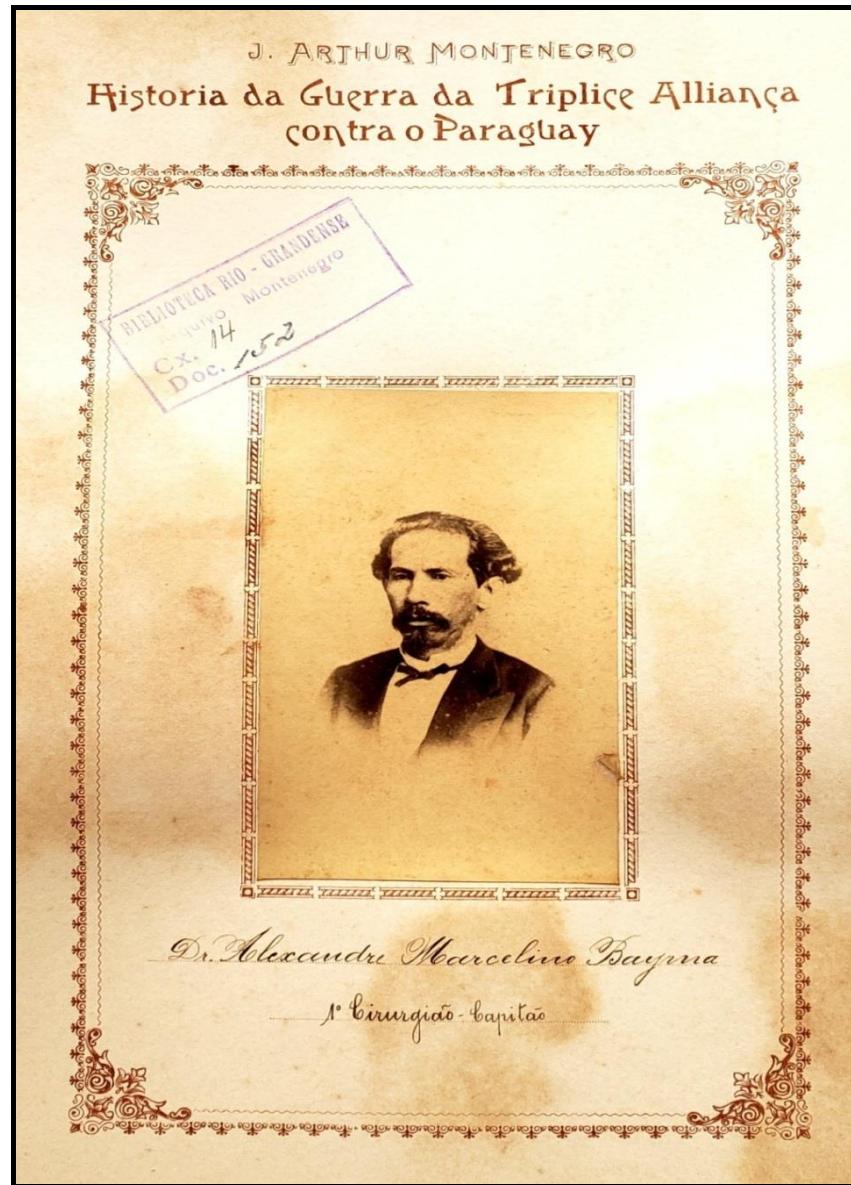


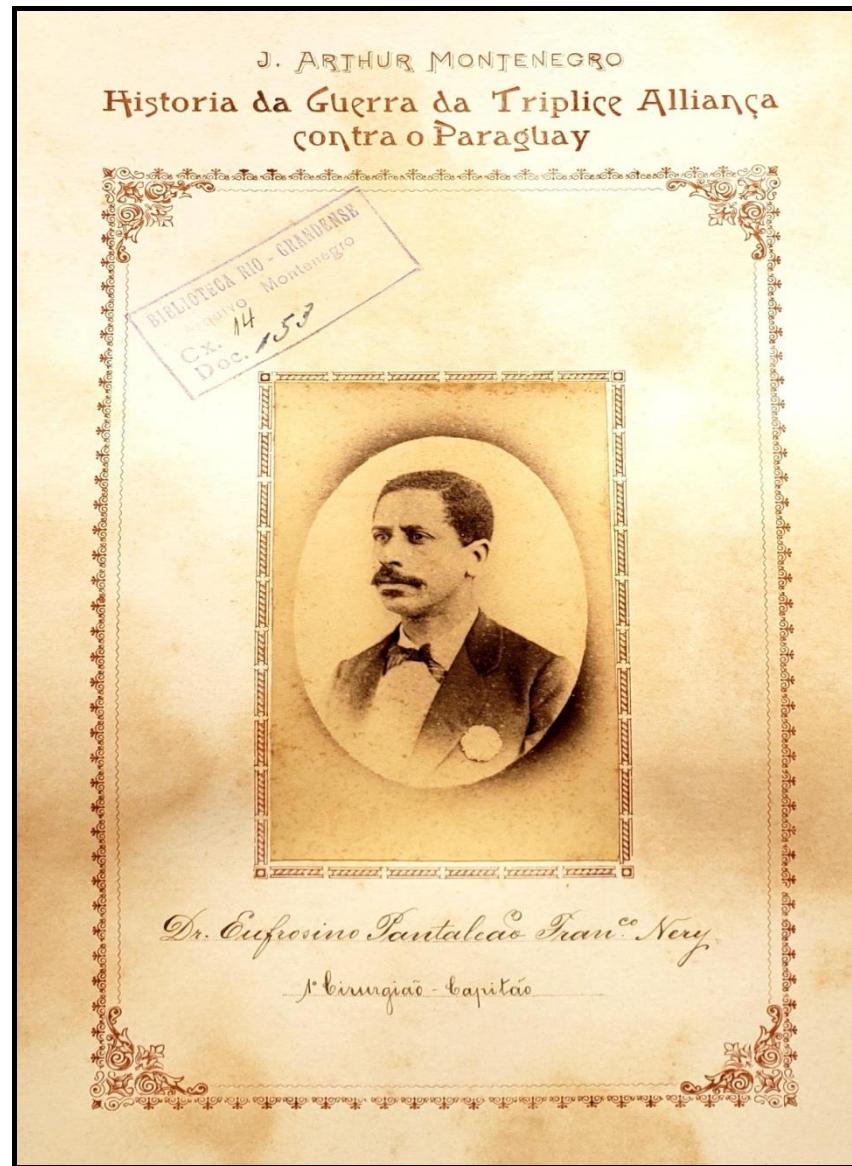


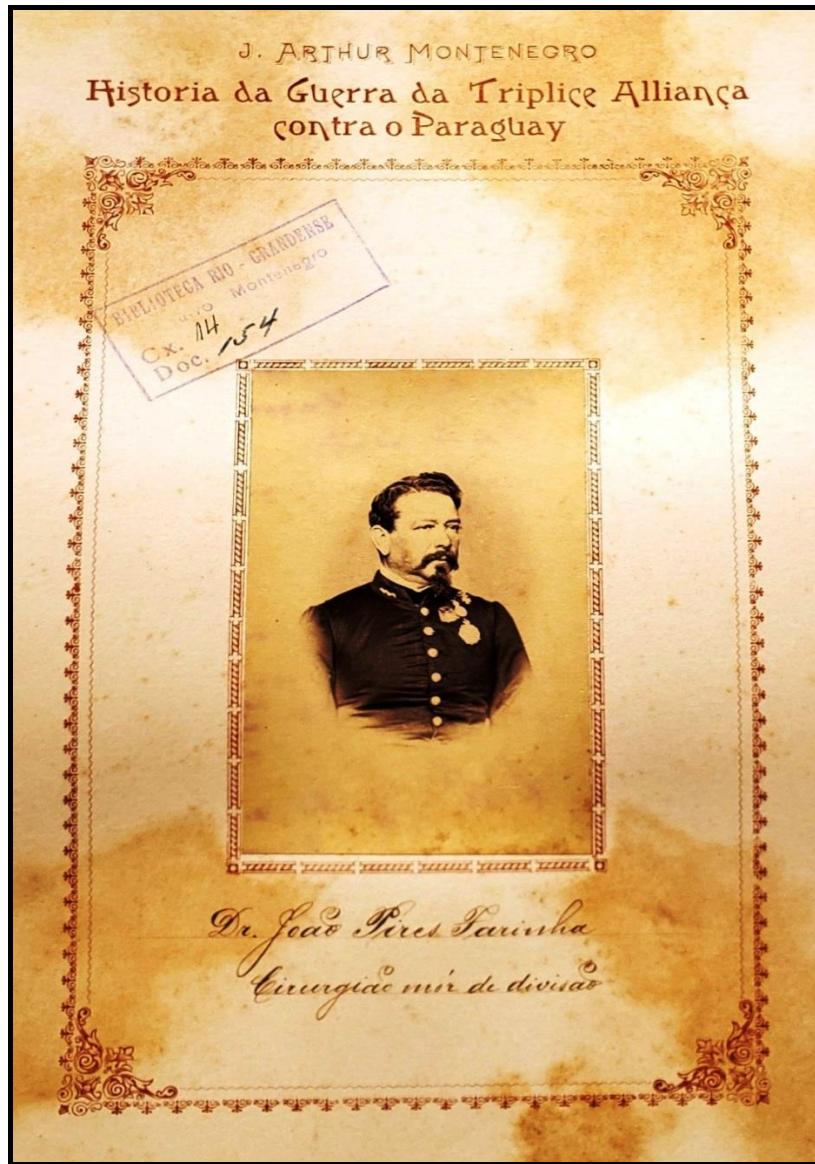


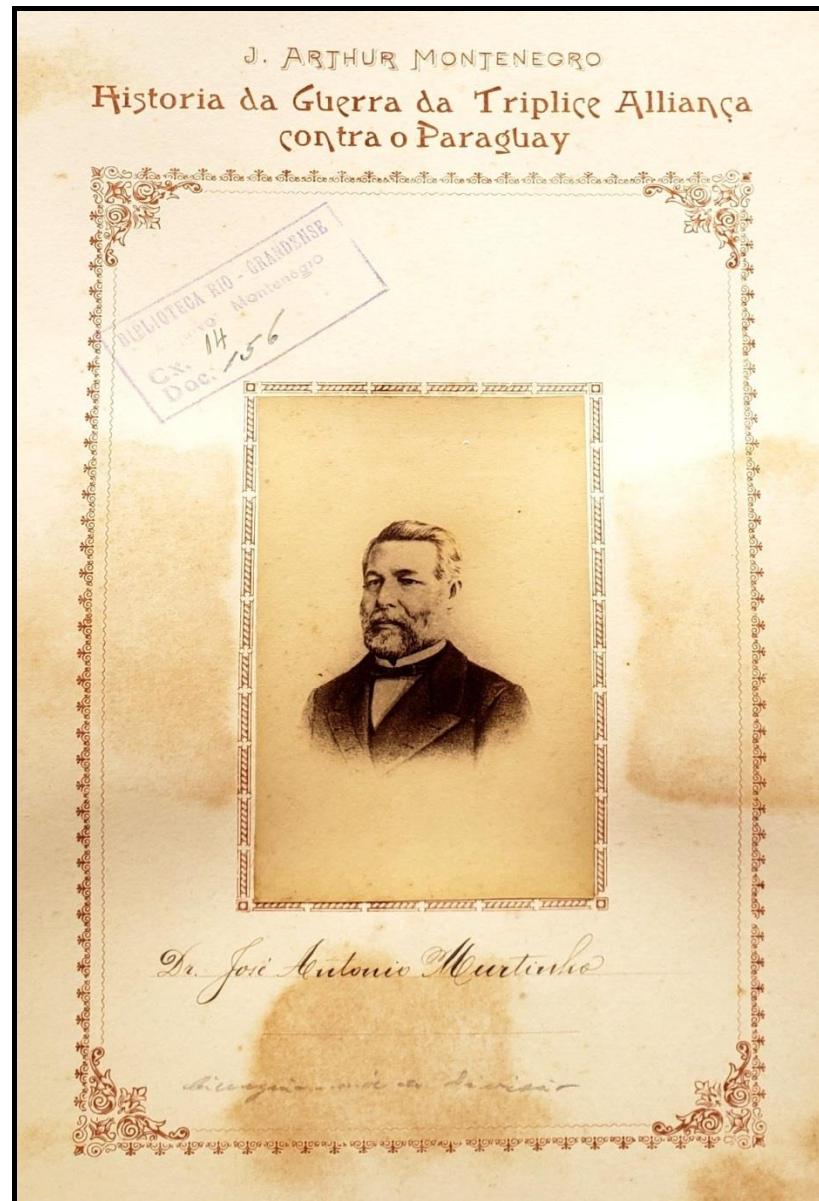


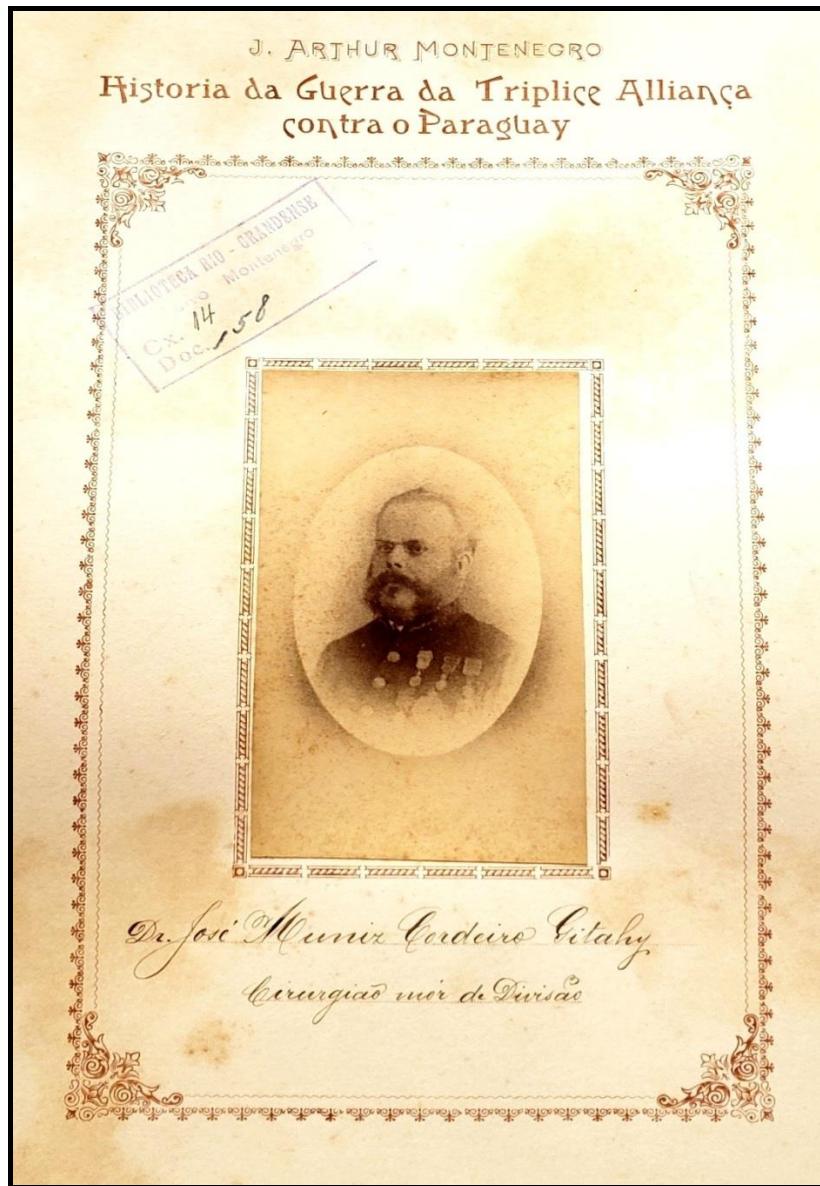


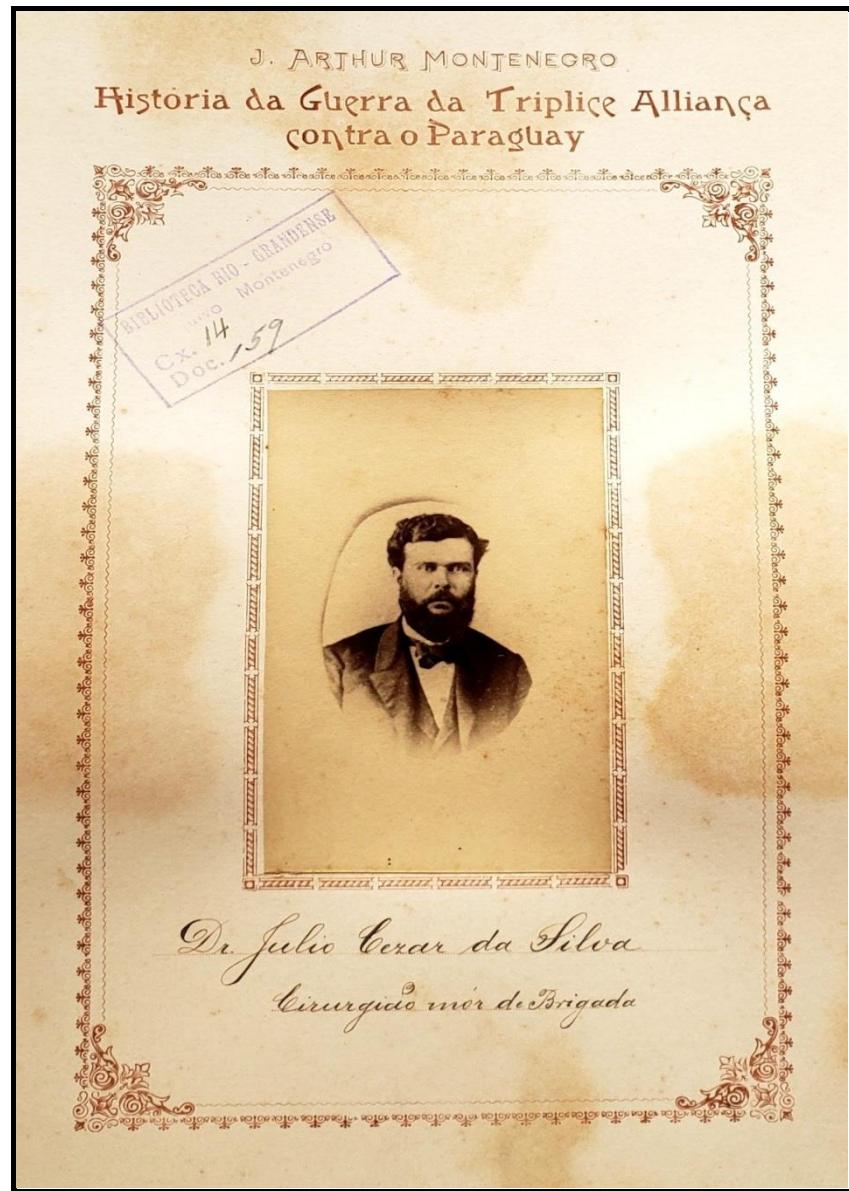




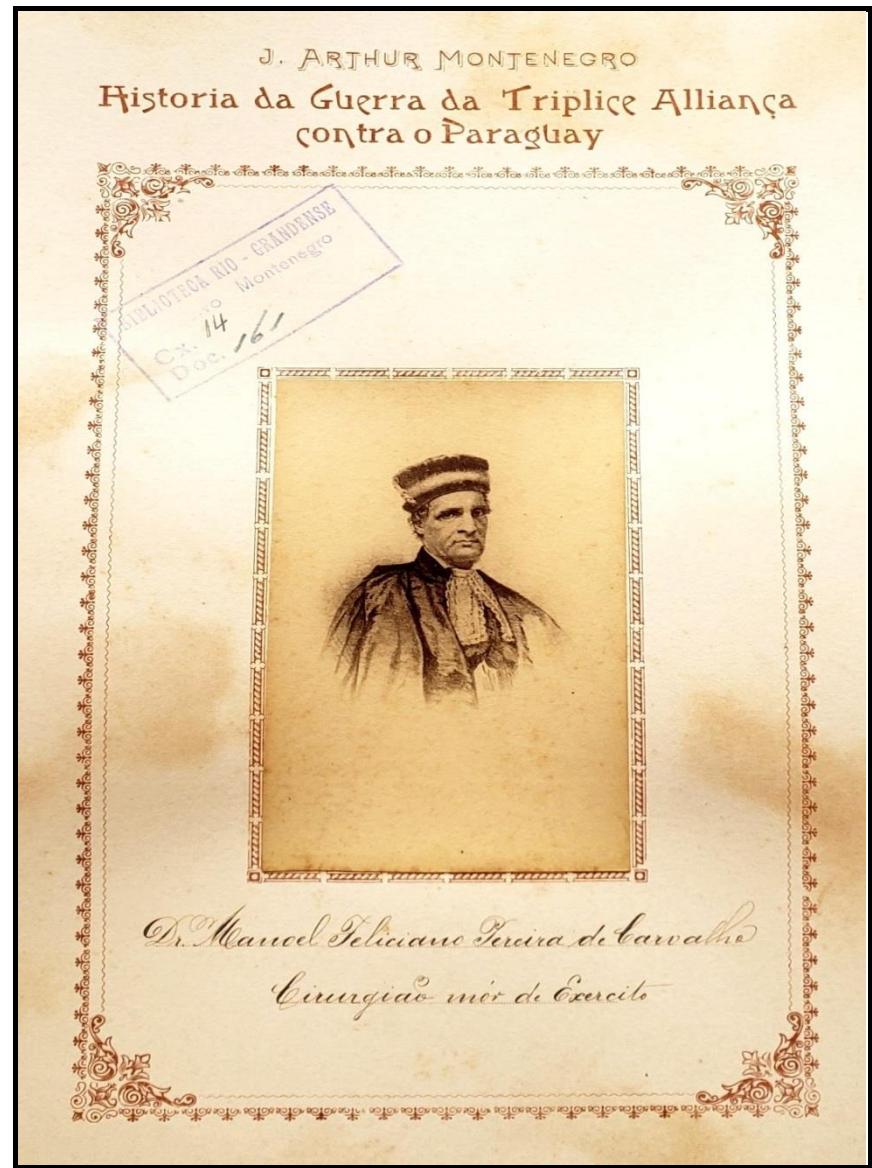


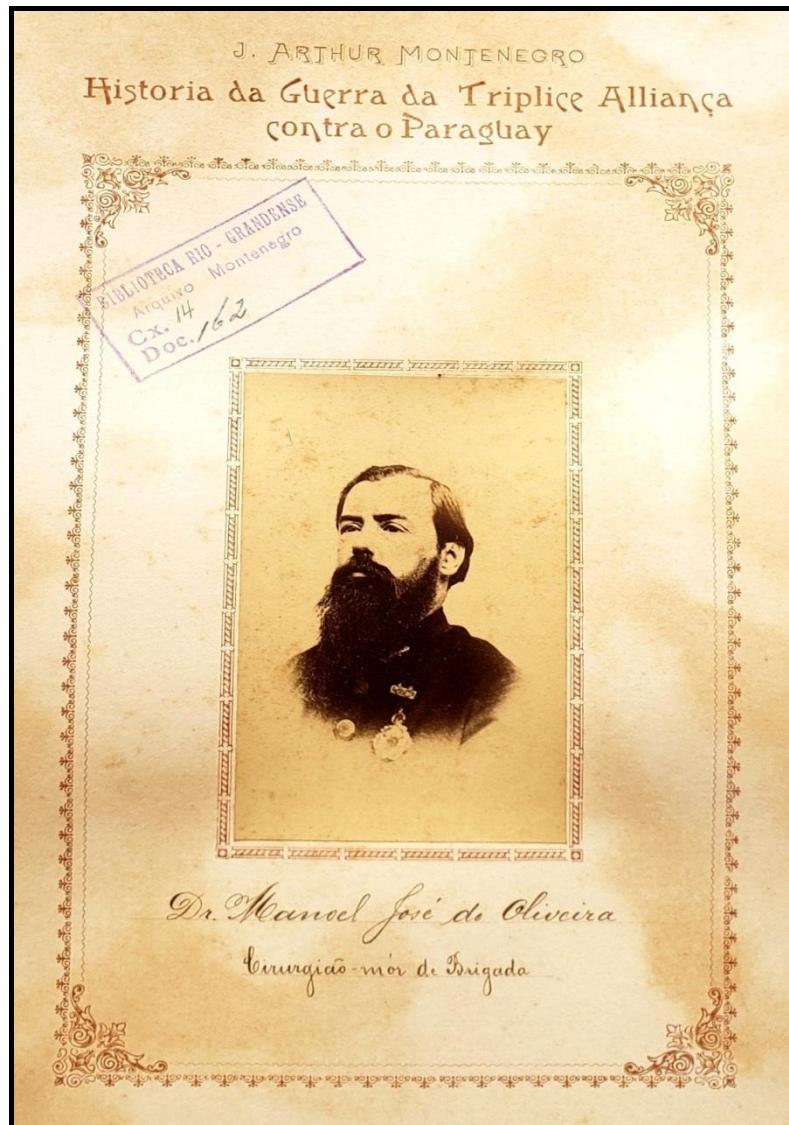


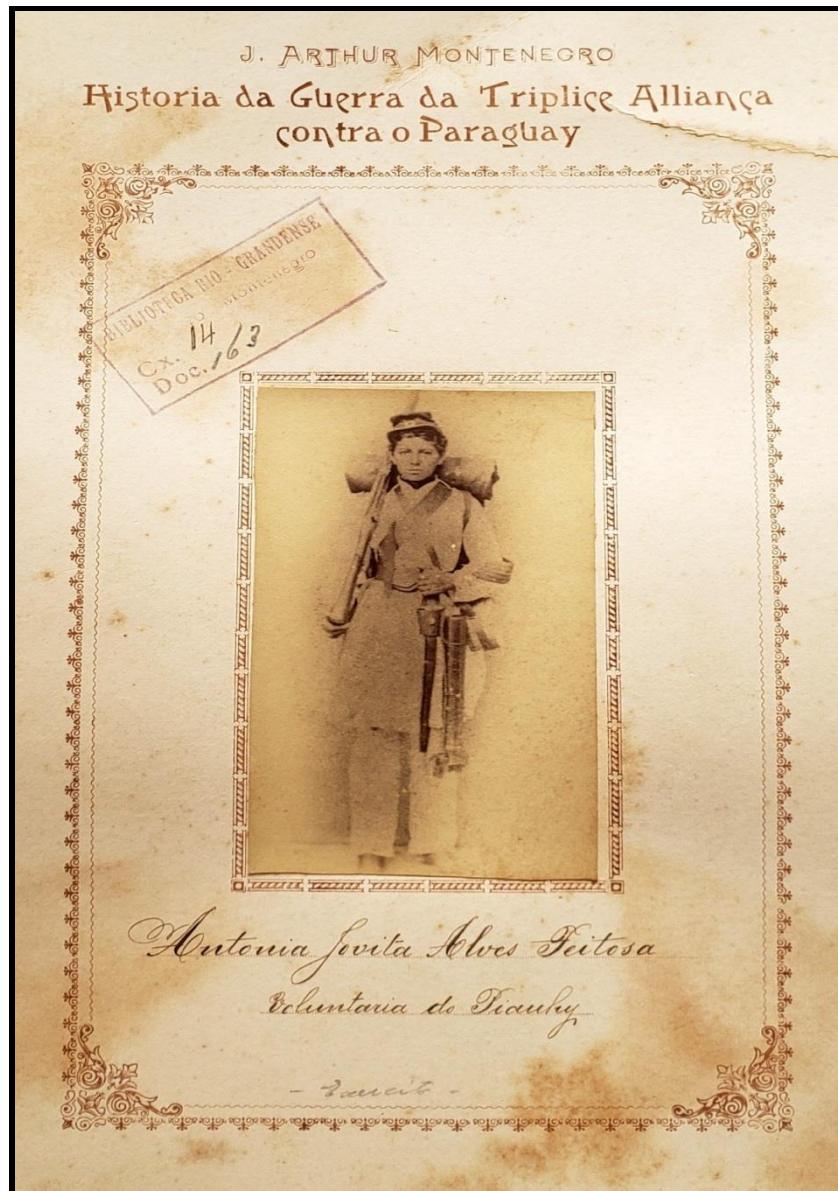


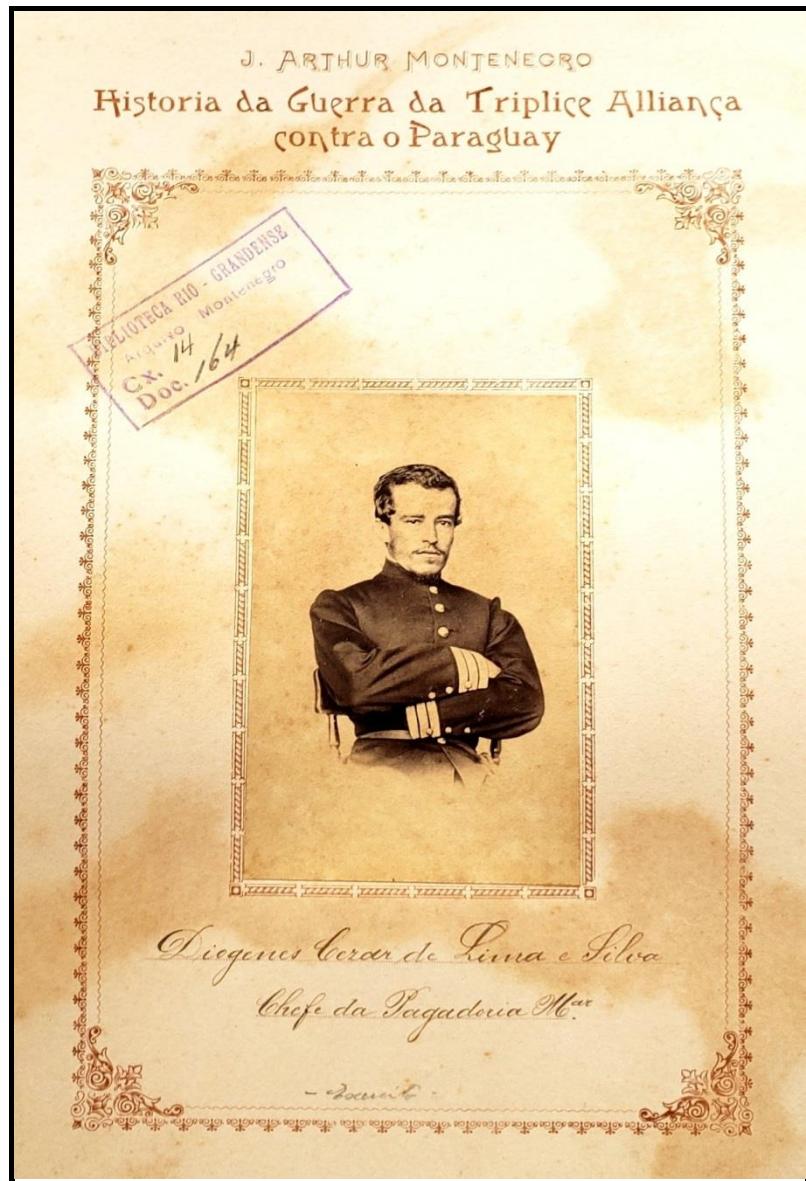


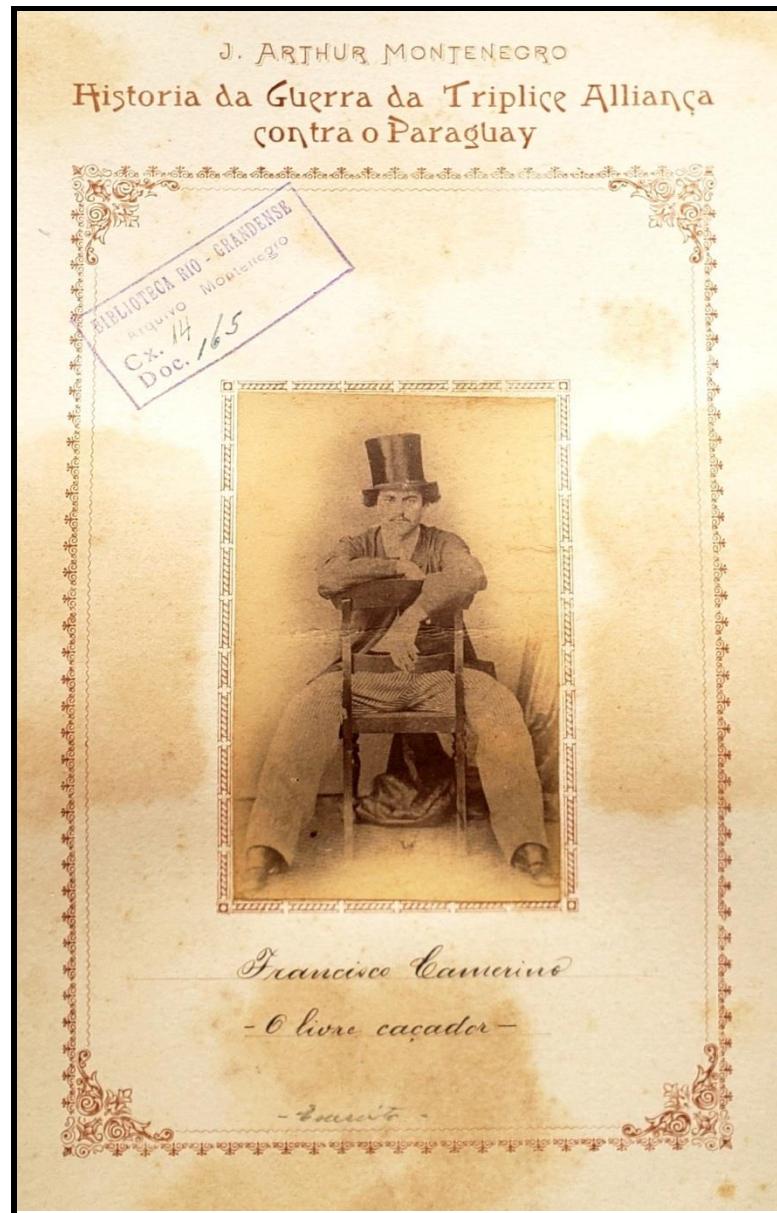


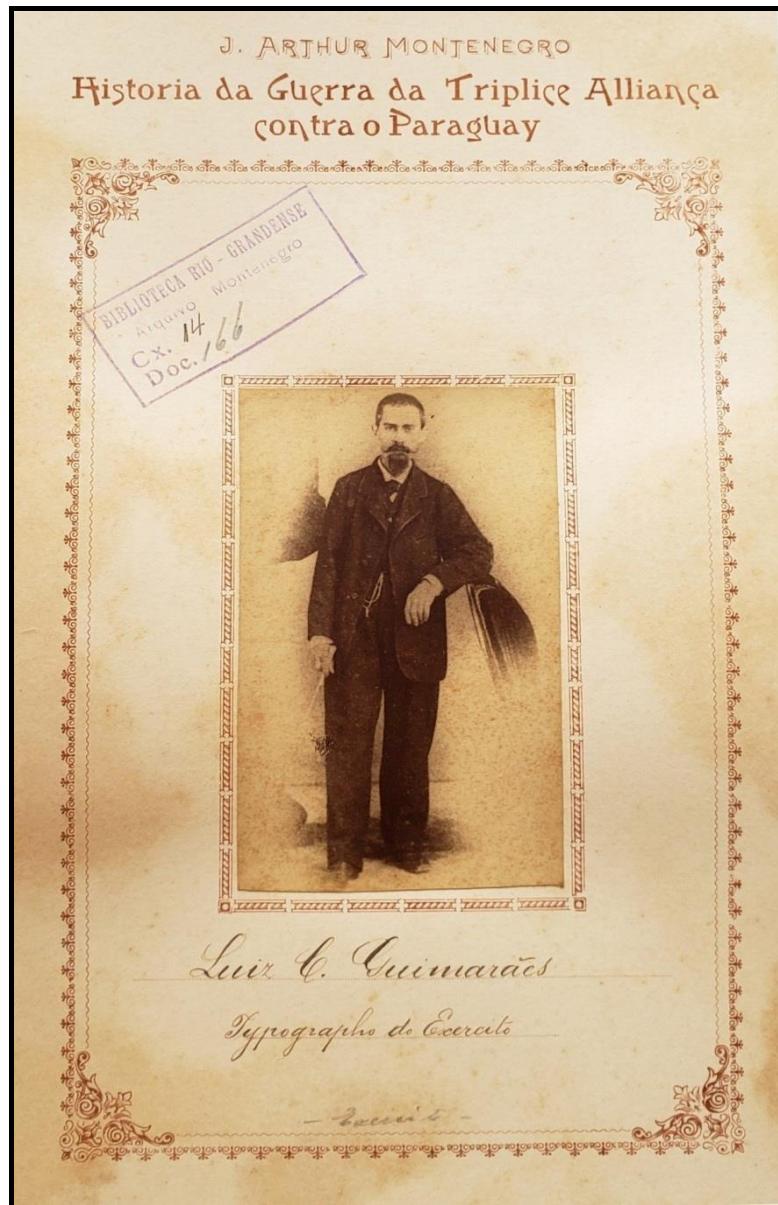


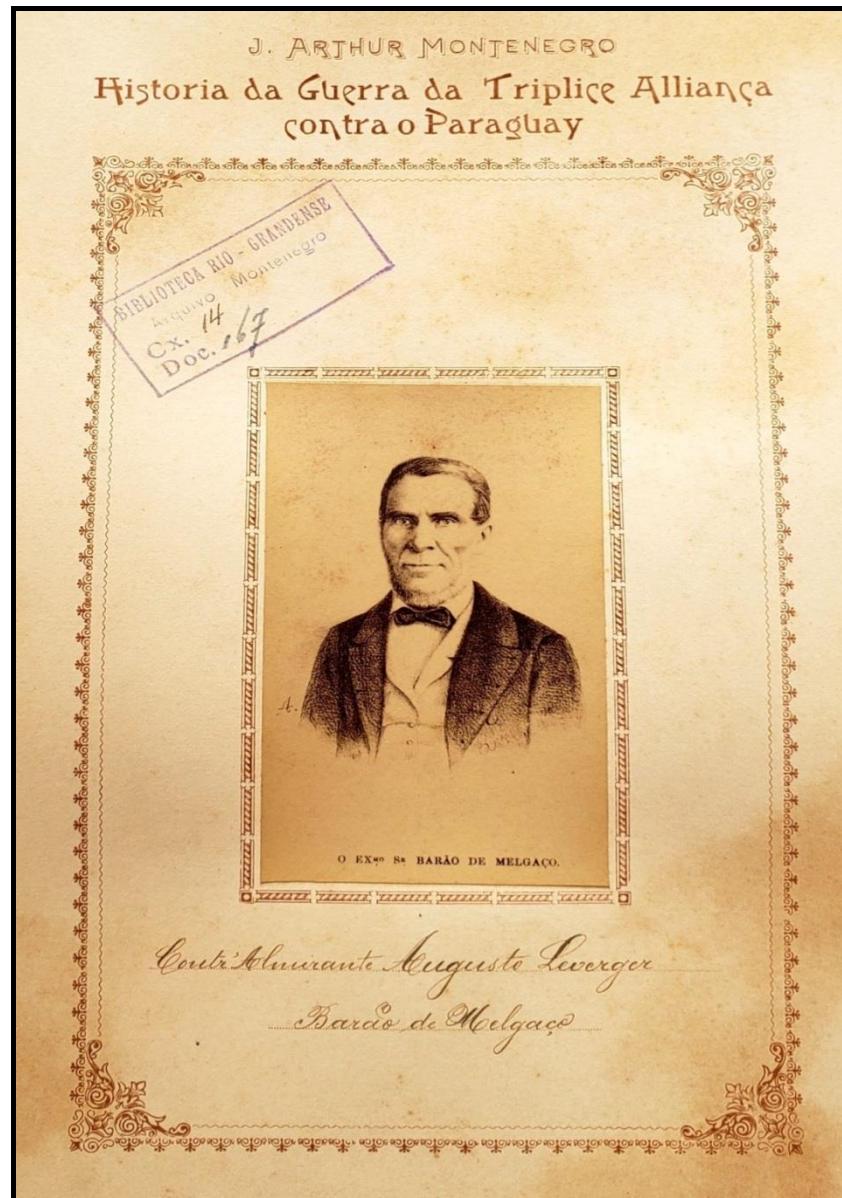


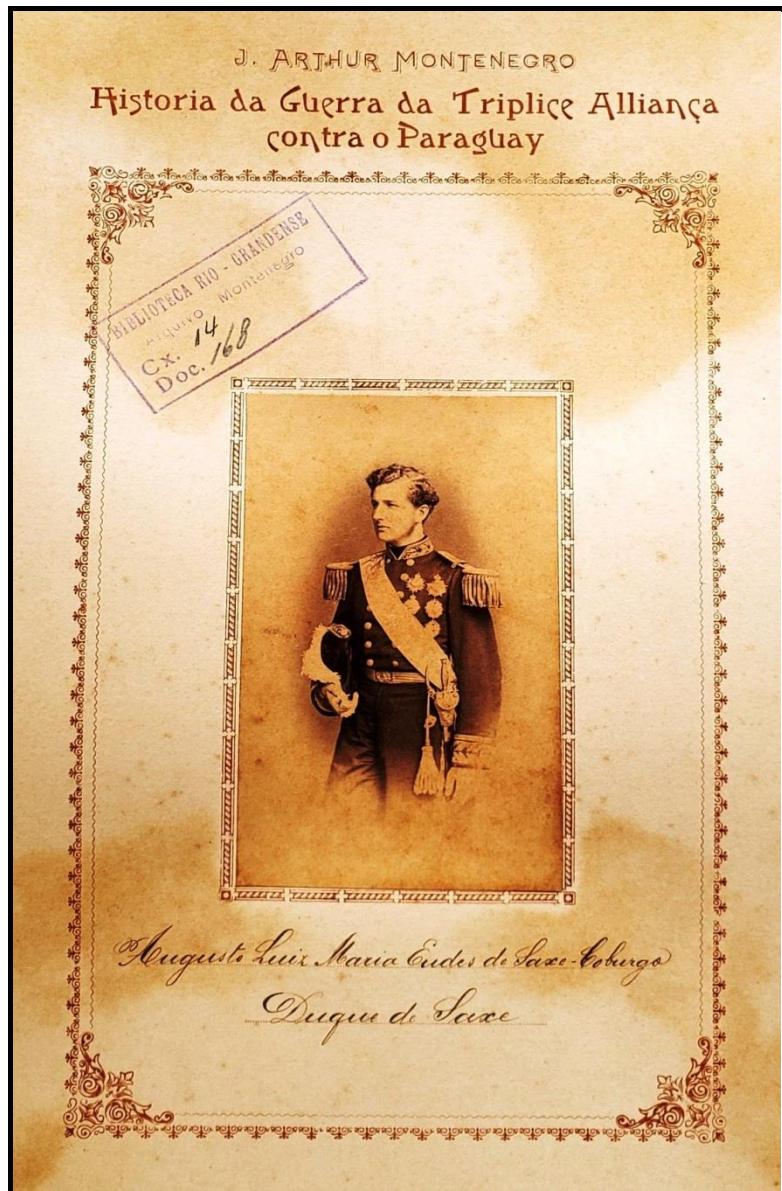


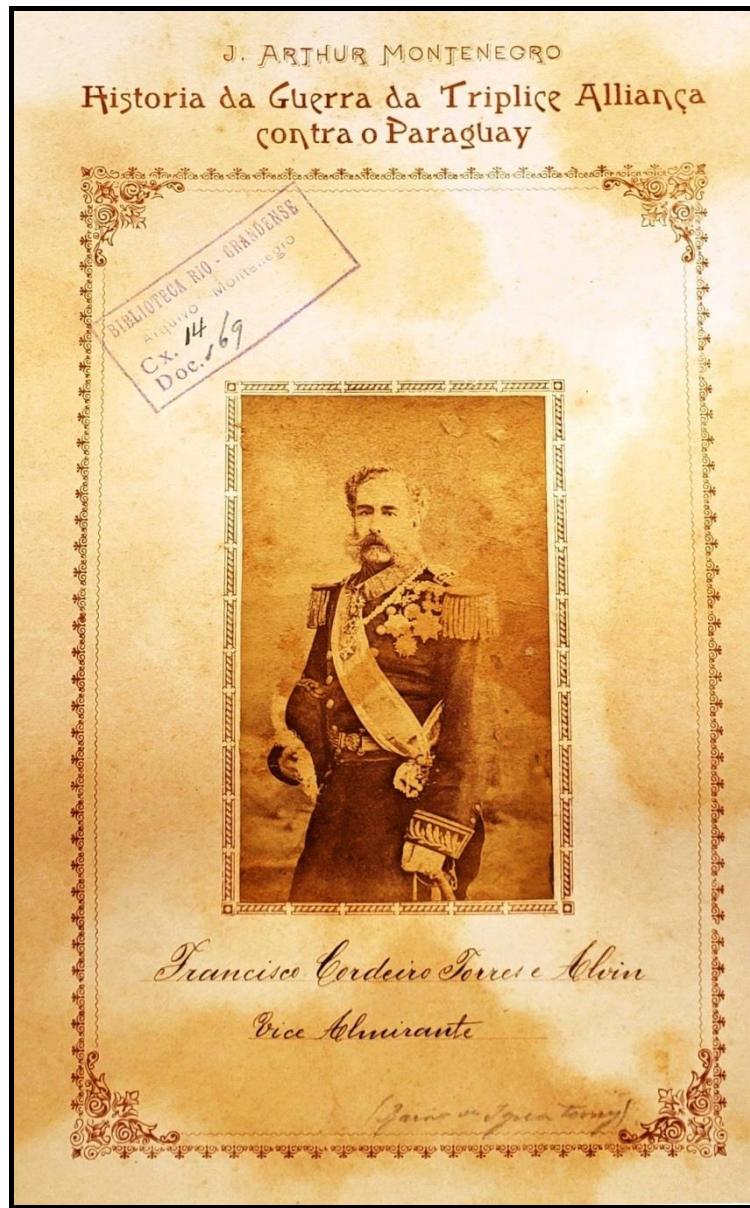


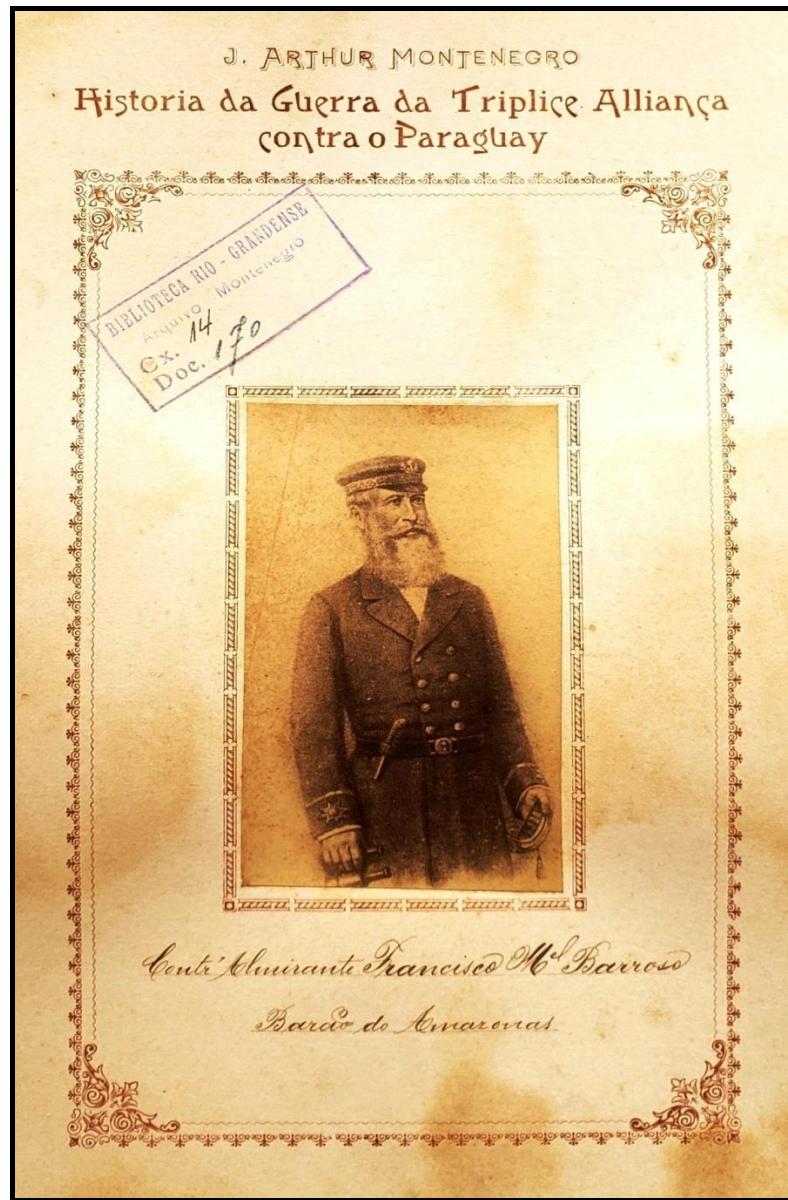


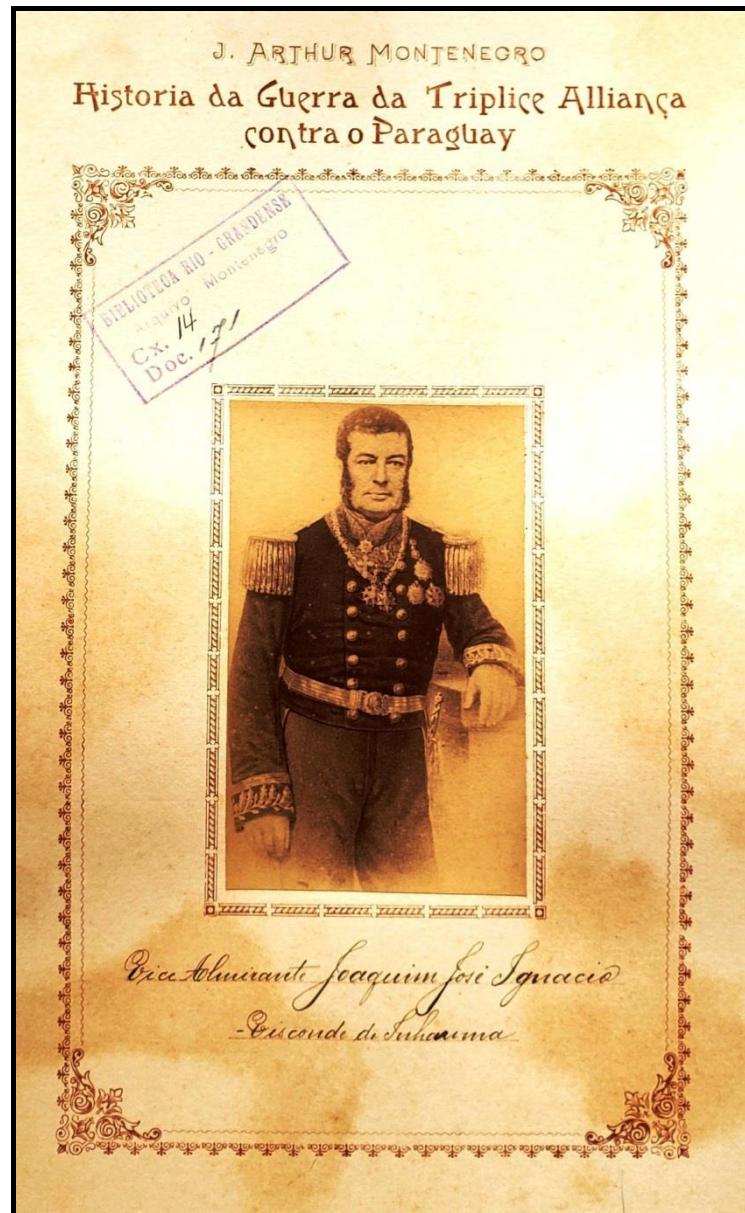


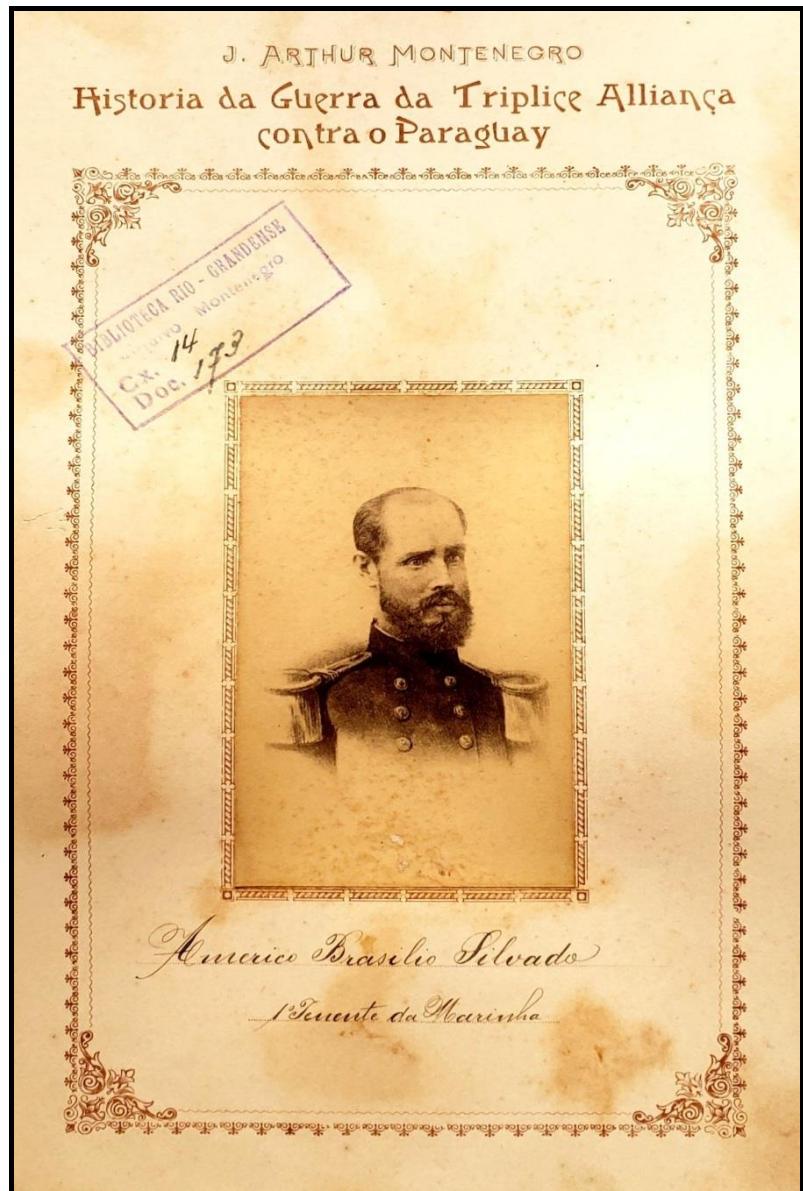


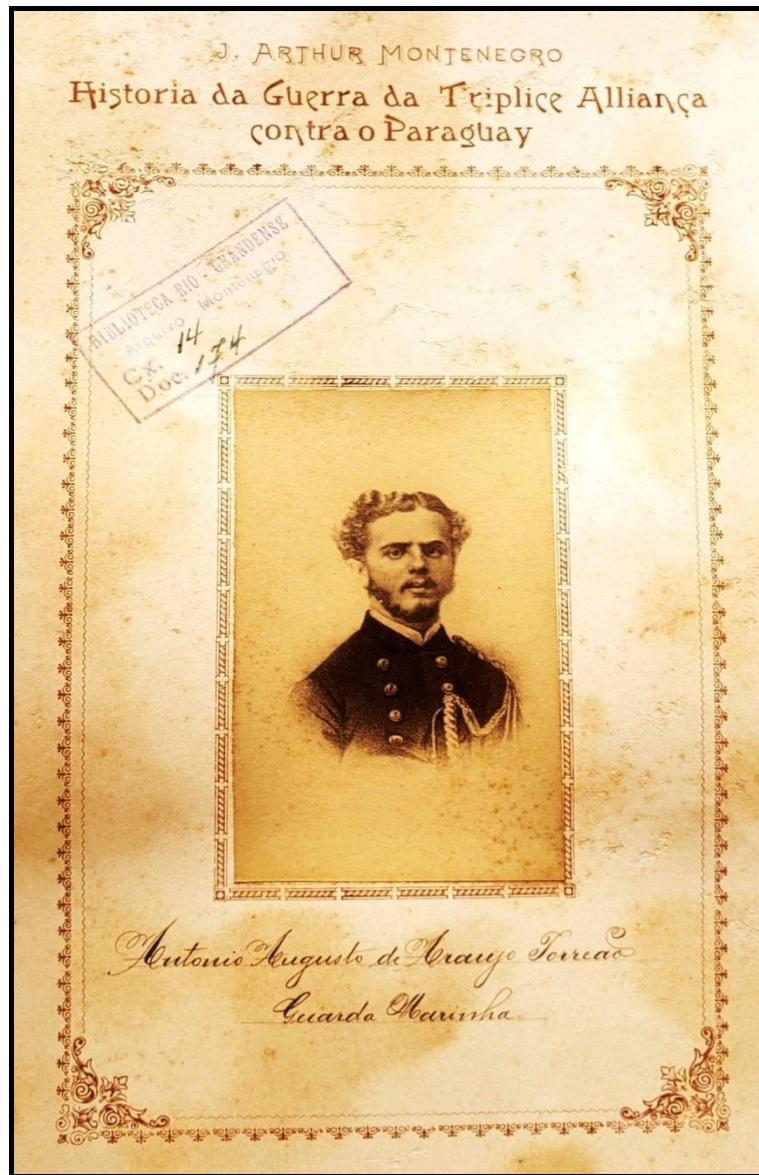


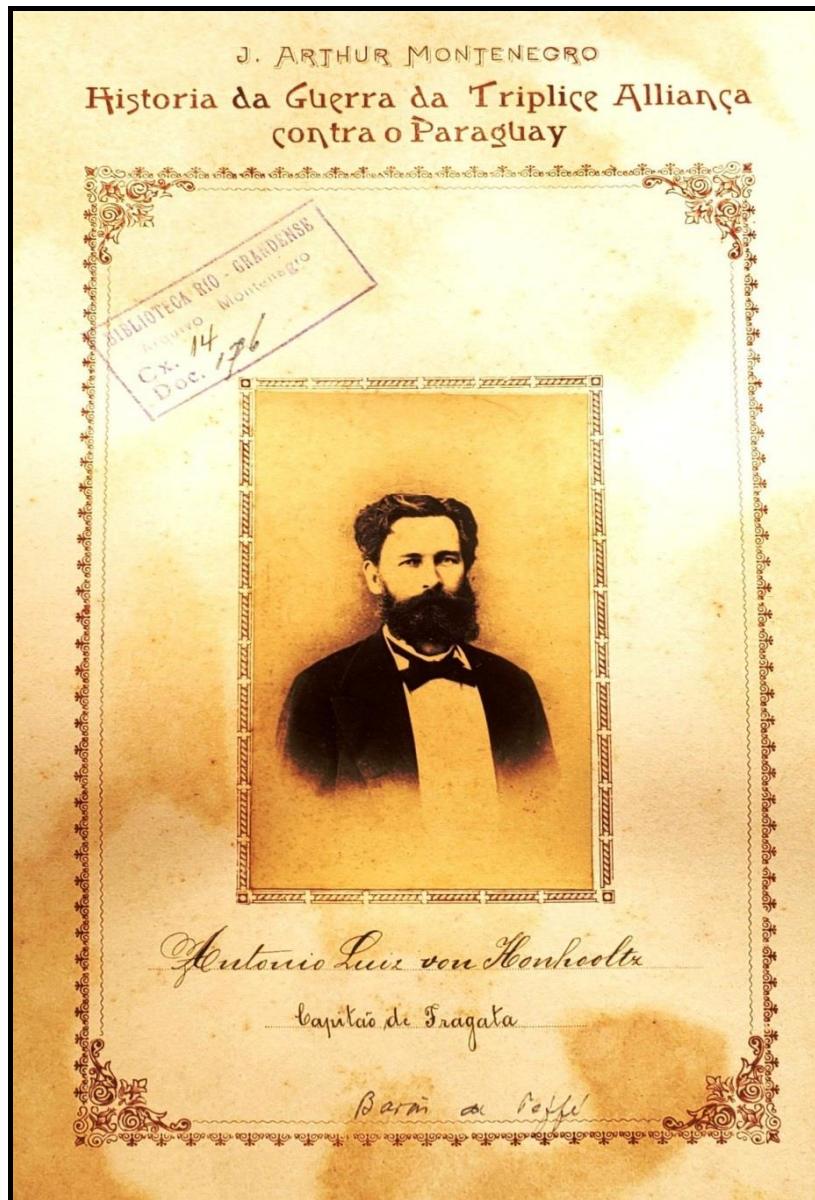


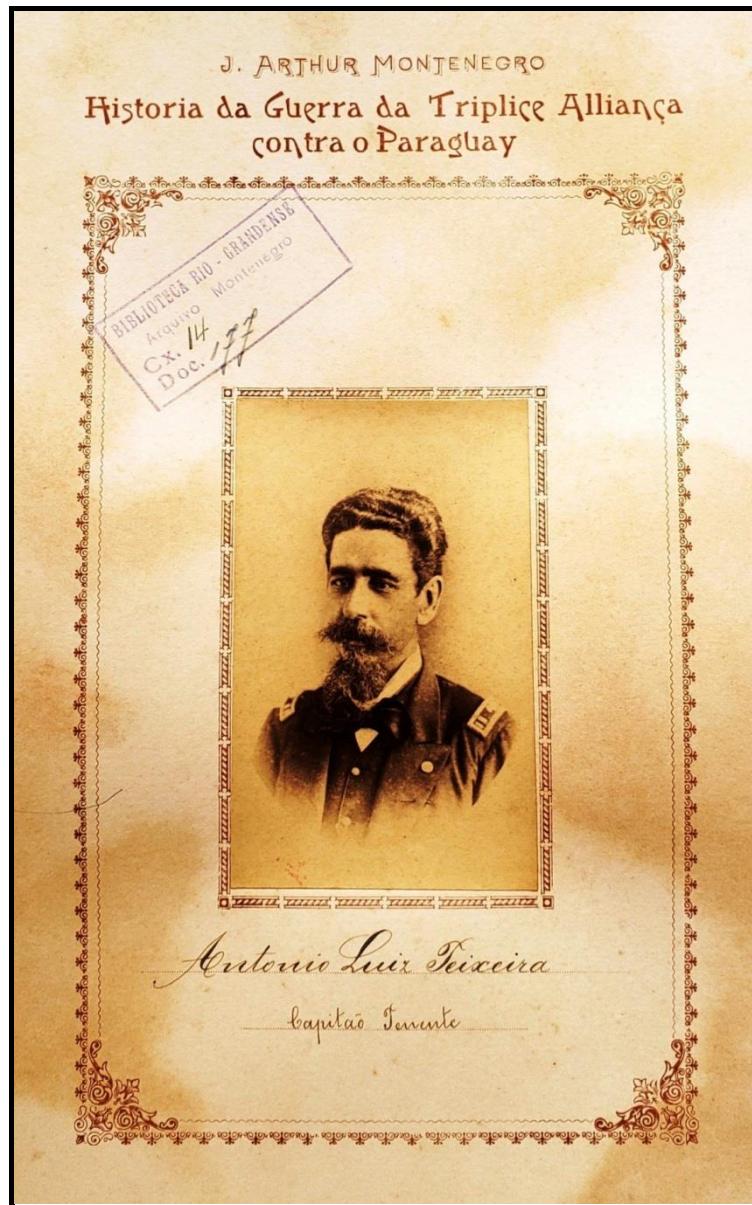


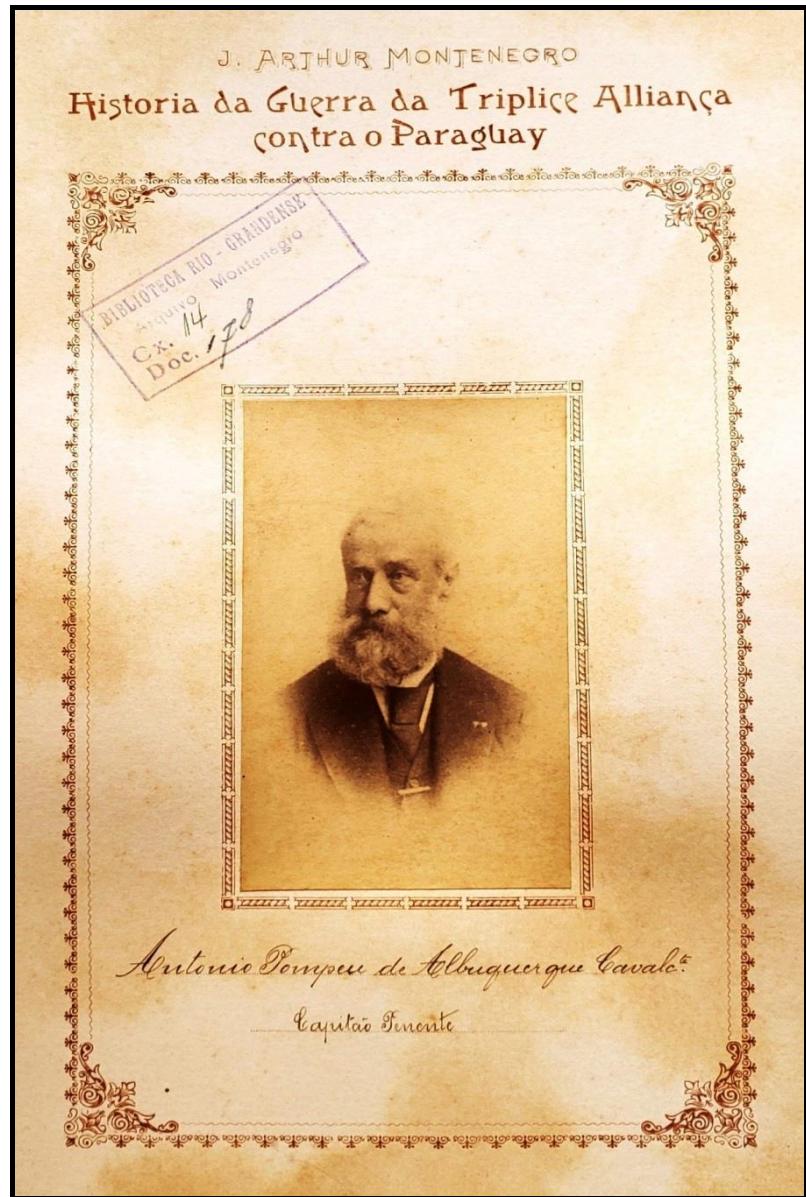


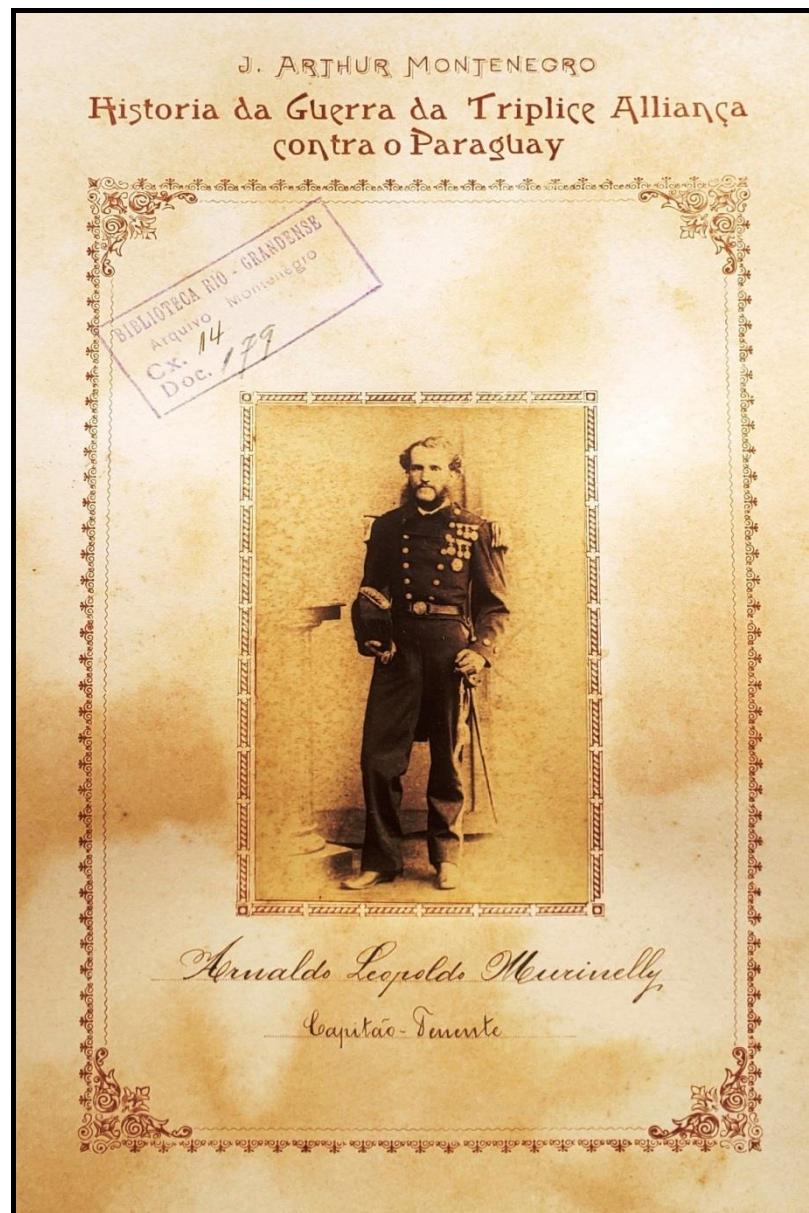


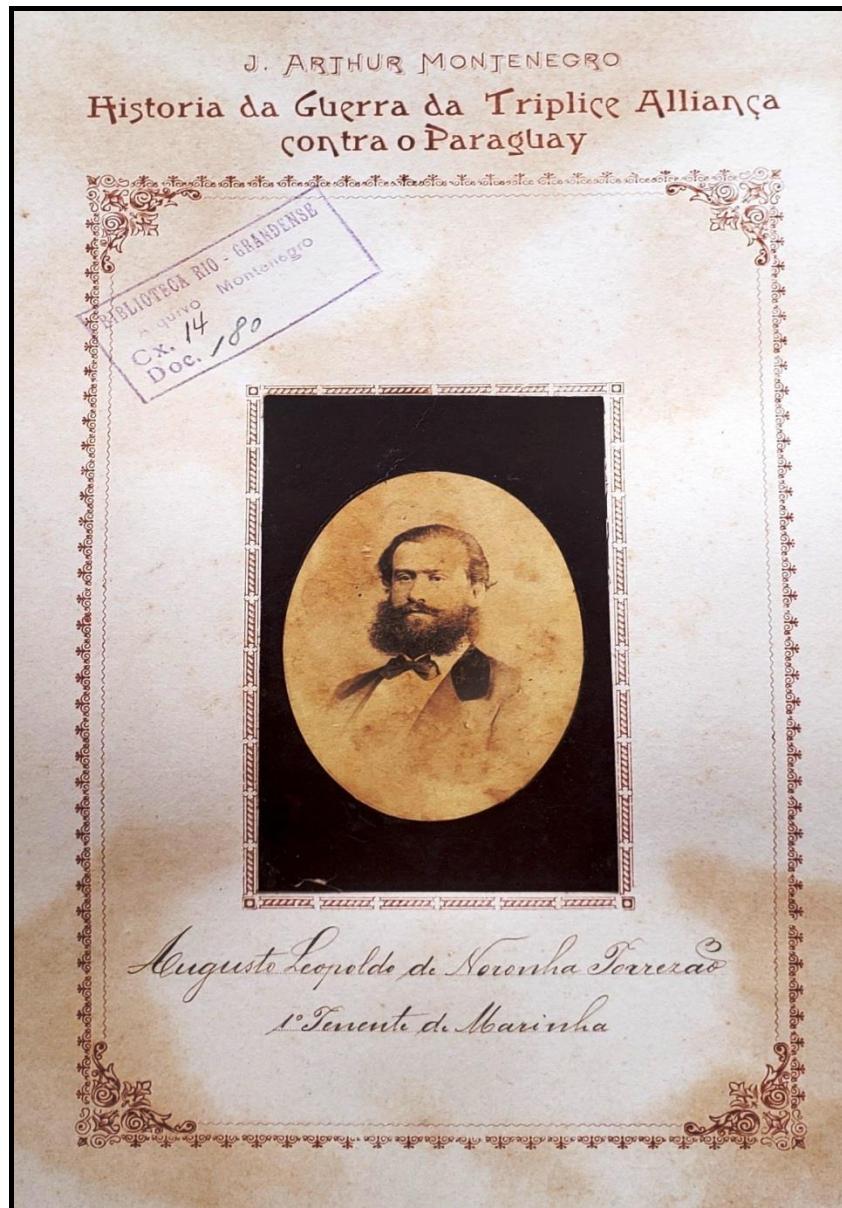


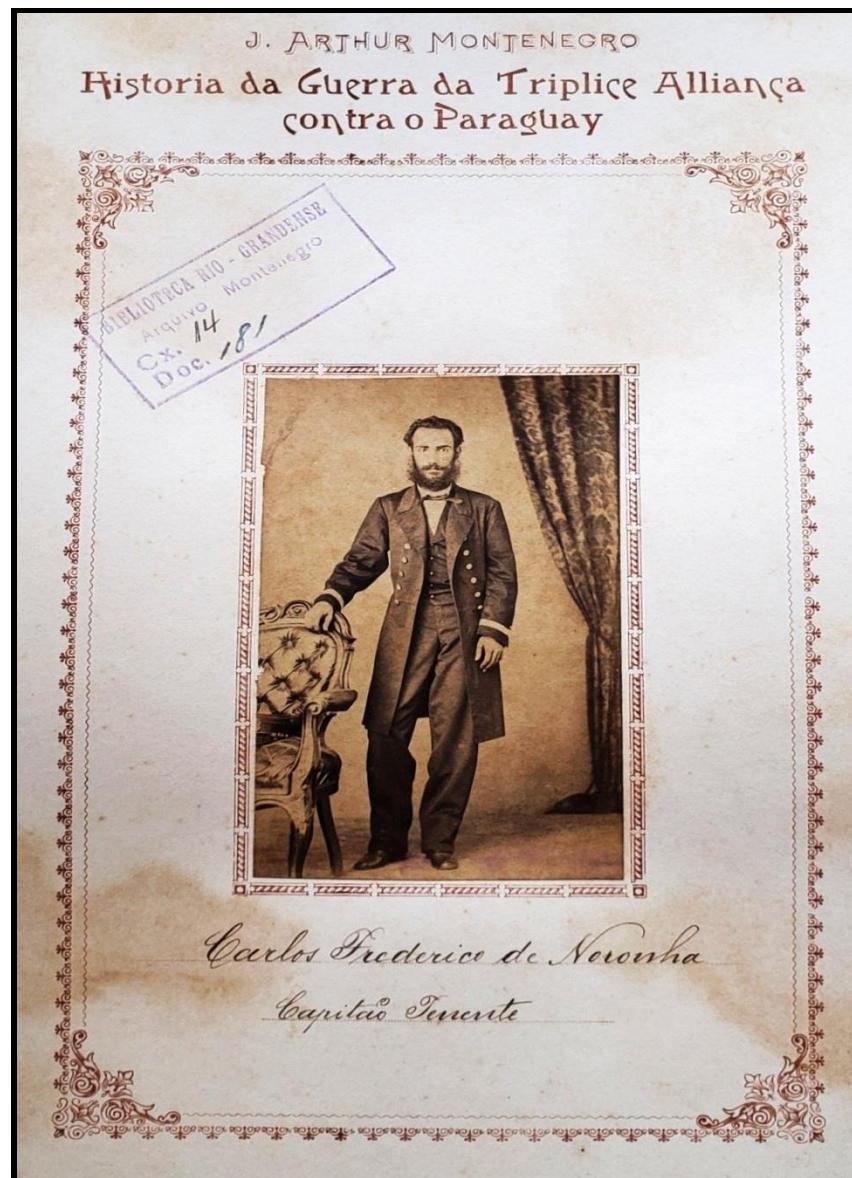


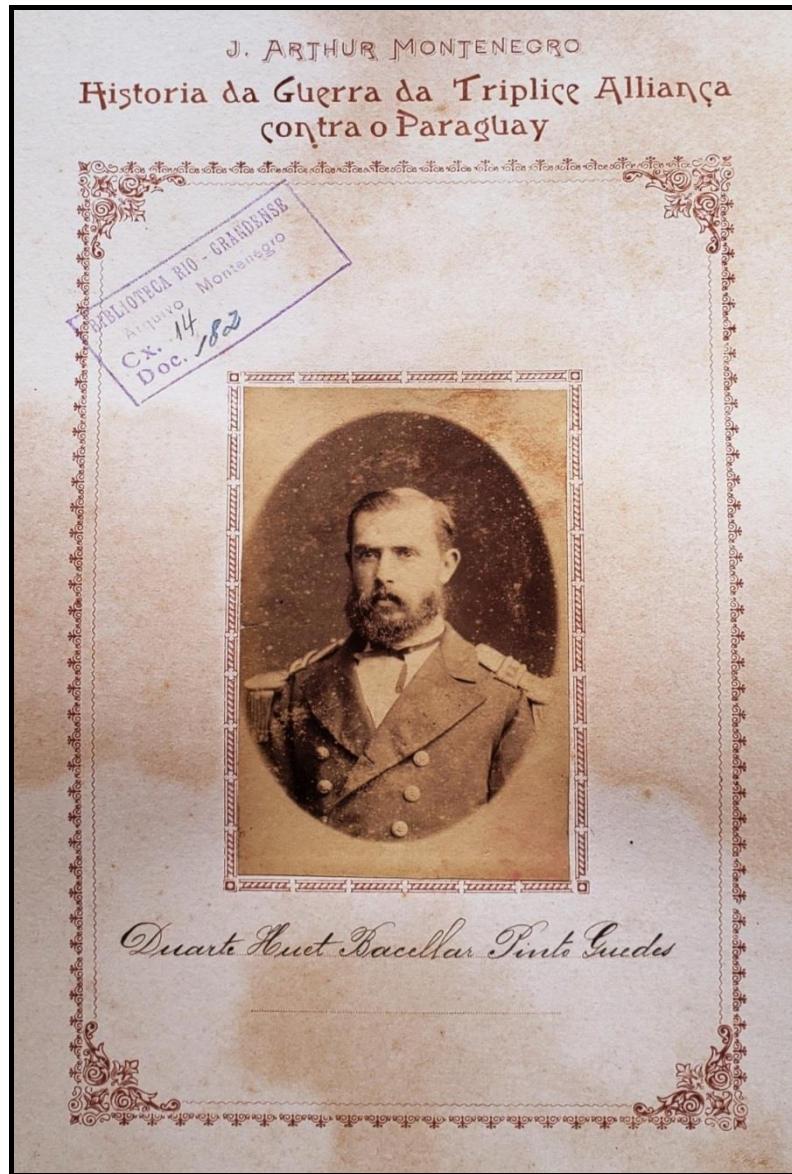


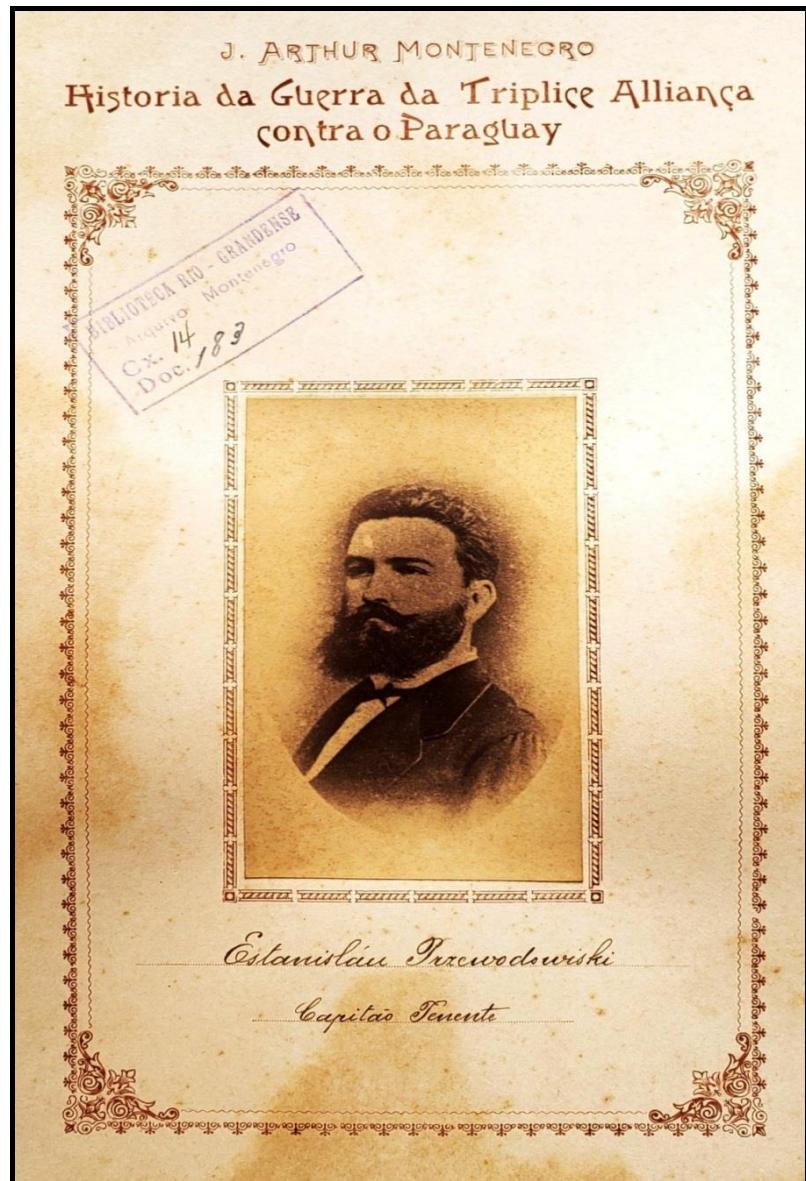


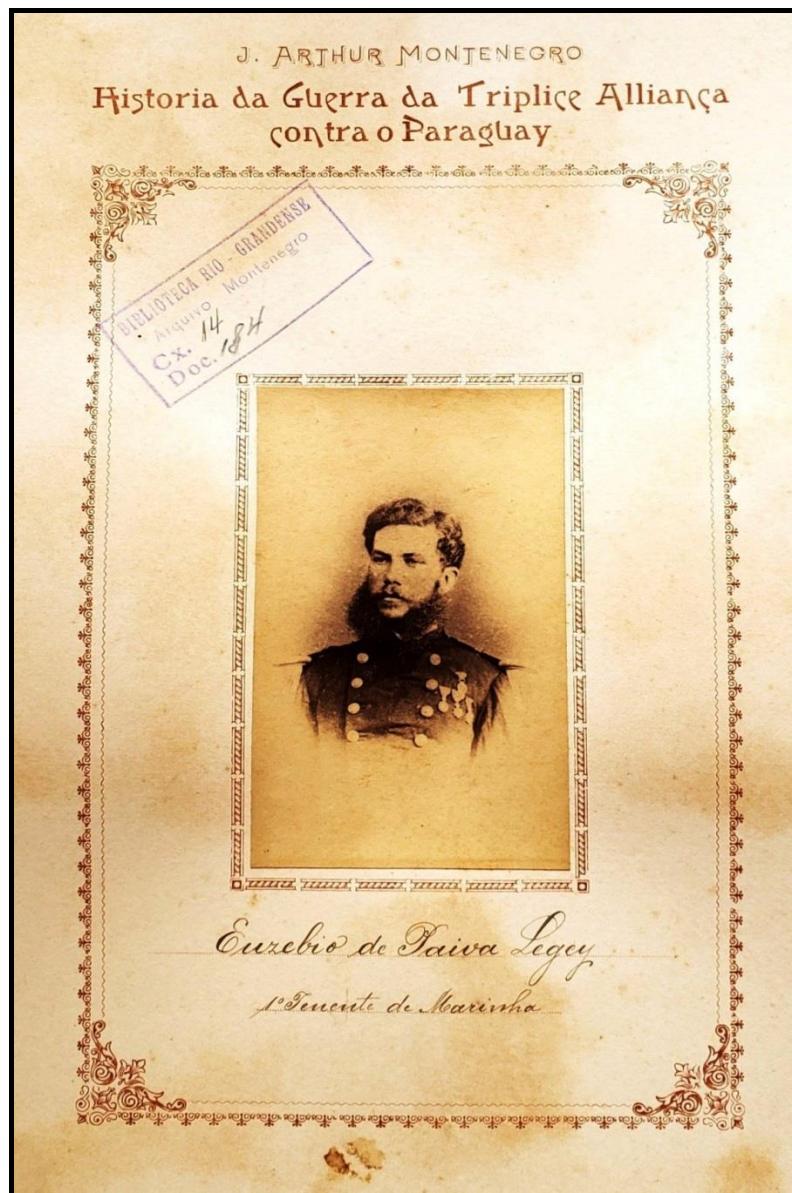


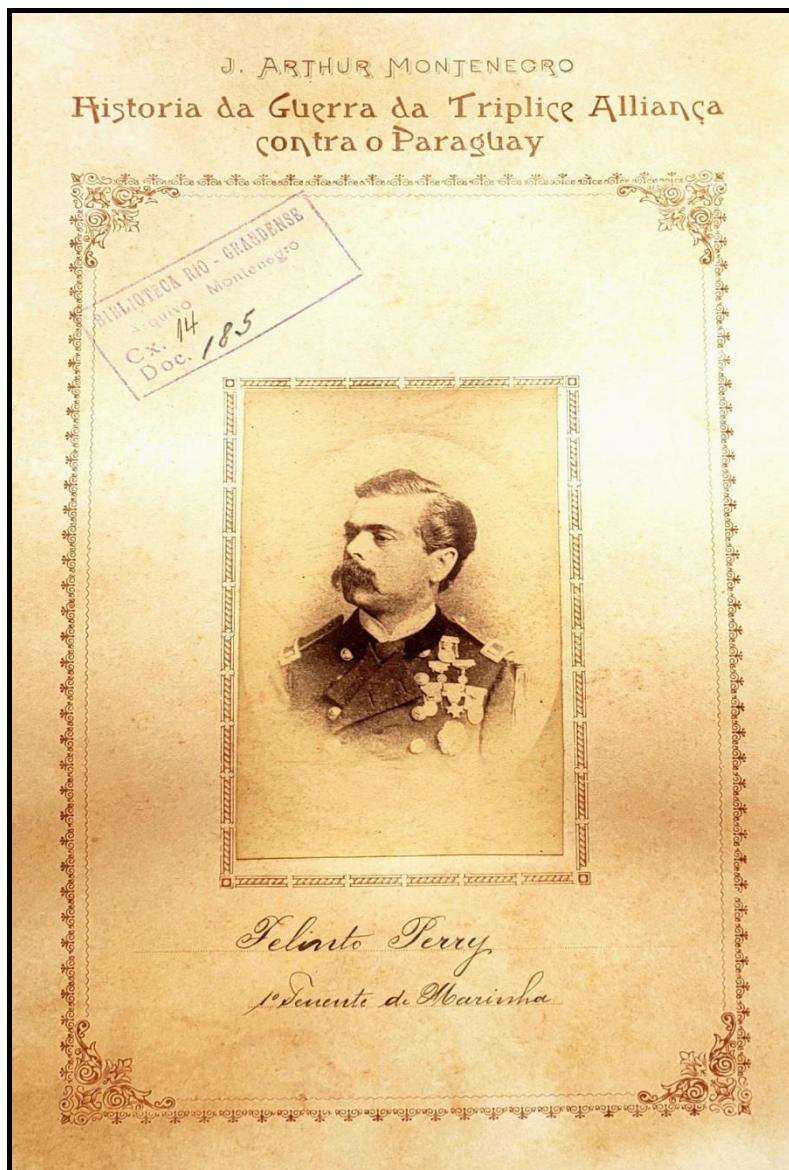


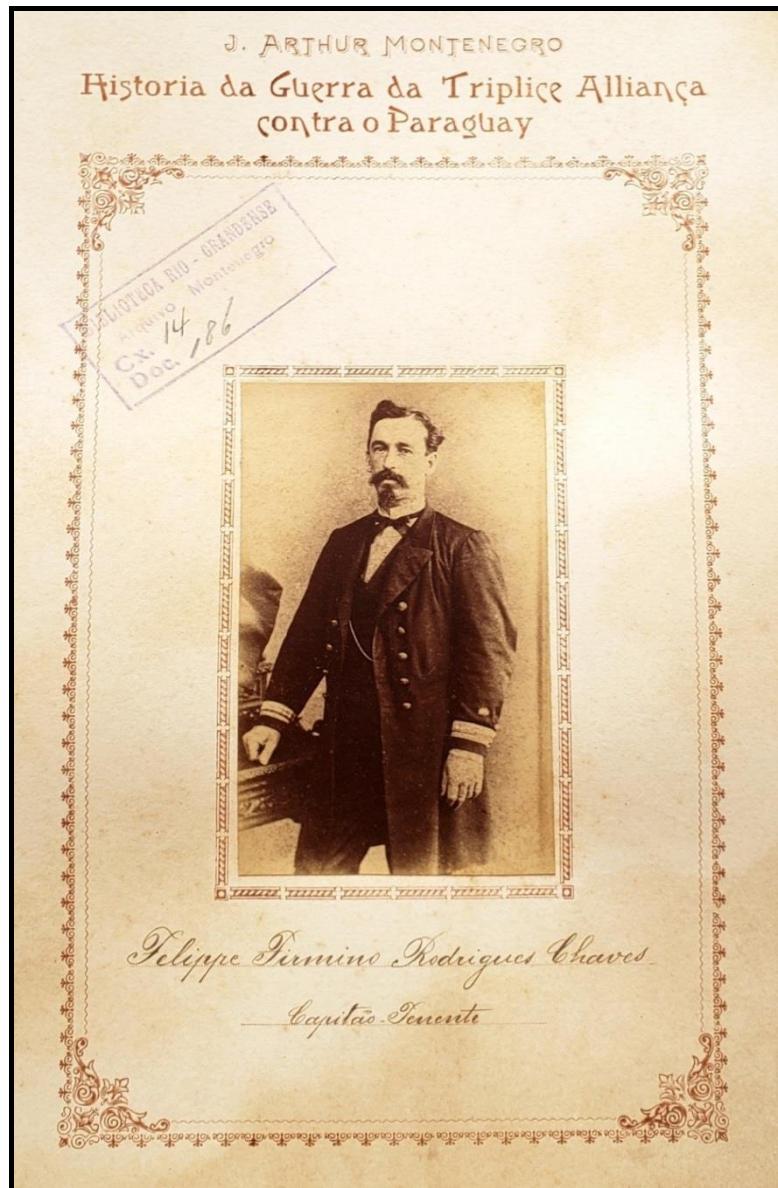


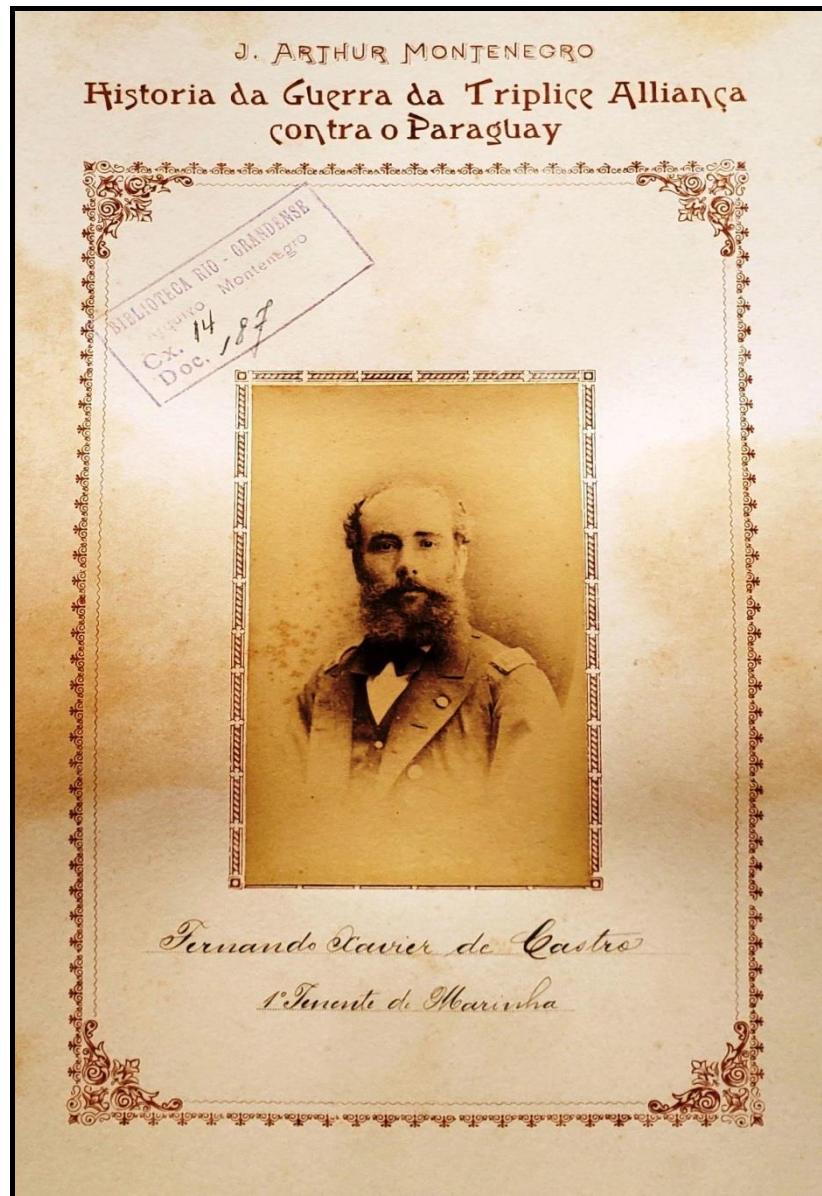


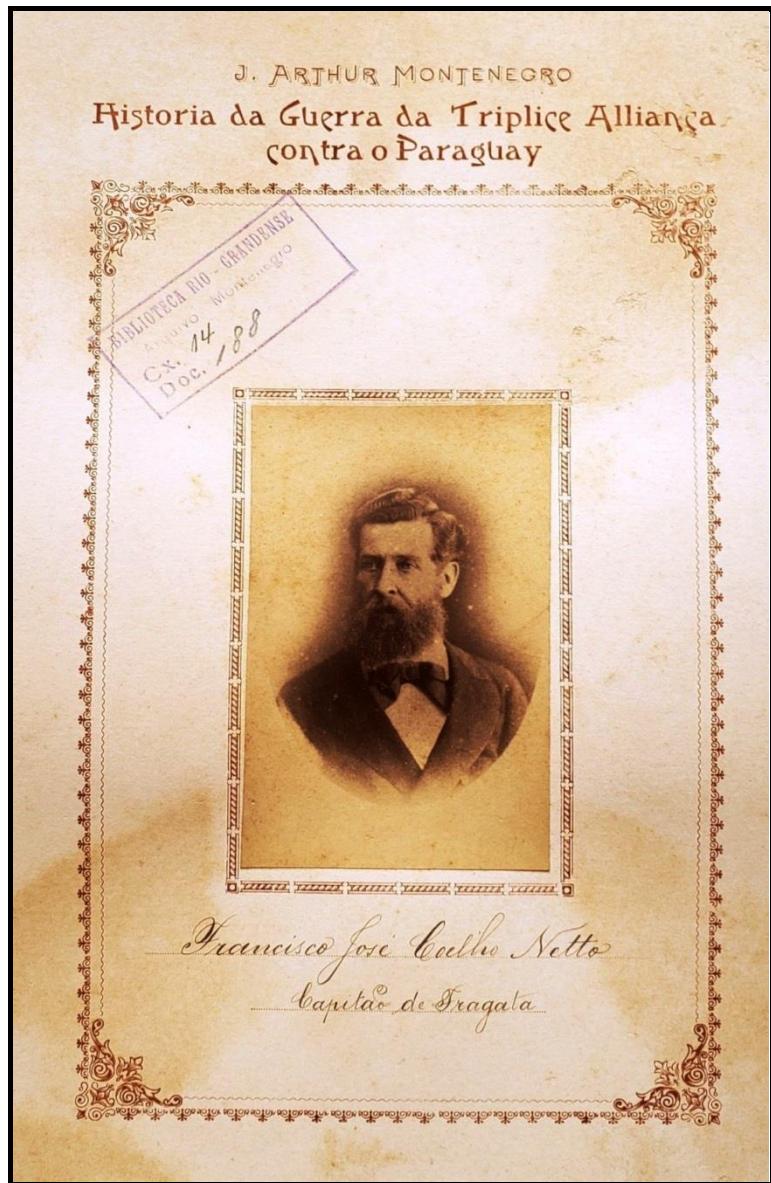


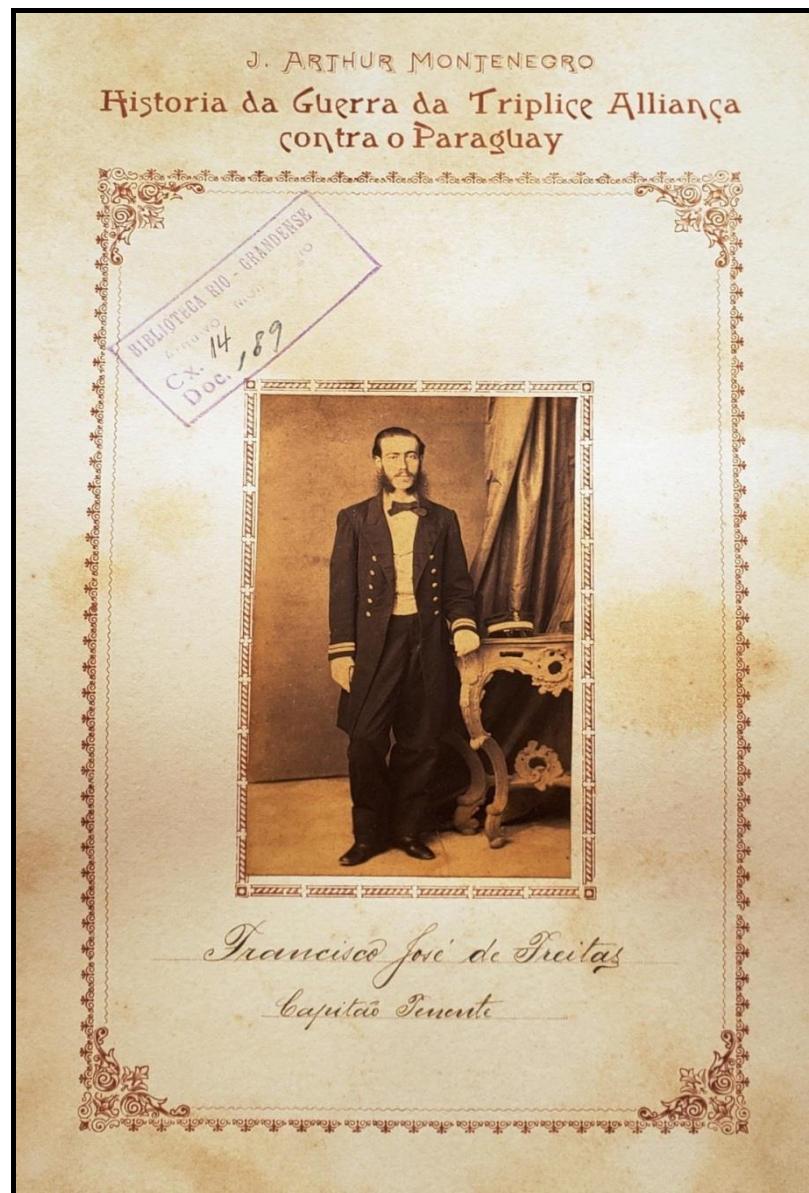


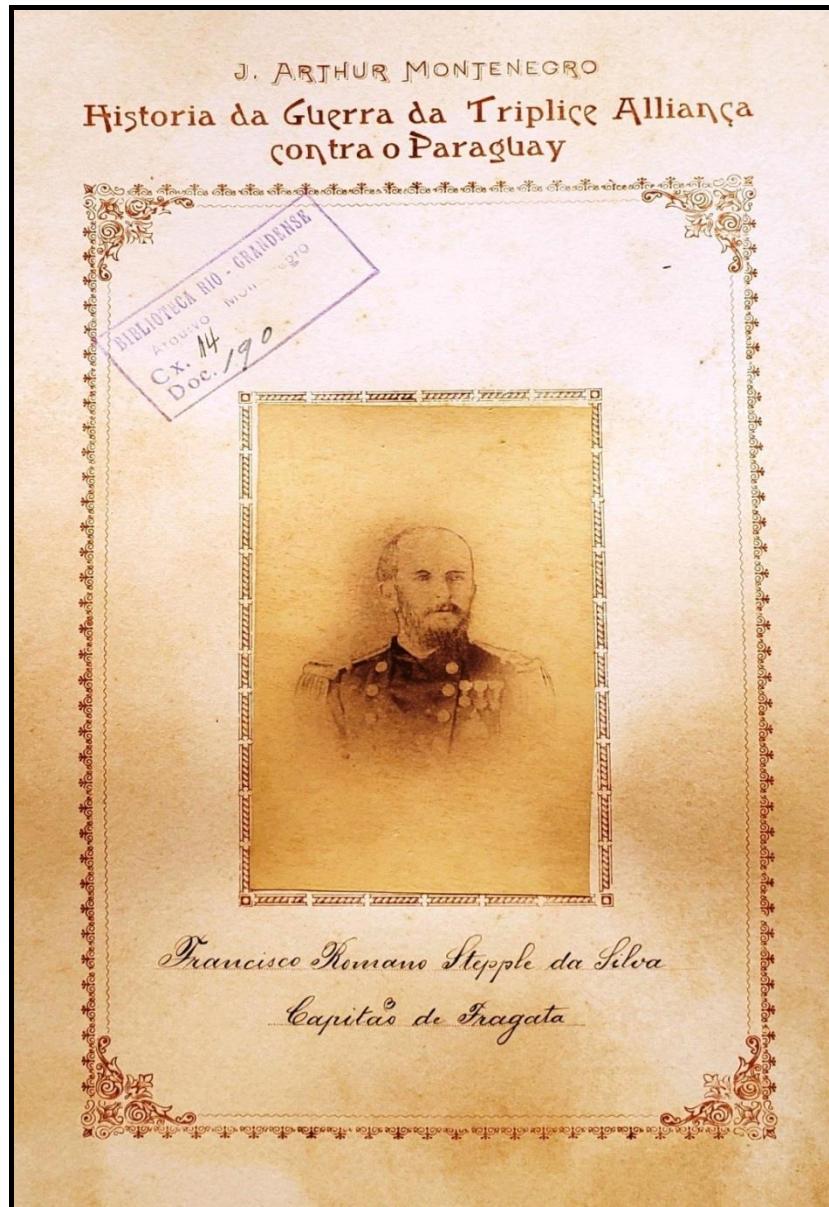


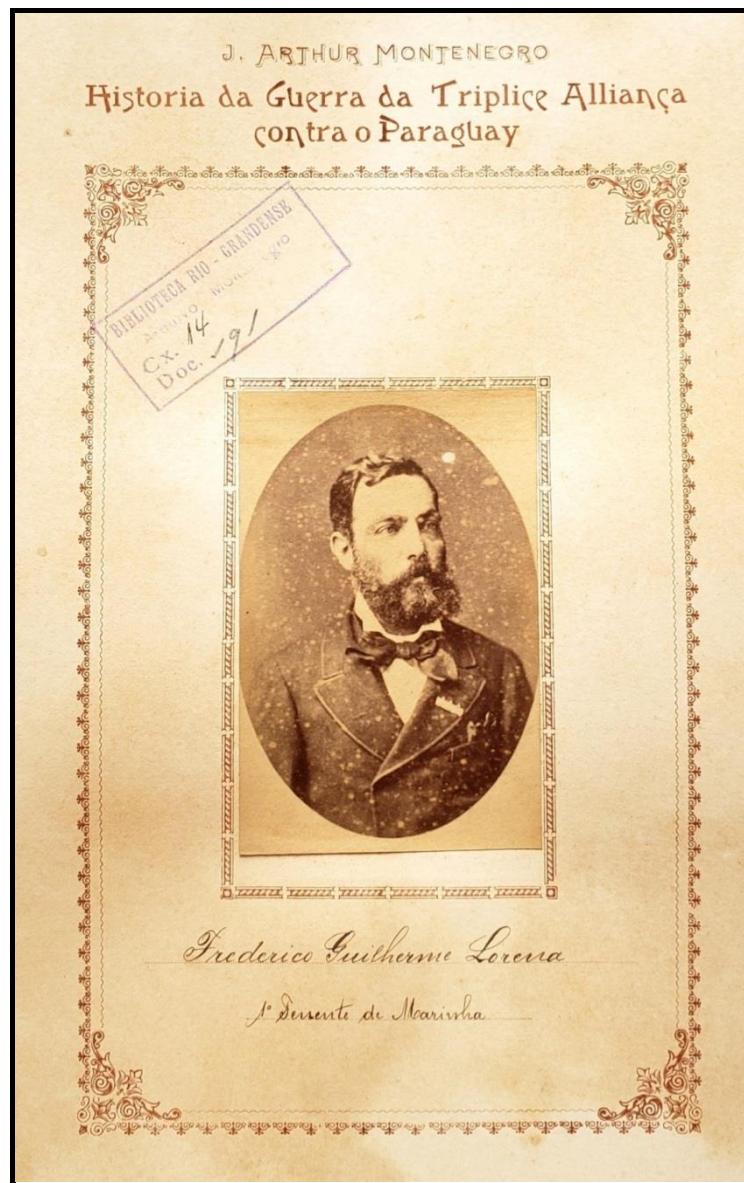


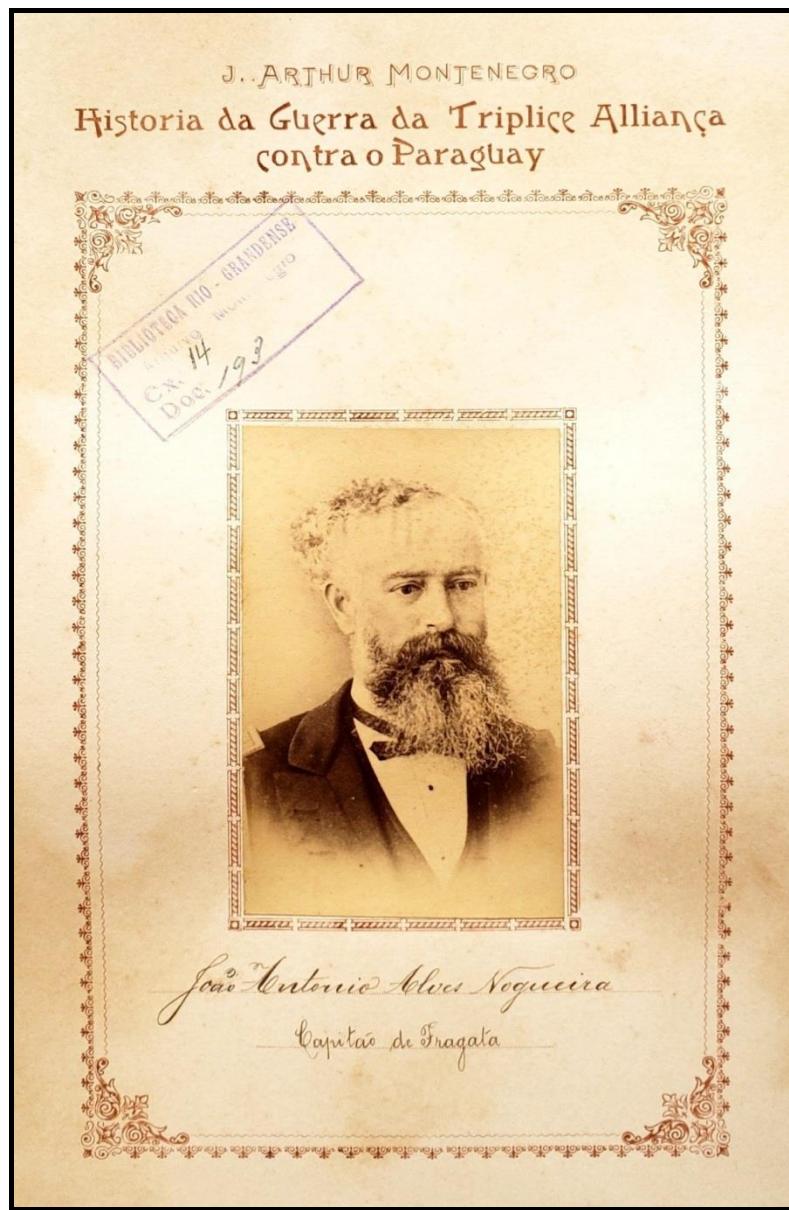


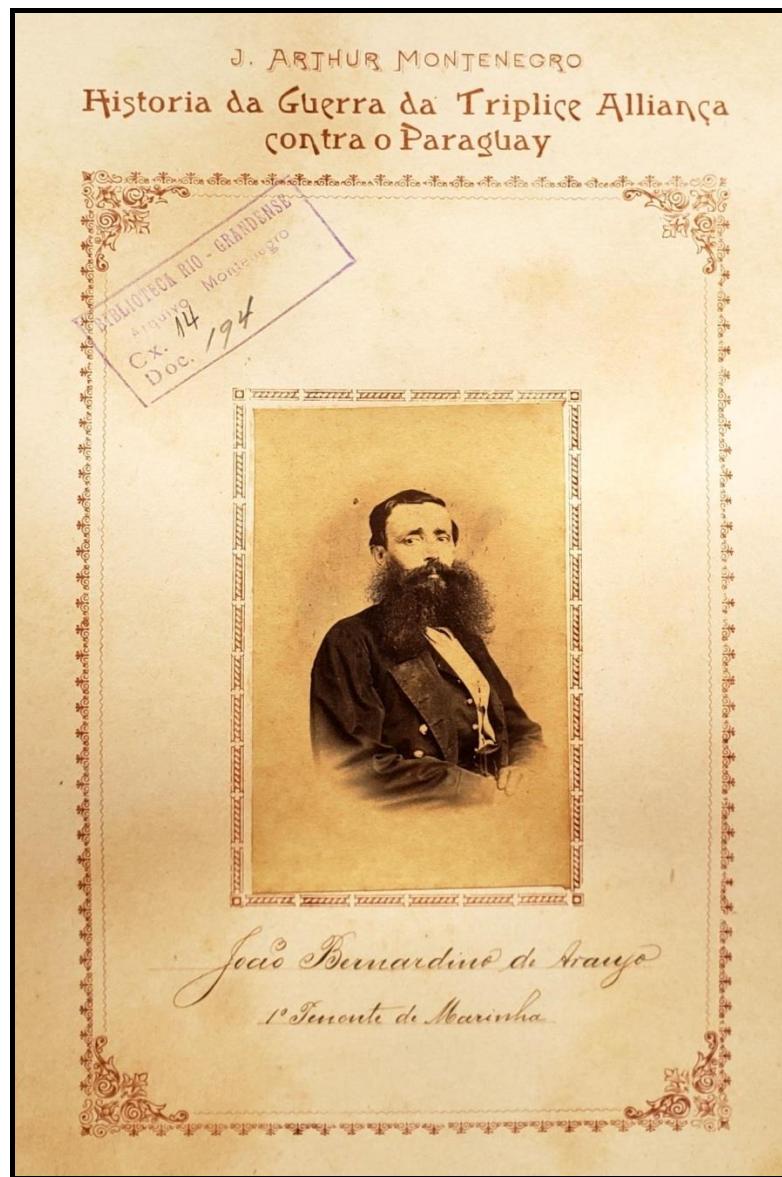


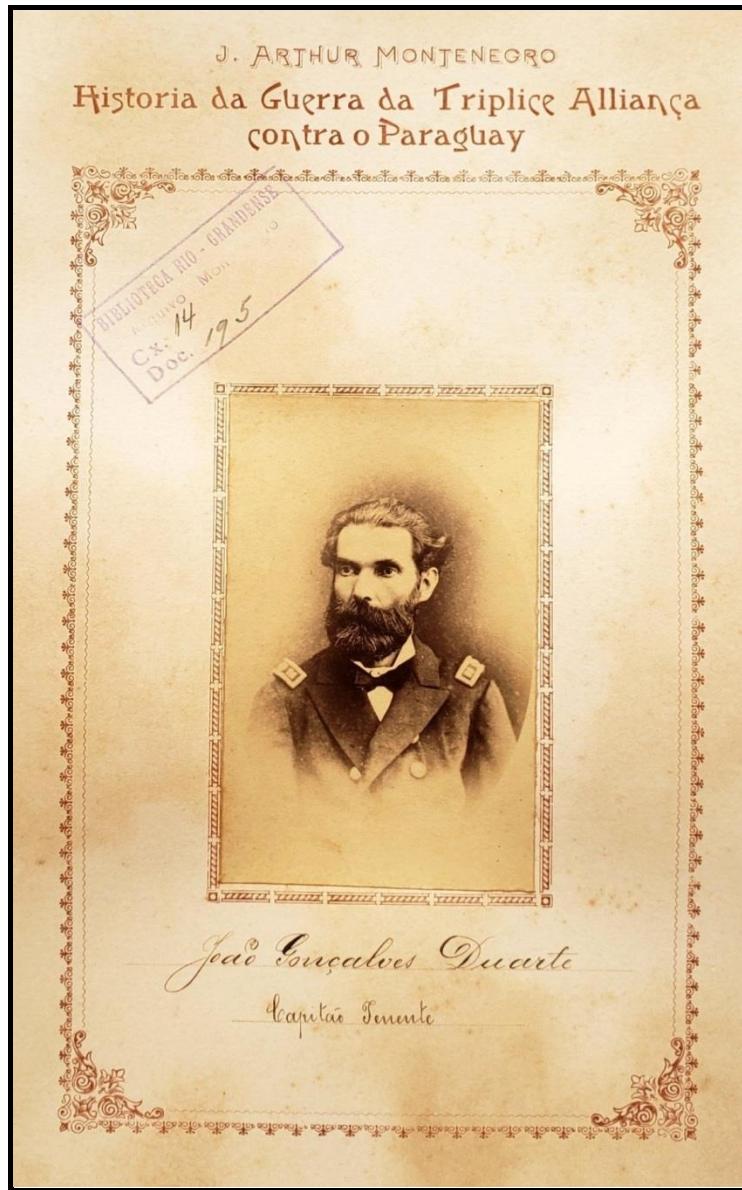


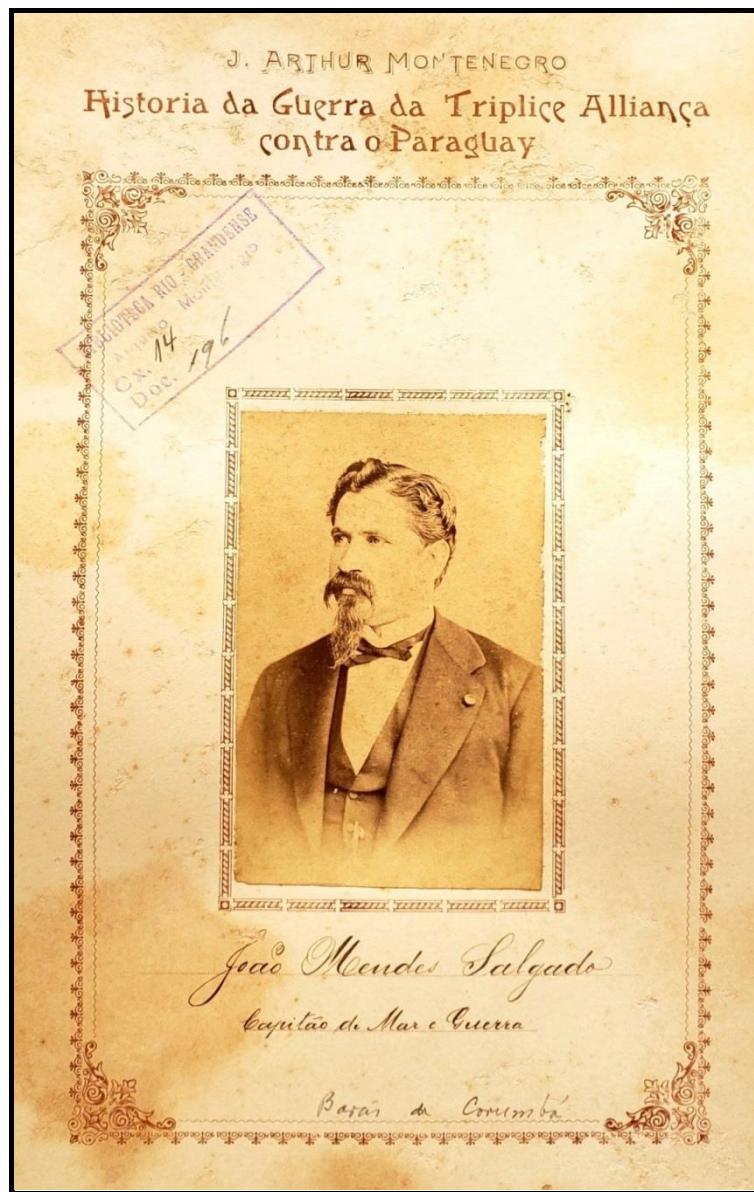


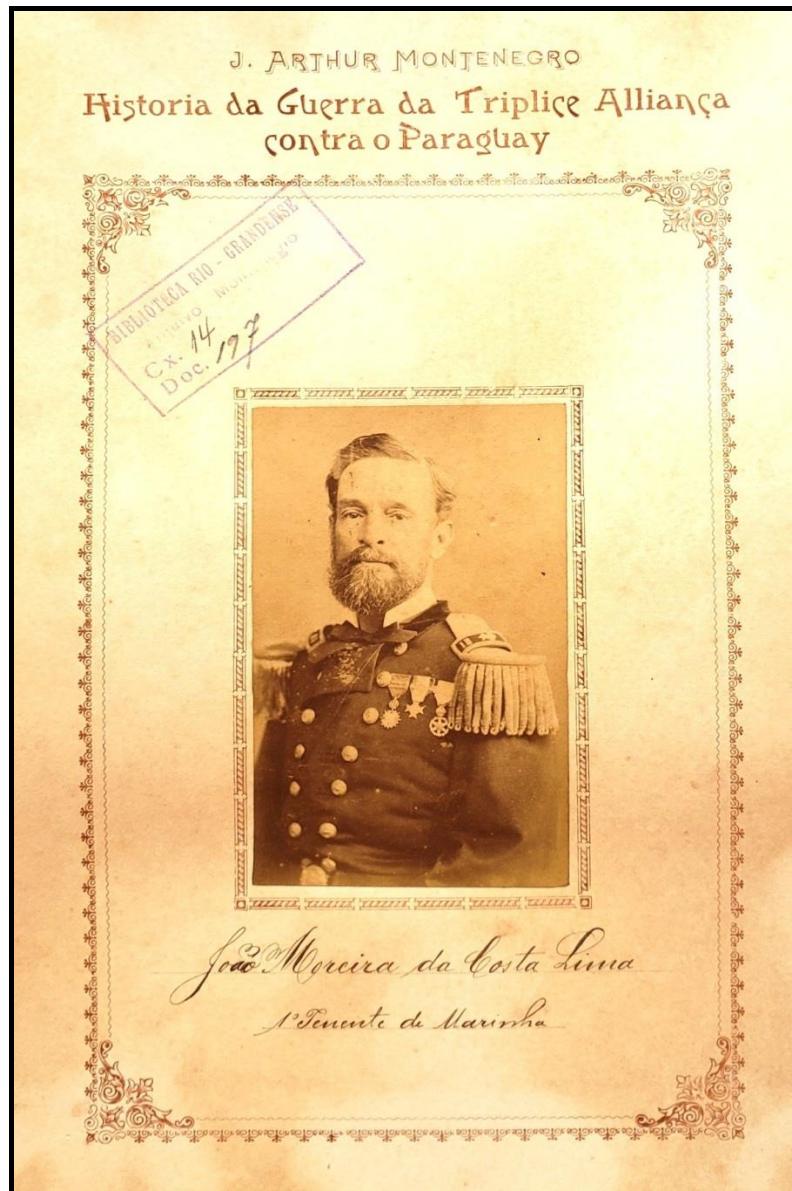


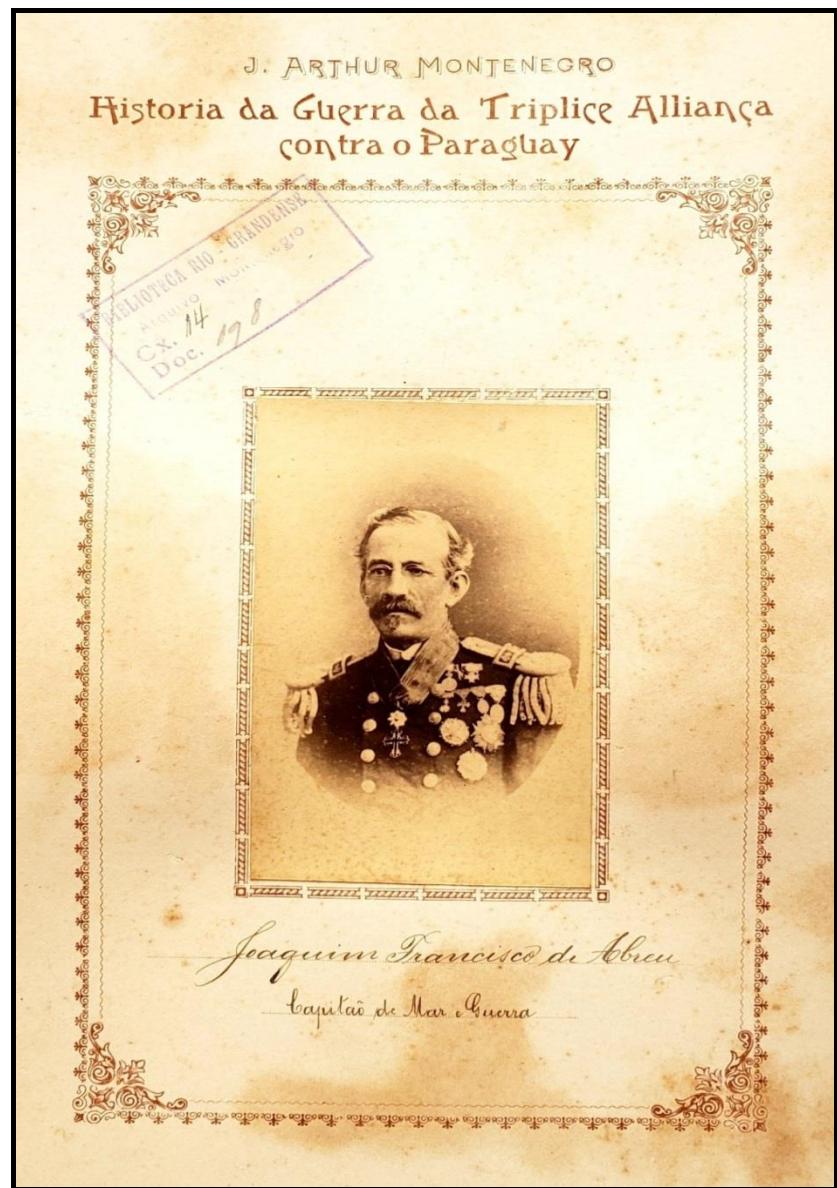


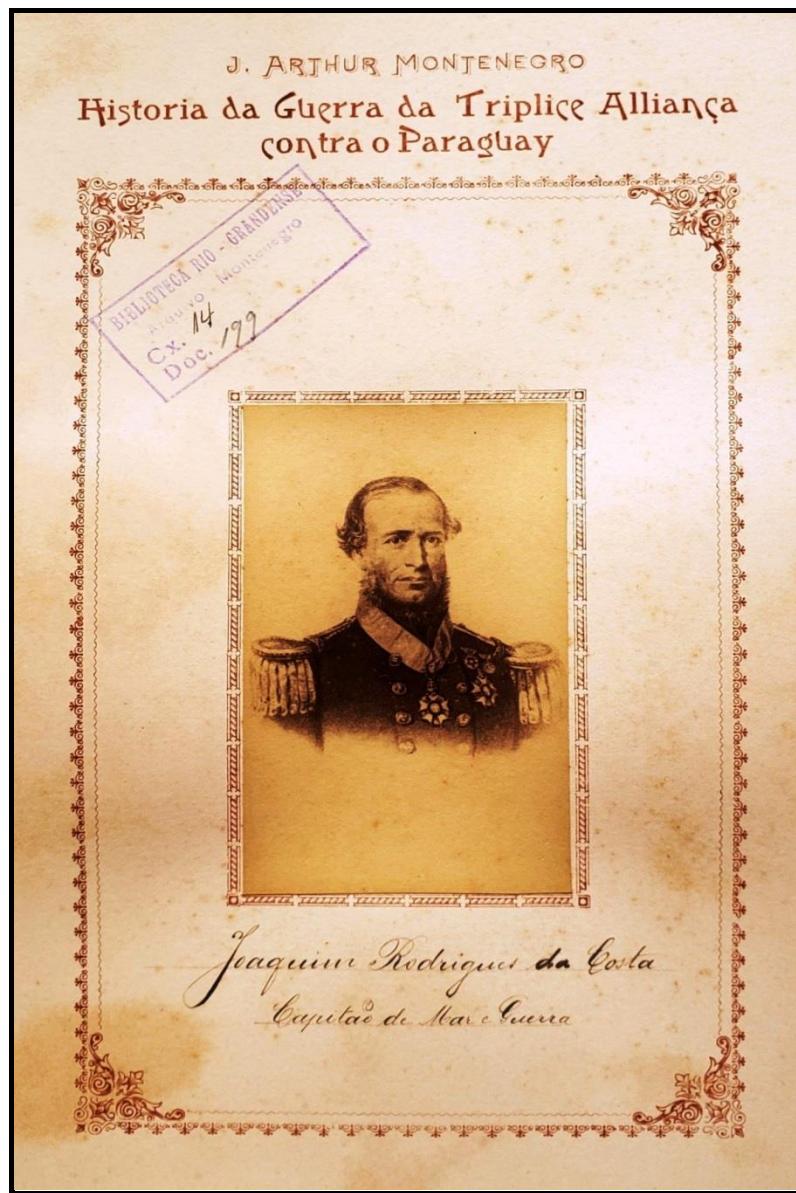


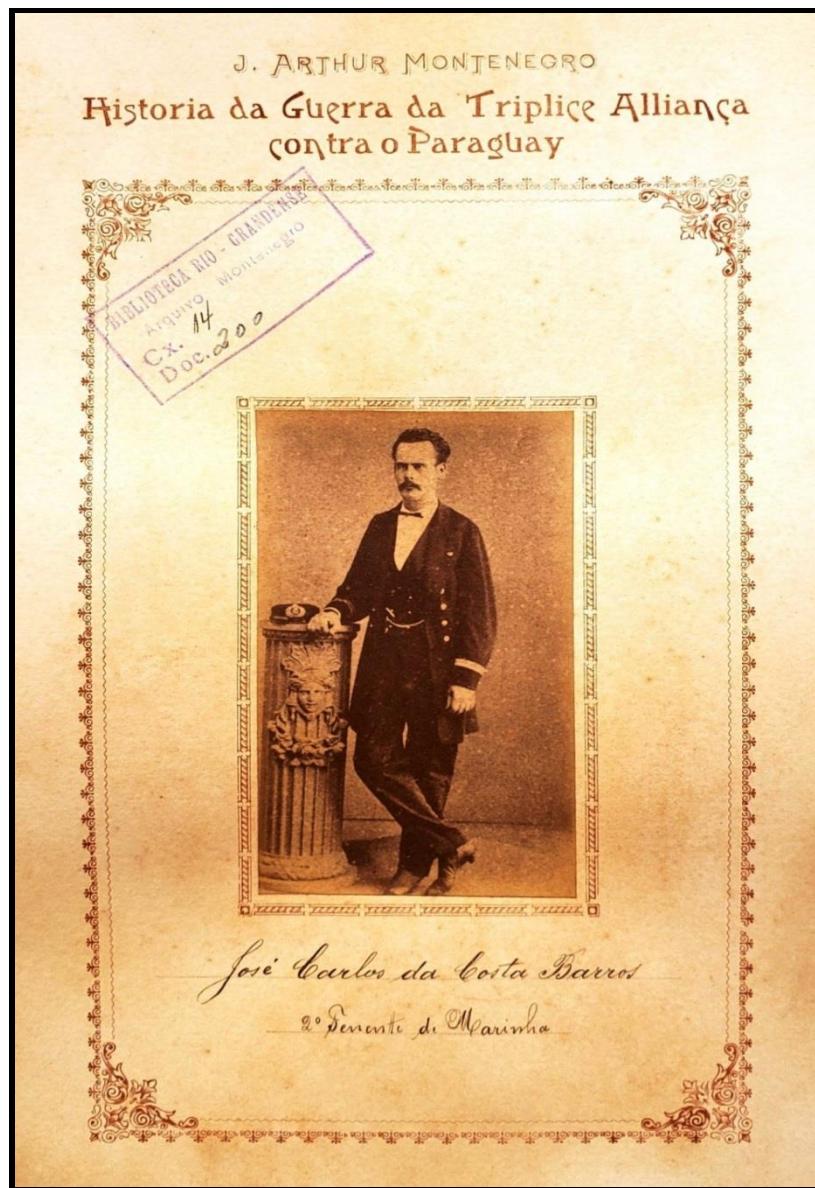


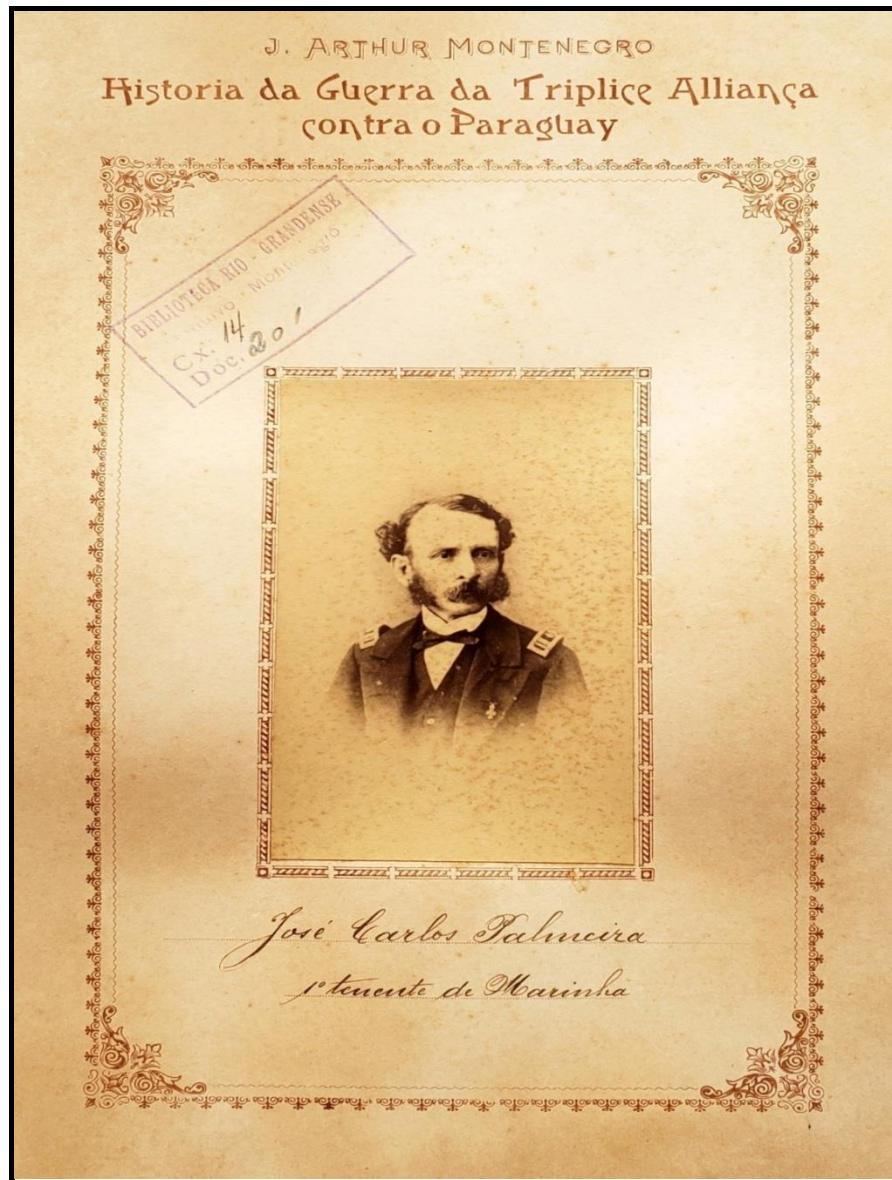


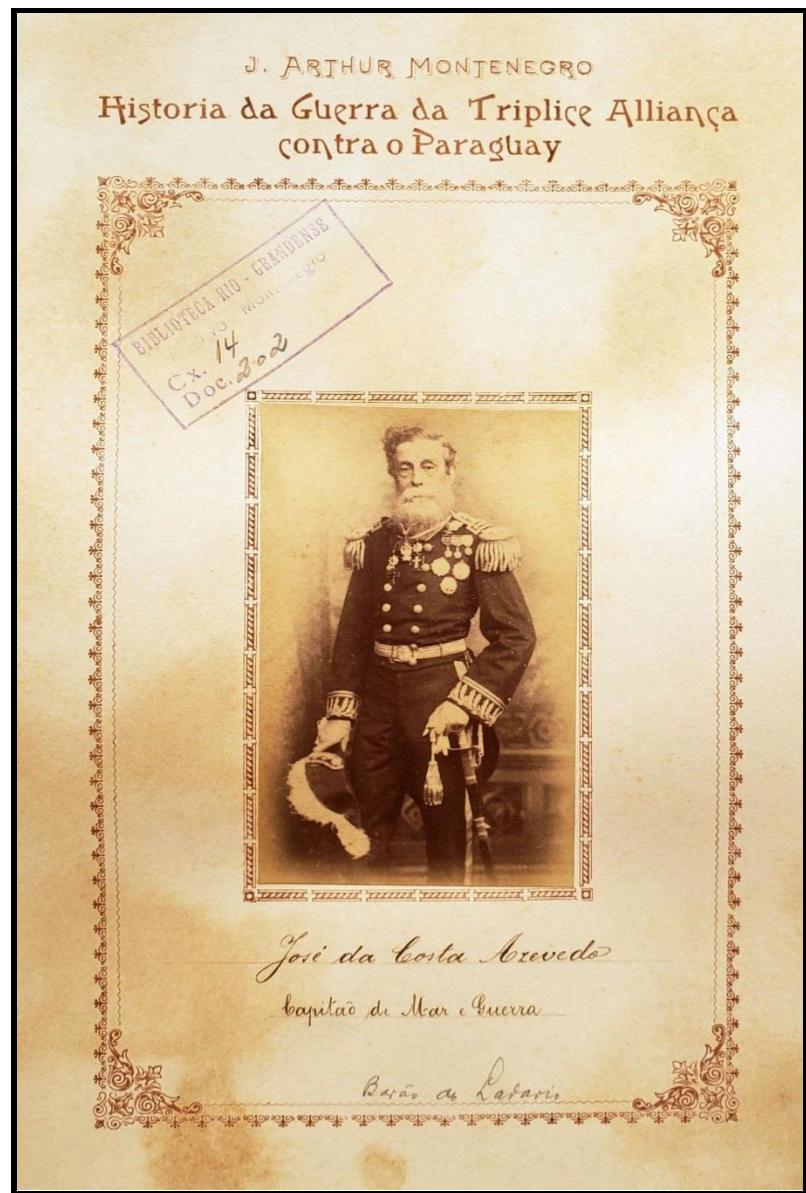


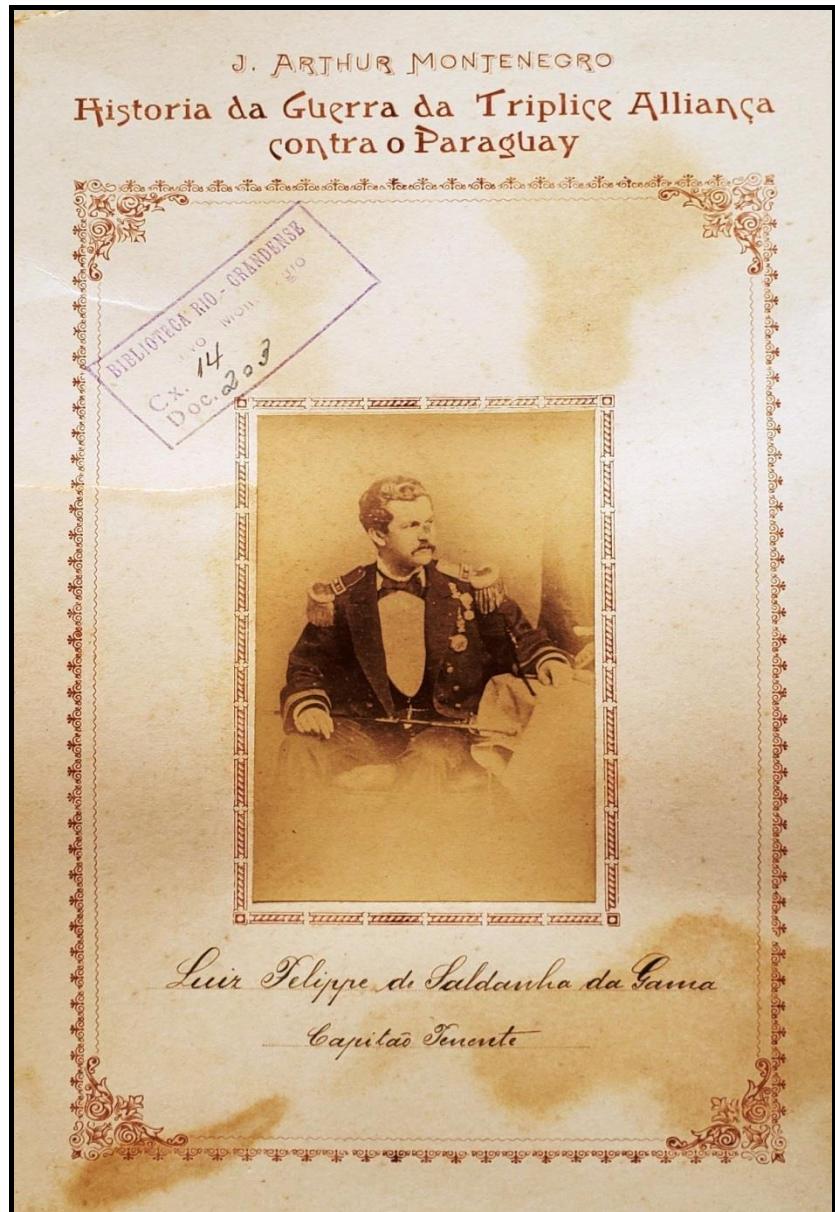


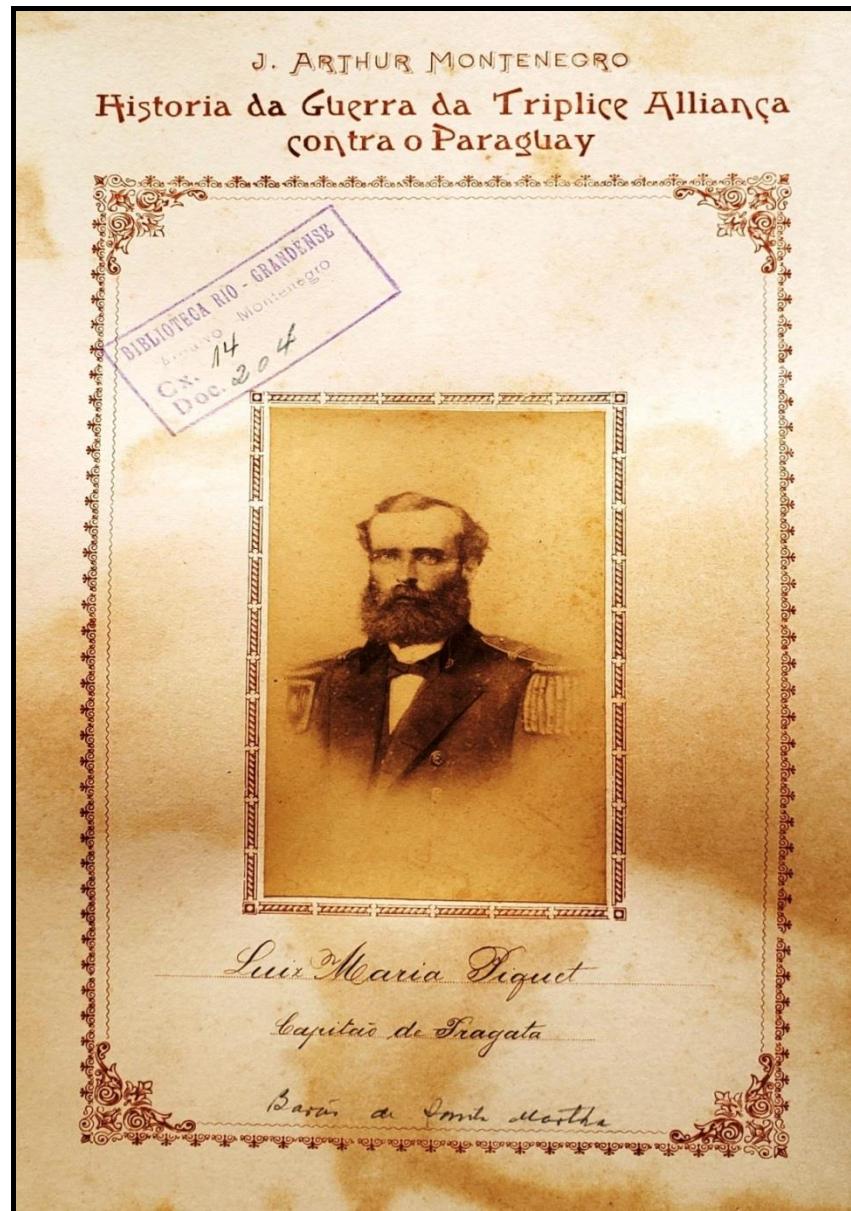


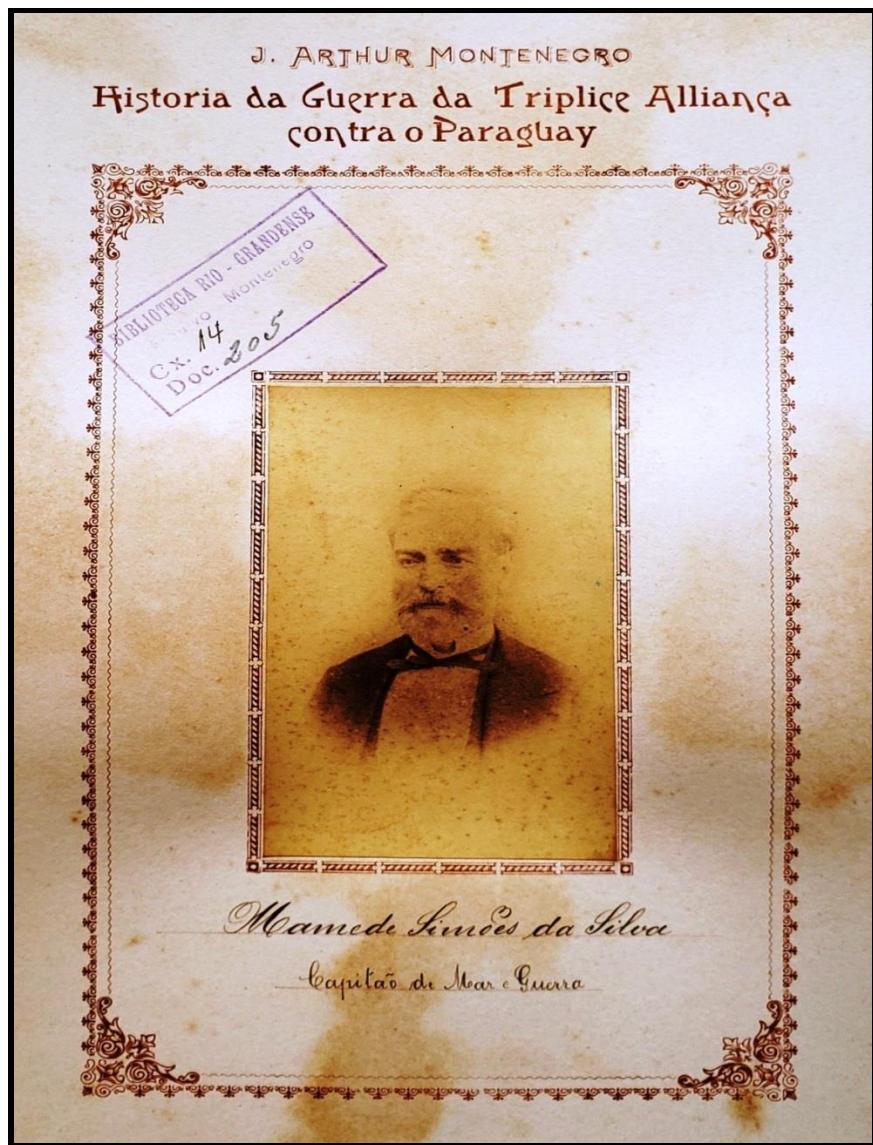


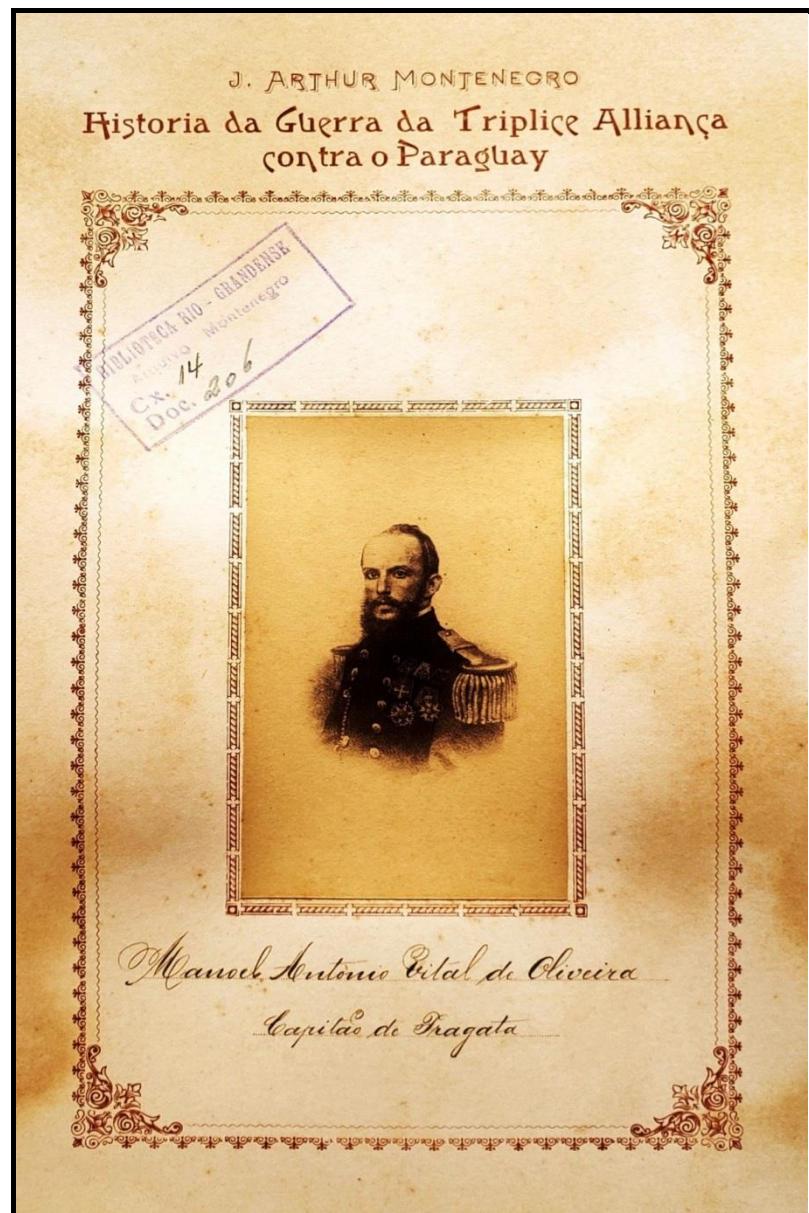


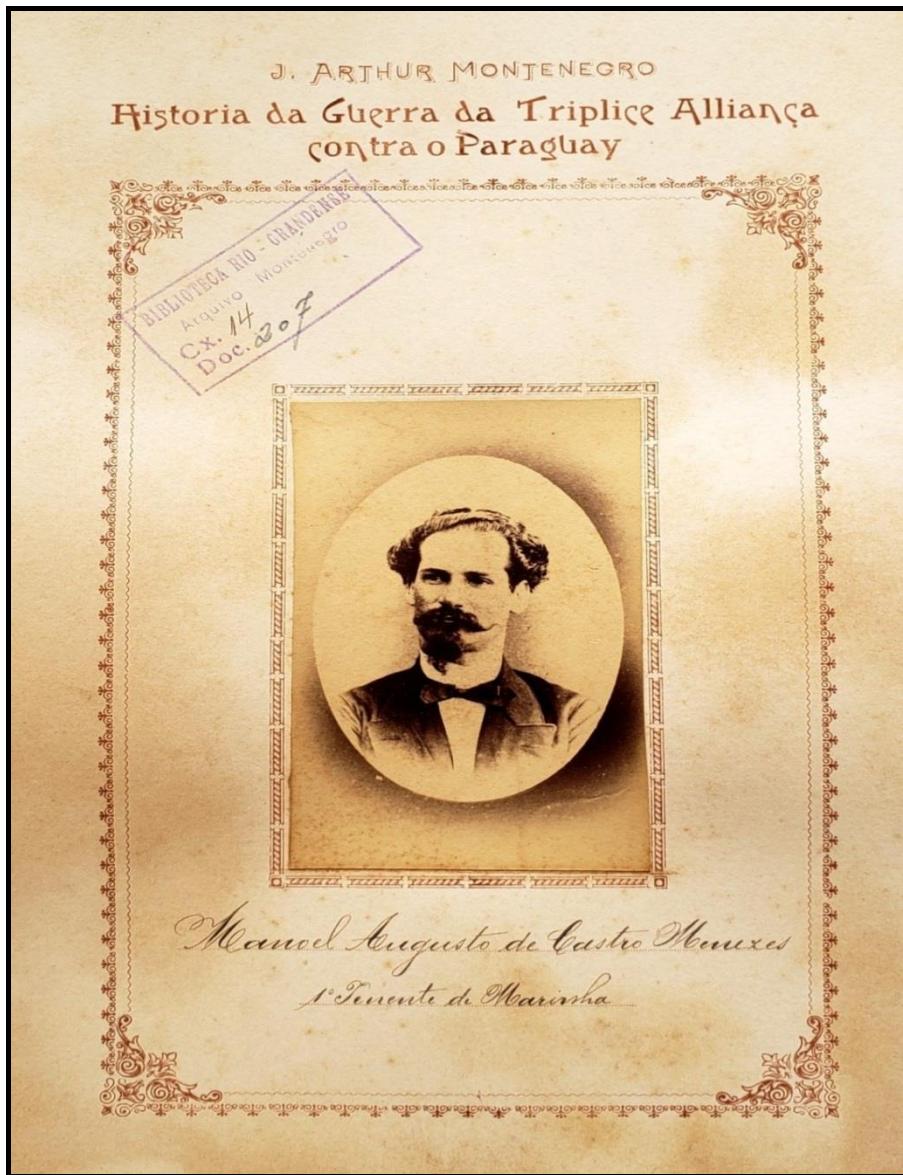


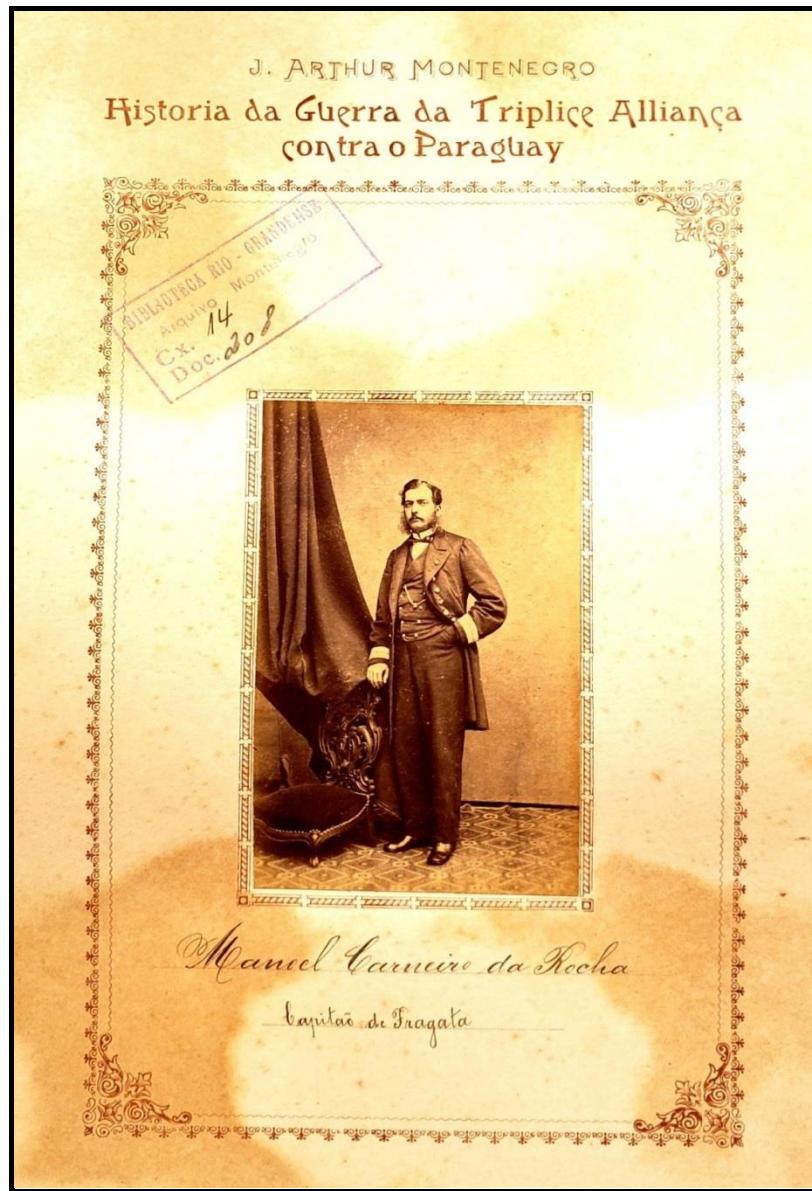


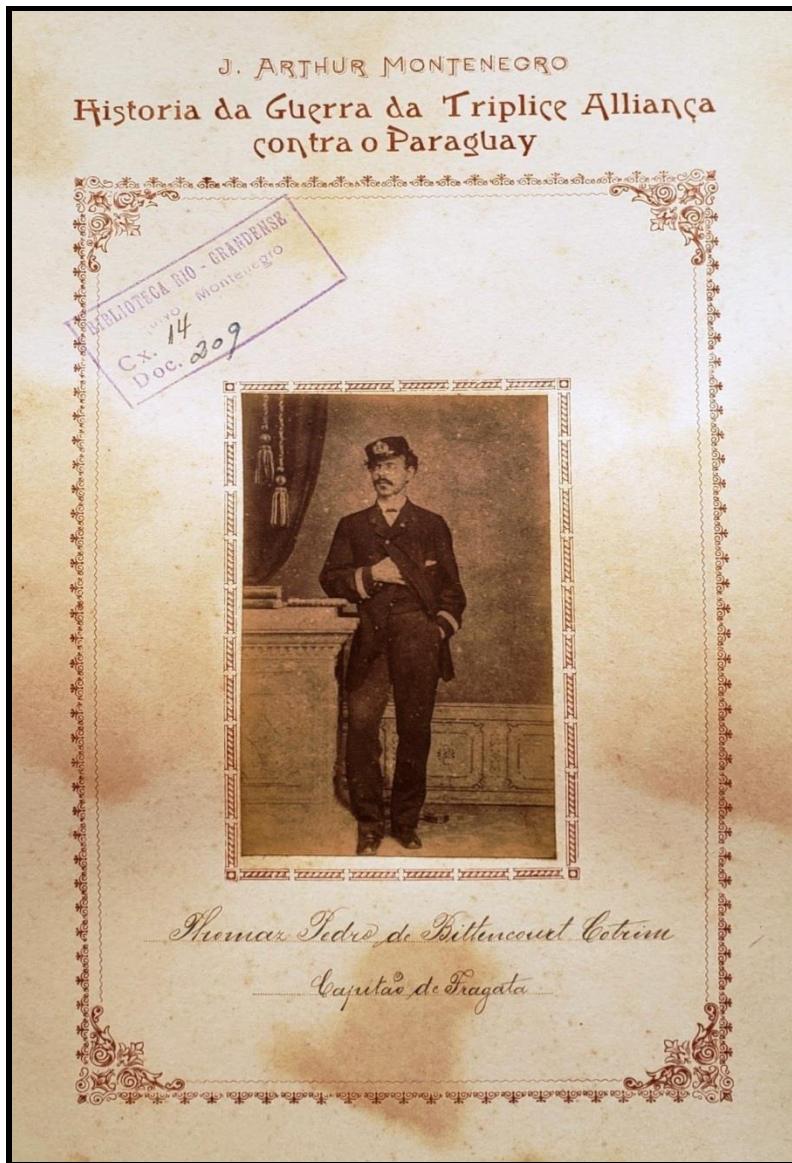


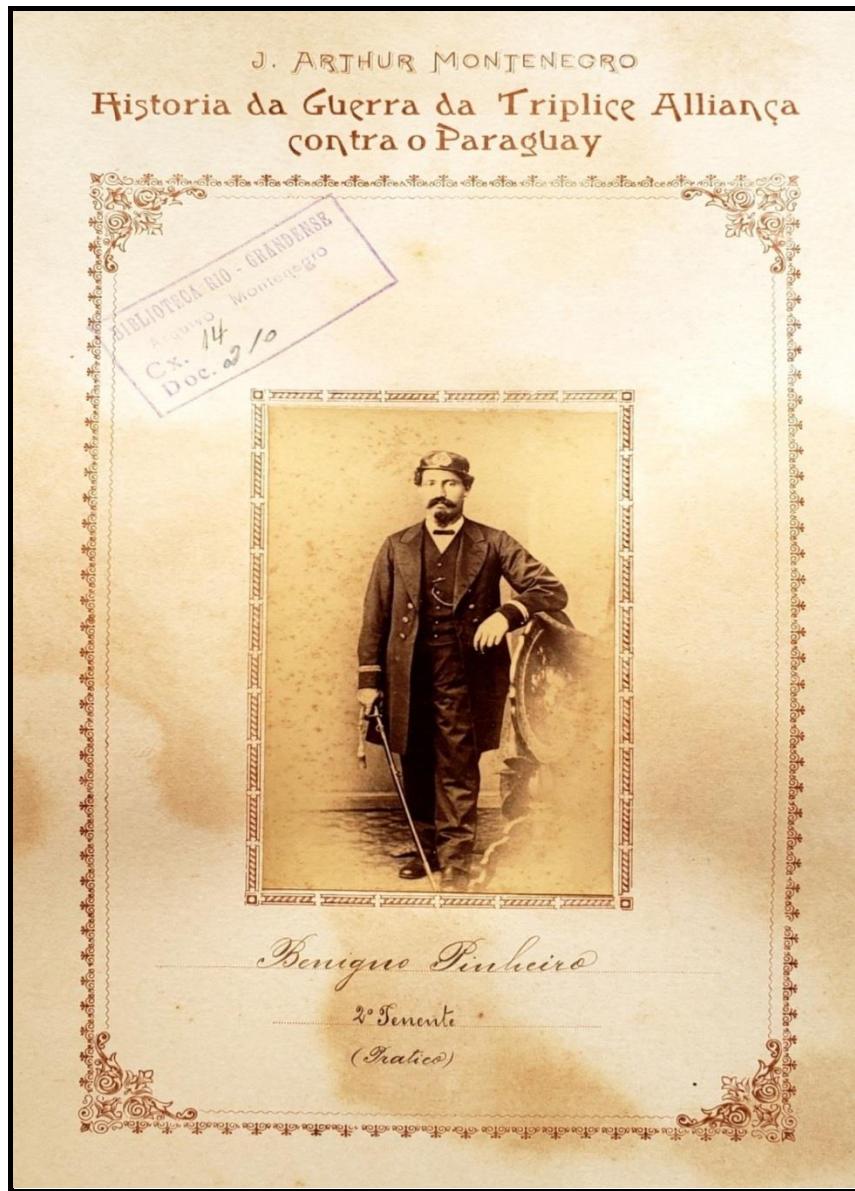


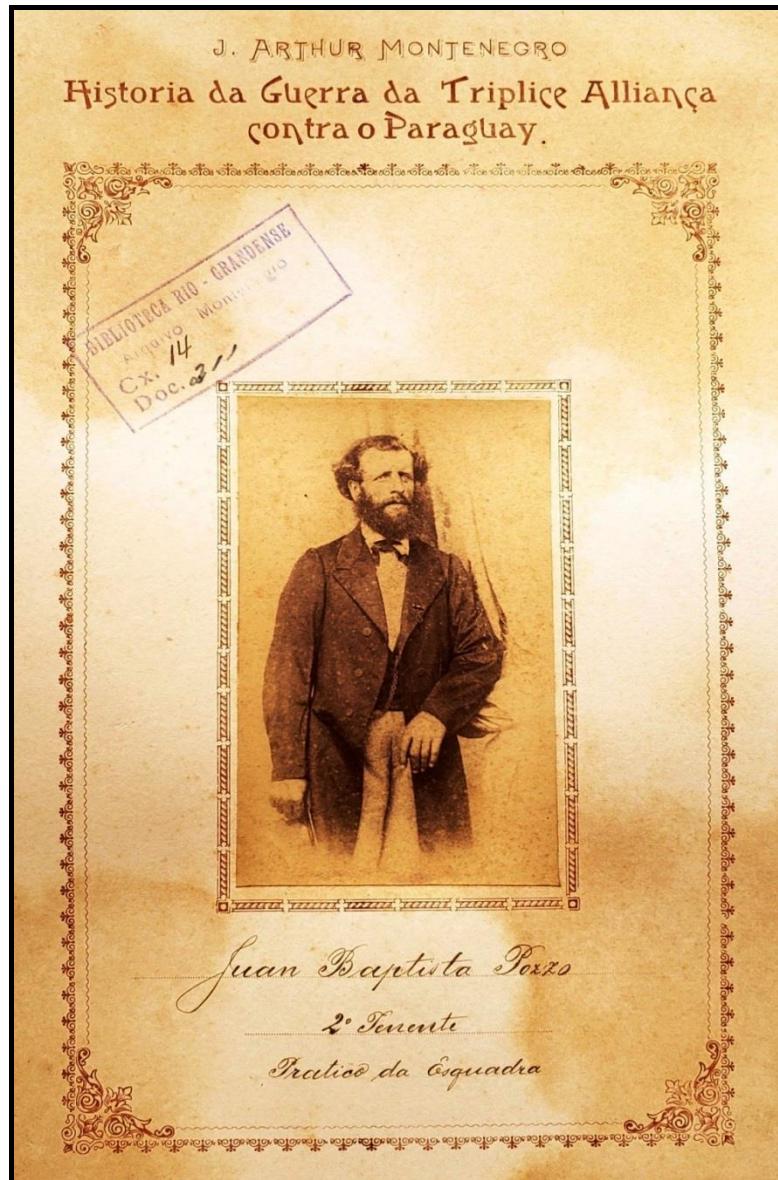






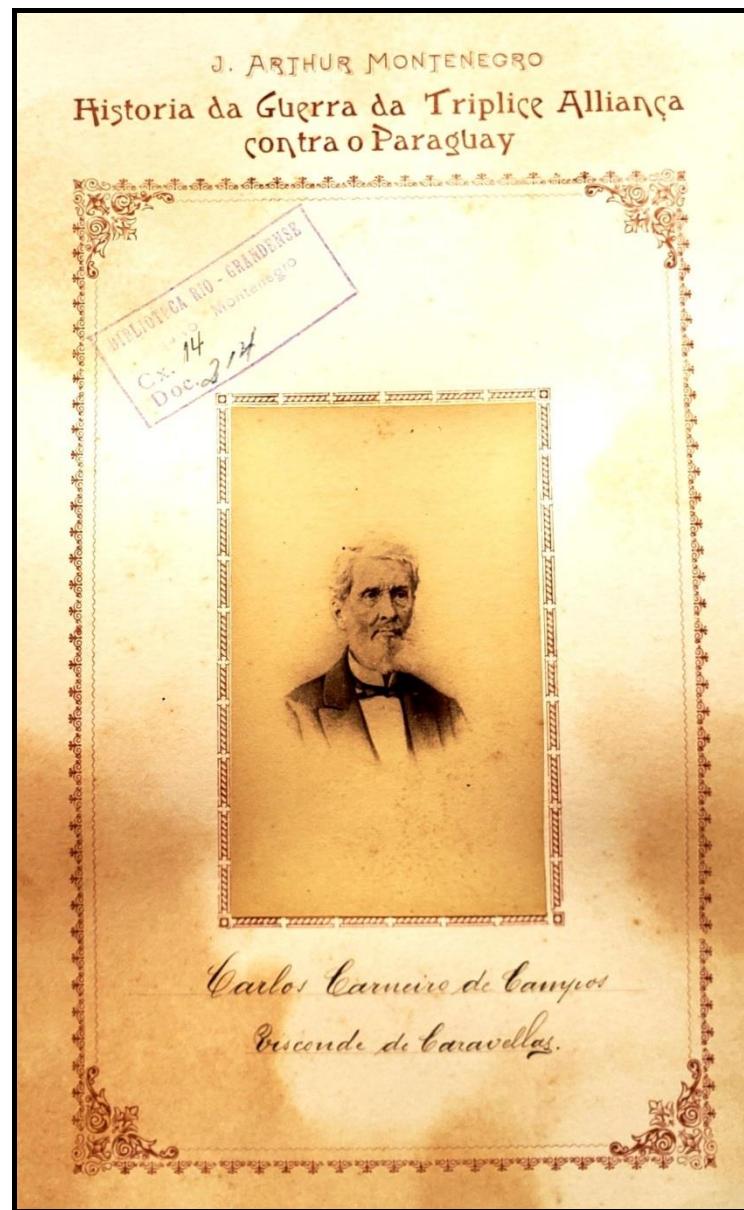




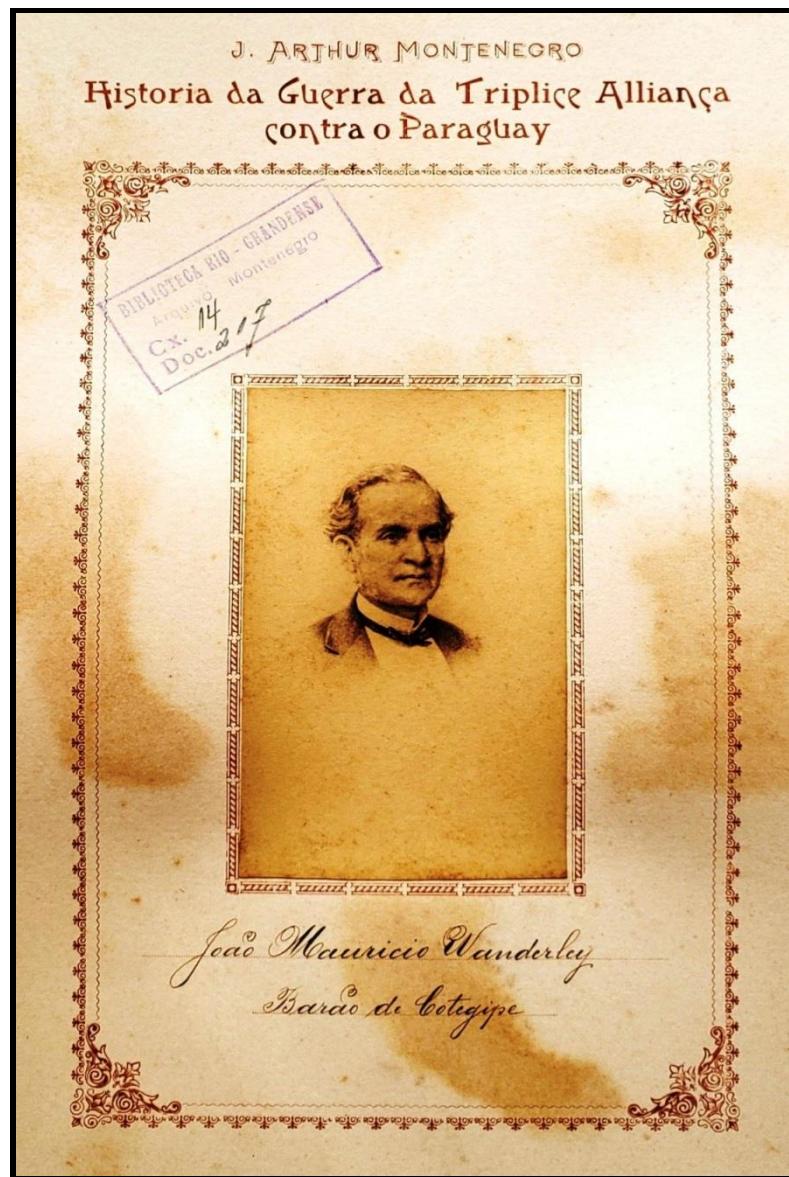


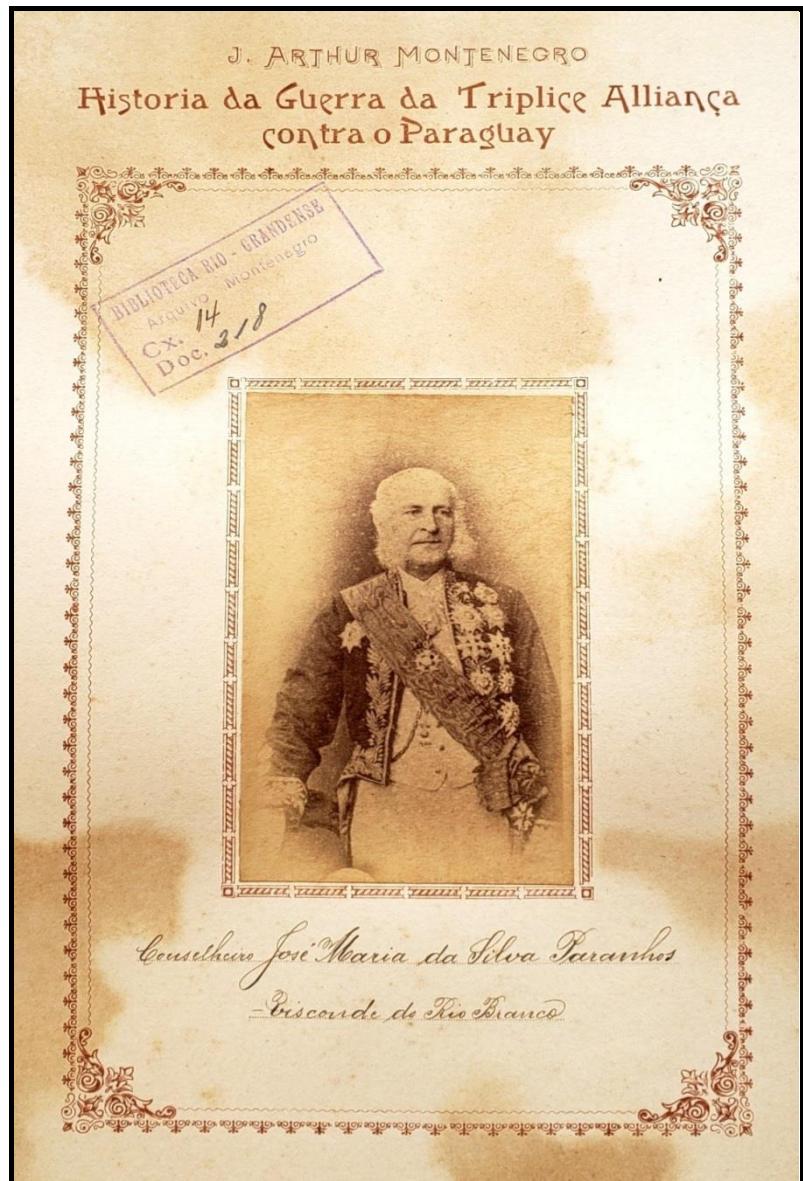


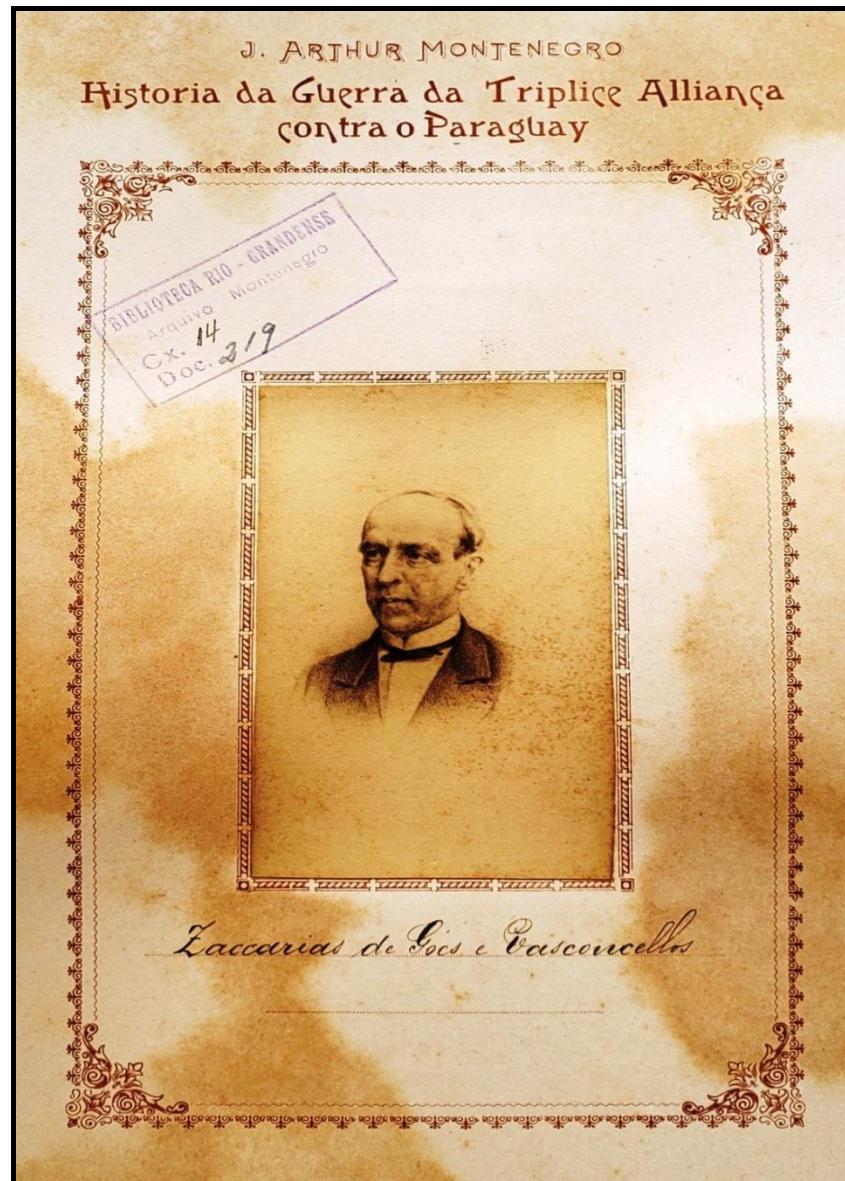


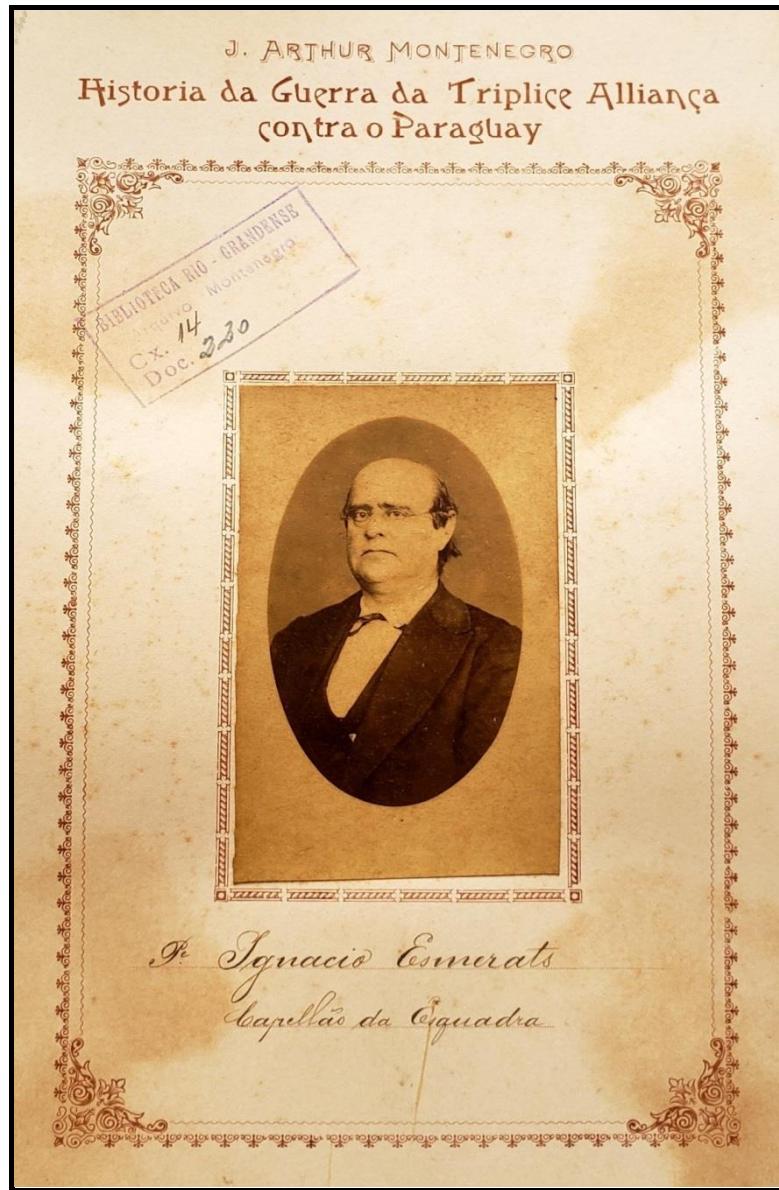


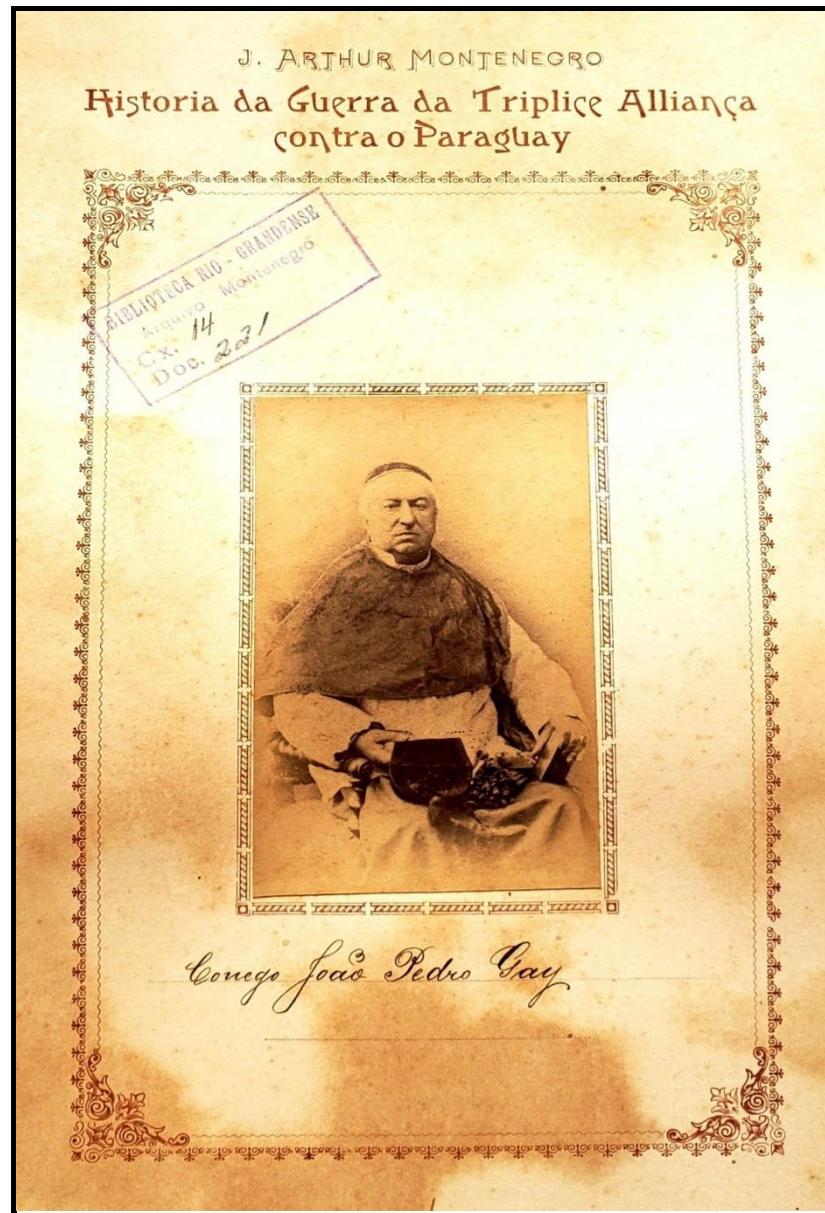


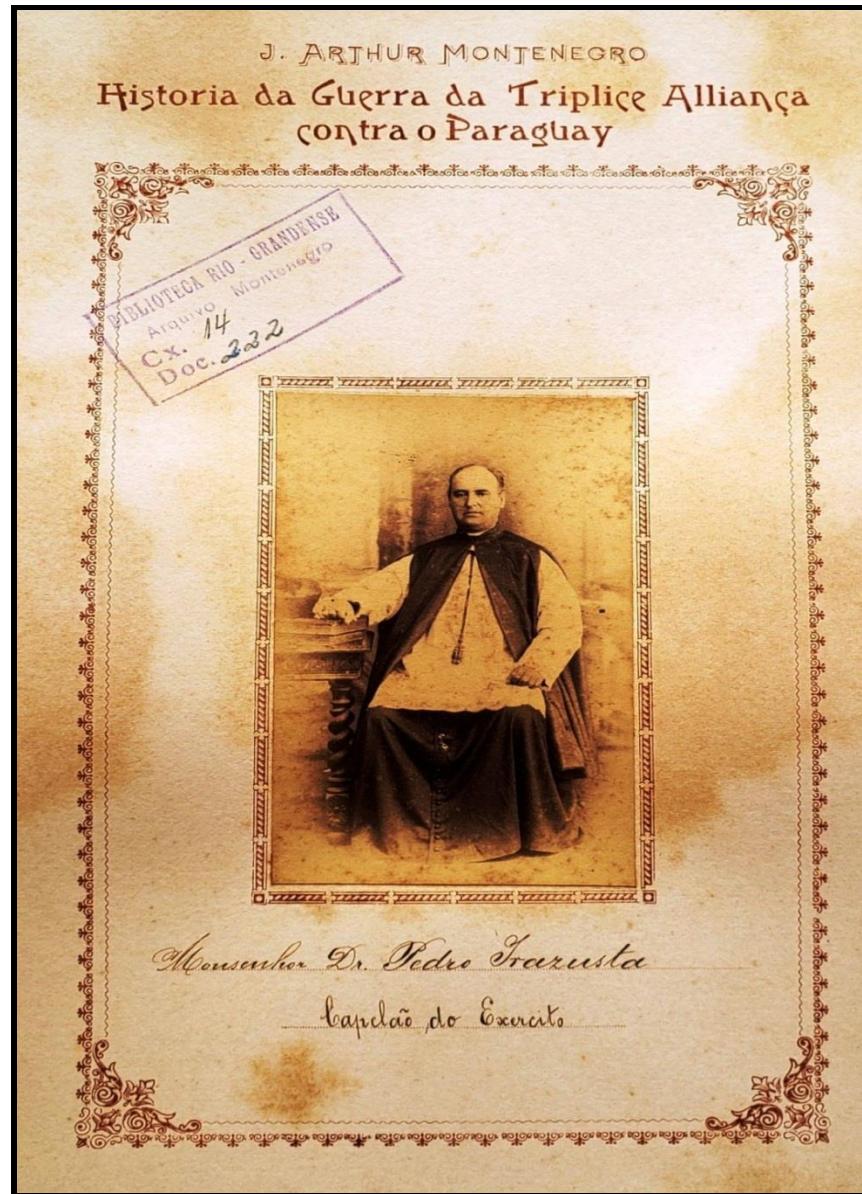


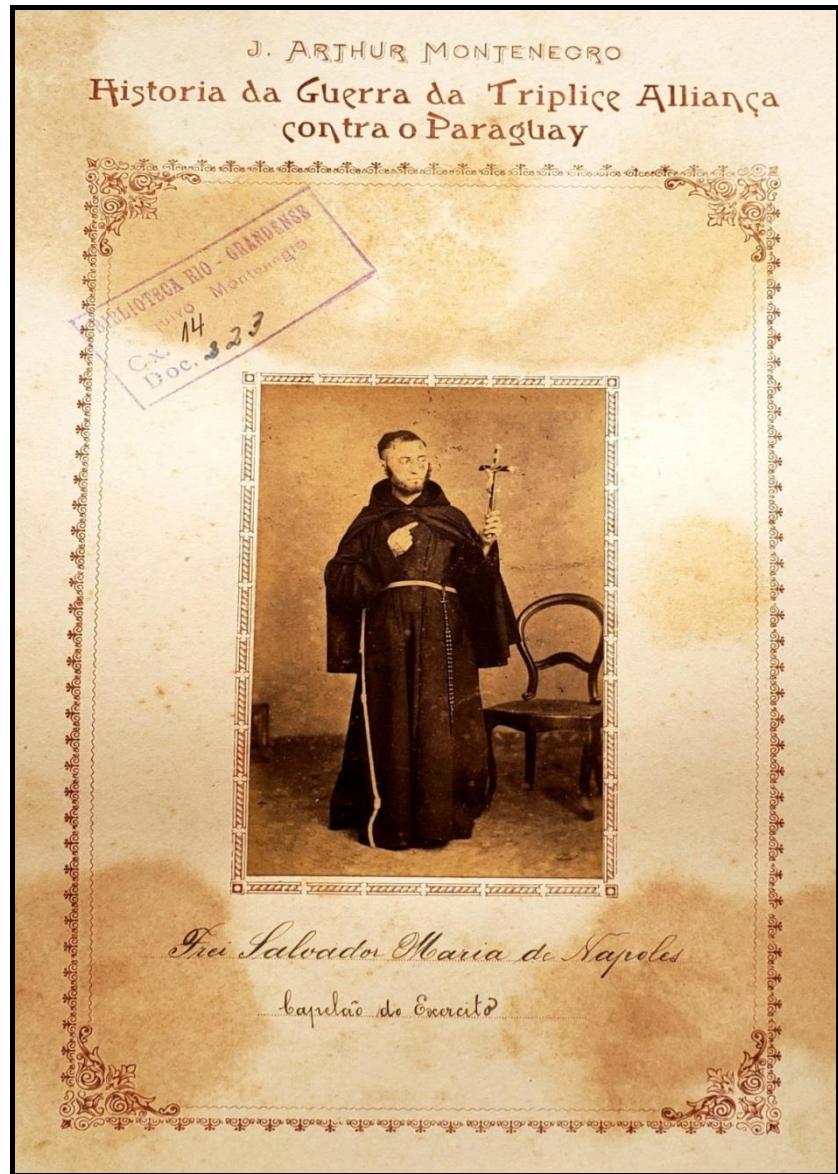


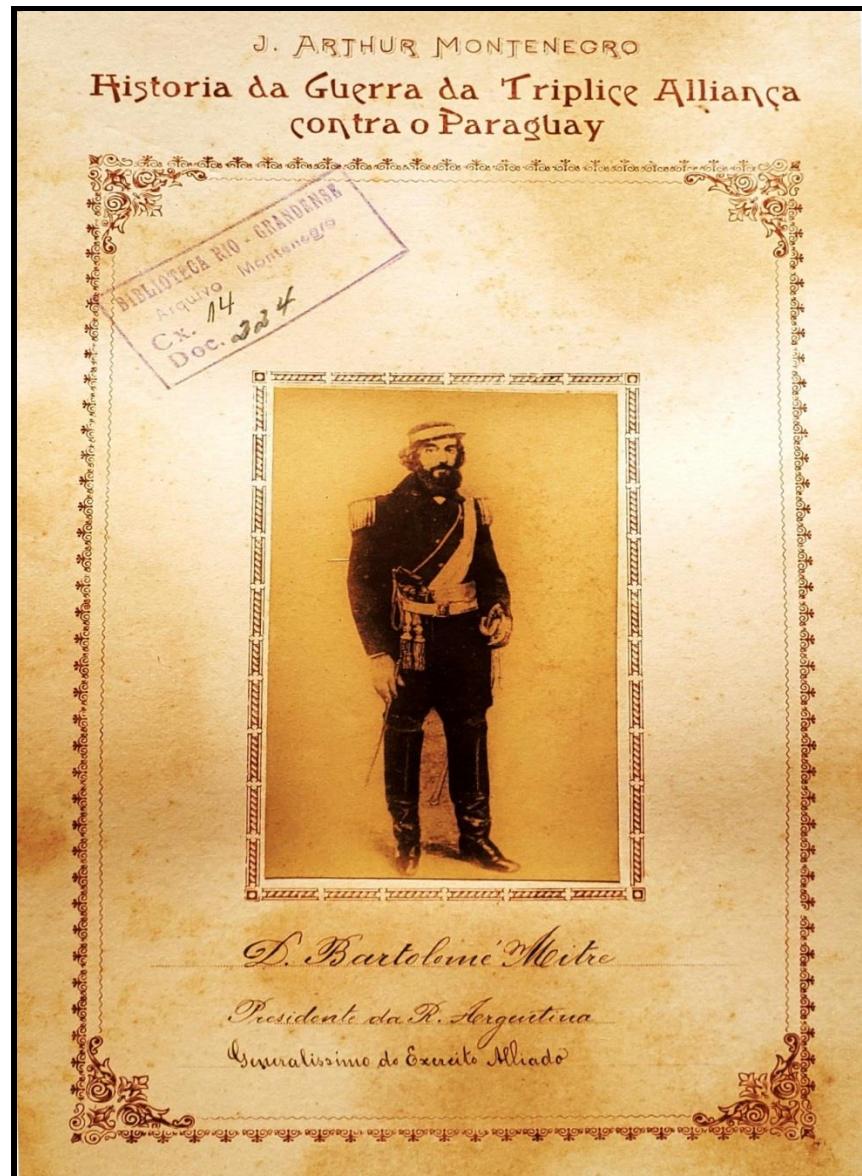


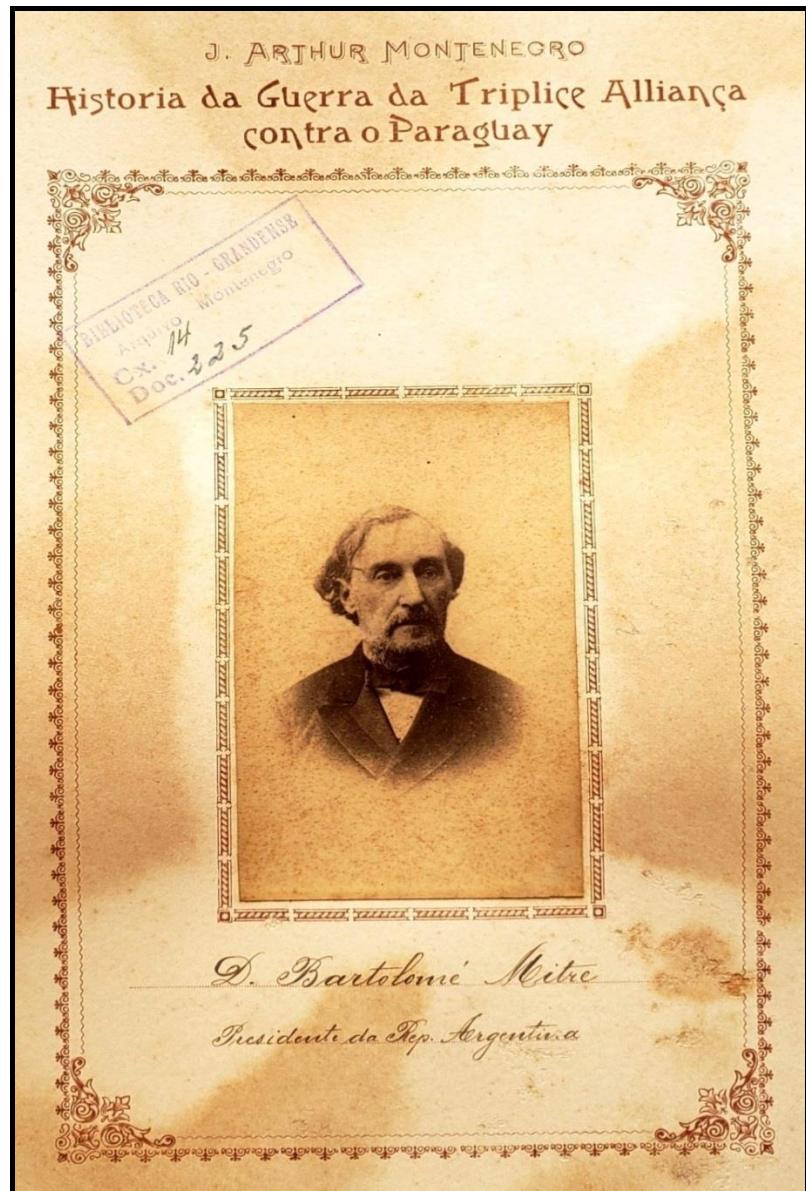


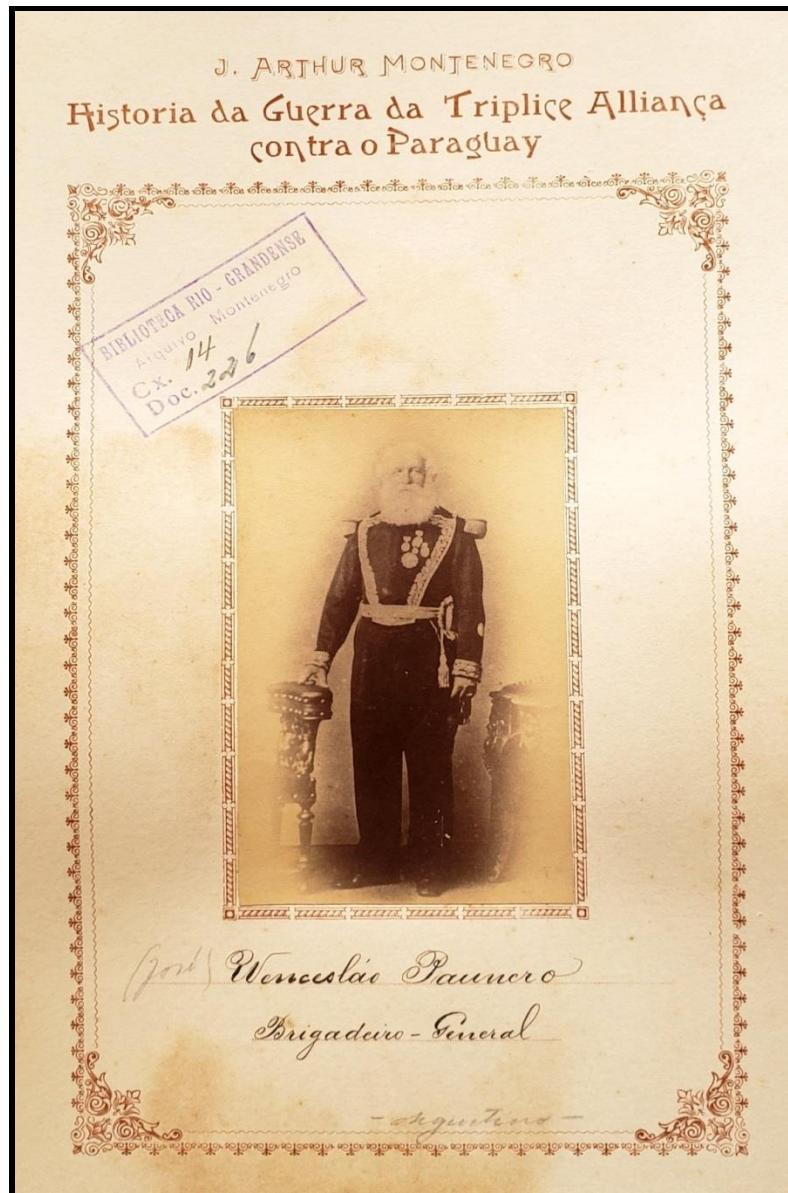


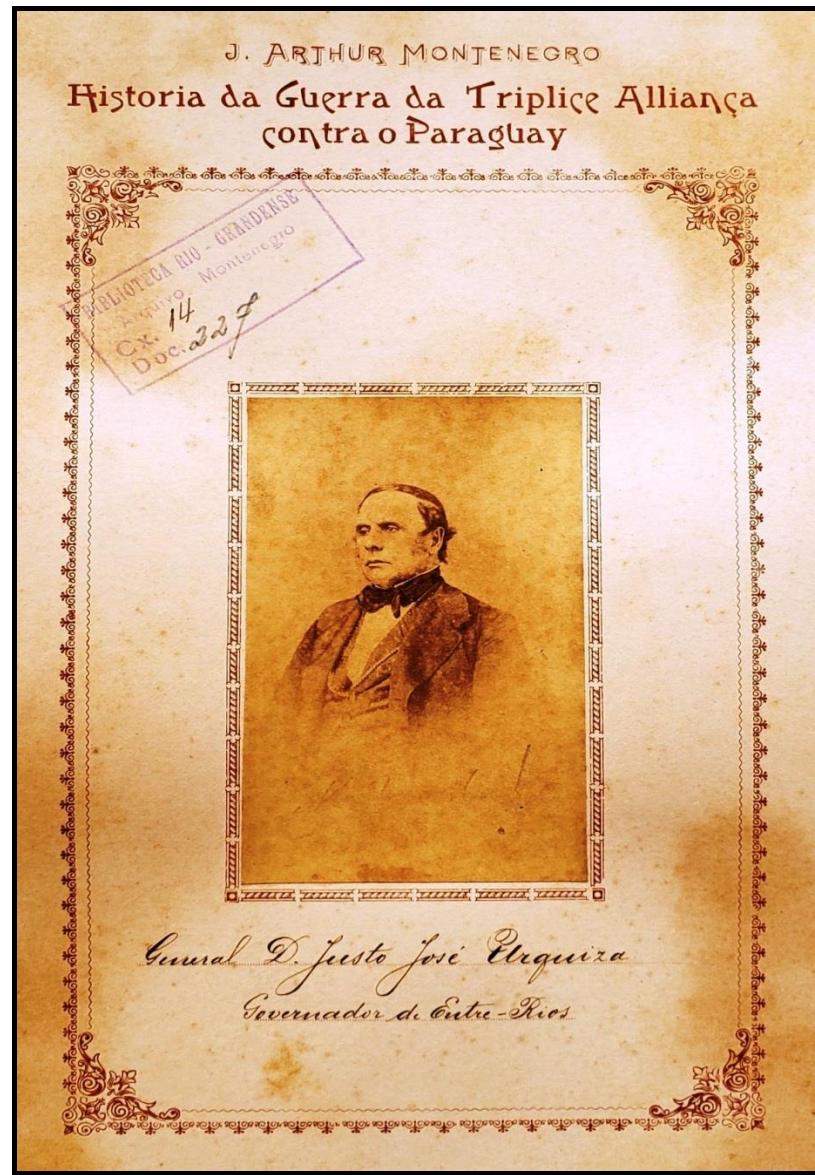


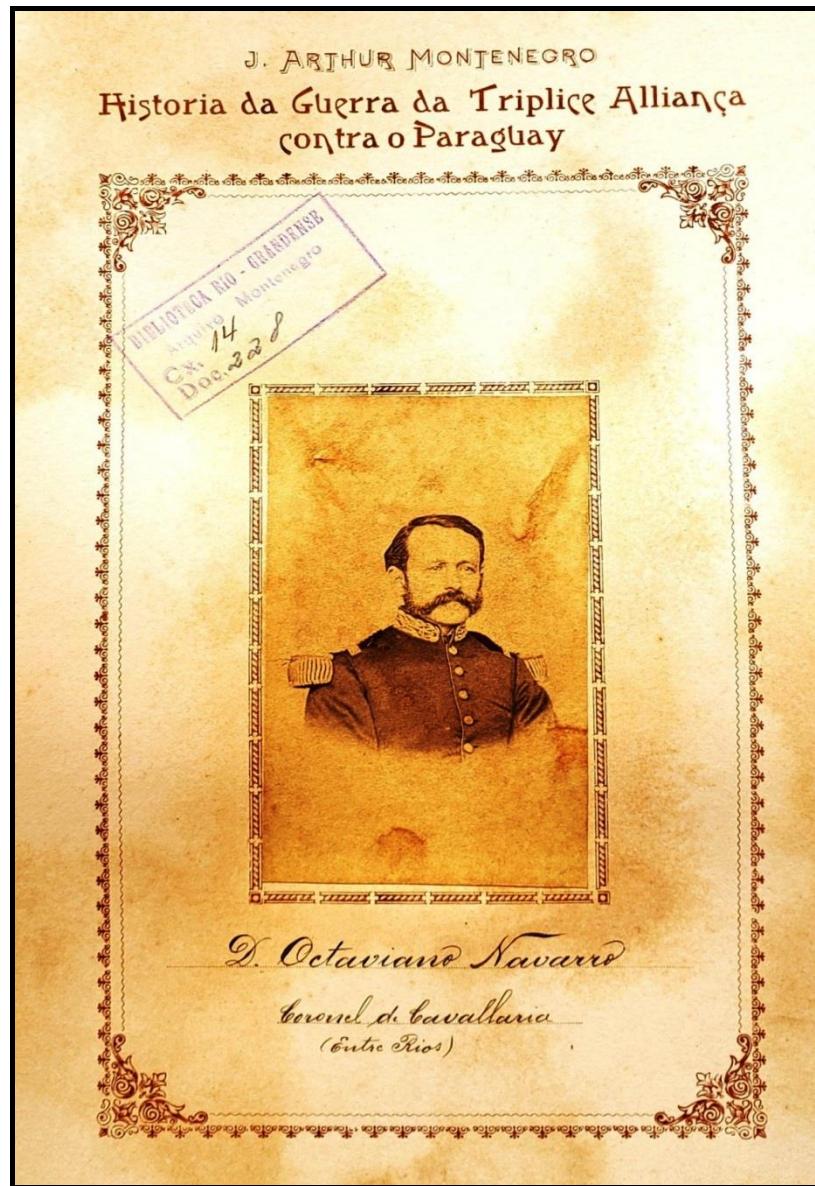


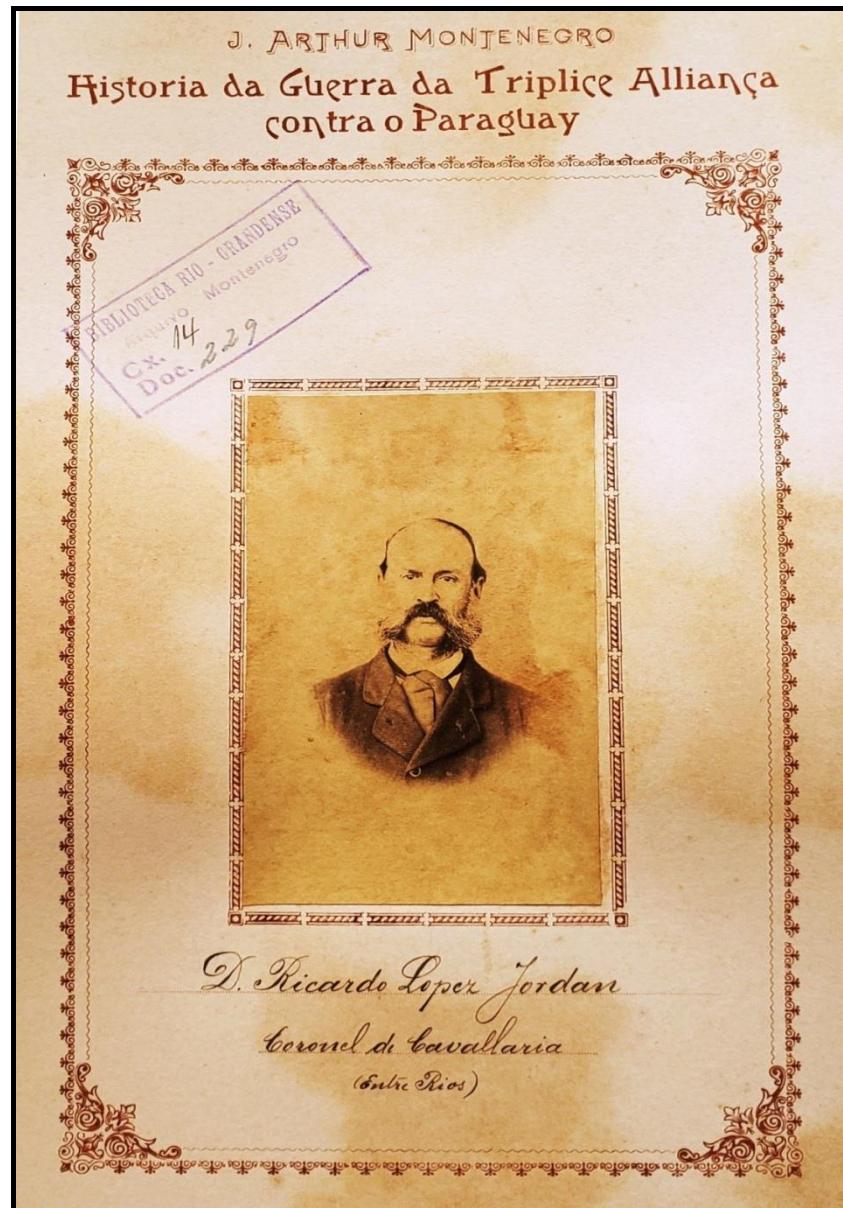


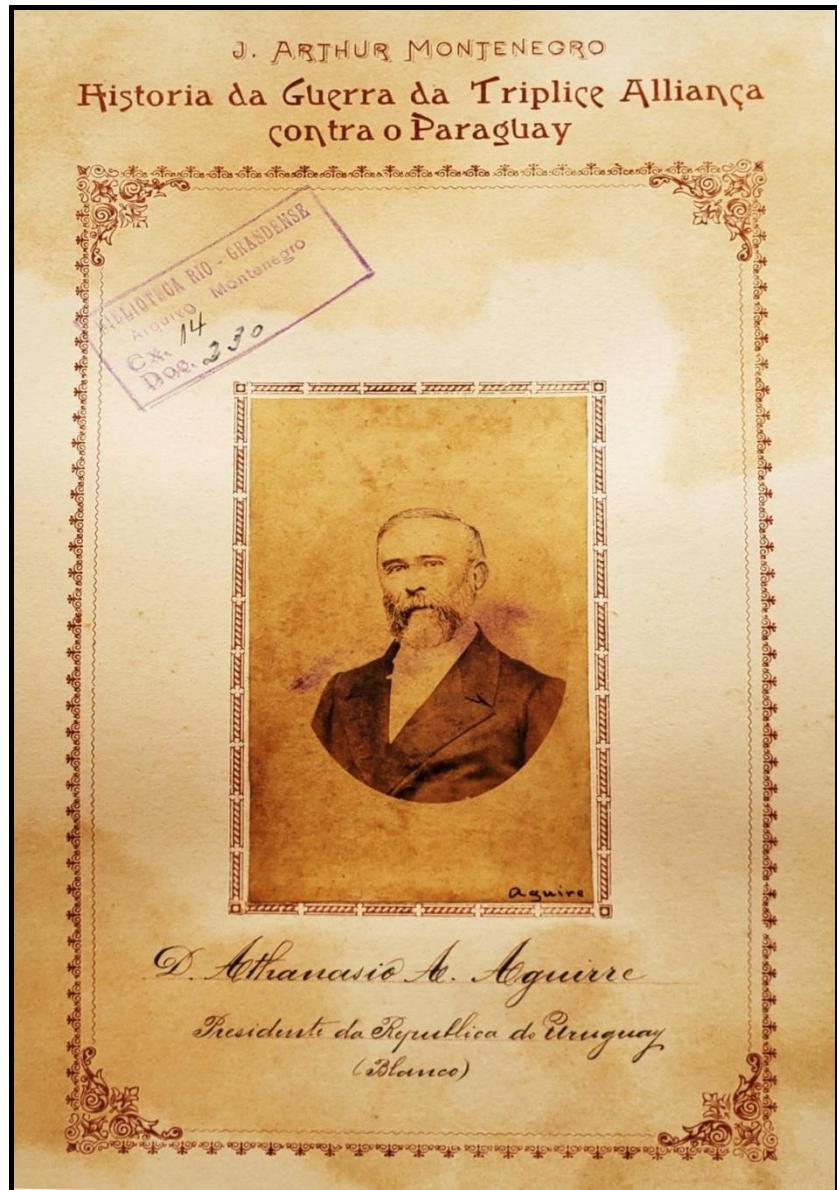


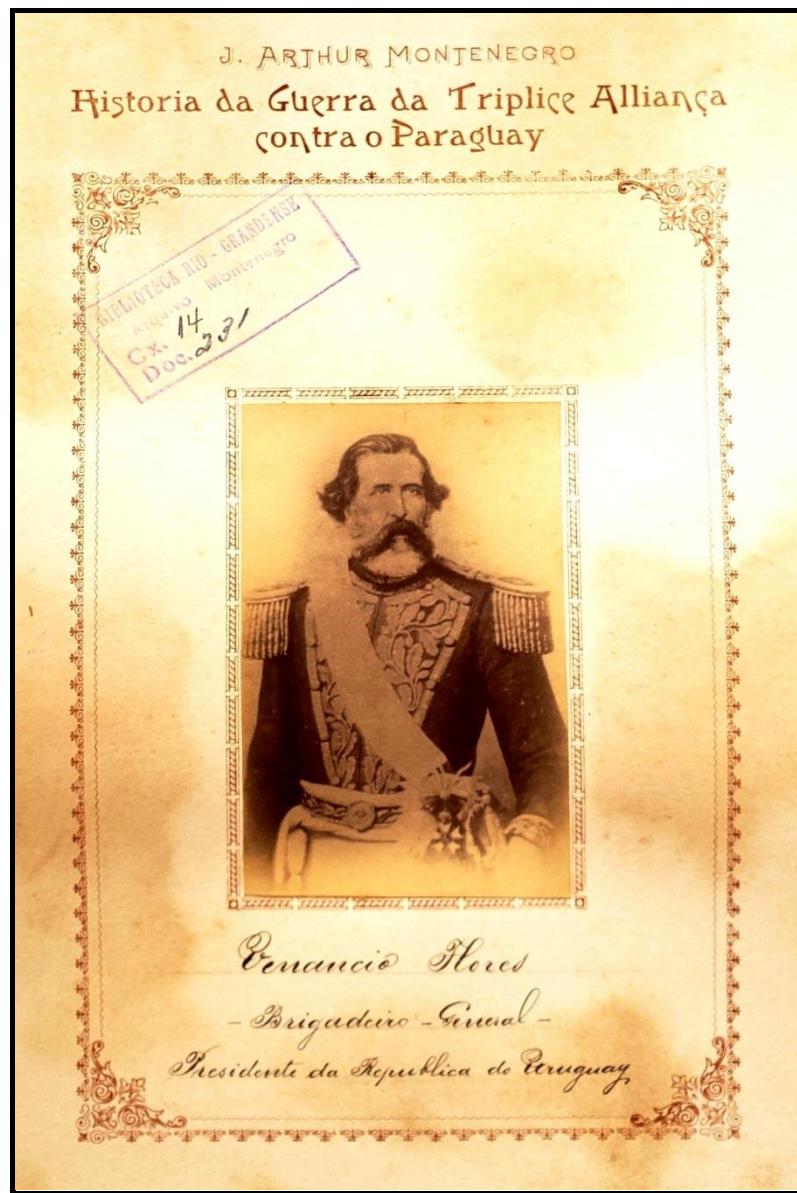


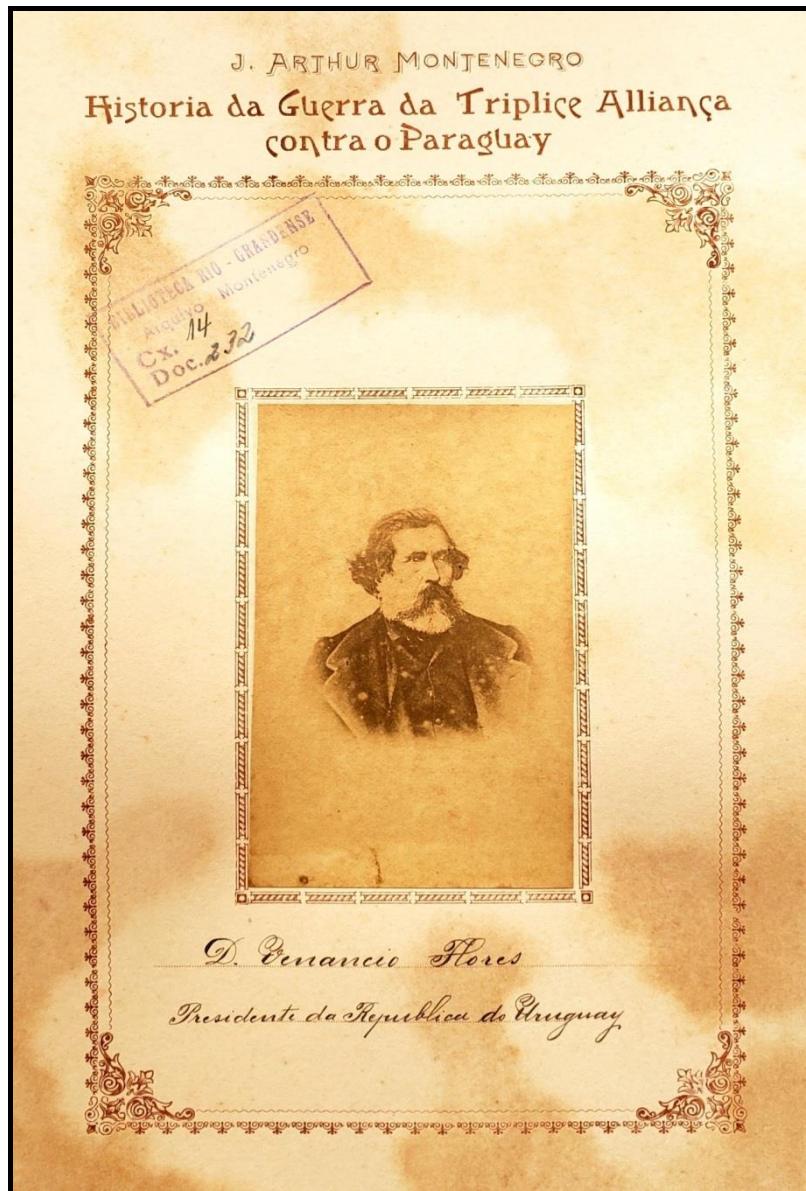


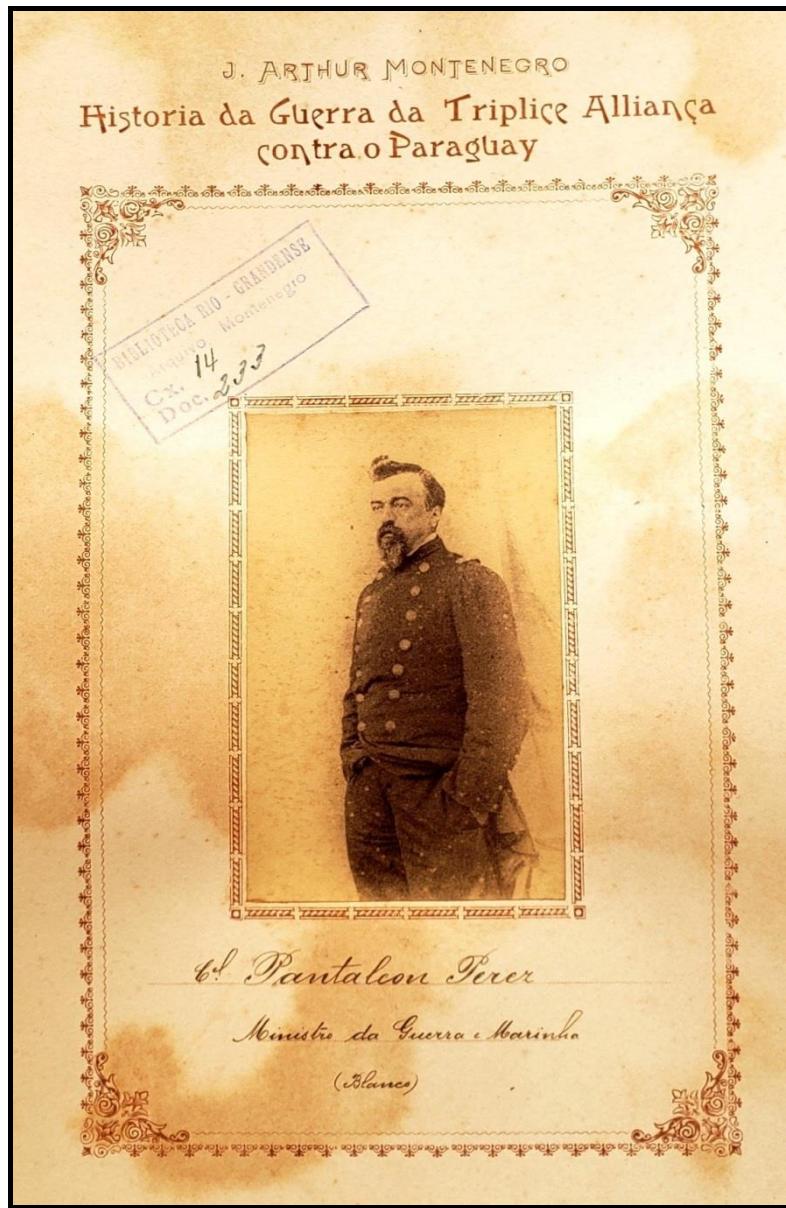


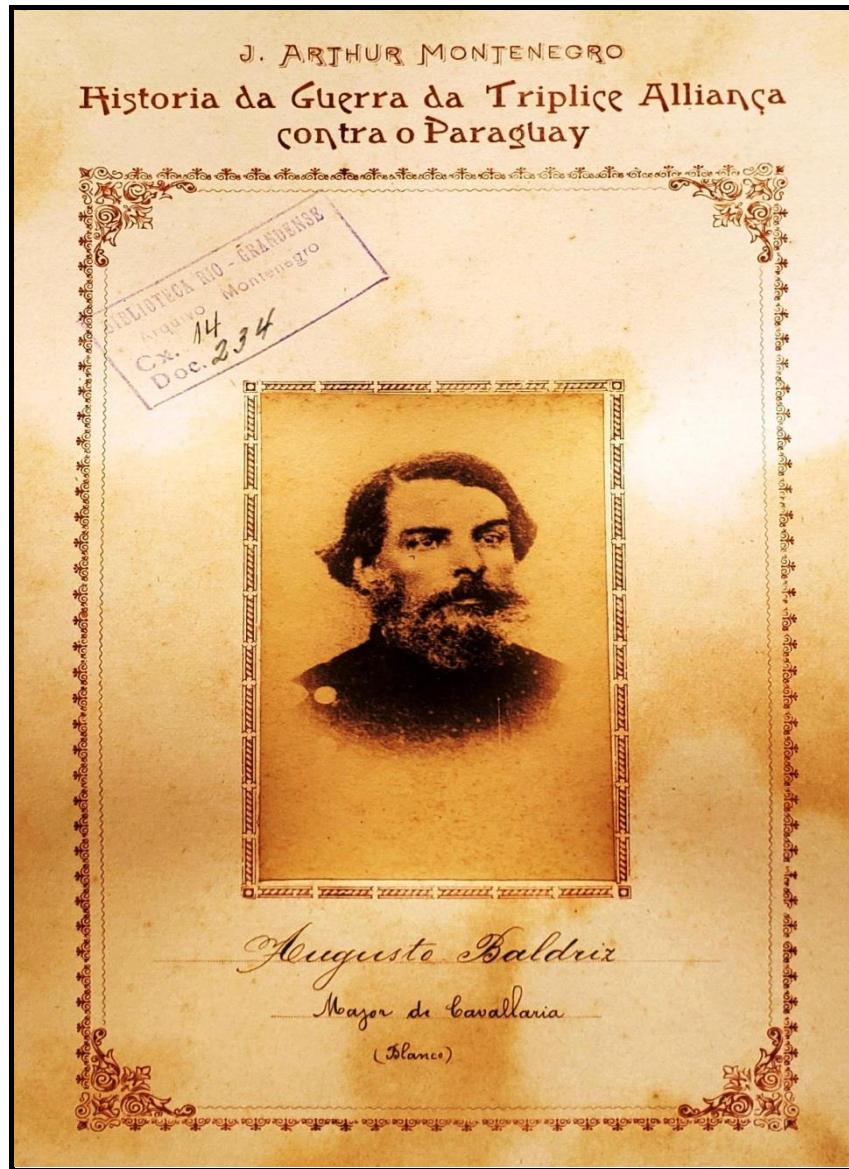


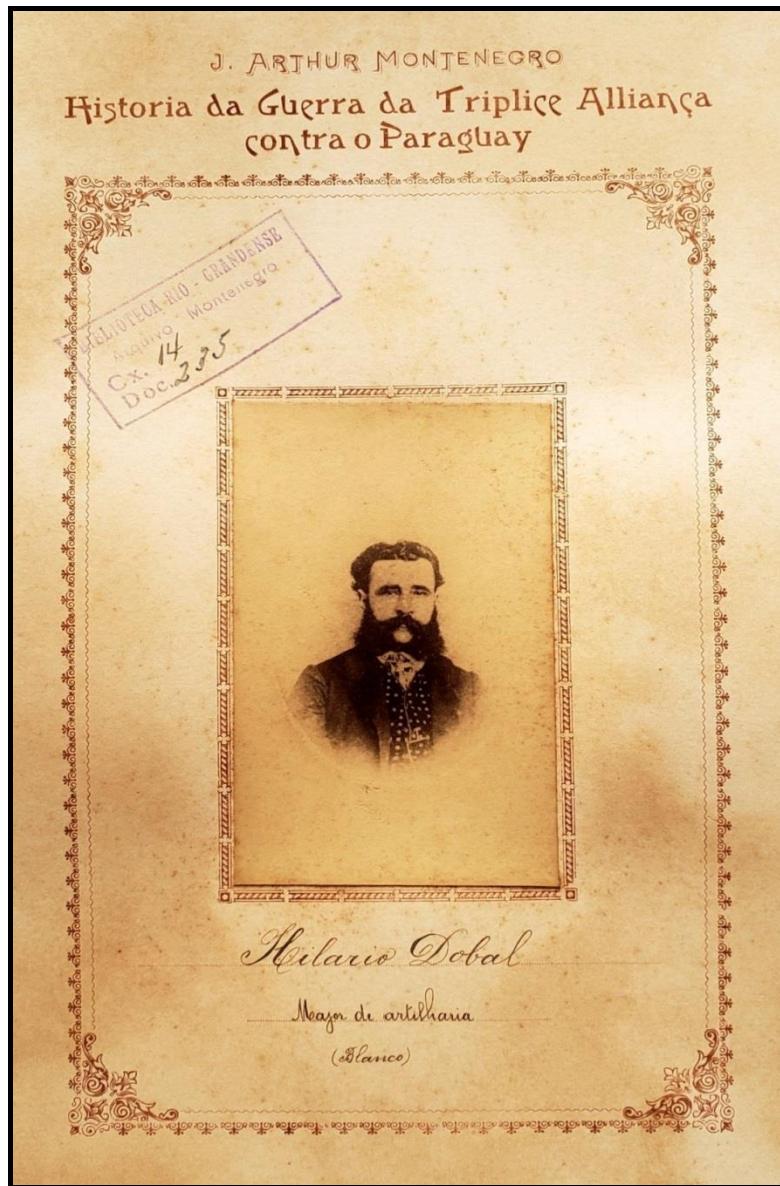


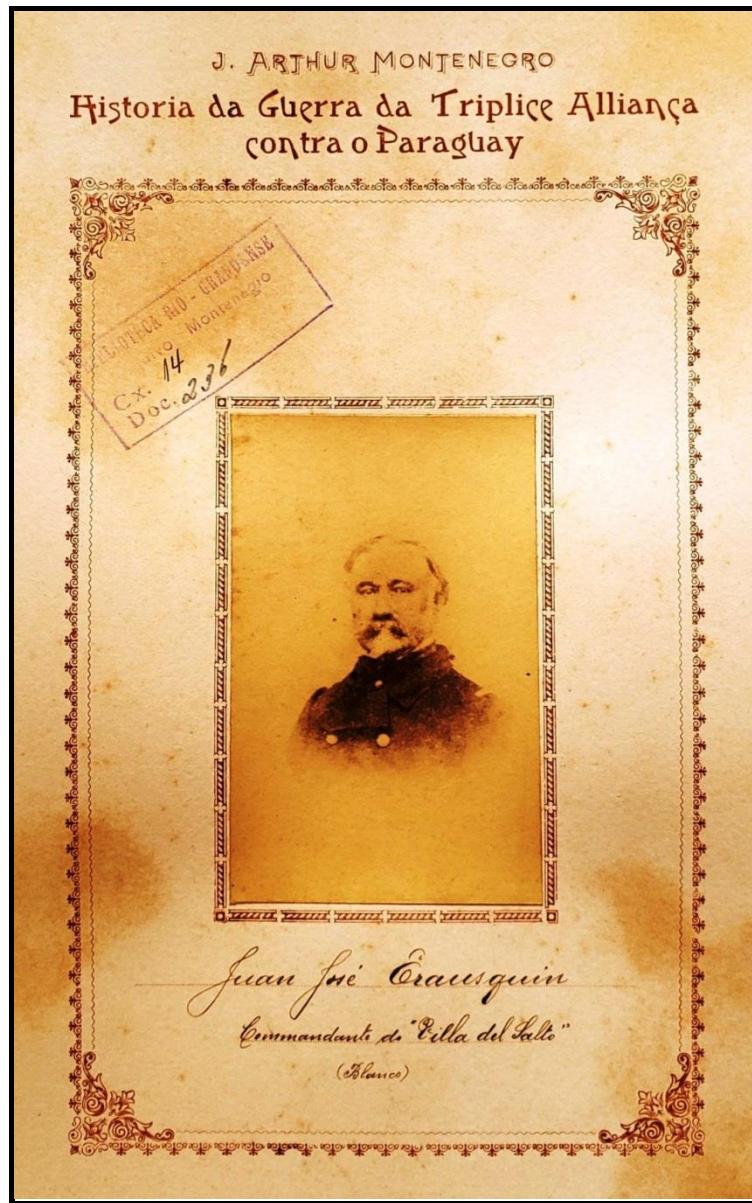


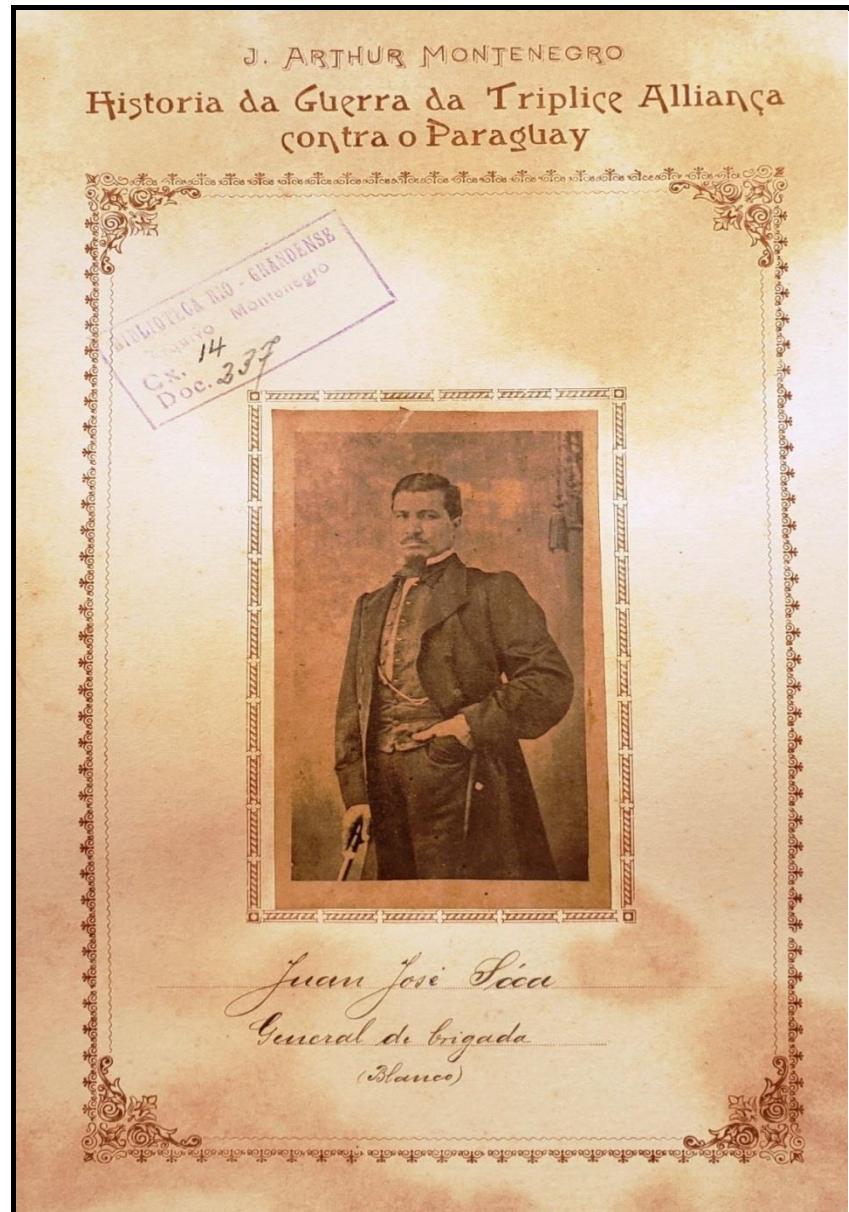


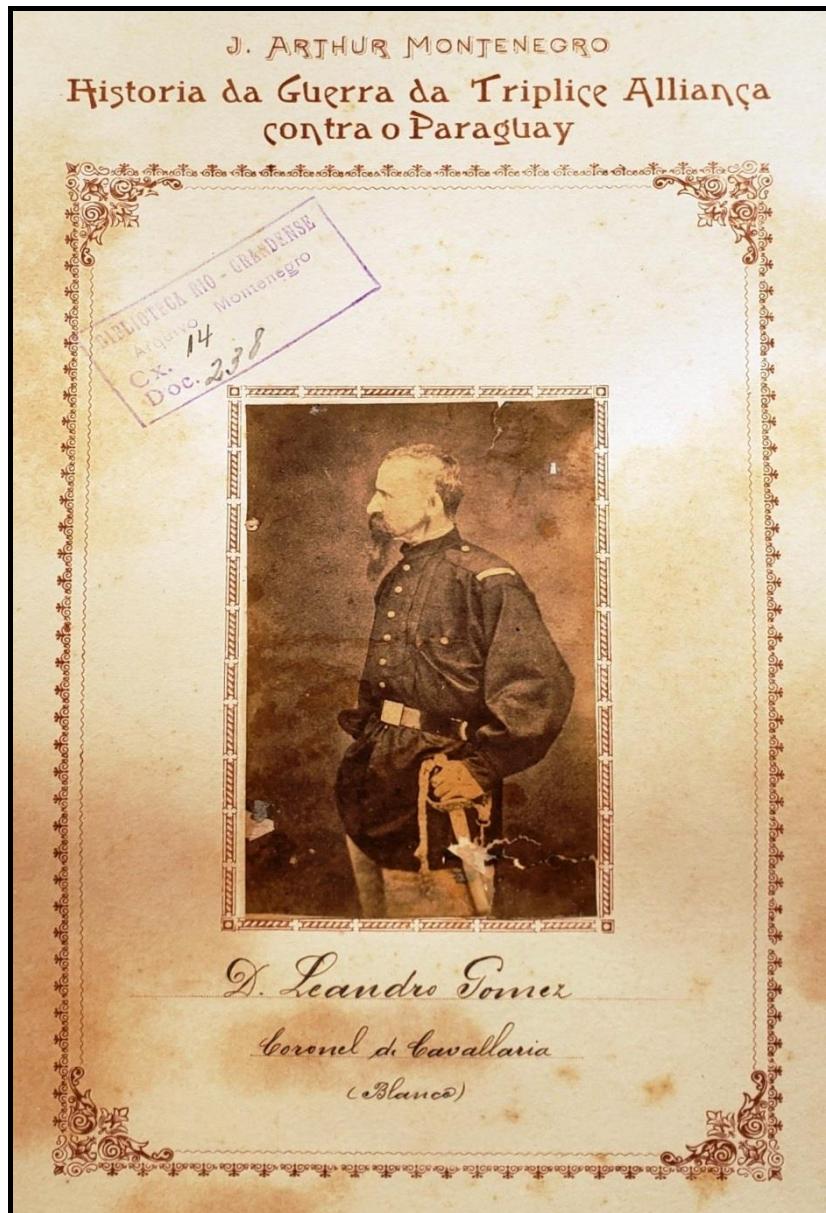












J. ARTHUR MONTENEGRO
Historia da Guerra da Tríplice Aliança
contra o Paraguay



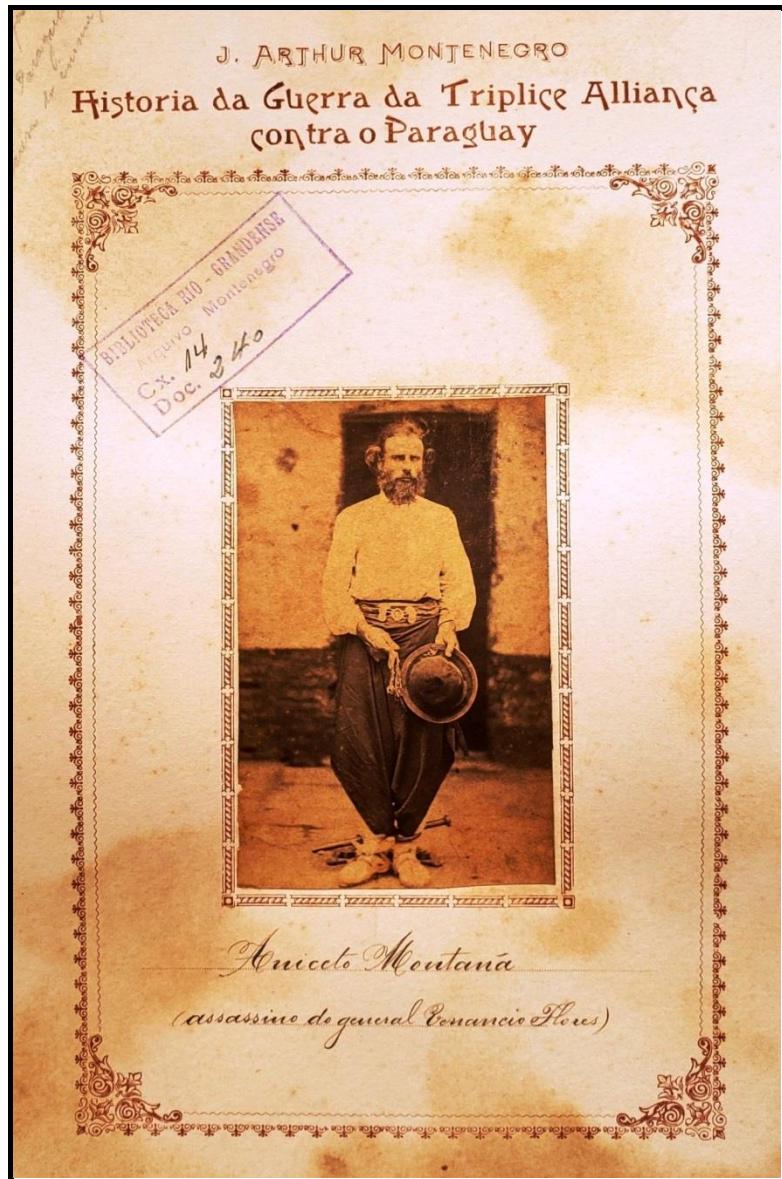
Exercito Uruguayo

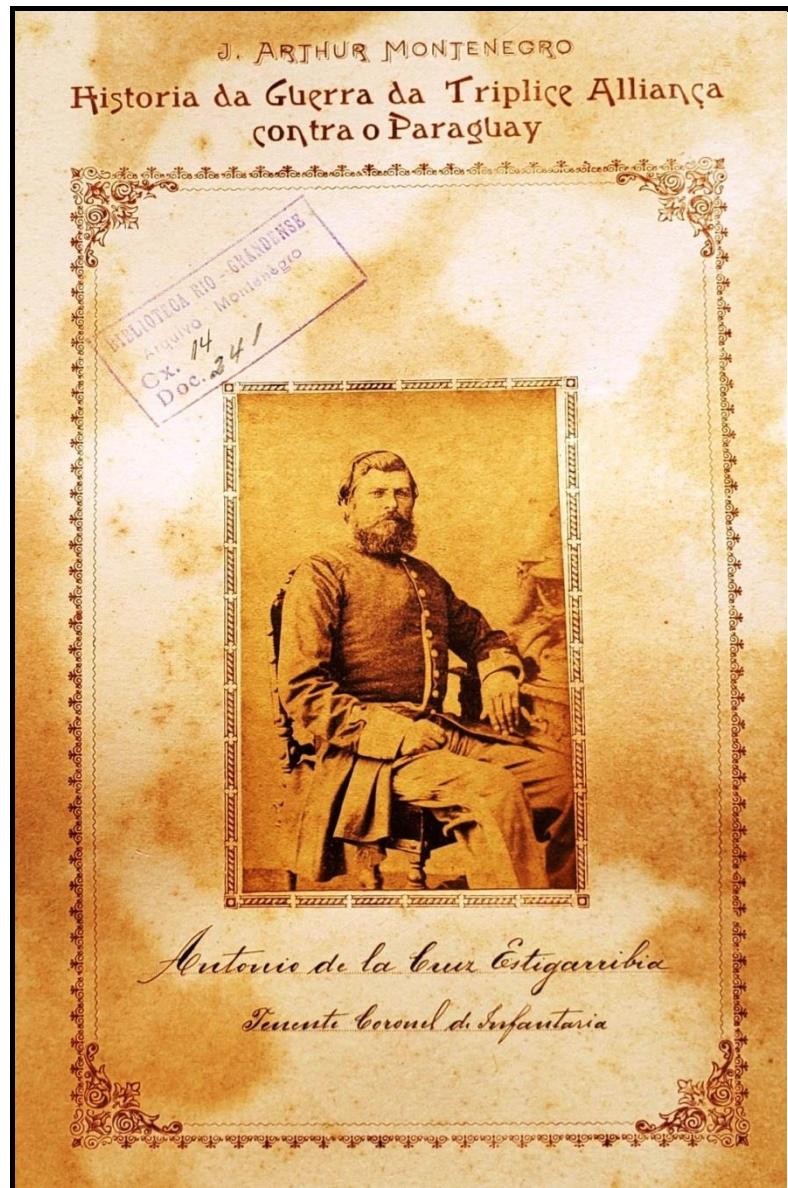


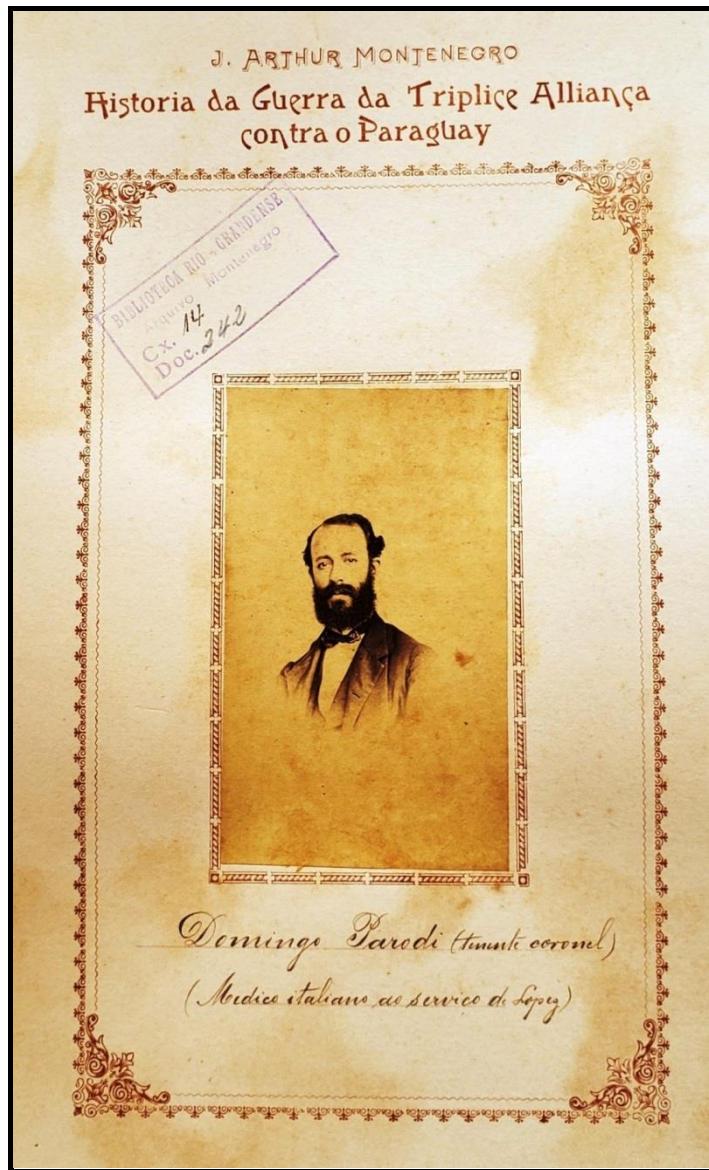
Luis Frederico Albin

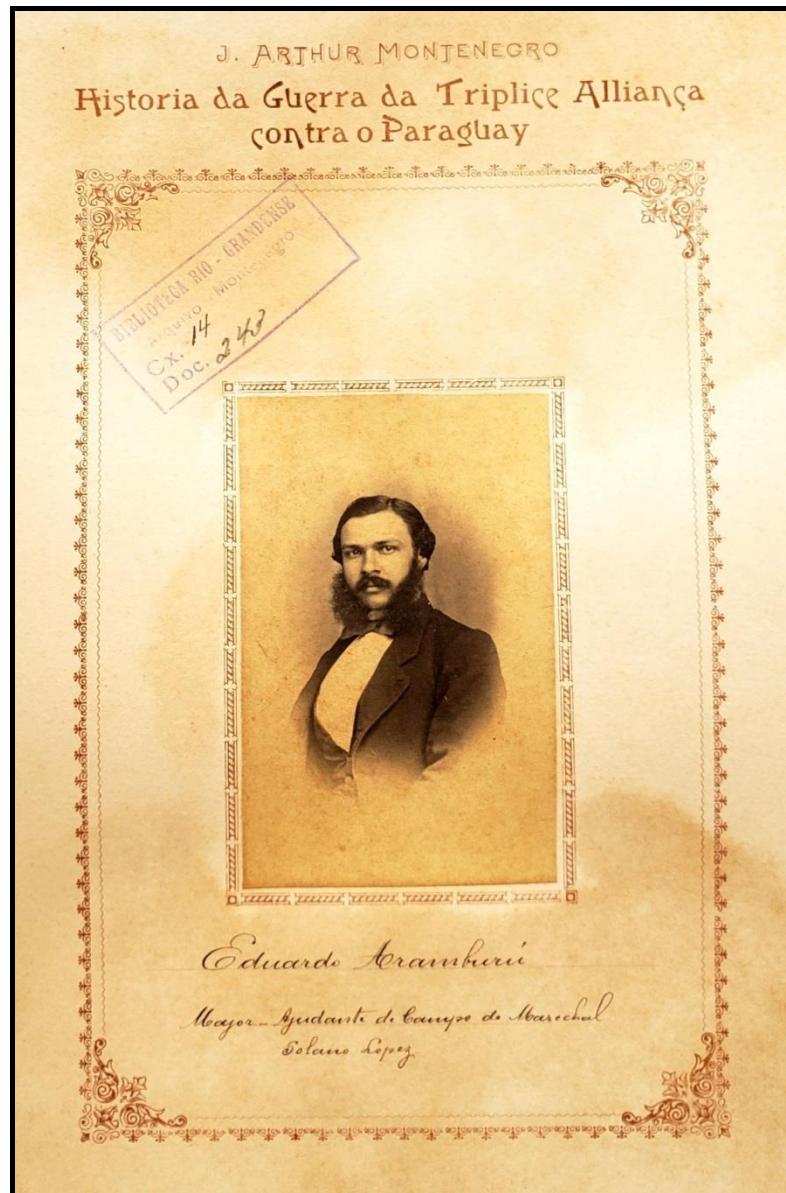
General de Cavalaria

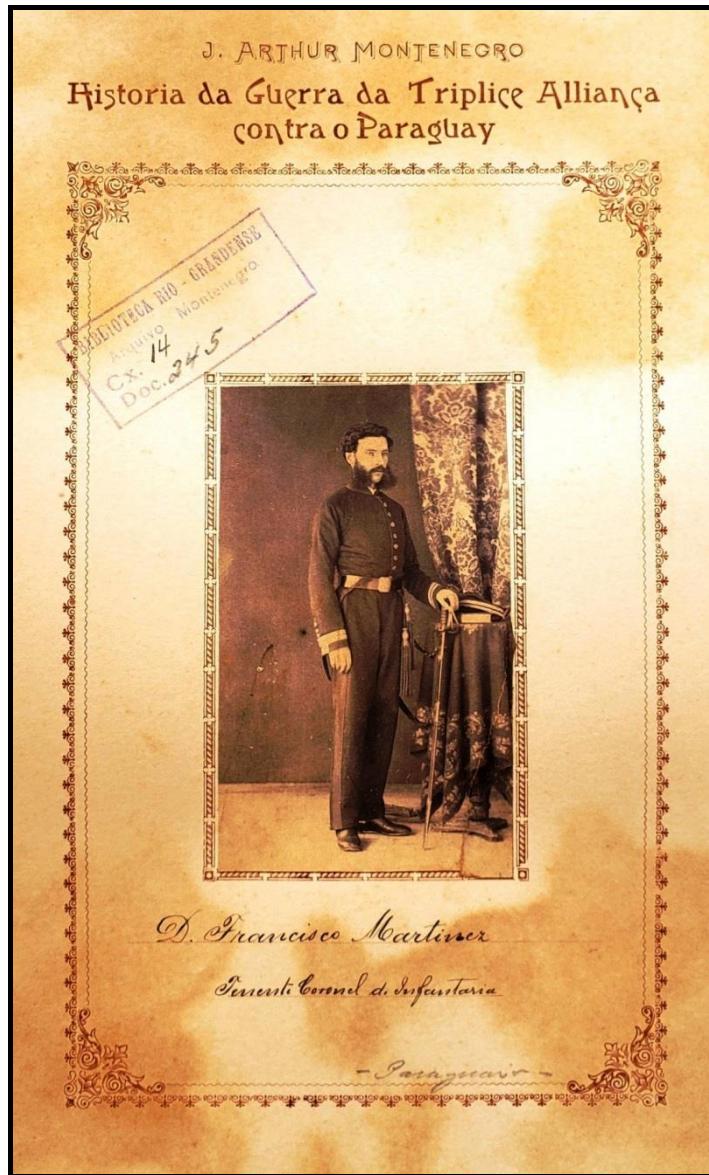
(Colorado)

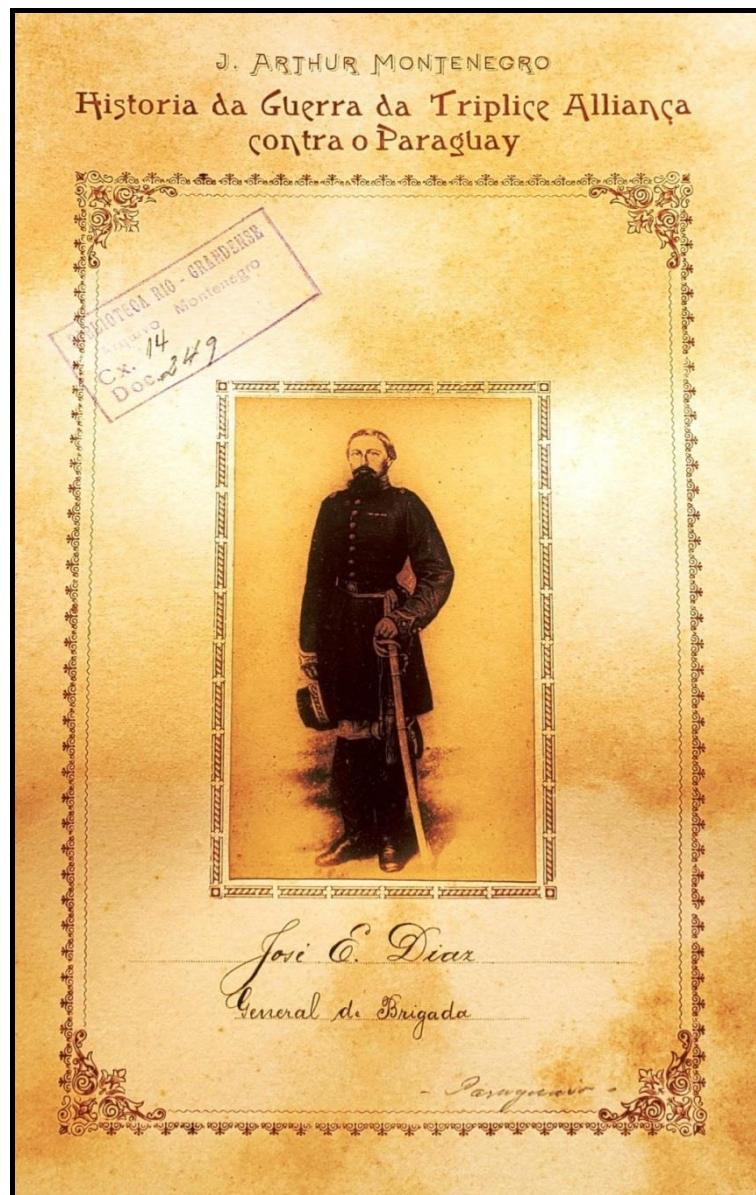


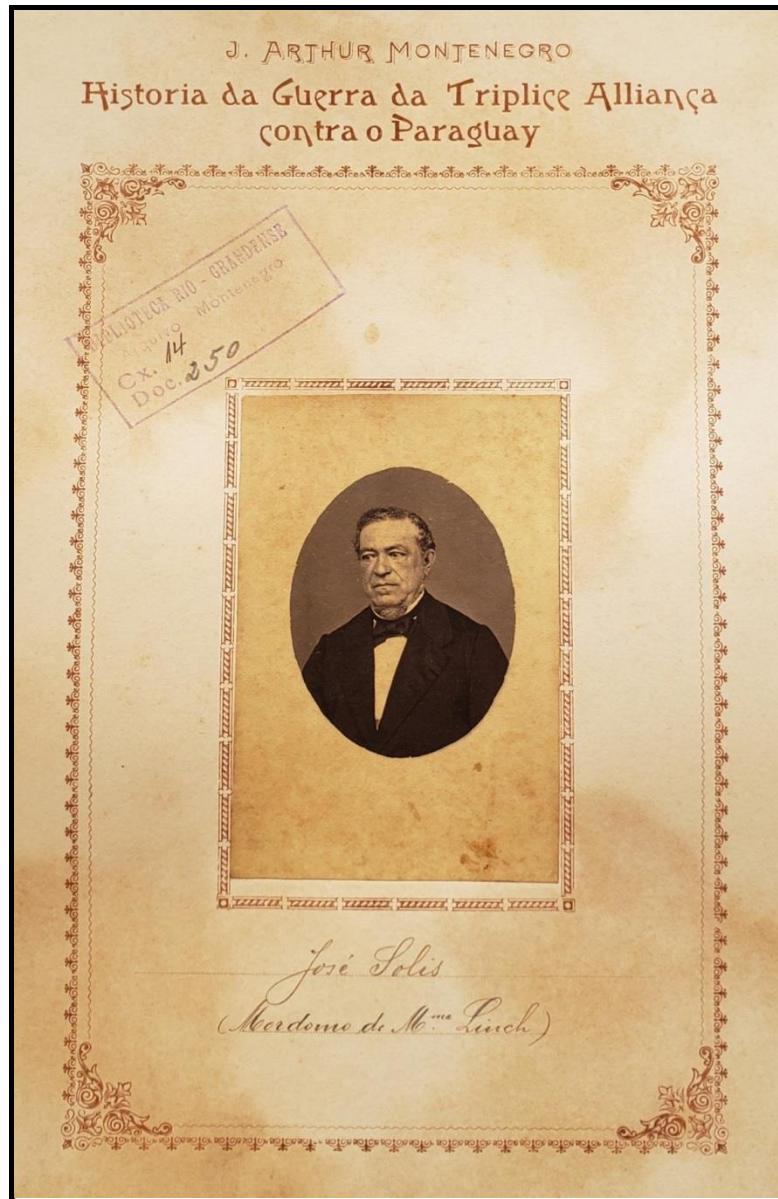


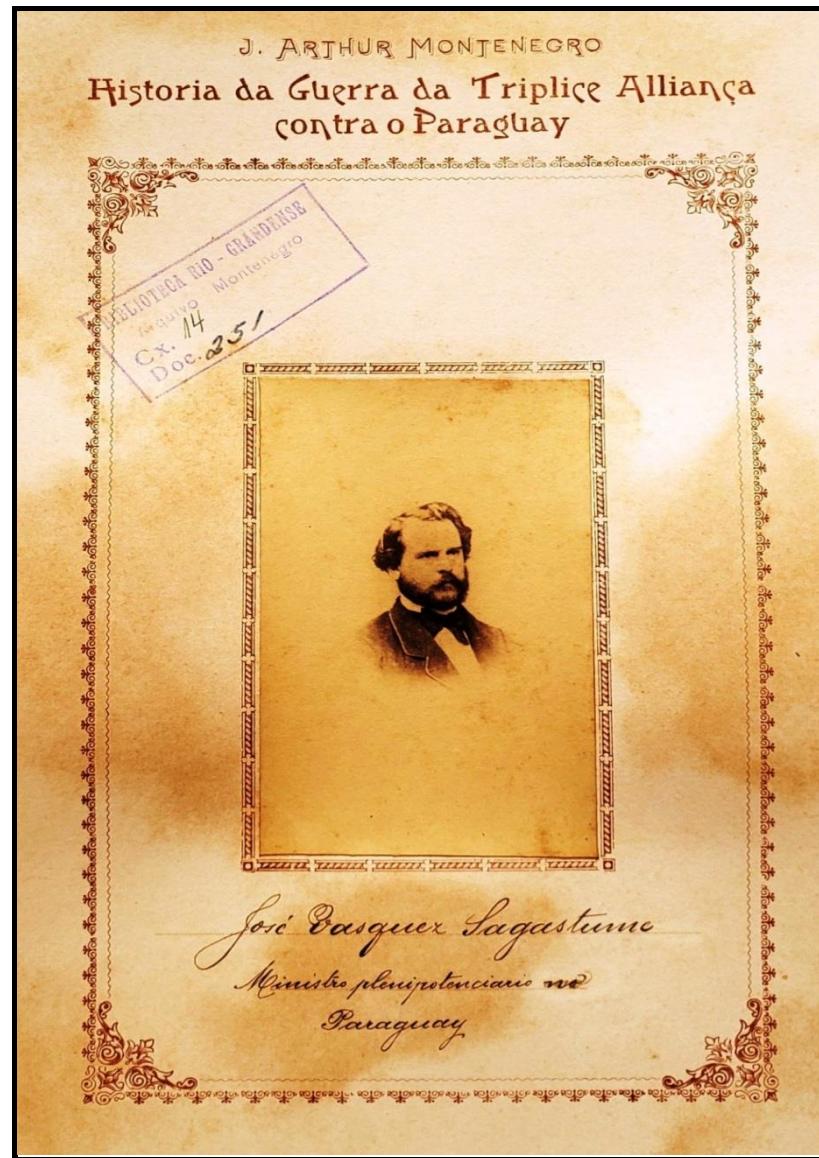


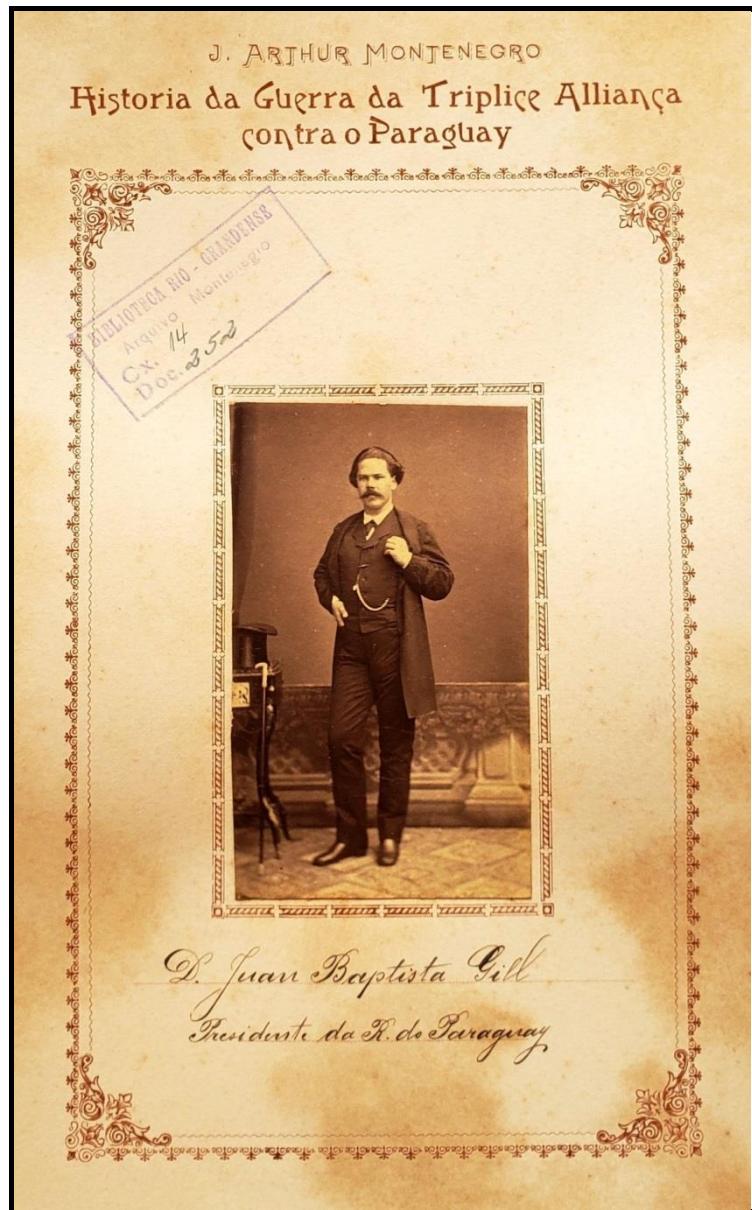


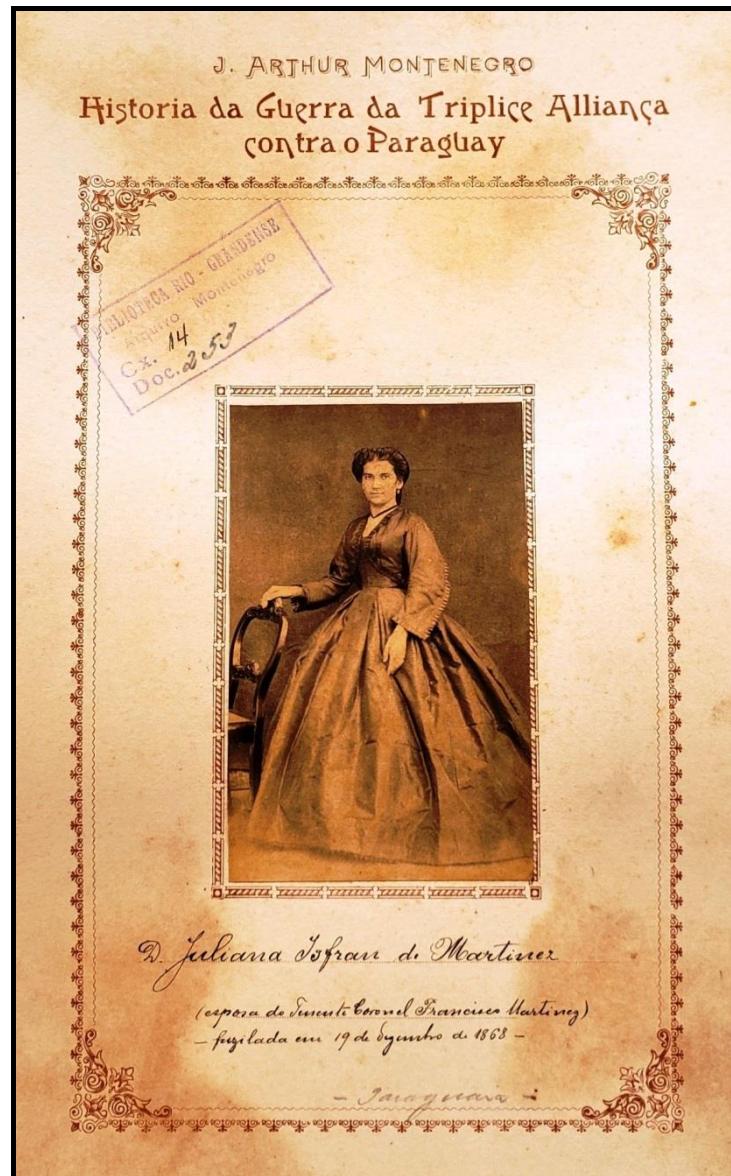


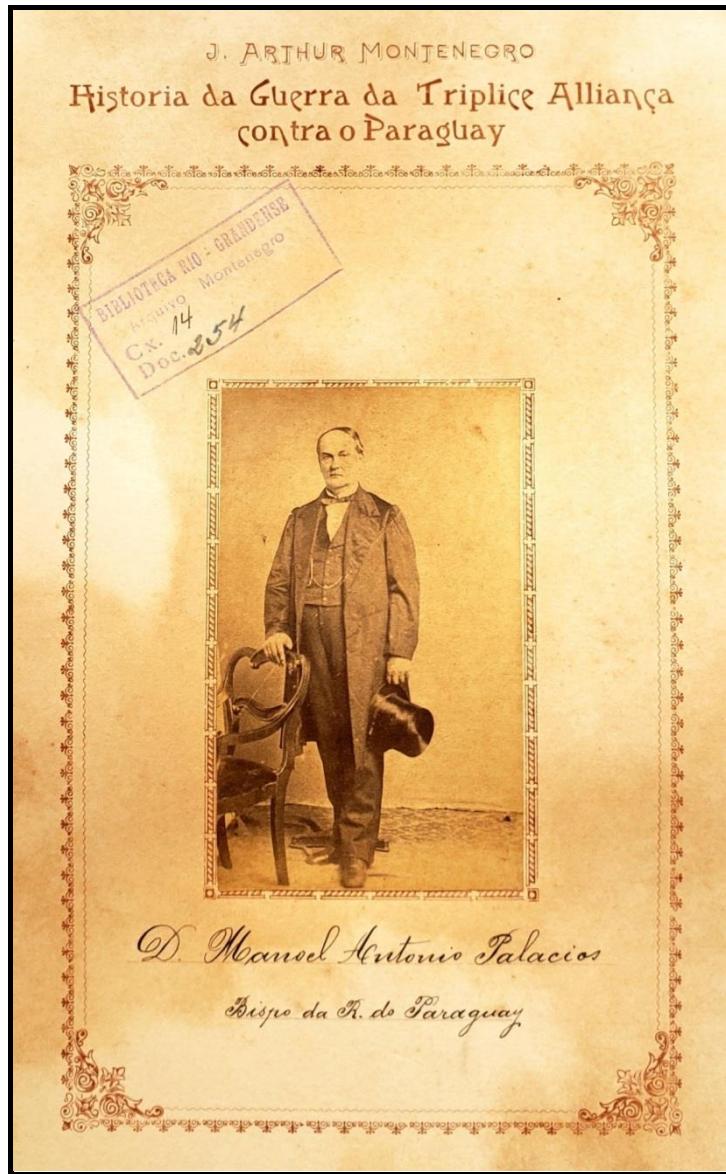


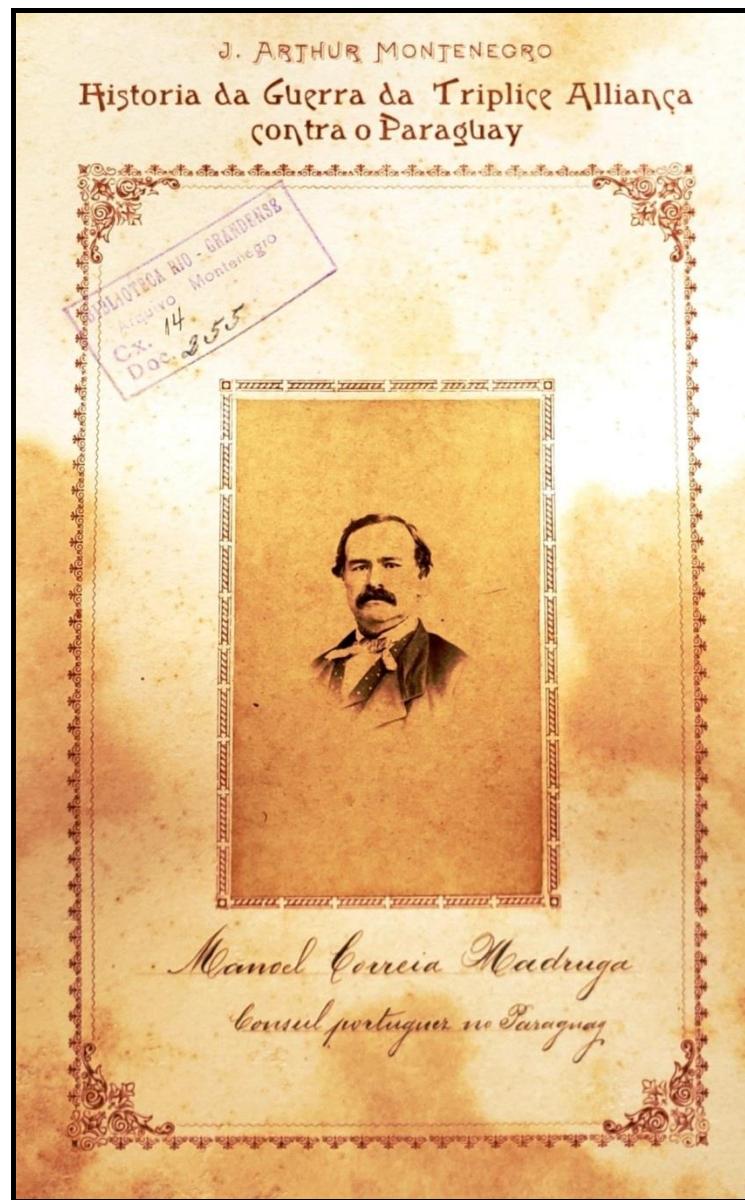


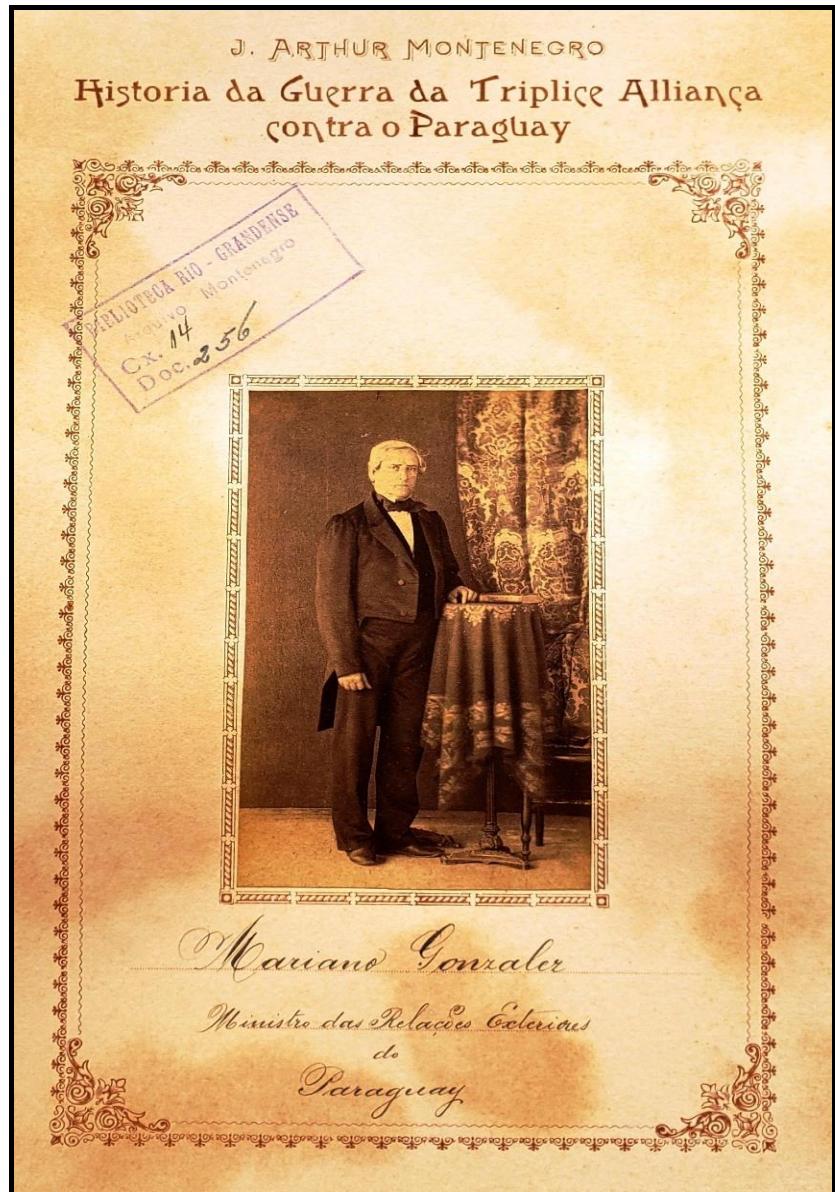


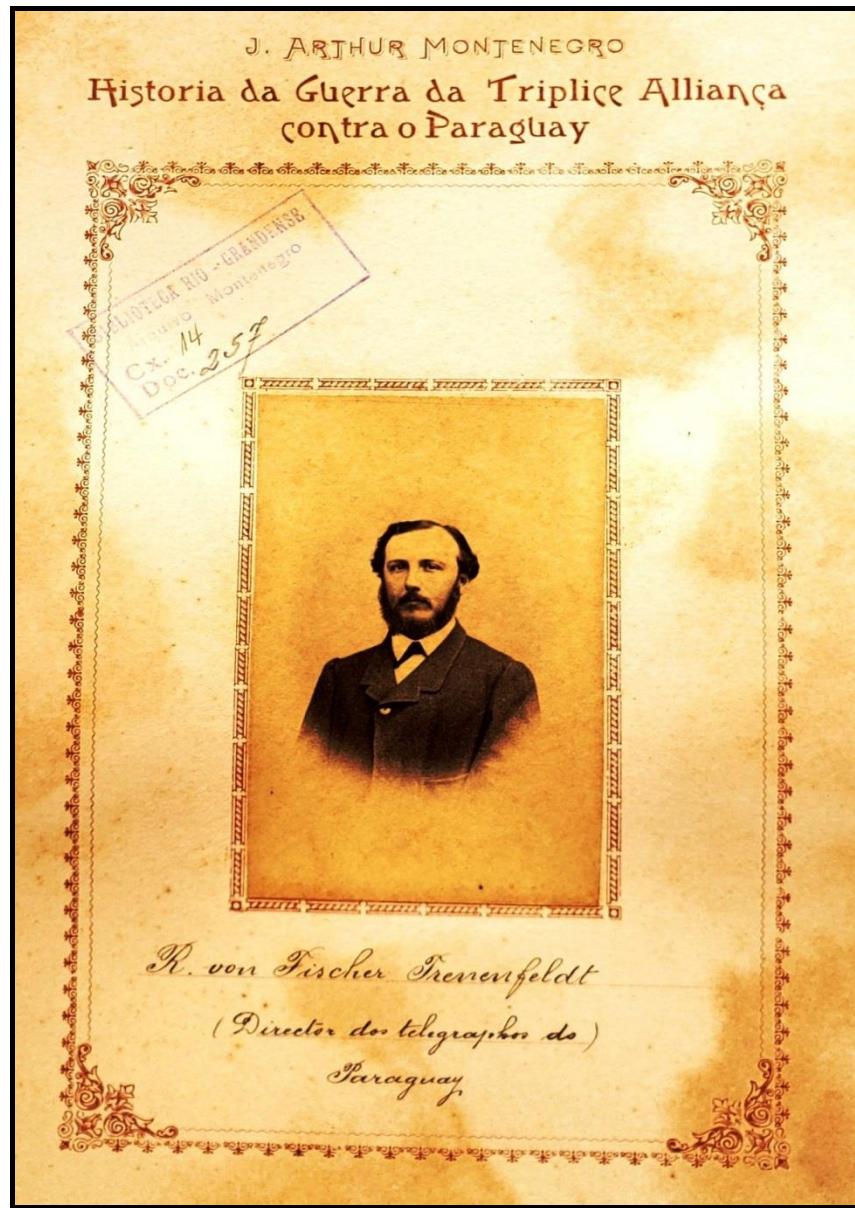


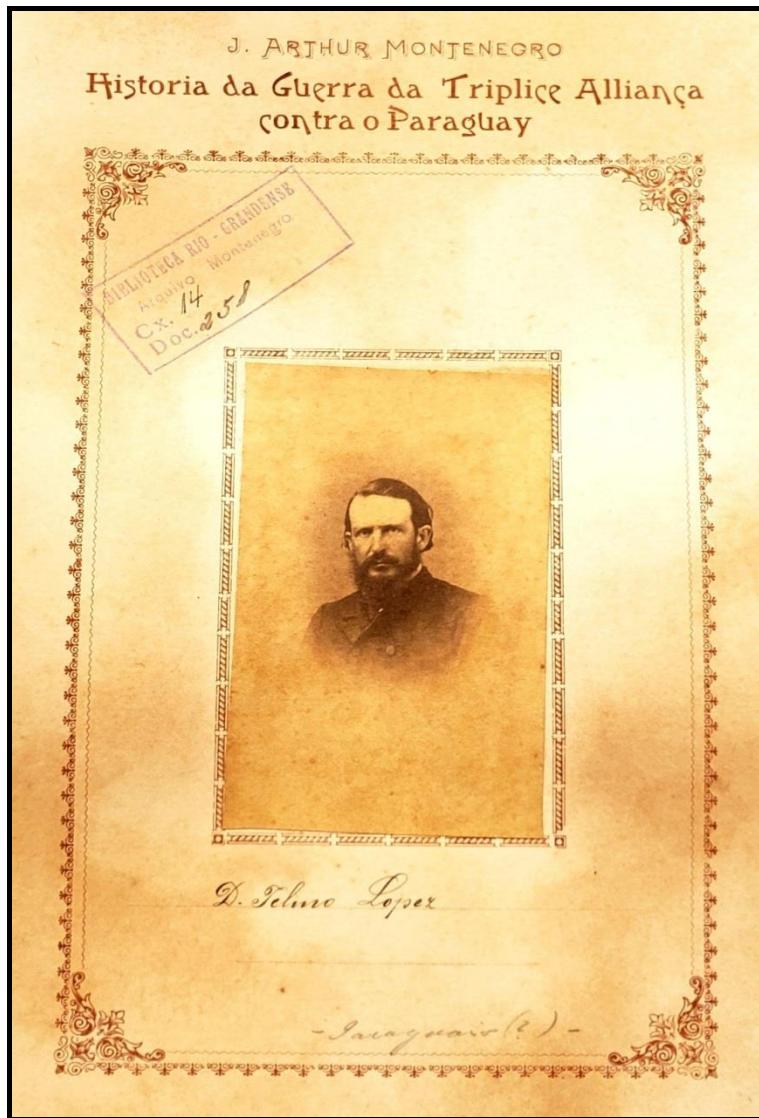


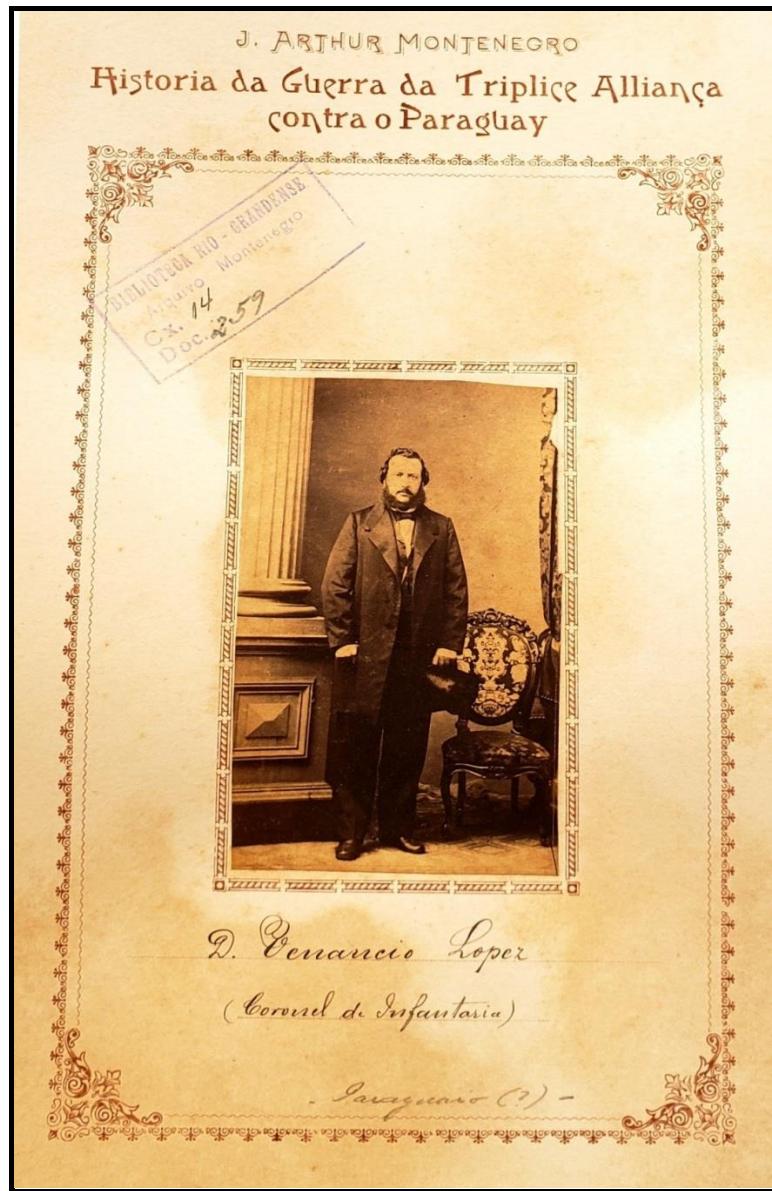


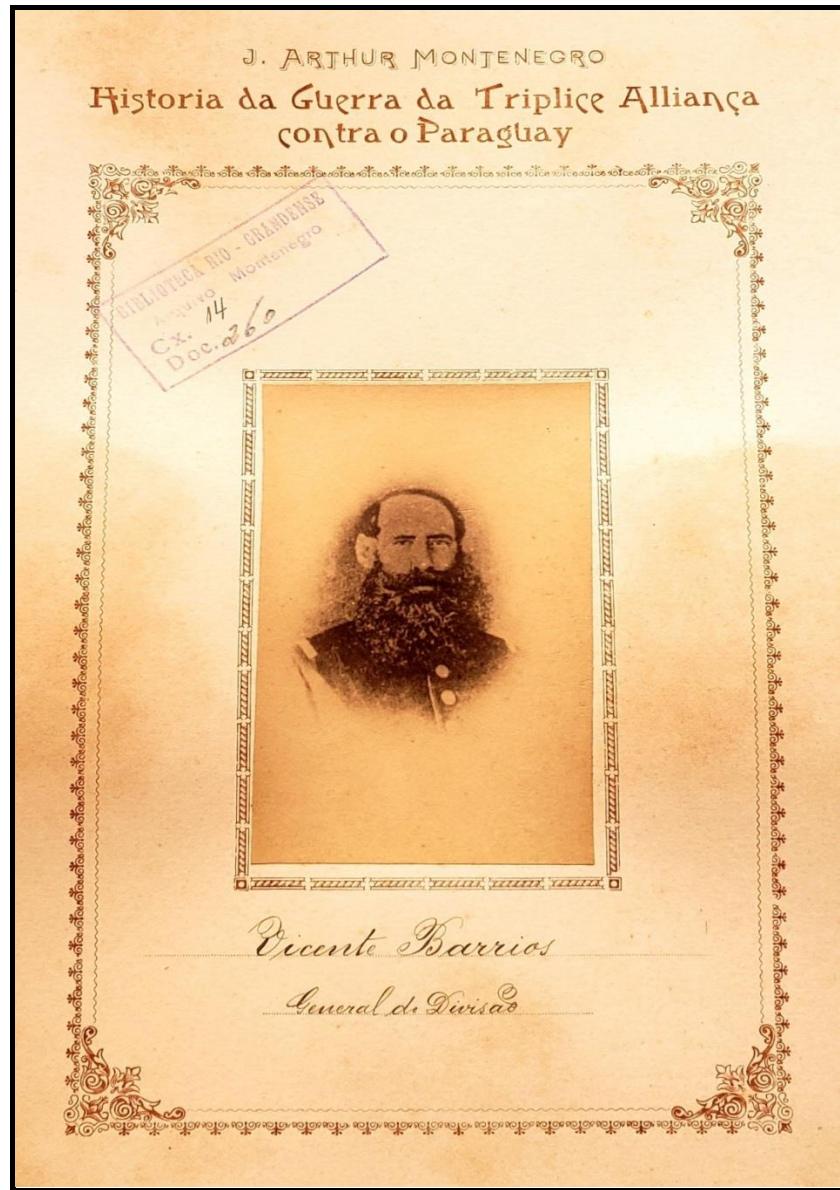


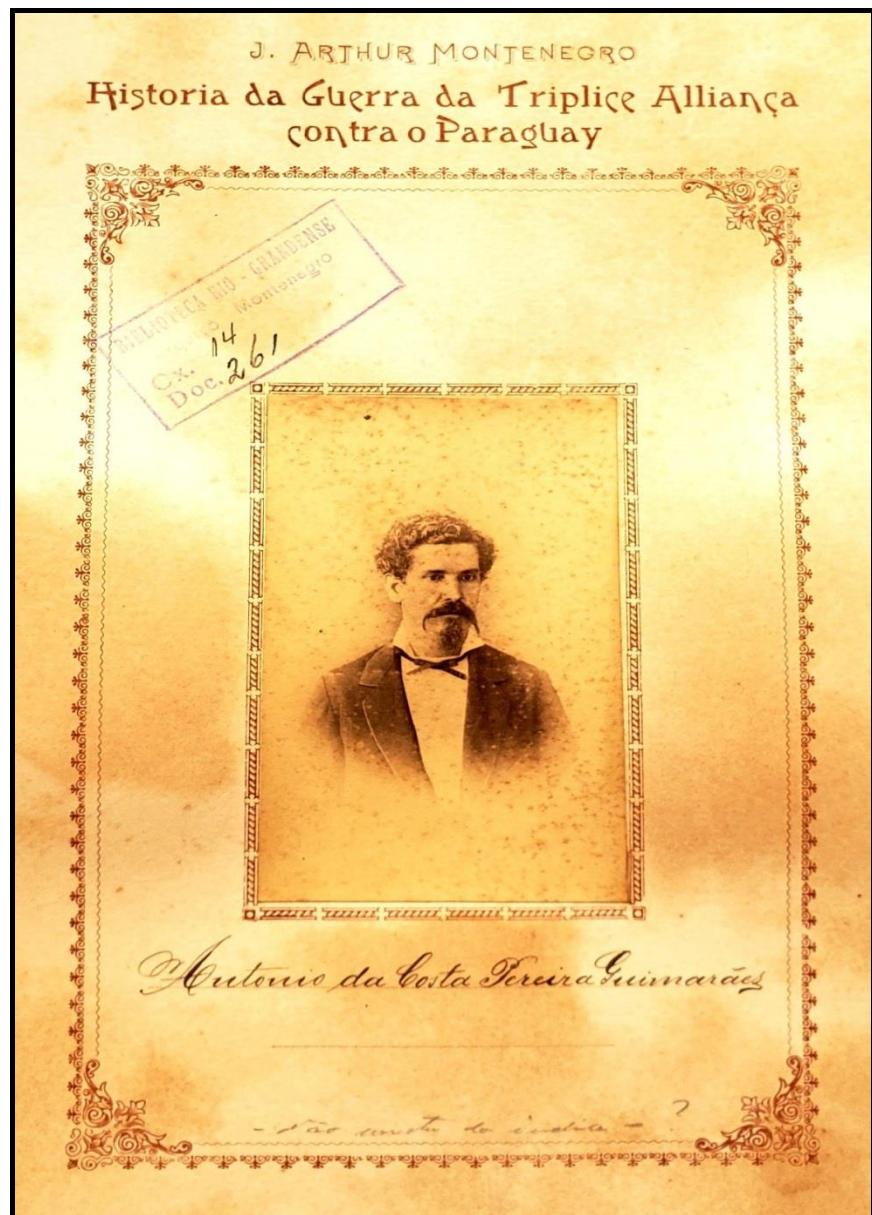


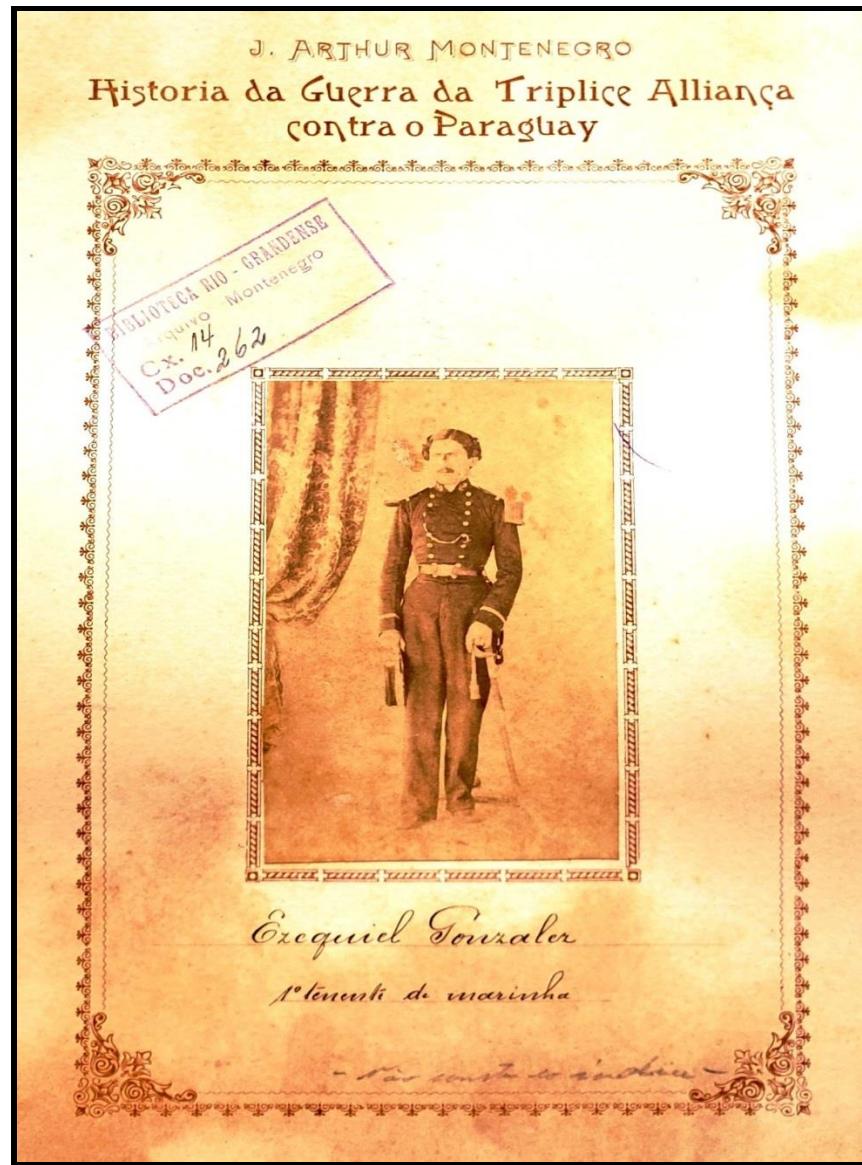


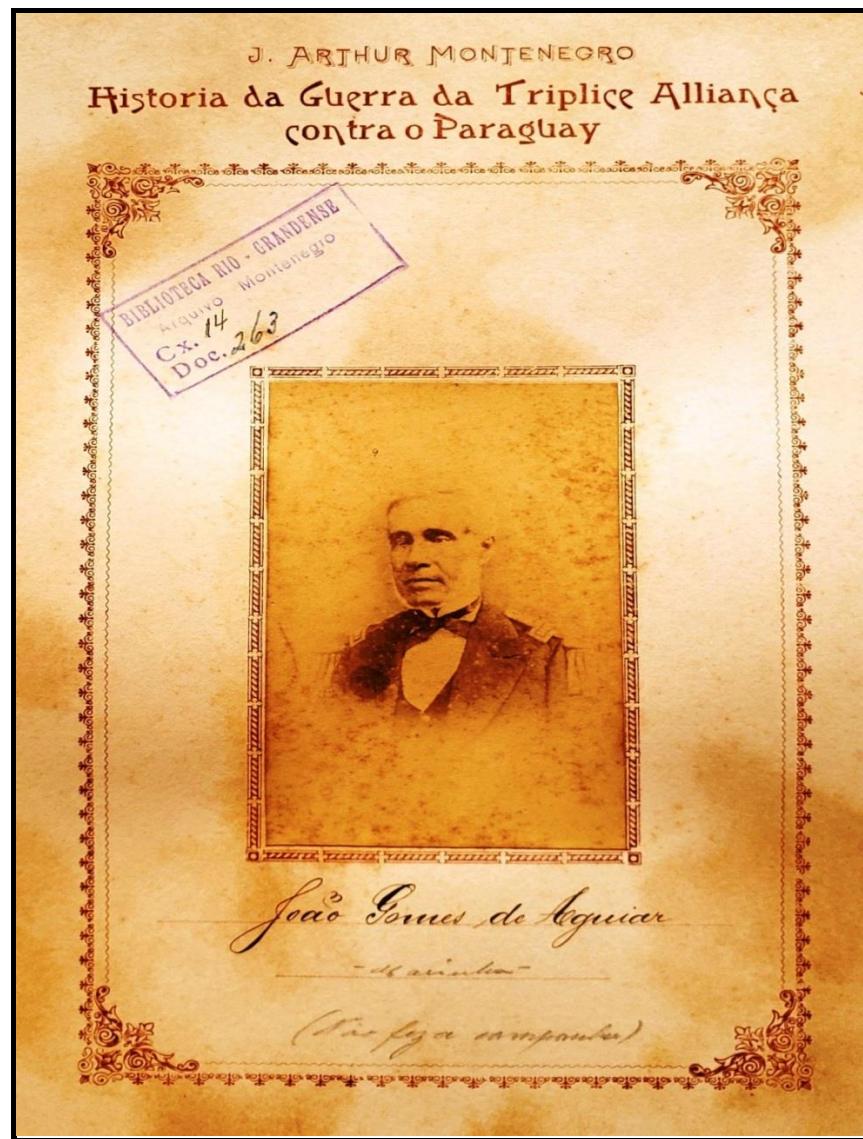


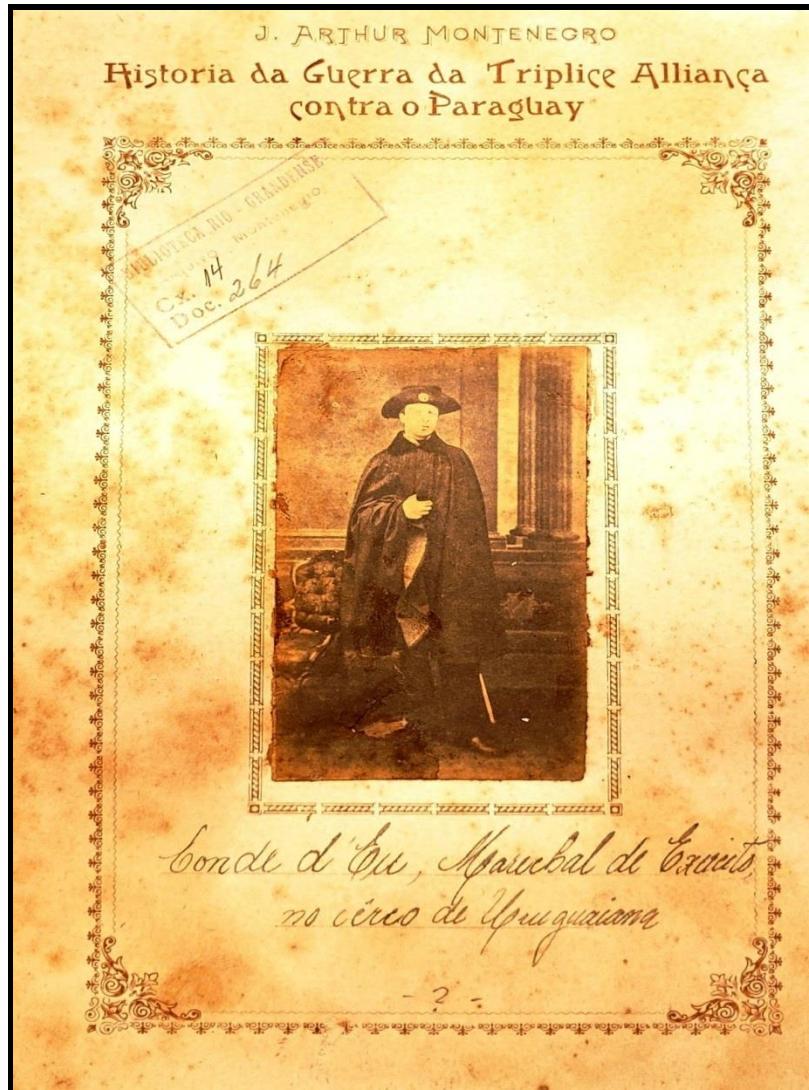














Com o presente volume é finalizada a série de títulos publicados na Coleção Documentos acerca do Arquivo Montenegro. Os números 17, 18, 19, 20 e 21 da dita Coleção não encerram a temática, pois as fontes documentais e bibliográficas que constituem tão riquíssimo acervo – um dos mais completos sobre a Guerra do Paraguai – ainda permitem outras múltiplas investigações. José Arthur Montenegro desenvolveu uma faina inacreditável, pois, ao lado de seus encargos profissionais, conseguiu atender a um chamado vocacional, que lhe garantiria um amplo reconhecimento intelectual. Sua obra impressa só não foi mais profícua por causa de sua curta existência, ficando tantos e tantos projetos incompletos e outros circunscritos aos manuscritos. Além disso, os documentos e os livros que amealhou constituem um cabedal de valor cultural incalculável. A Biblioteca Rio-Grandense tem a honra de salvaguardar tão precioso espólio que, nos números citados, foi abordado em alguns de seus sentidos, como os registros textuais, iconográficos e fotográficos, as colaborações na imprensa periódica e os estudos históricos, biográficos, geográficos e literários. Como é o intento fundamental da Coleção Documentos, fruto da parceria daquela vetusta Biblioteca com o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o escopo destes cinco livros foi apresentar algumas das tantas fontes herdadas da obra de Montenegro, com ênfase à publicação neste ano de 2020, que demarca o sesquicentenário do encerramento da Guerra do Paraguai.





A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.




**Coleção
Documentos**

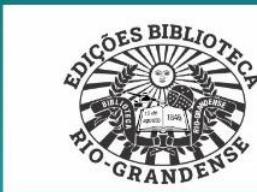
21

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



edicoesbibliotecariograndense.com



ISBN: 978-65-87216-04-1